

**ANA PAULA MARTINS EZEQUIEL RIBEIRO**

**O MUSEU E A ESCOLA: UM CONTRIBUTO PARA  
OS SERVIÇOS EDUCATIVOS  
DO MUSEU DA GUARDA**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Museologia no Curso de Mestrado em Museologia, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Doutora Judite Santos Primo

Co-Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Doutora Maria da Graça de Souza Teixeira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Departamento de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas**

**Lisboa**

**2010**

## **Dedicatória**

Aos meus falecidos pais, Natália e Joaquim.

Ao meu marido, António.

Ao meu filho Hugo.

## **Agradecimentos**

Para a realização deste trabalho foi fundamental o apoio e a colaboração de diversas instituições e pessoas que passo a agradecer.

Às minhas orientadoras, Professora Doutora Judite Santos Primo e Professora Doutora Maria da Graça de Souza Teixeira, não só pela disponibilidade e estímulo, mas também pelo sentido de rigor e exigência.

Ao meu marido, António Ribeiro, pela paciência, sugestões e preparação gráfica da dissertação.

Aos responsáveis das instituições que colaboraram na investigação, nomeadamente ao Director do Museu do Pão, Dr. Sérgio Carvalho e à Dra. Maria José Albuquerque, do Museu Nacional de Arqueologia, por toda a disponibilidade manifestada, designadamente a nível bibliográfico; à Directora do Museu do Trabalho, Dra. Isabel Victor; à Dra. Maria da Graça Jorge, do Museu da Marinha; à Dra. Gabriela Cavaco, do Museu da Presidência; e aos serviços educativos do Museu do Ar e do Museu Militar que se disponibilizaram para prestarem todas as informações.

A todos os professores do Curso de Mestrado da ULHT, e muito especialmente ao Professor Doutor Pierre Mayrand e ao Professor Doutor Mário Moutinho, pelas suas sugestões.

À GNR, e em particular ao Senhor Tenente-Coronel Nuno Andrade, pela disponibilidade para falar do Projecto do Museu da GNR, prestar esclarecimentos, e facilitar a consulta de documentos e de bibliografia do âmbito do museu e das suas temáticas.

Aos amigos Deolinda e Jorge, pelo seu apoio e constantes incentivos.

Ao meu afilhado, Nuno Távora, actor habituado a trabalhar com crianças, pelas suas apreciações.

## **Resumo**

A presente dissertação é um contributo para que o futuro Museu da GNR se possa assumir como um instrumento activo de transformação social, através de uma relação de proximidade com as escolas, assente nos princípios da sociomuseologia.

Este estudo aborda a problemática museu/educação, sobretudo a relação museu/escola, e as estratégias regularmente adoptadas pelos museus para interagir com o público escolar, além de analisar o Programa Museológico do Museu da Guarda, os Currículos/Programas Escolares, as expectativas dos alunos, e os fundamentos teóricos, com a finalidade de apontar estratégias para tornar este museu, em fase de implementação, um espaço de educação no âmbito de uma relação intrínseca e activa com as escolas.

Como produto final apresentamos sugestões para o futuro Serviço Educativo do Museu da Guarda, designadamente um programa-piloto direccionado à Escola E.B. 2, 3 Jorge de Barros, pretendendo que este museu venha a ser um espaço dinâmico, de reflexão e debate, ajustado aos efectivos interesses e necessidades da comunidade que deve servir.

**Palavras – Chave:** Museu, Educação, Escola, Serviços Educativos, Guarda Nacional Republicana.

### **Abstract**

This dissertation is a contribution to the future Museum of GNR as a dynamic instrument of social transformation, bearing in mind a close museum-school partnership, based on the principles of Sociomuseology

This study takes on the problems between this museum-school partnership, and on the strategies usually taken by museums in general to interact with schools, teachers and students. Considering the Museum of GNR Program, the schools curriculum, the students' expectations, and the theoretical foundations, it is our objective to provide strategies which may allow this museum – a project under implementation - to achieve a strong commitment to educational programming, within an active museum-school relationship.

We present suggestions for the Educational Service of the Museum , including a pilot program specially directed to school E.B. 2, 3 Jorge de Barros, intending that the museum of the GNR will be a dynamic place of reflection and debate, adjusted to real needs and interests of community that should serve.

### **Key-words:**

Museum, Education, School, Educational Services, 'Guarda Nacional Republicana'

## **Abreviaturas**

- AAM** - American Association of Museums
- ANSR** - Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária
- APOM** - Associação Portuguesa de Museus
- E.U.A.** - Estados Unidos da América
- DEBME** - Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação
- GIPS** - Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro
- GNR** - Guarda Nacional Republicana
- ICOM** - International Council of Museums
- IEC** - Instituto de Estudo da Criança
- MA** - Museu do AR
- ME** - Ministério da Educação
- MINOM** - Movimento Internacional Para uma Nova Museologia
- MM** - Museu da Marinha
- MNA** - Museu Nacional de Arqueologia
- MP** - Museu da Presidência
- PSP** - Polícia de Segurança Pública
- RPM** - Rede Portuguesa de Museus
- SEPNA** - Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente
- UNESCO** - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
- ULHT** - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
- WWW** - World Wide Web

## Índice Geral

	Pág.
<b>Introdução</b>	17
<b>Capítulo 1 – O Museu como Espaço de Educação</b>	23
1.1 – O Papel dos Museus na Museologia Contemporânea	24
1.2 – Museus e Educação: Perspectiva Histórica	28
1.3 – A Aprendizagem nos Museus	30
1.3.1 – Os Diferentes Níveis de Desenvolvimento Cognitivo da Criança	30
1.3.2 – Teorias Educativas e Modelos de Actuação	33
1.3.3 – A Importância das Actividades Lúdicas e Interactivas nos Museus	38
1.4 – Os Serviços Educativos dos Museus e a Relação Museu - Escola	40
<b>Capítulo 2 – Panorama da Acção Educativa dos Museus em         Portugal</b>	46
2.1 – Evolução Histórica dos Serviços Educativos em Portugal	47
2.2 – Exemplos de Acção Educativa com as Escolas	49
2.2.1 – Museu da Marinha	49
2.2.2 – Museu Militar	53
2.2.3 – Museu do Ar	54
2.2.4 – Museu da Presidência	55
2.2.5 – Museu do Trabalho Michel Giacometti	59
2.2.6 – Museu Nacional de Arqueologia	62
2.2.7 – Museu do Pão	65

2.2.8 – Apresentação e Análise Estatística dos Resultados	68
2.2.8.1 – Dados Obtidos dos Inquéritos e das Entrevistas	68
2.2.9 – Conclusões do Estudo	83
<b>Capítulo 3 – O Museu da Guarda</b>	<b>89</b>
3.1 – Missão do Museu	90
3.2 – Acervo e Estrutura Nuclear do Museu	91
3.2.1 – Núcleo do Convento do Carmo e de D. Nuno Álvares Pereira	92
3.2.1.1 – Dados Históricos sobre o Convento	92
3.2.1.2 – Estrutura Física do Edifício	93
3.2.1.3 – Dados Históricos sobre D. Nuno Álvares Pereira	94
3.2.1.4 – Núcleo Expositivo	95
3.2.2 – Núcleo da Guarda Nacional Republicana	96
3.2.2.1 – Dados Históricos	96
3.2.2.2 – Núcleo Expositivo	99
3.2.3 – Núcleo do Ambiente e da Protecção e Socorro	100
3.2.3.1 – O Serviço de Protecção da Natureza	100
3.2.3.2 – O Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro	101
3.2.3.3 – Núcleo Expositivo	101
3.2.4 – Núcleo do Serviço Policial e de Investigação Criminal	102
3.2.5 – Núcleo do 25 de Abril de 1974	102
3.2.5.1 – Dados Históricos	102
3.2.5.2 – Núcleo Expositivo	105
3.2.6 – Núcleo da Segurança Rodoviária	105
3.2.6.1 – Dados Históricos	105



3.2.6.2. – Núcleo Expositivo	106
<b>3.3 – Proposta para uma Relação Interactiva e Intrínseca entre o Museu da GNR e as Escolas</b>	<b>107</b>
3.3.1 – O Museu da Guarda e os Programas Escolares do Ensino Básico	109
3.3.2 – Sugestão de um Programa de Acção Educativa para o 7º e 9º ano de Escolaridade da Escola Básica 2,3 Jorge de Barros – Programa-Piloto	112
3.3.2.1 – Caracterização da Escola	112
3.3.2.2 – Expectativas dos Alunos do 7º e 9º Anos de Escolaridade	112
3.3.2.2.1 – Apresentação e Análise Estatística dos Resultados dos Inquéritos aos Alunos	113
3.3.2.2.2 – Conclusões do Estudo dos Inquéritos	123
3.3.2.3 – Programa - Piloto	124
3.3.2.4 – Auscultação dos Professores e da Guarda Nacional Republicana	139
3.3.3 – Recursos Informativos e Didácticos Destinados às Escolas	141
3.3.4 – Estratégias de Divulgação junto das Escolas	142
<b>Conclusão</b>	<b>145</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>150</b>
Bibliografia Citada	150
Bibliografia Consultada	158
<b>Índice Remissivo</b>	<b>172</b>
<b>Apêndices</b>	<b>I</b>
Apêndice I – Inquérito aos Serviços Educativos(modelo)	II
Apêndice II – Guião da Entrevista aos Responsáveis dos Museus	III

Apêndice III – Ficha de Levantamento dos Dados dos Sites	IV
Apêndice IV – Inquérito aos Alunos (modelo)	V
Apêndice V – Entrevista aos Professores (modelo)	VI
Apêndice VI – Questionário à GNR (modelo)	VII
Apêndice VII – Inquérito para Avaliação das Actividades do Museu da Guarda	VIII
<b>Anexos</b>	IX
Anexo I – Inquérito ao Museu de Marinha	X
Anexo II – Entrevista ao Museu de Marinha	XI
Anexo III – Inquérito ao Museu Militar	XIV
Anexo IV – Inquérito ao Museu do Ar	XV
Anexo V – Inquérito ao Museu da Presidência	XVI
Anexo VI – Entrevista ao Museu da Presidência	XVII
Anexo VII – Questionário ao Museu do Trabalho Michel Giacometti	XIX
Anexo VIII – Inquérito ao Museu Nacional de Arqueologia	XXI
Anexo IX – Entrevista ao Museu Nacional de Arqueologia	XXII
Anexo X – Inquérito ao Museu do Pão	XXVI
Anexo XI – Entrevista ao Museu do Pão	XXVII
Anexo XII – Entrevista à Professora de História	XXIX
Anexo XIII – Entrevista à Professora de Ciências Naturais	XXX
Anexo XIV – Entrevista à Professora de Ciências Físico-químicas	XXXI
Anexo XV – Entrevista à Professora de Formação Cívica	XXXII
Anexo XVI – Parecer da GNR / Resposta ao Questionário	XXXIII

## Índice de Quadros

	Pág.
Quadro 1 – Actividades do Museu de Marinha destinadas às escolas.	51
Quadro 2 – Actividades do Museu da Presidência destinadas às escolas.	58
Quadro 3 – Actividades do Museu do Trabalho Michel Giacometti destinadas às escolas.	61
Quadro 4 – Actividades do Museu Nacional de Arqueologia destinadas às escolas.	64
Quadro 5 – Actividades do Museu do Pão destinadas às escolas.	67
Quadro 6 – Se existem serviços educativos organizados.	68
Quadro 7 – Se as visitas de estudo são preparadas entre os serviços educativos do museu e os professores em articulação.	69
Quadro 8 – Se fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo.	70
Quadro 9 – Se faz visitas temáticas destinadas ao público escolar.	70
Quadro 10 – Se faz visitas guiadas para o público escolar.	71
Quadro 11 – Se dispõe de visitas com animação ou dramatização.	72
Quadro 12 – Se contrata profissionais exteriores ao museu/ou voluntários para actividades de animação.	72
Quadro 13 – Se tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exteriores.	73
Quadro 14 – Se tem ateliers ou oficinas educativas.	74
Quadro 15 – Se o aluno pode manipular/experimentar.	75
Quadro 16 – Se o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar.	76
Quadro 17 – Se faz concursos destinados às escolas.	76
Quadro 18 – Se faz exposições nas escolas.	77
Quadro 19 – Se tem maleta pedagógica.	78
Quadro 20 – Se desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares.	79
Quadro 21 – Se desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do individuo.	79

	Pág.
Quadro 22 – Actividades/recursos dos museus em estudo para o público escolar.	80
Quadro 23 – Como avalia o grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas no museu.	82
Quadro 24 – Como trabalha os instrumentos de medição.	82
Quadro 25 – Alunos que responderam ao Inquérito.	113
Quadro 26 – Idade dos alunos.	114
Quadro 27 – Concepção de museu.	115
Quadro 28 – Se já visitou algum museu.	116
Quadro 29 – Se aprecia visitas de estudo aos museus.	116
Quadro 30 – Opinião sobre os museus.	117
Quadro 31 – Justificação relativamente à opinião sobre os museus.	118
Quadro 32 – Se gosta de manipular e experimentar objectos no museu.	119
Quadro 33 – Se gosta que os museus tenham ‘ateliers’ com actividades e animação.	120
Quadro 34 – Resposta acerca do tipo de visitas que o museu deve oferecer.	120
Quadro 35 – Sugestões de actividades para um museu de polícia.	121
Quadro 36 – Quadro-síntese do Programa-Piloto para a Escola EB 2,3 Jorge de Barros.	132

## Índice de Gráficos

	Pág.
Gráfico 1 – Se existem serviços educativos organizados. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	68
Gráfico 2 – Se existem serviços educativos organizados. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	68
Gráfico 3 – Se as visitas de estudo são preparadas entre os serviços educativos do museu e os professores em articulação. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	69
Gráfico 4 – Se as visitas de estudo são preparadas entre os serviços educativos do museu e os professores em articulação. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	69
Gráfico 5 – Se fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	70
Gráfico 6 – Se fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	70
Gráfico 7 – Se faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	70
Gráfico 8 – Se faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	70
Gráfico 9 – Se faz visitas guiadas para o público escolar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	71
Gráfico 10 – Se faz visitas guiadas para o público escolar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	71
Gráfico 11 – Se dispõe de visitas com animação ou dramatização. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	72
Gráfico 12 – Se dispõe de visitas com animação ou dramatização. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	72
Gráfico 13 – Se contrata profissionais exteriores ao museu/ou voluntários para actividades de animação. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	73

	Pág.
Gráfico 14 – Se contrata profissionais exteriores ao museu/ou voluntários para actividades de animação. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	73
Gráfico 15 – Se tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exteriores. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	73
Gráfico 16 – Se tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exteriores. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	73
Gráfico 17 – Se tem ateliers ou oficinas educativas. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	74
Gráfico 18 – Se tem ateliers ou oficinas educativas. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	74
Gráfico 19 – Se o aluno visitante pode manipular/experimentar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	75
Gráfico 20 – Se o aluno visitante pode manipular/experimentar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	75
Gráfico 21 – Se o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	76
Gráfico 22 – Se o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	76
Gráfico 23 – Se faz concursos destinados às escolas. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	77
Gráfico 24 – Se faz concursos destinados às escolas. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	77
Gráfico 25 – Se faz exposições nas escolas. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	77
Gráfico 26 – Se faz exposições nas escolas. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	77
Gráfico 27 – Se tem maleta pedagógica. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	78
Gráfico 28 – Se tem maleta pedagógica. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	78

	Pág.
Gráfico 29 – Se desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	79
Gráfico 30 – Se desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.	79
Gráfico 31 – Se desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.	80
Gráfico 32 – Se desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. Respostas em percentagem da totalidade dos Museus.	80
Gráfico 33 – Actividades/ recursos dos museus militares em estudo para o público escolar.	80
Gráfico 34 – Actividades/recursos da totalidade dos museus em estudo para o público escolar.	81
Gráfico 35 – Como avalia o grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo museu.	82
Gráfico 36 – Como trabalha os instrumentos de medição.	82
Gráfico 37 – Alunos que responderam ao Inquérito.	113
Gráfico 38 – Idades dos alunos de 7º ano de escolaridade.	114
Gráfico 39 – Idades dos alunos de 9º ano de escolaridade.	114
Gráfico 40 – Conceção de museu dos alunos do 7º ano de escolaridade.	115
Gráfico 41 – Conceção de museu dos alunos do 9º ano de escolaridade.	115
Gráfico 42 – Se já visitou algum museu – alunos do 7º ano de escolaridade.	116
Gráfico 43 – Se já visitou algum museu – alunos do 9º ano de escolaridade.	116
Gráfico 44 – Se aprecia visitas de estudo ao museu- alunos do 7º ano de escolaridade.	117
Gráfico 45 – Se aprecia visitas de estudo ao museu- alunos do 9º ano de escolaridade.	117
Gráfico 46 – Opinião dos alunos do 7º ano de escolaridade sobre os museus.	117
Gráfico 47 – Opinião dos alunos do 9º ano de escolaridade sobre os museus.	117

	Pág.
Gráfico 48 – Justificação dos alunos de 7º ano de escolaridade relativamente à sua opinião sobre os museus.	118
Gráfico 49 – Justificação dos alunos de 9º ano de escolaridade relativamente à sua opinião sobre os museus.	118
Gráfico 50 – Se gosta de manipular e experimentar objectos no museu - alunos do 7º de escolaridade.	119
Gráfico 51 – Se gosta de manipular e experimentar objectos no museu - alunos do 9º de escolaridade.	119
Gráfico 52 – Se gosta que o museu tenha ‘ateliers’ com actividades e animação - 7º ano de escolaridade.	120
Gráfico 53 – Se gosta que o museu tenha ‘ateliers’ com actividades e animação - 9º ano de escolaridade.	120
Gráfico 54 – Respostas dos alunos do 7º ano de escolaridade sobre o tipo de visita que o museu deve oferecer.	120
Gráfico 55 – Respostas dos alunos do 9º ano de escolaridade sobre o tipo de visita que o museu deve oferecer.	121
Gráfico 56 – Sugestões de actividades dos alunos do 7º ano de escolaridade para um museu de polícia.	122
Gráfico 57 – Sugestões de actividades dos alunos do 9º ano de escolaridade para um museu de polícia.	122



## Introdução

Durante muito tempo os museus foram vistos pelos profissionais e pelo público em geral como instituições que preservavam peças antigas, raras e valiosas que se acumulavam nas vitrinas e nas reservas. Contudo, à medida que alguns dos responsáveis dos museus têm vindo a tomar consciência das funções sociais e educativas destas instituições, muitas têm-se transformado em espaços dinâmicos e abertos a um público cada vez mais variado e participativo, procurando responder às suas expectativas, no âmbito de uma maior integração sociocultural na comunidade.

Entende-se, desta forma, que o museu pode contribuir para o desenvolvimento cultural, social e económico das populações, operando no âmbito do entretenimento, mas especialmente da educação. As actividades que muitos museus vêm proporcionando, nomeadamente, às escolas, têm sofrido mudanças. À visita mediada, tem-se acrescentado uma maior diversidade de oferta, procurando-se formas dinâmicas de tratar as temáticas.

O nosso estudo centra-se na educação nos museus, designadamente, na relação entre os museus e as escolas. O motivo desta escolha prende-se com o facto de a autora estar profissionalmente ligada ao ensino. Tomamos como objecto de estudo o futuro museu da Guarda Nacional Republicana<sup>1</sup>, por ver nesta instituição museológica potencialidades do ponto de vista educativo, no âmbito de uma museologia mais social, virada para o desenvolvimento das comunidades, através da sua relação com as instituições de ensino.

Partimos de uma questão central que é a de saber se o futuro Museu da Guarda Nacional Republicana será capaz de contribuir como um instrumento dinâmico para a transformação social, através da sua relação com o público escolar, e, nesse sentido, levantamos algumas questões que serviram de linhas orientadoras da investigação:

- O Museu da Guarda é capaz de trabalhar numa acção de formação para a cidadania?
- É capaz de contribuir, pela acção pedagógica, para a prevenção de problemas ambientais?
- Pode ajudar a alterar hábitos ao nível da circulação rodoviária e da segurança?

---

<sup>1</sup> A criação do museu está contemplada desde 1983 no Decreto de Lei nº 333/83 de 14 de Julho. O futuro museu será instalado no Convento do Carmo que é actualmente o Comando Geral da GNR.

- Pode contribuir para a afirmação da identidade nacional?

Para responder às questões colocadas, reflectimos sobre a problemática museu/educação, principalmente sobre a relação institucional museu/escola, recorrendo à análise de uma vasta bibliografia, e ao estudo da realidade em alguns museus previamente seleccionados, uns pelas suas semelhanças com o da GNR, outros por nos parecerem de referência em termos de oferta educativa, designadamente, o Museu da Marinha, o Museu Militar, o Museu do Ar, o Museu da Presidência, o Museu do Trabalho, o Museu de Arqueologia e o Museu do Pão.

De seguida, apresentamos sugestões para o Museu da GNR, incluindo um programa-piloto direccionado ao 7º e ao 9º ano de escolaridade da Escola E.B. 2, 3 Jorge de Barros, partindo da análise do programa museológico e dos currículos/programas escolares, mas também dos pressupostos teóricos que apresentamos no 1º capítulo, das experiências dos museus estudados e dos resultados dos inquéritos aos alunos da referida escola. Tivemos também a preocupação de ouvir os professores e a Guarda Nacional Republicana relativamente às nossas propostas do programa-piloto. Entendemos que é importante ter o contributo de todas as partes envolvidas, para, dessa forma, se obter um maior envolvimento de todos e uma maior eficácia.

Pretende-se que este estudo seja um ponto de partida para que o futuro Museu da GNR possa contribuir como um instrumento activo para a transformação social, através de uma relação de proximidade com as escolas. Deste modo, procuramos apontar estratégias que possam concorrer para tornar este museu, em fase de implementação, num espaço de educação no âmbito de uma relação mais próxima e activa com as escolas, tendo por base os fundamentos da sociomuseologia, que é aquela com a qual nos identificamos, trabalhando o património em sentido global incluindo o território, em interacção com as populações, procurando responder às necessidades e desejos da comunidade que deve servir.

Procuramos dar um contributo para tornar este museu num espaço de educação e de interacção com a escola, propondo actividades diversificadas e motivadoras, recursos informativos e didácticos, assim como estratégias de divulgação junto das instituições de ensino; sempre, numa linha de transformação social e de formação do ponto de vista da identidade e da cidadania, ao serviço da comunidade.

A dissertação está dividida em três capítulos. No 1º capítulo, 'O Museu como Espaço de Educação', reflecte-se sobre o papel educativo e social dos museus, e a aprendizagem nas

instituições museológicas, assim como acerca da importância dos serviços educativos na sua relação com as escolas. Para tanto, realizamos, também, leituras sistematizadas relacionadas com as fases de desenvolvimento das crianças e adolescentes e com as teorias relativas ao processo de aprendizagem, procurando o contributo de alguns teóricos, designadamente, de Jean Piaget, Paulo Freire, e Celestien Freinet.

No capítulo 2, ‘Panorama da Acção Educativa dos Museus em Portugal’, fazemos um mapeamento cronológico dos serviços educativos em Portugal e apresentamos o estudo, eminentemente exploratório, dos museus seleccionados, descrevendo e analisando a forma como estes museus interagem com o público escolar, tendo por base o quadro teórico e conceptual apresentado no 1º capítulo. Começamos por uma abordagem particular de cada um dos museus, seguindo-se um estudo global da totalidade da amostra, com a apresentação e análise estatística dos resultados, apresentando as consequentes conclusões.

No 3º capítulo, ‘O Museu da Guarda’, descrevemos o projecto do futuro Museu da Guarda Nacional Republicana e apresentamos sugestões para o seu serviço educativo, designadamente um programa-piloto com propostas destinado à Escola E.B. 2,3 Jorge de Barros.

Por fim, apresentamos a conclusão.

## **Metodologia**

Em termos de procedimentos metodológicos, optamos por uma pesquisa exploratória e descritiva, numa abordagem quantitativa e qualitativa que mutuamente se complementam e validam.

De entre a diversidade que caracteriza o público escolar, escolhemos como segmento a abordar, para as nossas propostas, os alunos do 7º e 9º ano de escolaridade, por se tratar de alunos com os quais a autora está actualmente a trabalhar.

Para o estudo dos museus seleccionados, efectuou-se uma recolha de dados para a investigação no âmbito das actividades educativas dos mesmos, com recurso a listas de verificação, inquéritos e entrevistas que se encontram em anexo e cujos resultados são apresentados e discutidos no 2º capítulo.

Alguns museus foram seleccionados, como referimos anteriormente, pelas suas afinidades com o futuro Museu da Guarda, outros, pelas suas propostas educativas, que se nos afiguram paradigmáticas na sua relação com o público escolar. Procuramos também incluir no estudo, o Museu da Judiária, devido à sua proximidade em termos temáticos, o que não foi possível por ainda se encontrar em fase de implementação.

Numa primeira fase, procedemos à pesquisa e análise da bibliografia seleccionada sobre os assuntos a abordar e à recolha de dados sobre as práticas dos serviços educativos dos sete museus, na sua relação com as instituições de ensino. Pretendíamos saber como funcionavam os museus na sua articulação com as escolas, identificando práticas de interacção.

Partimos das seguintes premissas:

- os museus e as escolas privilegiam a permuta de informação e a planificação conjunta das visitas;
- os museus apresentam uma diversidade de actividades que corresponde às necessidades e expectativas do público escolar;
- os museus com serviços educativos estruturados conseguem responder melhor às necessidades do público escolar;
- os museus assumem na sua relação com as escolas o seu papel educativo e social.

Consultaram-se os ‘sites’ dos museus seleccionados, usando uma lista de verificação, permitindo averiguar se utilizam a internet, e como a utilizam, para dar-se a conhecer às escolas. Depois, na abordagem aos responsáveis dos serviços educativos dos museus em estudo, como instrumentos metodológicos para a recolha de dados, recorreu-se aos inquéritos, com uma sequência ordenada de questões fechadas, que foram respondidas por escrito. Seguidamente, fizeram-se entrevistas aos responsáveis dos museus que possuem serviço educativo organizado, ou seja, que usufruem de uma equipa a trabalhar em exclusivo na articulação do museu com os diferentes públicos, e que revelam uma maior interacção com as escolas.

Inquéritos e entrevistas tiveram como propósito conhecer melhor as escolhas estratégicas e metodológicas dos museus na sua relação com o público escolar, procurando-se perceber como estes interagem com os grupos escolares e o que podem os serviços educativos oferecer aos docentes e discentes que os procuram.

Foram estruturados em torno dos seguintes aspectos: funcionamento de serviços educativos; cooperação e articulação com as escolas; planificação de actividades destinadas ao público escolar e preocupações de carácter pedagógico, educativo, e social.

Optou-se pelo uso de inquéritos fechados (cf. Apêndice I), por entendermos que permitem uma recolha rápida de grande quantidade de informação e uma maior simplicidade de análise e sistematização.

As entrevistas basearam-se num guião predefinido (cf. Apêndice II), embora adaptado a cada museu. Decidimo-nos por entrevistas semi-estruturadas por nos parecer ser o tipo de entrevista mais apropriado para uma mais ampla exploração das questões relacionadas com a forma de funcionamento dos serviços educativos, na sua relação com as escolas, e com a oferta educativa para o público escolar. Permitia-nos uma visão mais abrangente do fenómeno, e até averiguar se haveria outro tipo de variáveis a explorar. Pareciam-nos vantajosas para obter informação qualitativa. Conseguia-se não apenas informação detalhada, com o esclarecimento de questões importantes que não estavam disponíveis em qualquer outro documento, como também a confirmação, com pormenores, dos dados dos inquéritos.

A listagem de verificação, permitiu avaliar se estes museus usam a internet para dar-se a conhecer às escolas e ao público escolar (cf. Apêndice III). Procuramos verificar se divulgam actividades para as escolas, informando sobre a faixa etária ou nível escolar a que se destinam, e se fornecem documentação/recursos especificamente concebidos para apoio às visitas escolares.

A recolha de dados nos museus decorreu no período compreendido entre Abril e Setembro de 2008. Essas informações foram trabalhadas, apresentadas estatisticamente através de quadros e gráficos, e, posteriormente, analisadas. Começamos por fazer uma abordagem de cada museu em estudo, com base nas informações dos ‘sites’, inquéritos, entrevistas e documentação interna, e só posteriormente, passamos a uma apreciação geral, com a apresentação, análise e discussão dos dados obtidos.

Já numa fase subsequente, procedemos à análise do Projecto do Museu da Guarda, ao estudo dos diferentes núcleos museológicos, e à análise dos Programas Escolares do Ensino Básico no sentido de, tendo por base as questões de partida, já enunciadas na introdução, produzir um programa educativo com propostas, que contribuam para promover o referido Museu, por um lado, como um espaço de educação, estreitamente ligado às escolas,

procurando satisfazer as expectativas, interesses e necessidades do público escolar, por outro lado, como um espaço, socialmente actuante e dedicado à cidadania.

No sentido de procurar uma maior aproximação ao público escolar para o qual elaboramos o programa, auscultamos os alunos do 7º e 9º ano de escolaridade da Escola E.B. 2, 3 Jorge de Barros através de inquéritos semifechados (cf. Apêndice IV) e procedemos ao tratamento estatístico e análise dos seus resultados. A nossa intenção era conhecer os seus interesses quando visitam um museu e obter sugestões.

Realizamos também entrevistas semiestruturadas a professores (cf. Apêndice V) e foi pedido um parecer à GNR sobre as propostas (cf. Apêndice VI), sempre com o objectivo de ouvir todas as partes envolvidas procurando contribuir, desse modo, para favorecer uma colaboração e articulação efectivas entre a escola e o Museu.

Para a formatação das citações e referência bibliográfica optamos pela norma da American Psychological Association, conforme sugerido pela Universidade.

## **Capítulo 1**

### **O Museu como Espaço de Educação**

### **1.1 - O Papel dos Museus na Museologia Contemporânea**

O Conselho Internacional de Museus, apresenta nos seus estatutos, a seguinte definição de museu: “uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o património material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente para fins de ensino, estudo e deleite” (International Council of Museums [ICOM], 2007, p. 2). Entende-se que os museus devem desempenhar, para além da sua função científica e de preservação, a função educativa e a função social, as quais são reforçadas e entendidas como funções primordiais de qualquer museu.

Para Henri Rivière (1989), o museu é uma instituição ao serviço da sociedade, que se apresenta “ como que um espelho onde a população se revê para se reconhecer, onde procura a explicação do território a que pertence em conjunto com as populações que a precederam na continuidade ou descontinuidade das gerações” (1989, p.142). Nesta perspectiva, o museu é um espaço singular de valorização das identidades locais, regionais e profissionais.

Existem diferentes formas de se actuar no contexto museológico. Verifica-se contudo que, se, por um lado, continua a subsistir uma acção museológica mais tradicional, estática, exercida dentro de um edifício com uma colecção, para um público determinado, exercendo a sua função social, através, essencialmente, da sua produção científica e das suas formas de intervenção comunicacional e educacional, entendendo que a missão do museu se resume em explicar a história e a realidade através dos objectos; por outro lado, destaca-se uma actuação museológica mais dinâmica, exercida dentro de um território, numa acção pedagógica para o “eco desenvolvimento”<sup>2</sup>, trabalhando o património cultural em interacção com a comunidade.

Esta forma de actuar no contexto museológico mais virada para as necessidades e preocupações das populações, assumindo-se como uma museologia de acção, cujo objecto próprio e específico de estudo é o património entendido na sua globalidade, entende o museu como um meio para o desenvolvimento local e regional. Para Judite Primo, o “objectivo consiste em discutir e descobrir, através do estudo da relação que se estabelece entre o sujeito e o património/bem cultural dentro de um espaço/cenário que pode, ou não, ser o museu, a função social da museologia, a sua importância na construção da cidadania e da memória

---

<sup>2</sup> O conceito de ‘eco desenvolvimento’ surgiu durante os anos setenta. O termo proposto por Maurice Strong, e ampliado por Ignacy Sachs, agrega preocupações com o meio ambiente, mas também com questões sociais, económicas e de gestão participativa e ética. Está associado a uma procura de equilíbrio entre protecção ambiental e desenvolvimento sócio-económico.



colectiva” (Primo, 2000, p. 16). Em consonância com a autora, Mário Moutinho (2007), no âmbito do que se designa como Sociomuseologia, afirma que o museu surge ao serviço da sociedade, e a prática museológica, “como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica”. Ainda de acordo com o mesmo autor esta forma de actuar no campo museológico “assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade”.

Nesta perspectiva, partilhando as ideias dos autores citados, entendemos que os museus, devem constituir espaços abertos e dinâmicos, ao serviço das comunidades, onde, com a participação activa destas, contribuam para a formação e para a solução dos problemas que se vão colocando a essas populações. Está-se, dessa forma, a valorizar o indivíduo como sujeito activo, crítico e consciente da sua realidade, mas também o museu, não só pelo seu património edificado e pelas suas colecções, mas especialmente, pela representatividade perante a comunidade em que se insere.

Defendemos uma relação de proximidade do museu com o tecido social em que está inserido, levando-o a comprometer-se com o processo de construção da identidade, e também, com os problemas sociais. Acreditamos que as instituições museológicas devem problematizar, questionar e intervir, procurando contribuir para responder aos problemas e às interrogações das populações.

As preocupações fundamentais com o desenvolvimento integral do indivíduo e das comunidades, estão presentes nos vários documentos resultantes dos Encontros Internacionais e Nacionais entre os profissionais da área, com destaque para o documento resultante do Encontro de Santiago do Chile, ocorrido em 1972, para a Declaração de Québec, de 1984, para a Declaração de Oaxtepec, igualmente de 1984, e para a Declaração de Caracas, de 1992. No primeiro documento introduz-se o conceito de ‘Museu integral’, ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante, enquanto instrumento para o desenvolvimento sustentável e enquanto acção, destinada a proporcionar à comunidade local, uma visão global do seu meio material e cultural (ICOM,1972). Na declaração de Quebec são estabelecidos os princípios da Nova Museologia, defendendo-se uma museologia de carácter social, tendo como objectivo o desenvolvimento comunitário, reflectindo sobre questões sociais, económicas e culturais (Primo, 1999). O documento produzido em Oaxtepec, confirma a museologia como forma de desenvolvimento comunitário e amplia o conceito de património cultural, que deve estar ao serviço das comunidades (Primo, 1999). A Declaração de Caracas, retoma os princípios e

pressupostos da Mesa Redonda de Santiago, propondo que o museu assumira a sua responsabilidade social, através de propostas museológicas que espelhem os interesses da comunidade e permitam uma interacção, recomendando também, uma linguagem aberta, democrática e participativa, que permita o desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade (ICOM,1992). Estes documentos foram decisivos para a forma como se pensa actualmente a museologia.

O Movimento Internacional para uma Nova Museologia, fundado oficialmente em Portugal em 1985 e filiado ao ICOM, tem as suas raízes no documento resultante do Encontro de Santiago do Chile e mais especificamente na Declaração do Quebec. Decorreu da tomada de consciência, que esses documentos reflectem, de que era necessário reformular e desenvolver a museologia e as suas técnicas, procurando trabalhar com as comunidades, concedendo atenção especial aos visitantes; analisando, nesse sentido, as melhores formas comunicacionais, e trabalhando ideias e concepções do ponto de vista expositivo.

Esta forma de actuar no contexto museológico, assenta, segundo Maria Célia Santos(2007), no reconhecimento de todas as culturas; na utilização da memória colectiva como referência para a compreensão e transformação da realidade; no incentivo à apropriação e reapropriação do património; no desenvolvimento de acções museológicas, consideradas como ponto de partida à prática social; na socialização da função de preservação; na interpretação da relação entre os indivíduos e o património; na acção comunicativa dos técnicos e da comunidade; na transformação e no desenvolvimento social; na interpretação da influência da herança cultural e natural na construção da identidade pessoal e colectiva. Como diz Ana Duarte, “ o museu é a colecção de pintura que ele possui dentro das suas paredes, mas é também a igreja que lhe está fronteira, o fontanário, o centro histórico, a zona ribeirinha, o mercado, as profissões em extinção...” (Duarte, 1993, p. 95). Ambas as autoras defendem os museus como locais privilegiados de produção e transmissão de conhecimentos que devem assentar na liberdade e descentralidade; na pluralidade e no papel central da comunidade nos ‘destinos’ do museu.

Os museus que seguem estes fundamentos, têm como objectivos, a construção e análise da história das comunidades, com a contribuição dada pelos cidadãos, para que estes possam reconhecer-se na sua identidade cultural; assim como a utilização de novas técnicas museológicas no sentido de procurar solucionar problemas sociais e urbanos (ICOM, 1971). Aparecem como modelo estratégico para o desenvolvimento sustentado e espaços vivos e de

debate, partilhados por todos, atentos às mudanças, preocupações e necessidades da sociedade em que estão inseridos.

Ao museu, exige-se cada vez mais uma permanente integração na realidade sociocultural envolvente e uma dinâmica, ao serviço de todos e utilizada por todos, próxima dos interesses dos cidadãos. O desafio actual é adaptar a linguagem, os objectivos e as funções, da generalidade dos museus, às expectativas da sociedade e exercer a sua função educativa da forma mais eficiente, no interior das comunidades, e sempre numa perspectiva de intervenção social e de comunicação, ao serviço do desenvolvimento das comunidades que serve, propondo-se a contribuir para a solução dos seus problemas contemporâneos.

Entendemos, neste sentido, que as diversas actividades museológicas, desde a investigação, até à exposição e à acção cultural e educativa, devem envolver as várias organizações da comunidade local - autarquias, colectividades, empresas, estabelecimentos de ensino e outros organismos públicos e privados - através de parcerias e protocolos, que dêem solidez aos projectos e estes correspondam aos verdadeiros interesses dos cidadãos. A museologia, nesta vertente mais social, partindo do património cultural, continua a desenvolver as funções básicas de colecta, documentação, conservação, exposição e acção cultural, mas direccionadas para a acção educativa, na tentativa de despertar a consciência crítica do indivíduo e leva-lo também à reapropriação da memória colectiva e ao pleno exercício da cidadania. (Primo, 1999)

O museu necessita estar sempre em renovação e mudança. Se é verdade, por um lado, que a função primeira do museu é preservar e conservar as colecções que possui, e enriquecê-las com novas recolhas e investigação e, por fim, divulgá-las; por outro lado, não podemos esquecer que sem a validação social, não existe verdadeiro museu. Por isso, é absolutamente necessária a clara e dinâmica inserção da instituição museológica na comunidade, sendo desse modo essencial da parte dos seus profissionais, a capacidade de perceber os problemas próprios da sociedade em que está integrada e reagir rapidamente. Disso depende em larga medida, as suas possibilidades de sobrevivência. Deverá estar constantemente apta às mudanças, como único meio de fazer plenamente parte de uma sociedade cada vez mais activa.

## 1.2 - Museus e Educação: Perspectiva Histórica

O museu foi visto durante muito tempo como local onde se guardavam em vitrinas objectos raros e antigos. Servia um público restrito que os usava para acções de carácter cultural e científico. Uma nova concepção de museu, entende que a sua maior potencialidade está ligada à educação, que por sua vez se julga ser essencial ao desenvolvimento das sociedades. Defende-se que o museu pode assumir um importante papel no desenvolvimento de uma comunidade contribuindo para que esta se torne mais conhecedora do seu passado, mais problematizadora, mais consciente, crítica e participativa. Julgamos, por isso, importante compreender como surge a questão educativa no interior da instituição museológica.

Foi a partir da Primeira Guerra Mundial que claramente se introduziu a questão educativa nos museus. No decorrer desta guerra, entre 1914 e 1918, surgiram no Reino Unido vários museus com programas de educação cívica, que incluíam regras de saúde, higiene, preparação de alimentos e formas de resolver problemas ligados à guerra (Hooper-Greenhil, 1991). Educar, era ainda, contudo, entendido no sentido de formar e informar, sem qualquer carácter crítico ou reflexivo associado.

A partir da Segunda Guerra Mundial, depois de 1945, o museu passou a ser considerado por muitos como estando ao serviço da comunidade, e essa mudança trouxe alterações à instituição museológica do ponto de vista educativo.

Deste modo, em 1958, foi realizado, no Brasil, Rio de Janeiro, o Seminário Regional da UNESCO, sobre ‘A Função Educativa dos Museus’. O documento final lavrado por Georges Henri Rivière, então presidente do ICOM, revelava a preocupação com a educação desenvolvida pelos museus. Segundo Maria Célia Santos inseria-se num “ projecto que tinha como objectivo discutir em várias regiões do mundo, a função que os museus deveriam cumprir como meio educativo.” (Santos, 2002, p. 92). No documento produzido nesse encontro é realçada a função educativa do museu, considerando-o como se fosse uma extensão da escola, como um complemento do ensino formal, distante da ideia de museu como espaço de educação para a cidadania. Os seminários que se lhe seguiram vieram afirmar o impulso do encontro do Rio de Janeiro. A partir da década de 60, a educação nos museus tornou-se matéria de reflexão e estudo, e em Inglaterra, desenvolveram-se, de forma pioneira, os serviços educativos e os serviços de empréstimo de colecções às escolas (Faria, 2000). Passou-se de uma museologia centrada no objecto para uma museologia centrada nas pessoas.

Já em 1972, na Mesa Redonda de Santiago do Chile, abordou-se a dimensão pedagógica do museu, desligando-a da escola, tendo como referência a educação popular de Paulo Freire. Destacou-se a necessidade de serviços educativos em todos os museus e a necessidade da descentralização do museu por meio de exposições itinerantes. A existência de serviços educativos nas instituições museológicas vinha fortalecer o seu perfil pedagógico assim como as exposições itinerantes, especialmente criadas para as escolas. Em 1992, na Declaração de Caracas, os museus surgem como ‘instituições de comunicação e educação’.

Portugal seguiu estas tendências da museologia. Adquiriu especial importância o Encontro da APOM<sup>3</sup> de 1967, alusivo ao tema ‘Museus e Educação’, onde se assistiu a uma aceitação quase generalizada da enorme importância da acção educativa (Costa, 1996). Contudo, o primeiro grande encontro sobre a função educativa dos museus foi em 1997, num Workshop subordinado ao tema ‘O Museu, a Escola e a Comunidade’, promovido pelo Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. O objectivo essencial do encontro era alargar e aprofundar a articulação entre o museu, a escola e a comunidade, especialmente a comunidade educativa, promovendo a participação de profissionais dos museus e da educação (Instituto de Estudo da Criança [IEC], 1997). Na Lei-Quadro dos Museus Portugueses (2004) está explícita a função de educar como uma das funções essenciais do museu, estabelecendo o artigo 42º, a obrigatoriedade do museu incrementar programas de mediação cultural e actividades educativas de forma sistemática, e o artigo 43º, a articulação do museu com o sistema de ensino.

As modificações ocorridas nos conceitos de museu e museologia e as novas necessidades sociais, conduziram, assim, a uma redefinição das funções educativas no campo dos museus também em Portugal.

De acordo com o novo conceito de museu, dinâmico, interveniente, que inclui a discussão e a mudança, e onde a aprendizagem se processa de forma dialogante, construtiva e sólida, a dimensão educativa, aparece comprometida com a transformação social, que se procura que o museu promova, ao serviço do desenvolvimento das comunidades que deve servir. O museu e a escola podem trabalhar em colaboração, contribuindo para a transmissão de saberes, para a afirmação da identidade cultural e para desenvolvimento do sentido de cidadania, na linha de transformação social que se preconiza.

---

<sup>3</sup> A APOM [Associação Portuguesa de Museologia] foi criada em 1965. Dedicar-se ao estudo e divulgação da museologia, assim como das ciências e técnicas que lhe estão associadas.

### **1.3 - A Aprendizagem nos Museus**

#### **1.3.1 - Os Diferentes Níveis de Desenvolvimento Cognitivo da Criança**

Grande parte do público dos museus é constituída por alunos das escolas. É, por isso, necessário pensar em objectivos e técnicas pedagógicas específicas, adequadas aos diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes. Jean Piaget<sup>4</sup>, deu, neste âmbito, uma contribuição muito significativa para a compreensão do desenvolvimento mental das crianças e adolescentes e qualquer trabalho nestas áreas tem de ter presente esse seu contributo. O autor considerava que o desenvolvimento da actividade intelectual depende de alguns factores: maturação, ou desenvolvimento físico e neurológico; contacto físico; experiências lógico-matemáticas; transmissão social e equilíbrio. Para este investigador, o processo cognitivo constitui um processo activo, interactivo e permanente, de avanços e recuos, entre a pessoa e o meio, considerando que a pessoa afecta o meio e o meio afecta simultaneamente a pessoa.

Piaget (1968), via a criança como sujeito que cria e recria o seu próprio modelo de realidade, atingindo um crescimento mental por integração de simples conceitos em conceitos de nível mais elevado ao longo de estádios, ou etapas sucessivas, de desenvolvimento intelectual. Defende que o sujeito assimila informação do meio envolvente, transforma-a, e acomoda-se a esta, numa gradual estruturação interior de adaptação. É nessa busca do equilíbrio, através da dialéctica assimilação-acomodação, que o indivíduo evolui do ponto de vista cognitivo, adaptando-se intelectualmente e afectivamente. O conhecimento é, desse modo, obtido através de constantes conflitos cognitivos.

Após estudos exaustivos e observações atentas e detalhadas de crianças em contextos naturais, tais como a casa e a escola, Jean Piaget (1968) produziu um mapa dos estádios de desenvolvimento cognitivo, pelos quais, de acordo com a sua investigação, o ser humano passa. Delineou quatro estádios de desenvolvimento cognitivo: o estádio sensorial-motor, o estádio pré-operatório, o estádio operatório concreto e o estádio operatório formal. Na sua opinião, estes estádios são responsáveis pela condição de assimilação do conhecimento. O indivíduo apenas está capaz para aprender quando o seu cognitivo está preparado para isso. Defendia que tanto a natureza como a forma da inteligência, se altera profundamente ao longo

---

<sup>4</sup> Jean Piaget [1896-1980] dedicou-se área da Psicologia, Epistemologia e Educação. Impulsionou a teoria cognitiva, sendo considerado o maior expoente do estudo do desenvolvimento cognitivo.

do tempo, e que cada novo estágio em evolução constitui uma transformação qualitativa fundamental. A criança vai aperfeiçoando o entendimento que tem sobre a realidade e sobre ela mesma. O estágio de desenvolvimento, determina a compreensão e o sentido das diferentes experiências. Desta forma, ao pretender proporcionar experiências que fomentem e ajudem o desenvolvimento, tem que se ter em atenção o estágio de desenvolvimento mental em que a criança ou adolescente se encontra no momento.

A criança até aos dois anos de idade encontra-se no estágio sensório-motor e é nesta etapa que se faz a adaptação ao mundo exterior aprendendo a lidar com o seu corpo e sensações. Nesta etapa, só o corpo reage e as crianças estão limitadas à experiência imediata. (Piaget, 1968)

Entre os dois anos e os seis/sete anos, segundo o mesmo autor (1968) a criança encontra-se no estágio pré-operatório. Neste estágio amplia-se a capacidade de armazenamento de imagens, palavras e estruturas gramaticais da língua. O modo de aprendizagem preponderante nesta fase é o intuitivo. As crianças neste período não se preocupam com o rigor, encantam-se a reproduzir sons e a experimentar dizer palavras diversas e são capazes de livres associações e de fantasiar.

As crianças com idades entre os seis/sete anos e os onze/doze anos encontram-se no estágio que Piaget (1968) designa de operatório concreto. Estão a frequentar o 1º e o 2º Ciclos do Ensino Básico. Nesta fase, conforme vão tendo experiências físicas, iniciam a conceptualização e a criação de estruturas lógicas que as expliquem. Conseguem resolver alguns problemas abstractos e compreendem noções de tempo, espaço, quantidade, substância e peso. Se durante o estágio precedente, as crianças sentem satisfação em fantasiar, durante este estágio, regozijam-se com aquilo que é concreto. Partindo destes pressupostos o museu pode ajudar no desenvolvimento dessas capacidades estimulando a descoberta, a fantasia e a partilha de experiências. Para Jean Piaget (1968) sempre que se fomenta o contar, classificar, construir e o manipular, está-se a estimular o desenvolvimento cognitivo dessas crianças.

A partir dos doze anos, até aos quinze, entra-se no estágio designado por Piaget de operatório formal (Piaget, 1968). Este caracteriza-se pela generalização do pensamento e por um aperfeiçoamento da lógica. Corresponde ao estágio do pensamento hipotético-dedutivo ou lógico-matemático. A maior parte destes jovens estão a frequentar o 3º Ciclo do Ensino Básico, para o qual são direccionadas as nossas propostas para o Museu da Guarda. Realizam raciocínios abstractos, e têm grande necessidade de afirmação da sua própria identidade.

Expressam interesses e ideais que defendem de acordo com os seus próprios valores, envolvendo-se, num entendimento mais reflectido sobre a realidade e sobre os outros, na resolução de problemas científicos e na manipulação de variáveis. É possível uma linguagem ao nível da discussão para chegar a conclusões, assim como é possível criar relações de cooperação e reciprocidade. Os significados simbólicos, as metáforas e as analogias podem ser entendidos. As histórias com sentido moral podem generalizar-se. São sensíveis à informação social.

Os Sprinthall<sup>5</sup> defendem que se deve proporcionar o desenvolvimento do pensamento abstracto através de diferentes acções e desenvolver actividades em grupo. Pode-se usar jogos e simulações, para que o jovem compreenda determinados conteúdos, porque já consegue fazer generalizações; assim como promover o visionamento de filmes e a participação em actividades artísticas, como a pintura, o drama, a dança e a música. “ Durante este estágio, escrever poemas é mais eficaz do que ler poemas; fazer filmes é mais eficaz do que visioná-los; participar numa dramatização de improviso é mais eficaz do que observá-la.” (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p.113). Também já antes, Jean Piaget (1968) tinha defendido que o desenvolvimento cognitivo, em qualquer dos estádios, depende da acção, e que o processo de desenvolvimento dos diferentes estádios deve ser alimentado. Embora também destaque que os assuntos devem ser apresentados às crianças e jovens em consonância com as suas estruturas mentais e que o processo de desenvolvimento deve ser estimulado, mas não acelerado.

Neste âmbito também Vigotsky<sup>6</sup>(1991), defendeu a teoria de que o desenvolvimento do indivíduo é consequência de um complexo processo de socialização, em que a linguagem e a aprendizagem têm papel fundamental. O indivíduo na sua interacção com o meio, e com ele mesmo, interioriza saberes, papéis e funções sociais que possibilitam o desenvolvimento mental. Se para Piaget, o nível mental atingido, determina o que o sujeito pode fazer, e por isso, se deve ter em consideração o desenvolvimento cognitivo do aluno, para se lhe adequar o tipo de conteúdo de ensino, para Vygotsky, o que tem de existir, é uma sequência que facilite o desenvolvimento de forma adequada, impulsionado ao longo de novas aquisições, sem

---

<sup>5</sup> Norman Sprinthall e Richard Sprinthall especializaram-se na área da Psicologia Educacional. Defendem uma abordagem desenvolvimentista na educação com vista a promover o desenvolvimento de pensamentos mais complexos assim como formas de acção mais flexíveis.

<sup>6</sup> Lev Vigotsky, 1896-1934, foi pioneiro na ideia de que o desenvolvimento intelectual dos indivíduos acontece em função das interacções sociais e condições de vida.



esperar a maturação ‘mecânica’. É por isso que Vygotsky afirma que a aprendizagem vai à frente do desenvolvimento.

Para que o museu possa proporcionar experiências educativas específicas às crianças e jovens, assentes no seu nível de maturação, por forma, a conceder-lhes os estímulos apropriados para o seu melhor desenvolvimento, é essencial que exista uma clara compreensão do seu processo de desenvolvimento cognitivo. É essa a razão desta abordagem no nosso estudo.

### **1.3.2 - Teorias Educativas e Modelos de Actuação**

Para formular as nossas propostas de acção educativa para o Museu da Guarda apoiamo-nos em alguns teóricos, realizando leituras acerca de teorias educativas e modelos de acção.

Encontramos em Célestin Freinet (1973), uma referência para o trabalho com os estudantes nos museus. O autor propõe que mais do que transmitir conhecimentos, deve promover-se uma partilha de saberes direccionados para o social, lutando por uma educação democrática em que todos possam manifestar a sua opinião e fazer escolhas, preconizando-se o desenvolvimento integral do sujeito no sentido da formação de um cidadão consciente, autónomo, com sentido crítico, activo e interveniente na sociedade democrática. Alerta para a questão do contexto social e cultural do educando, que deve ser tido em consideração quando se preparam actividades de aprendizagem, valorizando os seus conhecimentos pré-existentes.

O referido autor (1973) aponta assim, para uma pedagogia activa, com destaque para as actividades manuais e experiências, em cooperação e interacção, assente nos saberes extra-escolares, enraizados nas vivências dos alunos e das suas comunidades, totalmente centrada no respeito e valorização do indivíduo como ser livre e pensante. A sua pedagogia baseia-se em alguns princípios: sentido de responsabilidade, sentido cooperativo, sociabilidade, julgamento pessoal, autonomia, expressão, criatividade, comunicação, reflexão individual e colectiva, e afectividade (Freinet, 1973). A sua proposta pedagógica, que nós partilhamos, assenta na preocupação em satisfazer as necessidades dos alunos e na necessidade de um ambiente estimulador e prazeroso que desperte as várias capacidades dos discentes. Para o

educador, tal como para nós, a educação deve ter como finalidade o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo no sentido de uma sociedade mais humana.

As teorias de Paulo Freire(1992), vêm também um pouco na mesma linha de pensamento e são as que têm maior representatividade no âmbito da sociomuseologia. Para este autor, que defende uma educação global do indivíduo, o sujeito educa-se no diálogo e na reflexão crítica. Compartilhamos com o autor a ideia de uma educação libertadora que prepare para a apreensão crítica do conhecimento e para a intervenção social. O museu deve proporcionar uma educação integrada, participativa e permanente. É necessário abandonar completamente aquilo a que Paulo Freire designou ‘ concepção bancária da educação’, na qual o ‘educador’, exercendo um papel de alienador, faz comunicados, deposita e transfere conhecimentos, que os educandos memorizam e repetem e “em que a única margem de acção que se oferece ao educando é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (Freire, 1992, p. 58). Este tipo de educação mata nos alunos a curiosidade e a criatividade e remete-os para a passividade. Os princípios da pedagogia de Paulo Freire são as palavras, enquanto articuladoras do pensamento crítico, e a pedagogia da pergunta. Freire defende uma ‘educação problematizadora’, em que os educandos, em vez de “recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também.” (Freire, 1992, p. 69)

Entendemos, como estes autores, que mediador e educando no museu devem construir em conjunto o conhecimento, de uma forma agradável e harmoniosa, num diálogo assente no respeito pleno do mediador pelo educando e na troca de saberes e experiências, partindo-se dos conhecimentos deste. Uma acção educativa eficaz implica, nas palavras de Judite Primo, que o museu, “reconheça o visitante/utilizador como sujeito pensante e actuante na sua própria formação e apreensão das referências patrimoniais” (Primo, 2000, p. 127). O diálogo, no confronto de ideias, possibilita, analisar, resumir e explicar, compreendendo também, uma partilha emotiva e um aperfeiçoamento dos papéis sociais.

Para que este diálogo, partilha de experiências e cooperação de que falamos possa ter lugar de uma forma eficiente no museu, é necessário que a relação deste com a escola deixe de ser de carácter ocasional e passe a estar assente em programas educativos direccionados para as escolas, e é nessa perspectiva que apresentamos as nossas propostas para o Museu da Guarda. Como destaca Margarida Faria (2000), os museus devem empenhar-se em adaptar os seus recursos às necessidades curriculares escolares, e as escolas, por sua vez, devem partilhar

com os museus os novos contextos educacionais relacionados com as novas conjunturas sociais e culturais.

A instituição museológica pode propiciar uma aprendizagem activa e visual, que envolve o corpo e provoca emoções. É o tipo de aprendizagem defendida por vários educadores, entre os quais, os que abordamos neste estudo, Jean Piaget, Sprinthall, Vigotsky, Célestin Freinet e Paulo Freire.

O Museu permite o contacto com o objecto concreto; a descoberta; a articulação, comunicação e partilha de ideias; a reflexão crítica; o desenvolvimento da criatividade, dos valores e da sensibilidade estética. Proporciona a possibilidade de uma aprendizagem activa, especialmente se for permitida ao aluno a experimentação directa e imediata. O experimentar, criar e assimilar informação dá ao jovem, ou criança, a oportunidade de actualizar ou reformular aquisições anteriores, permitindo a construção de um conhecimento mais completo. A aprendizagem, que é entendida genericamente como uma construção pessoal derivada de um processo interior, é sempre mais estimulante através do real, que permite ver, tocar, cheirar, ouvir, provar, ou experienciar, facilitando a compreensão de noções abstractas, assim como a formação de memórias que duram mais tempo, do que as formadas a partir somente dos conceitos e ideias.

Como já se referiu anteriormente, aos museus é cada vez mais atribuída tarefa essencial na área da educação e da pedagogia social, entendendo-se que estas instituições podem e devem desenvolver e fortalecer a formação global do sujeito. Deste modo, o museu, enquanto espaço de comunicação e de trocas de saberes, deve criar situações, como defendem Célestin Freinet e Paulo Freire, que levem à reflexão constante, ao pensamento crítico, criativo e à acção transformadora do indivíduo, numa linha de desenvolvimento da comunidade. Somente dessa forma os museus estarão a contribuir para uma educação plena, onde os indivíduos estejam aptos a intervirem e a transformarem o seu meio.

Nesta perspectiva, o museu apresenta-se como local de interrogações sobre o passado, sobre as mudanças do presente e as possibilidades do futuro. Para Hugues de Varine (2008), a instituição museológica, através do património, pode contribuir para a formação da identidade, para a auto-estima e maior confiança nos outros, necessária à participação e cooperação ao serviço do desenvolvimento; e também para estimular a iniciativa e a criatividade dos indivíduos, essencial para se tornarem empreendedores.

As potencialidades dos museus do ponto de vista educativo são enormes, como também mostra Gammon (2003) que apresenta diferentes tipos de aprendizagens possíveis no museu: a aprendizagem cognitiva, afectiva, social, de capacidades e pessoal. Sendo que, a aprendizagem cognitiva, permite a assimilação de novos conhecimentos ou o reforço de conhecimentos anteriores, pela sua aplicação a outro contexto, através da experimentação, da solução de problemas e do estabelecimento de conexões. A aprendizagem afectiva, permite a alteração de comportamentos e valores, e diz respeito à compreensão e sintonia relativamente a diferentes pontos de vista. A aprendizagem social, segundo o autor, proporciona o incremento da cooperação e da comunicação. A aprendizagem de capacidades, tem a ver com o desenvolvimento das diversas capacidades físicas e mentais que o museu pode proporcionar, como aptidões motoras ou manuais, de inferência, de solução de problemas, de pesquisa, de observação, de classificação, entre outras. A aprendizagem pessoal, para Gammon (2003), proporciona o aumento do sentido de identidade, da auto-confiança e da eficiência, criando motivação para se pesquisar mais.

Desta forma, e ainda no âmbito das grandes potencialidades dos museus no domínio da educação, Manuel Rio-Carvalho, a propósito da oferta educativa dos mesmos, alerta: “É preciso responder a solicitações profundas e não lançar um produto atraentemente enunciado, amavelmente apresentado e indiferentemente consumido” (Rio-Carvalho, 1971, p. 70). O museu pode e deve, aproveitar todas as suas potencialidades educativas, contribuindo para um desenvolvimento integral do indivíduo, apoiando-se no potencial motivacional da instituição. Vários estudos provam que se retém 10% do que se ouve, 30% do que se lê, 50% do que se vê e 90% do que se faz. Existe um provérbio chinês que diz “Ouvir é esquecer, ver é recordar, fazer é compreender” (como citado em Henriques, 1996, p. 102). Neste sentido, a melhor forma de ser eficaz, é através de uma comunicação que reclame a participação activa do aluno e o uso de todos os seus sentidos.

Como defende Maslow<sup>7</sup> (1970), tem de se ter em conta, que a aprendizagem procede do interesse e da motivação individual. A instituição deve-se certificar que as expectativas dos alunos correspondem ao que vão encontrar, proporcionando experiências relevantes e atractivas, que possibilitem satisfazer a curiosidade individual, hipótese de escolha e domínio sobre a experiência, contribuindo para lhes criar confiança e envolvê-los emocionalmente.

---

<sup>7</sup> Maslow, 1908 -1970, dedicou-se no âmbito da psicologia ao estudo da motivação humana e da personalidade, e construiu uma pirâmide sobre as necessidades humanas relacionada com as motivações.

Há uma tendência inata do indivíduo para a necessidade de explorar de forma táctil e multisensorial os objectos que encontra nos museus. Sabendo-se que essa exploração, para além de motivadora, facilita a assimilação da informação, deve-se procurar satisfazer esse impulso, podendo-se sempre recorrer para o efeito, ao uso de algumas réplicas, em substituição dos objectos reais.

Ainda relativamente às questões motivacionais, Bitgood (2002), entende que o grau de motivação dos indivíduos para centrarem a sua atenção na exposição, está relacionado com três aspectos: o esforço na aquisição da informação; o estímulo cognitivo e emocional e os factores de distração. Deste modo, para reduzir ao mínimo o esforço do aluno na aquisição da informação, a mensagem deve ser clara, precisa e adequada ao seu nível de desenvolvimento cognitivo, aspecto que abordamos em 1.3.1; devem-se colocar questões provocatórias, incentivar a imaginação e a interacção, e reduzir os factores que possam favorecer a distração.

Conhecer o universo da criança ou do jovem, as suas aptidões e preferências, e saber o que a pode incentivar a agir, contribuirá para a criação de momentos que a motivem e a incentivem a interagir com o museu, estabelecendo assim uma relação próxima através do diálogo e de uma atmosfera lúdica e reflexiva. Deve usar-se uma linguagem simples, viva e dialogante, apresentando-se o aspecto lúdico como determinante.

Quanto a processos educativos no museu, Maria del Carmem Valdês Sagués (1999) apresenta três processos diferenciados: a educação formal, não formal e informal. A educação formal, desenvolvida por um sistema educativo regular, de carácter institucional com objectivos e conteúdos educacionais bem definidos, é destinada a grupos específicos, como os grupos escolares. Está geralmente ligada a visitas programadas e actividades formais, habitualmente relacionadas com os programas curriculares das escolas, e a visita ao museu, é usada para reforçar, e auxiliar visualmente, o que já se aprendeu ou o que se está a aprender. A educação não formal, definida como um sistema educativo paralelo ao sistema formal, inclui toda a acção educativa organizada fora do sistema formal de ensino, e assenta em programas educacionais de curta duração, independentes, que se centram sobre saberes específicos, é o caso dos cursos, conferências, debates, 'ateliers', entre outros. Trata-se de uma acção educativa, organizada e estruturada, destinada a grupos específicos da comunidade, a um público heterogéneo e disperso, para o qual é fundamental conceber um conjunto de actividades, informações e recursos, que vá para além dos limites da exposição. A

educação informal, corresponde à educação adquirida ao longo da vida a partir da sua relação com o meio e com os outros, não sendo normalmente intencional e permitindo a aquisição de conhecimentos e competências diversas.

Defendemos que a escola deve recorrer aos programas ligados à educação formal, de que fala Sagués (1999), mas também deve aproveitar a educação não formal, proporcionada pelo museu, na medida em que associar a informação teórica a situações práticas, como verificamos anteriormente, estimula a reflexão, e desenvolve a capacidade intelectual e criativa, podendo contribuir para estimular o gosto pela aprendizagem.

Não existe um modelo único a aplicar nos museus, que têm que considerar as diferentes perspectivas e teorias sobre a aprendizagem. A metodologia a usar dependerá da natureza e dos objectivos de cada visita. A partir das leituras realizadas, percebemos, que o museu se apresenta efectivamente como um local de grandes potencialidades para o desenvolvimento das diferentes capacidades do indivíduo, mas que não basta levar os alunos ao museu e colocá-los em contacto com a exposição; é essencial proporcionar situações, que lhes estimulem os sentidos e a emoção e permitam a apreensão dos variados aspectos que aquela encerra, possibilitando a ampliação do conhecimento.

### **1.3.3 - A Importância das Actividades Lúdicas e Interactivas nos Museus**

A possibilidade da criança vivenciar o museu como uma experiência agradável é fundamental para o êxito da visita à instituição museológica e para a aprendizagem. Até aos sete ou oito anos a aprendizagem lúdica é a principal forma de aprendizagem e depois dessa idade continua a ser esta a forma preferencial para aprender. (Gunnestad, 2003)

A aprendizagem lúdica apresenta resultados duráveis e proporciona memórias significativas, estimulando nos participantes a criatividade e a habilidade para responder aos desafios, além de proporcionar a criação de uma relação de proximidade que potencia a inteligência emocional. Quando planeamos actividades no museu, devemos de ter em atenção que existe nos dias de hoje uma cultura caracterizada pelo sincronismo e pela globalidade (Molles, 1975) associada à cultura da imagem e do som, com a qual os jovens cresceram. Museólogos e investigadores têm de acompanhar as mudanças e as dinâmicas sociais e o

grande desafio para os museus é encontrar estratégias inovadoras e de interacção com os públicos, que correspondam a esses padrões, mantendo a sua principal função de preservação.

Existe uma motivação intrínseca para as actividades lúdicas, que são espontâneas, flexíveis e associadas a sentimentos agradáveis, e que, por isso, permitem aprender melhor e com mais satisfação. As teorias construtivistas<sup>8</sup> ligadas à aprendizagem nos museus defendidas por Howard Gardner (1991), nos Estados Unidos da América, e por Terry Russel (1994), em Inglaterra, corroboram a ideia de que as crianças e jovens preferem museus interactivos, onde existe possibilidade de envolvimento físico e emocional com a exposição. Os museus, e todas as outras instituições culturais com funções educativas, têm que atender a esta realidade, criando, dessa forma, um sistema de interacção, que para além dos conteúdos programáticos tenha em atenção as necessidades e sensibilidades das crianças e dos jovens.

A expressão ‘hands-on’ - ‘mãos em acção’ - ligada à aprendizagem física e experimental, corresponde a um esforço de operacionalizar a transmissão de conhecimentos, indo de encontro a essas necessidades, assim como os jogos, o ‘fazer de conta’, e a dramatização. Estas actividades provocam o riso e atraem os alunos, apresentando importante potencial para estimular o seu interesse emocional e intelectual pela exposição e para fomentar o debate.

O objectivo deve ser a fruição do espaço museológico no sentido lúdico-pedagógico. Incentivar o prazer de ver, descobrir e aprender. A ideia de transmitir conhecimentos a brincar e a brincar aprender deve estar sempre presente como forma de aproximar o museu do público escolar e da própria comunidade onde se insere, intensificando a relação com esta. Se na visita ao museu o aluno aprender divertindo-se, estará a aprofundar o gosto pelo conhecimento, pensará em futuras visitas e irá convencer familiares e amigos a ir ao museu.

Acrescente-se contudo, que embora a interactividade, associada à ideia de ‘aprender fazendo’, seja de enorme importância no processo de aprendizagem, investigações recentes mostram que ‘fazer’ não é sinónimo de aprender (Cole, 1995). Para ser eficaz é necessário que a actividade proposta se insira num desafio de tipo cognitivo, que suscite questões e dê sentido à experiência.

Carregar em botões, puxar alavancas ou girar manivelas, por si mesmo, não fomenta o desenvolvimento de esquemas explicativos, nem resulta necessariamente em verdadeiras

---

<sup>8</sup> As teorias construtivistas assentam no princípio de que o conhecimento se constrói na interacção entre o sujeito e o meio, destacando o papel activo do indivíduo na aprendizagem.

aprendizagens. Para promover uma aprendizagem efectiva, as actividades propostas, devem envolver a mente, além de envolver as mãos e potenciarem o envolvimento emocional.

Relativamente às novas tecnologias e aos meios multimédia, os quais têm grande aceitação junto dos alunos, envolvendo e cativando o público de uma forma única e proporcionando grande riqueza de experiências multissensoriais, entendemos que os museus as devem utilizar na comunicação dos seus conteúdos, divulgação dos seus acervos e desenvolvimento da sua actividade educativa. No entanto, concordamos com Chandler (1986) que previne para o facto das novidades tecnológicas conseguirem cativar, mas também poderem desviar os visitantes dos objectivos que os levam ao museu. É fundamental que exista equilíbrio na oferta de actividades, que devem conciliar esforço ‘intelectual’ com trabalho manual, evitando quer, a exclusiva manipulação das tecnologias, quer o excesso de estímulos meramente cognitivos.

#### **1.4 - Os Serviços Educativos dos Museus e a Relação Museu – Escola**

Ao perceber-se a importância que os museus representam do ponto de vista educativo desenvolveu-se o serviço educativo, ao qual compete o cumprimento da função educativa do museu. O serviço educativo é um dos sectores que estabelece a ligação entre a instituição e a comunidade.

Os técnicos dos serviços educativos, com formação pedagógica apropriada, têm a missão de descodificar as mensagens dos discursos expositivos e fomentar actividades que possibilitem ao visitante atingir com facilidade os objectivos da exposição. A estes serviços, cabe tornar o espaço museológico num espaço vivo, lúdico e pedagógico, investigando e planeando actividades diversificadas e motivadoras, levando o visitante a interagir e a aprender. Podem-se realizar ‘ateliers’, ou oficinas formativas; organizar visitas guiadas, sobretudo de grupos; acções de formação; ‘workshops’ e/ou ciclos de palestras; e pôr os visitantes a participar na concepção e produção da exposição.

Em muitos museus ainda não existe serviço educativo estruturado. Entendemos, contudo, que este constitui uma necessidade básica, sem o qual dificilmente se estabelecem as necessárias ligações com os distintos públicos, do que depende o dinamismo de um museu.



Este para realizar o seu papel de maneira eficiente necessita constituir-se como um eficaz comunicador e mediador, capaz de se colocar em sintonia com os diferentes tipos de público.

Dado que a maior parte do público dos museus é constituído por alunos das escolas, tem que se lhes dar uma atenção particular, não apenas com a organização de um serviço de acolhimento e mediação, como também de estruturas de apoio e informação aos professores. Visto que os projectos educativos no âmbito dos museus têm por objectivo contribuir para atender ao papel social da instituição, o trabalho conjunto entre a escola e o museu é fundamental.

À equipa do serviço educativo caberá averiguar as necessidades curriculares das escolas e depois procurar relacioná-las com os recursos disponíveis no museu, de modo a reforçar a cooperação entre o museu e a escola e a promover uma aprendizagem mais eficaz. Compete-lhe a planificação de visitas e actividades para as escolas, em articulação com os programas escolares, assim como a produção de documentação e roteiros temáticos. Deve, igualmente, procurar divulgar a sua oferta educativa junto das instituições de ensino, para promover essa relação de proximidade que defendemos.

O museu não é uma extensão da escola, nem pode funcionar como se fosse uma sala de aula, e, neste sentido, entendemos que os técnicos do serviço educativo devem ter presente, de acordo com os estudos que abordamos em 1.3.2, que durante a visita os alunos não devem passivamente estar todo o tempo a transcrever o que os monitores dizem, ou a copiar textos, devendo participar e interagir.

Os objectos expostos no museu servem não só para serem contemplados, mas fundamentalmente para serem analisados e interpretados. Deve-se levar os alunos a compreender o objecto museológico, como um ponto de partida para reflexões, para comparações, para estabelecer relações entre o passado e o presente, entre arte e ciência, entre uma cultura e outra, para uma análise crítica e para o estímulo da criatividade, fazendo a ponte entre os objectos e os conhecimentos do aluno.

A acção pedagógica desenvolvida pelos serviços educativos, na sua relação com o público escolar, deve ser orientada, numa perspectiva crítica e reflexiva que valorize a diversidade e favoreça uma intervenção activa na sociedade.

A actuação do museu, como temos vindo a destacar, não pode ser de mera transmissão de conhecimento, deve contribuir para o desenvolvimento de capacidades e competências no visitante, assim como para a sua formação do ponto de vista da cidadania.

Com criatividade podem-se levar a cabo inúmeras actividades com vista a uma relação interactiva e a uma educação global. Podem-se conceber recriações de ambientes, com o envolvimento dos próprios alunos; permitir a experimentação e o manuseamento de algumas peças; fazer estudos comparativos de peças, na perspectiva presente/passado, e relacionar temas e problemas da actualidade com o acervo do museu e com o património cultural local.

Dessa forma, e de acordo com o que defendemos em 1.3.2, está-se a promover o pensamento crítico e o diálogo, contribuindo para uma aprendizagem activa e para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. O museu deve oferecer sempre à criança, ou jovem, situações que levem à reflexão e ao desenvolvimento do raciocínio, pois só assim promove a ‘educação libertadora’, que é aquela que conduz às transformações (Bruno, 1996). Estará assim a contribuir para desenvolver no estudante, reflexão crítica e capacidade de acção, para intervir activamente na realidade social como cidadão plenamente consciente.

Nesta perspectiva, seguimos o raciocínio de Ana Duarte (1993), percebendo-se o museu na relação privilegiada que pode estabelecer com a escola, quando empreende importantes acções em busca dessa aproximação, das quais destacamos: a preservação, estudo e animação do património comum; a gestão da memória colectiva; a realização de exposições e promoção do debate sobre os problemas das sociedades contemporâneas, da região, do país, contribuindo para a sua solução; a organização de exposições e promoção de colóquios e grupos de estudo no domínio da história local, regional e nacional; a realização de projectos comunitários, em colaboração com associações e autarquias; e a promoção de exposições e ‘performances’ no âmbito das artes.

Pensamos que as estratégias a serem usados em projectos desenvolvidos pelos museus e pelas escolas, devem ser adaptados aos diferentes contextos, aos desejos e expectativas dos diferentes grupos com os quais se está a trabalhar, sendo constantemente repensados, alterados e enriquecidos com criatividade, num permanente processo de acção e de reflexão.

Relativamente à mediação no museu tal como Reuven Feuerstein<sup>9</sup> (1981) consideramos de enorme importância a sua existência. Os técnicos e museólogos que

---

<sup>9</sup> Reuven Feuerstein defende a mediação humana na aprendizagem, ou seja, a necessidade de intervenção de um mediador humano, que para ele é um sujeito cuja acção mediadora é intencional. O mediador, entre o sujeito e os estímulos - objectos, problemas...- orienta a reflexão e a interacção, tendo em vista a introdução de pré-requisitos ou recursos cognitivos que potencializarão gradualmente a capacidade de aprendizagem do indivíduo.

concebem as exposições fazem-no de acordo com as suas concepções científicas de discurso expositivo, segundo as regras da expografia e da museografia, que nem sempre são claras para o público do museu.

O mediador, facilita a leitura dos objectos através da sua contextualização e do seu relacionamento com outros, por meio de comparações, ajudando na compreensão da mensagem que é transmitida pelo museu. Desse modo, diminui-se a discrepância entre os alunos que detêm os pré-requisitos básicos para o seu entendimento e aqueles que não os possuem, e que, por isso, têm dificuldade em perceber os objectos expostos e o seu significado. O mediador faz a ponte entre o educando e a sua herança cultural, entre o educando e o meio, com vantagens a nível inter-cultural. Pode contribuir para responder às necessidades de uma sociedade multicultural, sem que se verifique a absorção ou exclusão de culturas, mas antes, o respeito pela diversidade cultural, no âmbito de um património comum a todos. A existência do mediador no museu aumenta a possibilidade de respostas satisfatórias para todos os visitantes, na medida em que permite aos alunos fazer perguntas ou colocar problemas, e ao próprio monitor colocar questões, funcionando como catalizador. Partilhamos com Feuerstein (1981), a ideia de que a ausência de mediação humana, tem ainda como consequência, a inexistência de laços afectivos e emocionais entre os educandos e o museu.

Defendemos uma mediação criadora, assente no diálogo e no questionamento, de acordo com o pensamento de Paulo Freire que abordamos no ponto 1.3.2. Essa mediação será certamente eficaz se houver criatividade, envolvimento com a equipa criadora e executante dos projectos, além de uma aprofundada pesquisa sobre os objectos e temáticas das exposições, evitando discursos pré-concebidos e acabados.

Qualquer visita ao museu, por parte das escolas, deve ser de antemão preparada entre ambas as instituições. Parece-nos recomendável que o professor tenha um contacto prévio com o local e faça um estudo antecipado sobre o que seria mais conveniente os estudantes visitarem no museu. Depois, professores e técnicos do museu devem trabalhar em estreita colaboração nas várias etapas do processo de planeamento, organização e concretização das actividades. O museu deve fornecer documentação para explorar antes, na sala de aula, durante, e depois da visita. Pensamos, aliás que seria benéfico organizar cursos dirigidos a professores e educadores, como forma de aprofundar a relação entre o museu e a escola e tornar as visitas mais profícuas.

Entendemos que a visita ao museu, quando este é muito abrangente em termos temáticos, deve ser feita por temas para evitar a dispersão dos alunos. É preciso evitar o anseio de mostrar, com uma postura instrucionista, toda a colecção do museu, por vezes até de forma apressada. Pois, como destaca Maria Célia Santos (2007), mais do que tornar-se conhecido e divulgado, o museu necessita ser vivido, compreendido como um local onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada. Para que estes objectivos sejam alcançados tem de existir tempo e forte envolvimento da parte dos alunos.

Escola e museu perseguem objectivos semelhantes, de educar para a cidadania, contribuir para difundir o saber e, em conjunto, educar no saber/fazer, integrar e socializar o aprendido. Com uma intermediação eficiente e concertada com a escola, por parte dos serviços educativos, pode-se otimizar as potencialidades do museu e da escola, concorrendo para uma formação mais completa dos discentes e para a criação de hábitos culturais que terão influência na forma como os futuros cidadãos vão agir e ver o mundo, a cultura e o património, contribuindo, desse modo, para o já mencionado anteriormente.

O museu, para uma grande parte de professores e alunos, ainda permanece como um local de objectos ‘antigos’, e o património histórico e cultural, ainda é compreendido como algo que se esgota no passado, sem relação com o presente. Pensamos que o museu, enquanto espaço cultural intrinsecamente educativo, deve ser entendido como parceiro essencial em qualquer projecto pedagógico, que se pretenda minimamente organizado e diversificado, dando, assim, o seu contributo para exercer junto das populações o seu papel social.

A observação directa dos objectos e a sua manipulação, mesmo tratando-se de cópias, é uma vantagem que os museus podem proporcionar. É fundamental que a escola assuma a importância que estas instituições podem ter no contexto escolar. Piaget destaca a importância do concreto na aprendizagem até à adolescência, como abordamos em 1.3.1, e estudos mais recentes, dos construtivistas, provam a utilidade do manuseamento dos objectos na própria organização do pensamento e no desenvolvimento da mente ao longo de toda a vida. Com as visitas aos museus, os conteúdos das aulas tornam-se mais dinâmicos e os estudantes podem compreender melhor as diferentes formas de articulação dos assuntos abordados. O ensino apenas teórico e unilateralmente administrado não constitui desafio para os estudantes, além de que a escola tem um papel essencial na criação de hábitos culturais e na defesa do património.

É necessária uma atitude de aproximação, de aposta na actuação e na reflexão conjunta, entre as duas instituições. O museu pode cooperar com a escola, e contribuir para o enriquecimento do trabalho pedagógico, ensinando a observar e a ler um objecto, uma obra de arte, um monumento, ou uma região. Aos museus, também interessa incrementar esta cooperação, já que as escolas lhes dão a possibilidade de desenvolver projectos de trabalho com duração e alcance muito distintos daqueles que conseguem desenvolver com os visitantes casuais.

Torna-se fundamental aprofundar a relação entre o fazer museológico e o fazer pedagógico, entre a escola e o meio, tanto mais que a formação integral do aluno não passa pela elementar instrução dos conteúdos escolares, mas sim pela educação interdisciplinar na qual assumem papel primordial os valores fundamentais para um crescimento harmonioso. Ana Duarte (1993), destaca os valores de solidariedade, respeito e tolerância para com os outros; conhecimento dos estilos de vida, do pensamento e da história; incremento e apuro crítico do gosto, de acordo com as variadas possibilidades estéticas; preservação, protecção e animação do património. É importante que professores e educadores em cooperação com os técnicos dos museus, numa parceria sistemática e em trabalho de equipa, possam maximizar as respectivas potencialidades criando e concretizando projectos dirigidos ao público escolar, com vista à transformação social. Museu e escola, em conjunto, nesse sentido, têm de criar para o museu programas de acção educativa motivadores.

Para esta estreita cooperação entre os serviços educativos dos museus e as escolas, é indispensável, como anteriormente reforçamos, levar os recursos das instituições museológicas para os currículos e envolver os docentes e educadores, através do fornecimento de documentação informativa, e entre outras actividades, visitas e ‘workshops’, além de utilizar as informações que os docentes podem fornecer para melhorar a oferta dos museus. A importância da prática do museólogo responsável pela acção educativa e cultural dos museus, passa pela preocupação social de suas propostas, pela procura de uma interacção cada vez maior com os diversos sectores da sociedade, pela actualidade das suas acções, e pelo aperfeiçoamento e reflexão contínuos das suas práticas educativas.

Um projecto construído e aplicado de forma conjunta, entre escola e museu, é essencial para garantir a eficácia das acções educativas.

## **Capítulo 2**

### **Panorama da Acção Educativa dos Museus em Portugal**

## 2.1 - Evolução Histórica dos Serviços Educativos em Portugal

O primeiro serviço educativo a ser criado em Portugal foi o do Museu Nacional de Arte Antiga, em 1953. Já nos anos 20 era um museu voltado para a educação no sentido de a estender à comunidade envolvente, vindo a aprofundar a relação museu-escola e tornando-se exemplo para outros museus.

Em 1955, João Couto, o director do Museu, realçava que “todos os serviços de extensão escolar são bastante acarinhados, e por isso têm-se desenvolvido muito”. Afirmava ainda, expondo o seu plano de acção, que “há longos anos que os museus da América possuem dois grupos de conservadores. Um para proceder ao trabalho de inventário e de investigação (...). Outro para realizar aquilo que nos Estados Unidos se designa por ‘*Educational Service*’ ” (Couto, 1955, p.63). Foi também na década de 50 que se deram os primeiros passos na formação de pessoas especializadas para trabalhar com as crianças nos museus. (Cavaco, 2002)

Nos anos 60, os museus começaram a interpretar a sua função educativa essencialmente como um trabalho com as escolas. As questões relacionadas com a acção educativa nas instituições museológicas foram debatidas pela primeira vez em 1966, num seminário organizado pela Associação Portuguesa de Museus<sup>10</sup>, que em 1967 organizou uma ‘reunião experimental’ com professores e educadores para promover uma maior colaboração com a escola. (APOM, 1971)

Após a instauração e consolidação do regime democrático, em finais dos anos setenta e inícios dos anos oitenta do século XX, os serviços educativos tornaram-se uma prioridade para muitos museus. Assistiu-se a um expressivo incremento de serviços educativos em museus; num primeiro momento, especialmente em museus tutelados pela administração central, e alguns privados, e posteriormente, em museus autárquicos. Do fim dos anos noventa ao princípio deste século, este fenómeno assumiu uma expressão ainda mais acentuada e organizada, quer com a fundação de museus que desde logo criaram serviços educativos, quer com a estruturação de serviços educativos já existentes, no sentido de os adaptar às mudanças dos novos tempos.

---

<sup>10</sup> APOM - é uma associação que se tem dedicado ao estudo e divulgação da museologia, tal como das ciências e técnicas que lhe são complementares.

Este desenvolvimento dos serviços educativos está intimamente ligado à própria evolução da instituição e ao novo paradigma de museu, caracterizado pela abertura da instituição à sociedade, alargamento dos seus conteúdos patrimoniais, expansão geográfica e territorial, e complexificação organizacional.

Em 2002, num inquérito<sup>11</sup> a 591 museus apenas 48% afirmou possuir serviços educativos, embora nos museus dependentes da administração central, dois terços já possuíssem esses serviços (Santos, 2005). Este estudo revela que, embora já existissem muitos museus munidos de equipas de serviço educativo, com pessoas adequadamente formadas e a funcionar de forma criativa, grande parte dos museus tinha ainda um longo caminho a percorrer para poder cumprir a sua função de forma sistematizada na área da educação.

Na Lei-Quadro dos Museus Portugueses de 2004, para a inclusão do museu na Rede Portuguesa de Museus exige-se a existência de serviço educativo<sup>12</sup>. É por essa razão que 91% dos museus da RPM tem serviços educativos organizados e a funcionar regularmente com actividades programadas. Os outros 9% estão em fase de implementação desses serviços. (Camacho, 2007)

Entendemos que sem serviço educativo dificilmente os museus estabelecem as necessárias ligações com os distintos públicos, do que depende o seu dinamismo. É a este sector dos museus que cabe promover a mediação, o diálogo e o encontro com as comunidades. Pensamos que deve ser constituído por uma equipa de trabalho a quem compete, como destacamos no ponto 1.4, descodificar as mensagens do discurso expositivo e incrementar actividades que proporcionem ao visitante alcançar mais facilmente os objectivos da exposição, tornando o espaço museológico num espaço vivo, lúdico e pedagógico.

No caso dos museus do nosso estudo, cinco museus apresentam serviços educativos estruturados, ou seja, com uma equipa de trabalho dedicada em exclusivo às funções anteriormente referidas. O Museu do Trabalho Michel Giacometti tem esse serviço desde a sua inauguração em 1995 (cf. Anexo VII), assim como o Museu do Pão, inaugurado em 2002 (cf. Anexo XI), e o Museu Presidência, inaugurado em 2004 (cf. Anexo V). O Museu

---

<sup>11</sup> Estudo realizado pelo Observatório das Actividades Culturais, Rede Portuguesa de Museus, e Instituto Português de Museus relativo a 2002-2003 e publicado em 2005 com a coordenação de Maria de Lourdes Lima dos Santos.

<sup>12</sup> Embora a expressão usada na maioria dos museus portugueses para este tipo de serviços seja 'serviço educativo', existem, contudo, outras designações que se equivalem como, 'serviço de acção cultural', 'serviço de extensão cultural' e 'serviço de acção comunitária'. Esta última designação é a mais recente e está declaradamente ligada às preocupações do museu no âmbito social.



Nacional de Arqueologia, fundado em 1893, possui essa valência desde 1996 (cf. Anexo X) e o Museu da Marinha, criado em 1962, beneficia de serviço educativo desde 2002 (cf. Anexo II).

## **2.2 - Exemplos de Acção Educativa com as Escolas**

### **2.2.1 - Museu da Marinha**

O Museu da Marinha, localizado em Lisboa, apresenta uma colecção de testemunhos relacionados com a actividade marítima portuguesa. Abriu oficialmente as suas portas em Agosto de 1962, nas alas Norte e Poente do Mosteiro dos Jerónimos, junto do qual se levantou, mais tarde, um pavilhão para a exposição das galeotas e uma estrutura para a direcção e serviços. A sua missão consiste na protecção e divulgação do passado marítimo português, dedicando-se aos mais variados aspectos e actividades humanas relacionadas com o mar. Apresenta uma exposição permanente, que inclui um enorme espólio no âmbito das actividades marítimas, e realiza exposições de carácter temporário, e outras acções, em torno de temáticas relevantes. (Museu da Marinha [MM], 2008)

A entrevista às responsáveis pela área da educação permitiu-nos obter informações importantes sobre o funcionamento do serviço educativo (cf. Anexo II). Apuramos que o Museu da Marinha apenas tem serviço educativo organizado desde 2002, como já referimos atrás, embora já antes se apoiassem as visitas das escolas ao museu. Ficamos a saber que a área da educação está integrada no designado ‘Departamento de Investigação e Extensão Educativa’, do qual também fazem parte a área da investigação e a biblioteca. Informaram-nos que oferecem desde 2006, oficinas para o 2º Ciclo do Ensino Básico, apesar de ainda não disporem de um espaço físico exclusivamente destinado a esse fim. As visitas orientadas constituem excepções, devido ao reduzido número de pessoas da equipa. Para este tipo de visitas, concedem prioridade às escolas envolvidas em projectos com o museu, ou que vêm de zonas longínquas, partindo do princípio de que a distância dificulta a deslocação prévia dos professores ao museu, para a preparação da visita.

No seu ‘site’<sup>13</sup> o museu disponibiliza-se a colaborar com os professores, ajudando-os a ajustar o percurso aos objectivos da visita e às características do grupo de estudantes. Em

---

<sup>13</sup> <http://www.museumarinha.pt>

complemento, é possível também aceder a um conjunto de conteúdos que podem ser úteis, assim como a várias fichas que podem usar com os estudantes, durante e após a visita ao museu, possibilitando, neste último caso, a continuidade do trabalho em sala de aula e a avaliação da eficácia da visita relativamente aos seus objectivos iniciais.

No referido 'site' os professores são desaconselhados a fazer visitas de estudo genéricas ao museu devido à dispersão que estas podem provocar nos alunos. O museu sugere que os docentes definam os objectivos da visita e só depois decidam, em colaboração com a Extensão Educativa, os temas, as salas, as colecções e os objectos a incluir no percurso. Aconselha mesmo formas de exploração com base nos currículos escolares, para diferentes disciplinas, conforme o quadro número 1 que mostramos mais à frente.

Embora as exposições não sejam pensadas em função dos currículos escolares, afirmaram-nos, na entrevista (cf. Anexo II), que existe a preocupação em ir aproximando as exposições das expectativas das escolas. Existem nas exposições algumas peças que os alunos podem manipular durante a sua visita, procurando torná-la mais motivadora e eficaz do ponto de vista pedagógico, como defende Jean Piaget (1968) e Célestin Freinet (1973), que abordamos no capítulo um.

O museu dispõe também de maleta pedagógica, alusiva aos descobrimentos portugueses, que inclui instrumentos náuticos. (cf. Anexo II)

Durante a entrevista apresentaram-nos o Projecto 'aMARras', o qual consideramos de grande interesse para as escolas e para as comunidades envolvidas. O objectivo do projecto é o estudo das embarcações tradicionais do litoral do distrito de Leiria, com a colaboração das escolas do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Assenta num trabalho de recolha desenvolvido no terreno, no sentido de fomentar a preservação do património náutico, contribuindo também, para o estudo e preservação da identidade da região. As escolas interessadas elegem uma embarcação tradicional da sua região, a partir da qual desenvolvem um trabalho de pesquisa, que termina com uma pequena exposição no museu no final do ano lectivo.

As responsáveis da Extensão Educativa, entendem que a instituição está a contribuir para o desenvolvimento integral do individuo e da comunidade, na medida em que os alunos com a visita ao museu aprendem a saber estar dentro deste tipo de espaços, e aprendem a aprender fora do contexto escolar, "que obriga a uma maior disciplina que na sala de aula, porque se trata de um espaço diferente e mais informal, onde estão em grupo, em contacto com as peças e em simultâneo, numa aprendizagem recíproca, a reflectir, a dialogar, a

questionar e a descobrir...”, afirma Maria da Graça Jorge, responsável da área da educação, na entrevista que nos concedeu (cf. Anexo II). As técnicas salientam também que a náutica, é uma área com excelente potencial em termos pedagógicos, que está ligada à história nacional e aos currículos escolares, mas igualmente, às próprias vivências dos estudantes enquanto seres humanos, remetendo para outras aprendizagens.

As responsáveis do serviço educativo destacam as oficinas pedagógicas e as visitas que resultam em tarefas, como as actividades de maior importância na relação com as escolas. Dizem-nos que, “Mesmo não sendo quantitativamente representativas, estas actividades são qualitativamente muito importantes. Permitem perceber melhor a forma como o Museu toca as pessoas”(cf. Anexo II). Essas actividades possibilitam, uma maior proximidade e envolvimento com o público escolar, até do ponto de vista afectivo.

Para avaliar o grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar solicitam aos professores que preencham um questionário disponível no ‘site’ do Museu. Poucas escolas, contudo, enviam os questionários preenchidos, impedindo qualquer análise mais detalhada.

No quadro 1, descrevemos as actividades planeadas para as escolas, relativamente ao ano escolar de 2007/2008.

**Quadro 1 - Actividades do Museu da Marinha Destinadas às Escolas**

Actividades Para as Escolas	Destinatários
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visitas temáticas que podem oferecer uma panorâmica do museu, focar uma sala ou explorar um tema mais específico, em que as colecções são exploradas através de materiais de apoio:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Descobrimientos”, para as disciplinas de História e de Geografia;</li> <li>• Instrumentos Náuticos, para a disciplina de Matemática;</li> <li>• Transportes e Pesca, para a disciplina de Estudo do Meio;</li> <li>• Colecção de Pintura e Modelismo, para a disciplina de E.V.T.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos os graus de ensino</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Projecto ‘aMARras’<sup>7</sup>: Estudo das embarcações tradicionais, no contexto das localidades situadas ao longo do litoral do Distrito de Leiria.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico</li> </ul>

Actividades Para as Escolas	Destinatários
<p>- Oficinas didácticas no âmbito temático dos Descobrimentos Portugueses:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Instrumentos Náuticos - com réplicas de instrumentos náuticos em que as crianças aprendem sobre a forma como eram utilizados, como um jogo, uma espécie de dramatização à volta disso, vestindo por uma hora a pele dos navegadores.</li> <li>• Bússola - aprendem a construir uma bússola, desenham e decoram-na com motivos próprios, ou inspirados no que está no museu, e no fim podem levar para casa a bússola que construíram.</li> </ul>	<p>- 2º Ciclo do Ensino Básico</p>

Fonte: Museu da Marinha

A oferta destas oficinas pedagógicas destinadas ao 2º Ciclo do Ensino Básico, mostram a preocupação do museu em começar a oferecer programas lúdico-pedagógicos concebidos para as crianças. Entendemos que estas actividades são importantes, já que, como vimos no 1º Capítulo deste estudo, aprende-se melhor através de demonstrações, de experiências que envolvam o ‘fazer’, e que impliquem respostas emocionais, particularmente com crianças entre os sete e os doze anos, como é o caso. Consideramos igualmente de grande relevância a sugestão das visitas temáticas relacionadas com os currículos escolares, procurando responder às necessidades das escolas, assim como a disponibilização de recursos para trabalhar no museu ou em sala de aula.

Quanto ao projecto ‘aMARras’, julgamos que constitui um bom exemplo de cooperação com as escolas que pode ser seguido por outros museus. Pensamos que a colaboração das escolas em trabalhos de investigação é muito importante para os museus, que têm um papel a desempenhar na área da investigação patrimonial, mas também para as escolas, que através de uma metodologia activa, conduzem os alunos a um processo dinâmico de conhecimento, apropriação e valorização da sua herança cultural e histórica.

Em nosso entender, faltam as visitas orientadas, que devem ser sempre um recurso ao dispor dos professores, e mais actividades destinadas ao 1º e 3º Ciclos, mas também ao ensino secundário, que procurem dar resposta às necessidades dos currículos.

### 2.2.2 - Museu Militar

O Museu Militar, sediado em Lisboa, é o maior museu do exército em Portugal. Está instalado num antigo local de fundição de canhões e de depósitos de armas do século XVI. Apresenta várias colecções, cuja natureza, não passa apenas pelos objectos bélicos, uniformes e documentos militares históricos, mas também, pela pintura, azulejaria e escultura, dos séculos XVIII, XIX e XX. A origem do museu remonta a 10 de Dezembro de 1851, quando é oficialmente criado o Museu de Artilharia. Só em 1926 a designação do museu é alterada para Museu Militar. (Museu Militar [MM], 2008)

As suas colecções estão dispostas ao longo de várias salas. A Sala Vasco da Gama exhibe uma colecção de peças de artilharia dos séculos XV e XVI e a Sala de Camões, apresenta telas de Columbano e Condeixa sobre episódios da História de Portugal, relatados nos ‘Lusíadas’. O museu apresenta também salas dedicadas à Guerra Peninsular, ocorrida entre 1807 e 1814; salas consagradas à Primeira Guerra Mundial e salas onde se mostra a evolução das armas em Portugal. O pátio, ladeado por canhões, narra a história de Portugal em painéis de azulejos desde a Reconquista Cristã à Primeira Guerra Mundial. (MM, 2008)

A sua missão, de acordo com o que se encontra no seu ‘site’<sup>14</sup>, está evidenciada na sua máxima: “ MAIORVM NATV ARMA PROPONIMVS”, «Expomos as Armas dos Antepassados». O museu propõe-se proteger e divulgar o passado militar português. Vive da exposição permanente, mas realiza anualmente várias exposições temporárias. (MM, 2008)

O Inquérito (cf. Anexo III), preenchido pelos responsáveis do museu, no sentido de se averiguar as estratégias e metodologias usadas na interacção com o público escolar, forneceram-nos informações importantes. Permitiu-nos verificar que o Museu Militar apesar de não dispor de uma equipa de serviço educativo estruturada, organiza visitas temáticas e proporciona visitas guiadas para as escolas, fornecendo materiais aos professores, desde que o solicitem. Pontualmente, tem acordos com grupos de animação cultural exterior. De acordo com a resposta ao Inquérito, durante a visita, o aluno é induzido a pensar e a dialogar, como é sugerido por pedagogos e educadores, os quais defendem, como abordamos no capítulo anterior, que através do diálogo, a maneira de pensar das crianças sobre a realidade altera-se e expande-se, dilatando a sua capacidade de aprendizagem de conceitos. O museu entende ter

---

<sup>14</sup> [www.geira.pt/mmilitar/](http://www.geira.pt/mmilitar/)

um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares, assim como no desenvolvimento integral do indivíduo. (Cf. Anexo III)

Entendemos que o Museu Militar ainda está muito ligado ao tradicional conceito de museu. O serviço educativo é considerado uma necessidade básica para qualquer instituição cultural. Provavelmente se houver uma aposta por parte da instituição na sua criação, pode-se vir a contribuir, dessa forma, para otimizar as potencialidades educativas do museu, podendo torná-lo num espaço mais vivo, lúdico e pedagógico. Pode-se vir a pesquisar e planear actividades variadas e motivadoras, que facultem a reflexão e o diálogo, mas também, o ‘fazer’, ‘manusear’ e ‘experimentar’.

Possivelmente se o museu, a partir dos currículos escolares, apostar numa oferta educativa mais diversificada, que vá ao encontro das necessidades das escolas, ainda conseguirá cativar mais público escolar. Dado o seu âmbito temático, julgamos que tem grande potencial para o desenvolvimento de projectos de trabalho em conjunto com as escolas, de acordo com os currículos, designadamente no âmbito da disciplina de História, com a temática da ‘Guerra peninsular’, para os sextos e oitavos anos, e a temática da ‘Primeira Grande Guerra’, para o nono ano; mas igualmente no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, com o tema dos Lusíadas, para o nono ano de escolaridade.

### **2.2.3 - Museu do Ar**

O Museu do Ar, localizado em Alverca do Ribatejo, abriu ao público em Julho de 1971. Nos primeiros anos o acervo era relativamente diminuto, mas já abarcava peças de relevo como o avião anfíbio ‘Widgeon’ e o ‘Vampire’, ofertado pela Força Aérea Sul-Africana, assim como réplicas do ‘Santa Cruz’, do ‘Maurice Farman’ e do ‘Caudron G-3’. Presentemente, numa área de exposição de cerca de 3000 metros quadrados, estão em exposição 21 aviões e cerca de 600 modelos à escala 1:72, vários motores, hélices, e outras peças, como equipamentos de voo, painéis de instrumentos, simuladores de voo, armamento aéreo desde a 1ª Guerra, equipamentos de navegação, aparelhos de comunicação, documentos de variada natureza em suporte papel, quadros, medalhas, fardamentos, troféus aeronáuticos, além de muitos objectos pessoais dos pioneiros da Aviação Portuguesa. O Museu tem por missão a preservação da memória da Aviação Militar e Civil Portuguesa. (Museu do Ar [MA], 2008)

O Inquérito (cf. Anexo IV) mostra-nos que o Museu do Ar, tal como o Museu Militar, não tem serviço educativo estruturado, embora proporcione visitas guiadas para as escolas, concedendo materiais aos professores para prepararem a visita. Durante esta, de acordo com o inquérito, os alunos são incitados a pensar e a dialogar. O mesmo inquérito revela que os responsáveis do museu entendem desempenhar um papel relevante ao nível do desenvolvimento global do indivíduo, ao contrário do que se passa em relação ao desenvolvimento dos conteúdos escolares.

No ‘site’ institucional do Museu<sup>15</sup> são dadas indicações genéricas sobre a forma como os professores podem preparar a visita e está disponível um mapa com o resumo do percurso da visita guiada, assim como a sua descrição detalhada. (MA, 2008)

Julgamos, tal como no caso do Museu Militar, que o Museu do Ar terá vantagens em criar um serviço educativo que explore e planeie para o público escolar, em conjunto com as escolas, actividades variadas e dinâmicas, que vão ao encontro das necessidades dos currículos e expectativas dos alunos, nomeadamente, acções que estimulem o pensamento crítico, o diálogo, mas também o toque, a descoberta, e a acção. Estará possivelmente, dessa maneira, a exercer de forma mais eficaz a sua função educativa e social, colaborando com a escola na formação plena dos futuros cidadãos. Julgamos que pode desenvolver projectos com as escolas, no âmbito da História, nos vários graus de ensino, e também no âmbito da Área Projecto, ou da Educação Tecnológica, fomentando trabalhos de pesquisa, ‘ateliers’, e concursos.

A maior parte dos autores do nosso estudo defendem, como abordamos no capítulo anterior, a manipulação e a experimentação como factores motivadores e facilitadores da aprendizagem. Desse modo, a possibilidade de entrar num dos aviões ou poder experimentar um simulador de voo seria algo inesquecível para os estudantes, contribuindo naturalmente para memórias mais duradouras.

#### **2.2.4 - Museu da Presidência**

O Museu da Presidência da República, localizado em Lisboa, no Palácio de Belém, foi inaugurado em 5 de Outubro de 2004. Tem como objectivos, por um lado, facultar aos

---

<sup>15</sup> [www.emfa.pt/www/po/musar](http://www.emfa.pt/www/po/musar)

cidadãos, numa perspectiva de pedagogia cívica, informação actualizada, e cientificamente alicerçada, sobre a instituição presidencial e os seus titulares, a sua história e o lugar que ocupa na arquitectura constitucional portuguesa e, por outro lado, incitar à produção de estudos históricos, políticos e sociológicos, essenciais a um conhecimento mais profundo da nossa história institucional e da evolução da nossa sociedade na sua relação com o Estado. (Museu da Presidência [MP], 2008)

O seu espólio compreende presentes de Estado, mas também objectos pessoais dos presidentes, documentos, e outros artefactos ligados à instituição presidencial. Dispõe de exposições temporárias ligadas às temáticas da Presidência da República. (MP, 2008)

Na nossa entrevista (cf. Anexo VI) apuramos que o Museu da Presidência tem serviços educativos organizados, dispendo de uma equipa de cinco técnicos. Anualmente, no mês de Julho, são apresentados os projectos anuais. Para actividades pontuais, fazem acordos com grupos de animação cultural exterior e recorrem a profissionais exteriores ao museu. Todos os técnicos orientam visitas de estudo, as quais são preparadas em articulação com as escolas. As exposições não são pensadas em função dos currículos escolares, mas existe a preocupação de perceber em que medida podem ser úteis como complemento escolar.

Referem-nos ainda que o museu vai às escolas quando é solicitado. O que acontece especialmente em relação ao ‘10 de Junho’<sup>16</sup>, ‘5 de Outubro’<sup>17</sup> e ‘25 de Abril’<sup>18</sup>. Trata-se de datas históricas ainda muito presentes na nossa memória colectiva e que estão relacionadas com as temáticas do Museu.

Na entrevista realizada apresentaram-nos diversas actividades para o público escolar. Além de visitas temáticas e orientadas, oferecem oficinas pedagógicas, destinadas a grupos escolares com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos, ‘aulas no museu’, preparadas em articulação com os professores que as solicitam, e uma maleta pedagógica dirigida a grupos do ensino pré-escolar e do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Dispõe também de visitas com animação ou dramatização, que se tornam muito motivadoras e eficazes do ponto de vista pedagógico. Lançam ainda habitualmente concursos destinados às escolas, contribuindo desse modo para a divulgação do museu junto do público escolar e famílias, ao mesmo tempo que aprofundam as relações com essas instituições. (cf. Anexo V)

---

<sup>16</sup> Comemora-se o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

<sup>17</sup> Dia da Implantação da República em Portugal no ano de 1910.

<sup>18</sup> Dia da Revolução que pôs fim à Ditadura Fascista em Portugal.



Durante a visita os estudantes têm oportunidade de explorar a exposição de forma táctil e multissensorial e os monitores procuram levá-los a pensar e a dialogar, através de diferentes acções educativas (cf. Anexo V). Está-se, por um lado, a procurar facilitar a assimilação da informação, dado que, como defende Maslow (1970), a aprendizagem decorre do interesse e da motivação pessoal, e por outro lado, torna-se a ida ao museu mais estimulante.

Quanto à preparação da visita de estudo por parte das escolas, o museu fornece documentação quando solicitada pelos professores. Existem, designadamente, módulos pedagógicos para exploração na sala de aula, que as escolas podem requisitar. (cf. Anexo VI)

As actividades mais solicitadas pelas escolas, são as visitas orientadas e a ‘aula aberta’<sup>19</sup> no museu. Gabriela Cavaco, do sector educativo, explica, na entrevista:

“As visitas começam com um encontro entre o responsável do museu e o grupo, onde cada um se apresenta. Todos os grupos são diferentes, e esta é uma forma de o técnico perceber o grupo que vai acompanhar, permitindo uma maior dinâmica e aproximação aos alunos. Procura-se saber quem são, qual o projecto pedagógico, se têm Associação de Estudantes e como votam... O técnico vê como envolvê-los, para impedir a monotonia.” (cf. Anexo VI)

Procuram adequar a linguagem, e partir das vivências e realidades concretas dos alunos, tendo em atenção o seu grupo etário, como defendem os educadores que abordamos no primeiro capítulo. O museu procura através das suas actividades, contribuir para o desenvolvimento dos conteúdos escolares, mas também na linha do que defendem os teóricos estudados, como Freinet (1973) e Paulo Freire (1992), promover a educação para a cidadania e para o desenvolvimento global do aluno.

A avaliação do grau de satisfação das escolas faz-se empiricamente, através de relatórios de trabalho e de fotografias enviados pelos professores, assim como pela frequência com que as escolas visitam o museu. (cf. Anexo VI)

No ‘site’<sup>20</sup> do museu podemos aceder a toda a sua oferta educativa, que é apresentada de forma detalhada para as diferentes faixas etárias ou níveis escolares.

No quadro 2, descrevemos as actividades planeadas para as escolas, relativamente ao ano escolar de 2007/2008.

---

<sup>19</sup> São aulas preparadas em articulação com os professores que as solicitam, que têm como objectivo aprofundar conhecimentos no âmbito da História Contemporânea de Portugal.

<sup>20</sup> [www.museu.presidencia.pt](http://www.museu.presidencia.pt)

**Quadro 2 - Actividades do Museu da Presidência Destinadas às Escolas**

Actividades Para as Escolas	Destinatários
<p>- Visitas Orientadas, em que sob a orientação de um monitor se explora a colecção e os recursos pedagógicos e tecnológicos do museu;</p> <p>- Eléctrico Pedagógico - eléctrico de onde saem três livros de grandes dimensões que possibilitam explorar, através de ilustrações infantis e jogos, temas como a República Portuguesa, o Presidente da República e o Palácio de Belém;</p> <p>- Oficinas Pedagógicas - conjunto de actividades de cunho lúdico e pedagógico, onde o visitante é desafiado a pesquisar, a experimentar e a construir textos, desenhos, pinturas e diversos objectos, partindo das colecções do Museu e do Palácio de Belém;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Frente a Frente... com um Presidente! - a partir da observação atenta dos retratos oficiais dos Presidentes da República, explora-se o conceito de retrato e a sua evolução;</li> <li>• Como se faz uma Bandeira - as crianças são postas a pensar sobre a sua própria identidade e sobre o conceito de Identidade Nacional; são desafiadas a reconhecer os símbolos nacionais e ícones do imaginário colectivo.</li> <li>• Outras Viagens - aqui é estimulada a imaginação da criança: de onde vêm os presentes de Estado que existem no Museu? Qual o significado que trazem?</li> <li>• ...Acrescenta um ponto! - as crianças são desafiadas a recrear e desenhar um conto (dos 'Contos Tradicionais do Povo Português', recolhidos pelo Presidente Teófilo Braga).</li> </ul> <p>- Aula Aberta! - São aulas, preparadas em articulação com os professores que as solicitam, que têm como objectivo aprofundar conhecimentos no âmbito da História Contemporânea de Portugal;</p> <p>- Um Museu em Movimento... A Caminho da Cidadania! O museu vai às escolas. As escolas podem requisitar ao museu módulos pedagógicos para exploração na sala de aula.</p>	<p>- Todos os graus de ensino</p> <p>- Ensino pré-escolar, 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico</p> <p>- Grupos escolares com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos</p> <p>- Grupos escolares com idades entre os 6 e os 12 anos</p> <p>- Grupos escolares com idades entre os 7 e os 12 anos</p> <p>- Grupos escolares com idades entre os 9 e os 12 anos</p> <p>- Alunos do Ensino Secundário e Universidade</p> <p>- Todos os graus de ensino</p>

Fonte: Museu da Presidência

Percebe-se que há uma clara preocupação em procurar responder às necessidades das escolas e às expectativas dos alunos, de acordo com o que são as tendências na área da educação e da museologia abordadas no capítulo anterior.

Há uma oferta diversificada de actividades destinadas a crianças até aos doze anos, a que, visivelmente, está associado o conceito do 'aprender fazendo' e a preocupação em fomentar a observação, a imaginação e a descoberta. Parece-nos que seria igualmente vantajoso para uma maior aproximação às escolas, a oferta de actividades para o terceiro ciclo, que poderiam similarmente passar por jogos e 'ateliers' de expressão artística, mas também por pequenos trabalhos de pesquisa. As experiências de aprendizagem activas são

importantes em todas as idades, e muito especialmente até ao final do 3º ciclo do ensino básico, como destacamos no capítulo 1. Julgamos ainda, no seguimento do que foi defendido no capítulo anterior, que seria útil disponibilizar materiais didácticos aos docentes, através do seu 'site', e procurar fazer uma avaliação mais rigorosa da sua acção educativa junto de professores e alunos, de forma a corresponder cada vez melhor às suas expectativas.

### **2.2.5 - Museu do Trabalho Michel Giacometti**

O Museu do Trabalho Michel Giacometti<sup>21</sup>, situado em Setúbal, abriu as portas ao público em 1995 (Rede Portuguesa de Museus [RPM], 2008). Está instalado numa antiga fábrica de conservas de peixe, adaptada então a museu. O edifício é constituído por cinco pisos e tem vários espaços expositivos, uma galeria de exposições temporárias e áreas polivalentes para animação. Insere-se num antigo bairro de pescadores, salineiros e operárias conserveiras que laboravam na antiga fábrica.

O objectivo do museu é o estudo, a preservação e divulgação de técnicas e saberes ligados ao mundo do trabalho. As temáticas dominantes são o património industrial e os ofícios urbanos relacionados com o comércio, serviços e antigas fábricas de conserva e litografias, sedeadas no concelho de Setúbal. (RPM, 2008)

Na exposição permanente reconstitui-se parte da cadeia operacional da produção de conservas, preservando intactos os equipamentos fixos, e recriando outras fases com equipamentos recebidos de outras fábricas de Setúbal, que usavam o mesmo modelo de disposição do espaço e de processo de trabalho. Possui também uma colecção de peças ligadas à agricultura e aos ofícios tradicionais.

O inquérito (cf. Anexo VII) realizado aos responsáveis da área da educação do museu, revela-nos que existe um serviço educativo organizado. A equipa, constituída por quatro elementos, procura manter, através da observação directa no terreno, uma visão esclarecida das necessidades e expectativas dos públicos e planeia actividades de modo a ajustar as respostas. Participa na montagem e desmontagem das exposições, pesquisa e usa estratégias de exploração das mesmas; reflecte, planifica e organiza as estratégias e os planos

---

<sup>21</sup> Michel Giacometti foi o mentor do Museu do Trabalho.

de acção, procurando proporcionar às escolas um programa educativo diversificado, que complemente os conteúdos programáticos escolares. (cf. Anexo VII)

Como se verá no quadro 3, mais à frente, oferece visitas guiadas e temáticas, com animação ou dramatização; ‘ateliers’ artísticos; apoia projectos escolares; e realiza visitas a locais simbólicos da história da cidade, a bairros típicos, a locais ligados às actividades tradicionais e industriais. Tem ‘maletas pedagógicas’ que, na área do trabalho, remetem para o mundo rural, salinas, exercício da medicina, vestuário, azulejos, instrumentos musicais, teatro, marionetas e ainda brinquedos tradicionais dos países africanos de expressão portuguesa. Dispõe das designadas ‘gincanas culturais’, concebidas para todos os níveis de ensino, cuja finalidade é divulgar, ensinar a proteger e animar o património histórico, cultural e natural da região. No mesmo sentido, em que apresenta também exposições itinerantes e temáticas que permitem um mais profundo conhecimento da história local.

As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com o serviço educativo do museu, em função do tema, número de alunos e faixa etária a que se destinam. Nas visitas e actividades proporcionadas pelo museu há quase sempre momentos dedicados às expressões - dramática, corporal e plástica. O aluno durante a visita é induzido a pensar e dialogar e tem a possibilidade de manipular ou experimentar. O museu desloca-se à escola quando é solicitado. Procura desempenhar o seu papel de instrumento de transformação social, ao serviço da comunidade, da qual é parte integrante, na medida em que, diz Madalena Correia, do serviço educativo, “possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência da comunidade que serve”(cf. Anexo VII). Trata-se de um museu que procura trabalhar o património em interacção com a comunidade, colocando-se ao seu serviço.

Fazem a avaliação da satisfação e do grau de aprendizagem do público escolar no final de cada acção, através de uma ficha de opinião, cujos resultados são posteriormente trabalhados em reuniões de equipa. (cf. Anexo VII)

No quadro 3 descrevemos, as actividades planeadas para as escolas, relativamente ao ano escolar de 2007/2008.

**Quadro 3- Actividades do Museu do Trabalho Michel Giacometti Destinadas às Escolas**

Actividades Para as Escolas	Destinatários
<p><b>Visitas temáticas guiadas</b>                      Introdução ao Museu do Trabalho                      mercearia                      Mundo Rural (Colecção Michel Giacometti)                      Industria Conserveira (cadeia operatória da lota à lata)                      Figuras Setubalenses                      Bairro das Fontainhas                      Lota /Barcos e Mercado                      Centro Histórico                      Bocage e sua Época (Como é que a cidade evoca o seu poeta?)                      Patrimónios da Arrábida                      Setúbal Industrial                      Salinas                      Fortaleza de São Filipe                      (Com ‘Atelier’ de preparação da visita)                      Instrumentos de Ciência Náutica (na Casa do Corpo Santo)</p> <p><b>Animações no Espaço do Museu</b>                      ‘Brinquedos com história’ (Uma história de Natal)</p> <p>‘E se um dia ...’</p> <p>‘Vem conhecer Michel Giacometti’</p> <p><b>Animações no Espaço da Casa Bocage:</b> Bocage apresenta-se aos mais novos</p> <p><b>Animações no Espaço do Pólo da Bela Vista (Reserva Etnográfica Michel Giacometti)</b>                      ‘Assim era noutros tempos’</p> <p><b>Exposições Itinerantes</b> - Histórias do vinho e do queijo</p> <p><b>Maletas pedagógicas:</b> Maleta do sal, Maleta do Mundo Rural, Maleta do Brinquedo e Maleta dos Médicos</p> <p>‘A peça do mês’                      ‘O Museu do Trabalho apresenta-se em 20 minutos’</p> <p>‘Fazer de conta que somos autarcas.... - Jogos de cidadania’                      ‘Atelier’ de Preparação da Visita à Câmara Municipal</p>	<p>Todos os graus de ensino</p> <p>Jardins Infância, 1º. Ciclo</p> <p>Jardins Infância, 1ºe 2º anos do 1º. Ciclo</p> <p>3º e 4º anos do 1º. Ciclo</p> <p>3º/4º anos do 1º. Ciclo e 2º.Ciclo</p> <p>Jardins Infância e 1º. Ciclo</p> <p>Acção de divulgação e sensibilização dirigida a professores e educadores (todos os níveis de ensino)</p>

Fonte: Museu do Trabalho

Vimos neste museu uma clara aproximação ao novo conceito de museologia, com o qual nos identificamos, ao ultrapassar as paredes do edifício e estender a sua acção ao território, promovendo visitas fora de portas e trabalhando o património de forma global. Oferece visitas temáticas no âmbito de figuras setubalenses, que se destacaram em várias áreas, e também, do património histórico, natural e industrial da região, assim como ao Bairro das Fontainhas, às salinas, à lota, aos barcos e ao mercado. Dá, desta forma, a conhecer o património e o território, e ao mesmo tempo, está a promover uma aproximação às populações. Apresenta-se com dinâmica ao nível da diversidade de visitas temáticas guiadas,

mas também ao nível de outras propostas de actividades para o público escolar até ao final do 2º Ciclo, e das variadas maletas pedagógicas. Particularmente relevante é, também, a aposta em acções de divulgação e sensibilização dirigidas a professores e educadores, como é o caso do ‘atelier’ de preparação da visita à Câmara Municipal, ‘Fazer de conta que somos autarcas...’. Trata-se de iniciativas muito úteis na medida em que aproximam o museu das escolas, designadamente dos professores, e permitem maior eficácia de acção, com benefício para todos.

Julgamos todavia que, também neste museu, faltam actividades para o 3.º Ciclo, podendo o museu, dentro da sua temática, assumir um papel importante no trabalho com esses jovens, tanto mais que muitos alunos desse ciclo de ensino estão a entrar no mundo do trabalho, ou em vias de escolher uma profissão, de que, na maioria dos casos, pouco sabem.

### **2.2.6 - Museu Nacional de Arqueologia**

O Museu Nacional de Arqueologia, localizado em Lisboa, foi fundado em 1893, por José Leite de Vasconcelos, com a designação de ‘Museu Etnográfico Português’, com um programa em que se consagrava o passado e presente, arqueologia e etnologia. Actualmente o Museu Nacional de Arqueologia sustenta, no fundamental, a intenção programática que esteve na sua origem, reduzindo, contudo, a sua abrangência em termos temáticos e cronológicos. O museu focalizou-se na sua vertente arqueológica, tendo como área específica a ocupação humana no território português, desde as origens do povoamento até à fundação da nacionalidade. Incorpora as maiores colecções de arqueologia do país, dos períodos pré e proto-histórico, romano, árabe e medieval, reunidos em núcleos de tipologias bastante variadas: cerâmica e materiais de pedra lascada ou polida, vidros, peças metálicas, joalheria, numismática, medalhística, escultura, epigrafia latina e pré-latina, mosaicos, elementos arquitectónicos, entre outros. (Museu Nacional de Arqueologia [MNA], 2008)

Apresenta duas exposições temáticas de carácter permanente, a sala dos Tesouros da Arqueologia Portuguesa e o núcleo de Antiguidades Egípcias, e dispõe sempre de exposições de carácter temporário. O objectivo do museu é dar a conhecer a história, desde o Paleolítico até à fundação do Reino de Portugal. (cf. Anexo IX)

Apuramos na entrevista (cf. Anexo IX), que o Museu de Arqueologia possui serviço educativo com carácter permanente desde 1996. Nesse ano, para se projectar, o serviço educativo do museu lançou, a partir de uma exposição sobre o Islão, um grande concurso escolar ‘ Memórias do Islão’. Os trabalhos dos estudantes foram expostos no museu e a entrega dos prémios aos vencedores foi feita na presença de figuras destacadas, como o Ministro da Cultura e os Comissários Científicos da Exposição. Este serviço educativo é constituído por uma equipa de trabalho permanente, recorrendo a monitores externos e outros profissionais ligados a actividades de animação sempre que é necessário. (cf. Anexo IX)

Os recursos humanos são repartidos em função das suas competências e características pedagógico-científicas e comunicacionais. Entre Julho e Setembro, programam as actividades para todo o ano lectivo de acordo com as exposições, e em Setembro divulgam-nas junto das escolas, as quais representam 80% do volume de trabalho. (cf. Anexo IX)

Durante a entrevista (cf. Anexo IX), dizem-nos que organizam, pontualmente, exposições itinerantes nas escolas, quando tal é solicitado, as quais são planificadas em função dos objectivos que se pretendem atingir. Para estas, são usados painéis informativos e alguns objectos representativos do ponto de vista pedagógico-didáctico sobre os vários períodos históricos, usando peças da reserva ou réplicas de boa qualidade.

É através das actividades do serviço educativo que chegam até ao público escolar. Maria José Albuquerque, a responsável por este sector do museu, salienta “descodificamos linguagens científicas e fazemos a ligação (quando possível) aos conteúdos leccionados na escola. Funcionamos para a disciplina de História, mas também, para outras disciplinas (Arte Visual, História da Cultura, Ciências Naturais e Biologia...)” (cf. Anexo IX)

Acreditam estar a colaborar, com as suas actividades, para o desenvolvimento da escola, da comunidade e do indivíduo, contribuindo para um melhor conhecimento do passado e para o desenvolvimento social e intercultural. Fazem visitas temáticas, guiadas, com dramatização e sem dramatização; jogos didácticos; ‘workshops’, que podem abranger a formação de professores; ‘ateliers’; e concursos destinados às escolas. (cf. Anexo IX)

As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com o serviço educativo do museu, que fornece materiais aos professores para prepararem a visita. O aluno, durante a visita, é induzido a pensar e a dialogar e é-lhe dada a possibilidade de manipular e experimentar (cf. Anexo VIII). Existem maletas pedagógicas com réplicas de peças de vários

períodos que podem ser alugadas pelas escolas. (Museu Nacional de Arqueologia [MNA], 2008)

Relativamente à avaliação do grau de satisfação do público escolar admitem a necessidade de proceder a um método de avaliação mais preciso já que a avaliação que fazem assenta apenas no crescimento do número de visitantes.

Através do seu ‘site’<sup>22</sup> tem-se acesso ao Programa Educativo Anual, onde está discriminada toda a oferta educativa para as escolas. No quadro 4 descrevemos, as actividades planeadas para o público escolar, relativamente ao ano escolar de 2007/2008.

**Quadro 4 - Actividades do Museu Nacional de Arqueologia Destinadas às Escolas**

Actividades Para as Escolas	Destinatários
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visitas guiadas sem dramatização, em que sob a orientação de um monitor se explora a colecção e os recursos pedagógicos.</li> <li>- Visitas guiadas com dramatização:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• ‘Anúbis, o Deus Mumificador’;</li> <li>• ‘A escrita Hieroglífica, o Legado de Thot’.</li> </ul> </li> <li>- Ateliês ou Oficinas:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• ‘As cores do Egipto’ - Pintura facial com motivos egípcios;</li> <li>• ‘Os signos sagrados - abordagem à escrita hieroglífica com exercícios práticos;</li> <li>• ‘O Tribunal de Osiris’- o tema é explorado através da pintura;</li> <li>• ‘A Mumificação’ – criação de uma réplica de múmia de falcão;</li> <li>• ‘A Imagem faz a História’ – Exercícios de atenção e memória sobre a exposição</li> <li>• ‘O papiro perdido’ – leitura de um conto egípcio e a sua dramatização pelos participantes;</li> <li>• ‘Cidades Geométricas’: ‘Compreender a geometria do espaço urbano’;</li> <li>• ‘O Ouro e a Tradição’: confecção de adornos;</li> <li>• ‘Os Primeiros Instrumentos’;</li> <li>• ‘O Megalitismo’.</li> </ul> </li> <li>- Jogo Lúdico-Pedagógico: Ornamentação de personagens históricas com réplicas das jóias patentes na exposição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos os níveis escolares.</li> <li>- Jardim de Infância, 1º e 2º ano de escolaridade.</li> <li>- 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.</li> <li>- 3º Ciclo do ensino Básico e Ensino Secundário.</li> <li>- A partir do 2º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>- A partir do 2º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>- A partir do 2º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>- Jardim-de-infância e 1º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>- A partir do jardim-de-infância.</li> <li>- Do 1º ao 3º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>- Do 1º ao 3º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>- Jardim-de-infância e 1º ciclo do Ensino Básico.</li> </ul>

Fonte: Museu Nacional de Arqueologia

<sup>22</sup> [www.mnarqueologia-ipmuseus.pt](http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt)



Verificamos que o Museu Nacional de Arqueologia, apresenta dinâmica ao nível das actividades destinadas às escolas, e procura responder às necessidades dos currículos, particularmente, com os ‘ateliers’ e com as visitas temáticas; mas também, com as exposições itinerantes e as maletas pedagógicas, que podem ser requisitadas pelas escolas. Entendemos que, possivelmente, teria interesse, estender a sua acção ao território, com a organização de visitas fora de portas, no âmbito da arqueologia e do património arqueológico; e, através do seu ‘site’, disponibilizar aos professores e educadores materiais directamente relacionados com as exposições.

### **2.2.7 - Museu do Pão**

O Museu do Pão, em Seia, é o único do género na Península Ibérica. O museu abriu as portas ao público em 2002. Este museu propõe-se exibir e preservar os objectos e o património do ciclo do pão português nas diferentes vertentes: etnográficas, políticas, religiosas e artísticas. (Museu do Pão [MP], 2008)

É um espaço museológico privado onde se expõem e protegem as tradições, história e arte do pão português. Dispõe de quatro salas expositivas que pretendem exibir e recriar as várias vertentes do pão português: a sala ‘O Ciclo do Pão’, a sala ‘O Pão Político, Social e Religioso’, a sala ‘A Arte do Pão’, e a sala ‘O Mundo Fantástico do Pão’. Na primeira sala, é recriado o ciclo tradicional do pão através de diversos painéis e de alfaias agrícolas associadas à temática, apresentando-se, também, três moinhos em constante movimento e uma antiga padaria. Na segunda sala, são expostos documentos e várias peças que abordam a evolução política, social e religiosa, da questão do pão em Portugal. Na terceira sala, encontram-se objectos artísticos que tiveram inspiração no pão. A última sala, ‘O Mundo Fantástico do Pão’, recria o ciclo do pão através de uma animação levada a cabo por bonecos mecânicos e por efeitos de luz e som. (MP, 2008)

Na entrevista (cf. Anexo XI) disseram-nos que o museu prepara anualmente, em regra, duas exposições de carácter temporário, de seis meses cada, no âmbito da temática do pão, da terra ou da gastronomia tradicional portuguesa. Geralmente são de vertente artística, histórica ou antropológica.

No Museu do Pão existe uma equipa de serviço educativo desde a abertura do museu, como nos declararam na referida entrevista. Pontualmente recorre a profissionais exteriores à

instituição para actividades de animação, tendo acordos com grupos de animação cultural. Apresenta como objectivos: a cooperação com as escolas, a contribuição para o desenvolvimento dos conteúdos escolares e a sensibilização para as questões alimentares, particularmente, as relacionadas com o pão e com os cereais panificáveis. (cf. Anexo XI)

Segundo o responsável, as visitas de estudo das escolas são marcadas pelo secretariado, mas depois o serviço educativo, prepara-as em termos de conteúdos, discurso, percurso e actividades, tendo em conta a tipologia dos alunos, o seu escalão etário, a área de origem, se são, ou não, portadores de deficiência, entre outros factores, variando a visita consoante as características do grupo de alunos. A preparação é sempre realizada em coordenação com a escola em causa. Sempre que solicitado, o museu fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo, a qual é sempre orientada e pode dispor de animação ou dramatização. (cf. Anexo XI)

Afirmaram-nos na entrevista que consoante os grupos, varia o discurso das técnicas e as salas que são visitadas; os mais novos não frequentam a sala do ‘Pão Político, Social e Religioso’, que tem um carácter documental, enfatizando-se mais, nestes casos, a vertente lúdica, na ‘Sala Pedagógica’(cf. Anexo XI). Nesta sala os estudantes podem manipular a massa de pão, confeccionando objectos que, depois de cozidos podem levar consigo. Além de poder manipular e experimentar, o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. (cf. Anexo X)

O museu dispõe de um serviço de exposições itinerantes que podem ser requisitadas e vai às escolas sempre que solicitado, nomeadamente, com um camião pedagógico que reconstitui o ciclo do pão e possibilita a manipulação da farinha e do pão. Se a opção for empréstimo de material expositivo, embora com a orientação do museu, cabe à escola requisitar, transportar e expor as peças. No caso de se tratar da visita do camião pedagógico, a actividade é marcada e preparada em conjunto com a escola, relativamente à data e hora, tipo de visita e tipo de actividade. Apresenta também concursos destinados às escolas. (cf. Anexo XI)

Pelo museu passam mais de 60 000 jovens por ano. Diz na entrevista, Sérgio Carvalho, um dos directores, “O aluno é induzido a pensar nas questões relativas ao pão, cereais e seu ciclo. No caso de alunos a partir sobretudo do 5º ano, a sala do Pão Político, Social e Religioso levanta questões relativas a esses temas, de um ponto de vista histórico”. Os responsáveis acreditam desempenhar um importante papel no desenvolvimento dos

conteúdos escolares assim como no desenvolvimento integral do aluno e da comunidade. (cf. Anexo X)

Relativamente à satisfação e ao grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo museu, a avaliação faz-se através da recolha das opiniões que os alunos e professores deixam, em livro próprio, no final de cada visita. No fim de cada ano, é feito um levantamento de todas as apreciações e sugestões, incluindo as que chegam por ‘e-mail’ ou carta.

No quadro 5 descrevemos, as actividades planeadas para as escolas, relativamente ao ano escolar de 2007/2008.

**Quadro 5 - Actividades do Museu do Pão Destinadas às Escolas**

Actividades Para as Escolas	Destinatários
- Visitas de estudo guiadas, com ou sem animação/ dramatização.  - Sala Pedagógica: manipular a massa de pão e confeccionar objectos.  -Visita às escolas com um camião pedagógico que reconstitui o ciclo do pão e permite a manipulação da farinha e do pão.	- Todos os níveis de ensino  - Não especificados

Fonte: Museu do Pão

O Museu do Pão, na linha do que é defendido por pedagogos e educadores, preocupa-se em oferecer actividades estimulantes, dentro e fora do museu, neste caso, através do ‘camião pedagógico’, assim como, em adequar as visitas aos grupos de alunos. Os alunos podem neste espaço perceber todo o ciclo do pão, ver os diferentes engenhos a trabalhar, e confeccionarem, eles próprios, objectos com massa de pão. Possivelmente a divulgação das suas actividades e a disponibilização de materiais pedagógicos através do ‘site’, seria igualmente muito útil para o incremento de uma maior cooperação com as escolas.

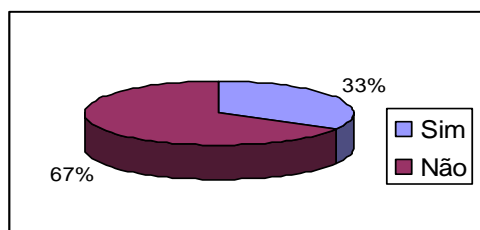
## 2.2.8 - Apresentação e Análise Estatística dos Resultados

### 2.2.8.1 - Dados Obtidos dos Inquéritos e das Entrevistas

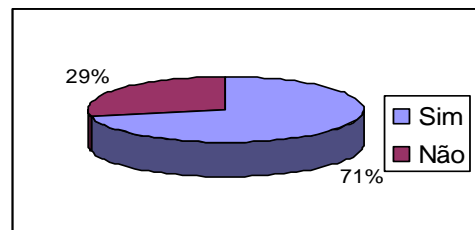
As informações recolhidas são apresentadas através de quadros e gráficos, os quais permitem uma leitura mais rápida. A sua interpretação e análise são realizadas questão a questão e ponderada de acordo com os resultados de cada uma.

**Quadro 6 - Se existem Serviços Educativos organizados.**

Respostas	Número	
Museus ligados às Forças Militares	Sim	1
	Não	2
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 1** - Se existem serviços educativos organizados. Respostas em percentagem dos **museus ligados às Forças Militares**.



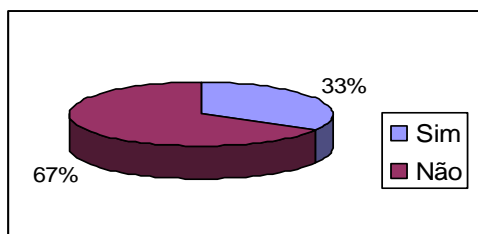
**Gráfico 2** - Se existem serviços educativos organizados. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

A maior parte dos museus ligados às forças militares (67%) não tem serviços educativos organizados, mas se considerarmos a totalidade da amostra verificamos que 71% dos museus dispõe destes serviços. Apesar de cada vez mais os serviços educativos serem considerados de primordial importância para a relação com a comunidade, existem ainda muitos museus que não os têm implementado. Consideramos urgente, na linha do que é exigido na Lei-Quadro dos Museus Portugueses de 2004, que abordamos em 2.1., que existam serviços educativos em todos os museus. O serviço educativo estabelece a ligação entre a instituição e a comunidade. Os técnicos deste serviço são os mediadores entre os museus e os

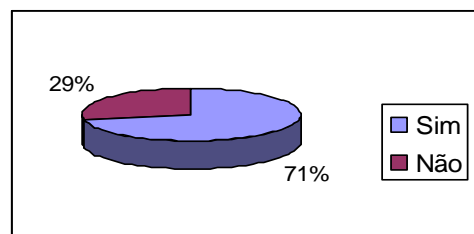
diferentes públicos e sem este sector dificilmente se estabelecem as necessárias ligações com os distintos públicos, como já expusemos em 1.4.

**Quadro 7 - Se as visitas de estudo das escolas são preparadas entre os Serviços Educativos do museu e os professores em articulação.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		2
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 3** - Se as visitas de estudo são preparadas entre os serviços educativos do museu e os professores em articulação. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**

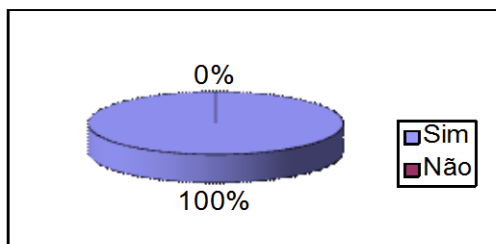


**Gráfico 4** - Se as visitas de estudo são preparadas entre os serviços educativos do museu e os professores em articulação. Respostas em percentagem para a **totalidade dos museus**

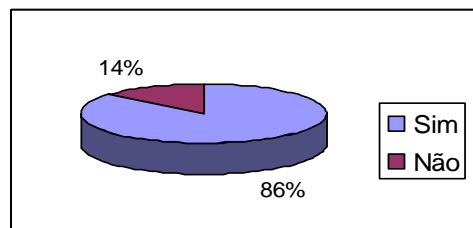
Os museus que têm serviços educativos responderam afirmativamente a esta questão. Na maior parte dos museus ligados às forças militares (67%) as visitas de estudo das escolas não são preparadas em articulação com os serviços educativos porque estes não existem, mas se considerarmos a totalidade da amostra verificamos que na maioria dos museus (71%) as visitas escolares são preparadas conjuntamente entre professores e serviços educativos. Entendemos que a visita para cumprir verdadeiramente os seus objectivos deve ser sempre preparada antecipadamente entre a escola e o museu, nas suas várias etapas. Só através da partilha de informações entre museu e escola será possível adequar as actividades ao grupo de alunos, e ao seu desenvolvimento cognitivo, como defende Jean Piaget (1968), colocando em prática as ideias defendidas por Célestin Freinet (1973) e por Paulo Freire (1992), de diálogo, partindo-se dos conhecimentos e das experiências dos alunos, de partilha de saberes, e de reflexão crítica, em ambiente prazeroso e estimulante.

**Quadro 8 - Se fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		-
Outros	Sim	3
	Não	1
Total	7	



**Gráfico 5 - Se fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. Respostas em percentagem para museus ligados às forças militares**

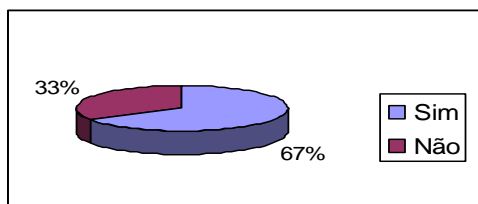


**Gráfico 6 - Se fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. Respostas em percentagem para a totalidade dos museus**

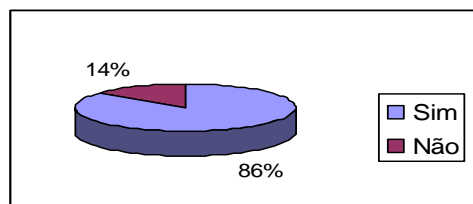
A maioria dos museus fornece materiais aos professores para a preparação das visitas de estudo. Parece-nos muito importante que, dependendo do tipo de visita, se proporcione aos docentes documentação para trabalhar com os alunos na preparação da visita, mas também para trabalhar, posteriormente, após a visita, na sala de aula. É uma forma de motivar os alunos e facilitar as aprendizagens.

**Quadro 9 - Se faz visitas temáticas destinadas ao público escolar.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		1
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 7 - Se faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.**

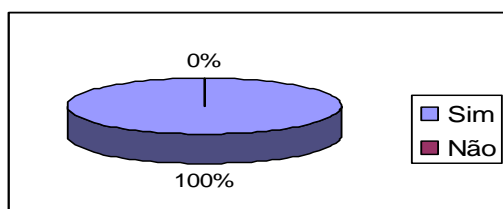


**Gráfico 8 - Se faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.**

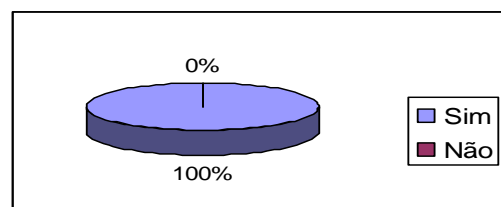
De toda a amostra apenas um dos museus, ligado às forças militares, não dispõe de visitas temáticas. A maioria dos museus faz este tipo de visitas destinadas às escolas (86%). É uma forma de evitar a dispersão dos alunos e por outro lado responder de forma mais eficaz às necessidades das escolas, procurando ir ao encontro dos conteúdos escolares.

**Quadro 10 - Se faz visitas guiadas para o público escolar.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		-
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 9** - Se faz visitas guiadas para o público escolar. Respostas em percentagem dos **museus ligados às Forças militares.**

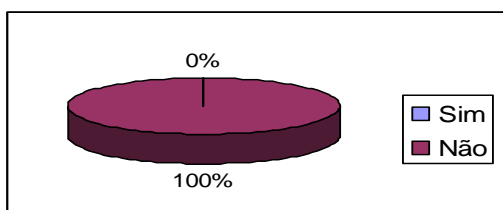


**Gráfico 10** - Se faz visitas guiadas para o público escolar. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus.**

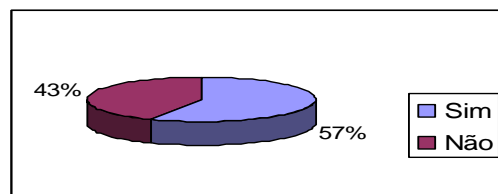
Todos estes museus fazem visitas guiadas para as escolas, embora no Museu da Marinha só as realizem para as escolas mais distantes. Parecem compreender a importância da existência de um mediador que auxilie na compreensão da mensagem, que, como também vimos no capítulo anterior, nem sempre é facilmente entendível. Para Reuven Feuerstein (1981) a aprendizagem mediada no museu é fundamental. Além de facilitar a leitura dos objectos expostos, ajuda a diminuir a disparidade entre os que detêm os pré-requisitos para a sua compreensão e os que não os possuem, na medida em que possibilita colocar questões.

**Quadro 11- Se dispõe de visitas com animação ou dramatização.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		3
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 11** - Se dispõe de visitas com animação ou dramatização. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.



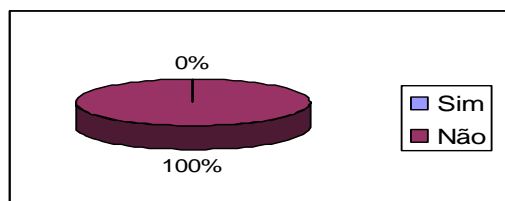
**Gráfico 12** - Se dispõe de visitas com animação ou dramatização. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

Os museus ligados às forças militares não oferecem visitas com animação, mas se considerarmos toda a amostra, a maioria dos museus dispõe desse tipo de visitas (57%). Procura-se cativar e fazer com que a aprendizagem no museu seja uma experiência agradável e divertida, o que é muito importante, dado que, como destacamos no capítulo anterior, o envolvimento emocional facilita a aprendizagem. Gunnestad (2003) defende que a forma preferencial para aprender é sempre a lúdica. Apresenta resultados duráveis e proporciona memórias significativas.

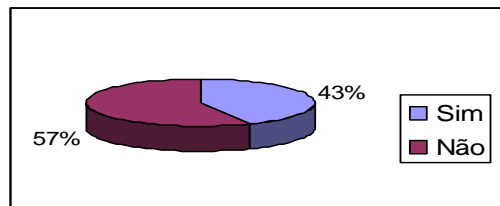
**Quadro 12 - Se contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		3
Outros	Sim	3
	Não	1
Total	7	





**Gráfico 13** - Se contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.

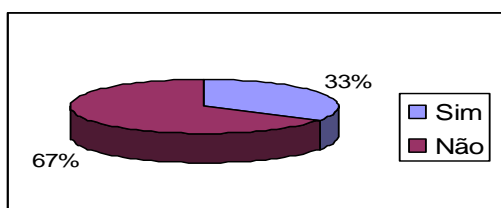


**Gráfico 14** - Se contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

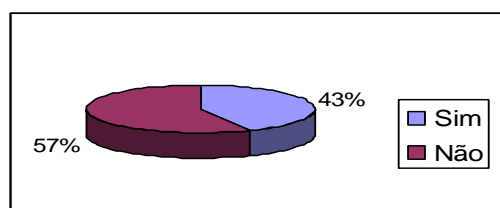
A maior parte dos museus não procura profissionais exteriores à instituição para as actividades de animação (57%), embora um número significativo o faça (43%). Em grande parte dos museus, mesmo os que têm actividades de dramatização, é a própria equipa dos serviços educativos que assume essa tarefa. No caso dos museus ligados às forças militares, verificamos que nenhum o faz, até porque também não oferecem esse tipo de visitas ou actividades.

**Quadro 13 - Se tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
	Não	2
Outros	Sim	2
	Não	2
Total	7	



**Gráfico 15** - Se tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.



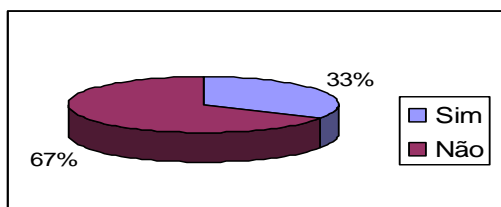
**Gráfico 16** - Se tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

Na maioria dos casos também não têm acordos com grupos de animação cultural exterior, quer se trate de museus de carácter militar (67%), ou da totalidade da amostra (57%). Apenas em alguns casos, e de forma pontual, se recorre a grupos de animação cultural

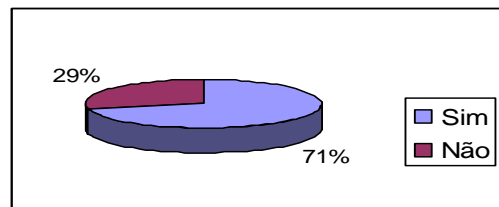
exterior. Os museus procuram levar a cabo as suas actividades com os recursos humanos de que dispõem, dado que o recurso frequente a esses grupos teria certamente custos elevados, que os museus não conseguem suportar.

**Quadro 14 - Se tem ‘ateliers’ ou oficinas educativas.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		2
Outros	Sim	4
	Não	0
Total	7	



**Gráfico 17** - Se tem ateliers ou oficinas educativas. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares.**

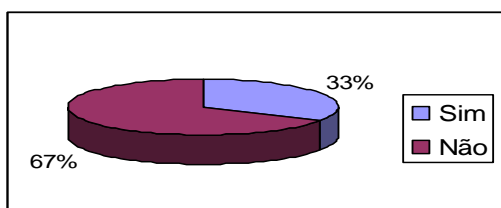


**Gráfico 18** - Se tem ateliers ou oficinas educativas. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus.**

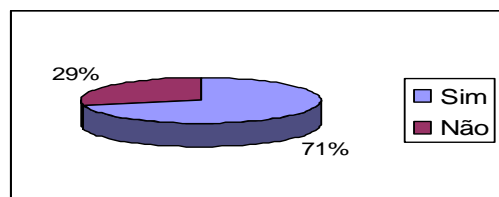
Nos museus ligados às forças militares a maioria não dispõe de ‘ateliers’ ou oficinas educativas (67%), ao contrário dos restantes museus da amostra, que procuram oferecer às escolas uma oportunidade para experimentar o saber e aprender pela acção, ao mesmo tempo que promovem a cooperação e o espírito de comunidade. No capítulo um, mostramos como estas actividades podem ser importantes para os estudantes, através de Jean Piaget e de Célestin Freinet. Piaget (1968), defende que o processo cognitivo é um processo activo e interactivo entre a pessoa e o meio e que o construir, manipular, descobrir, e partilhar experiências, estimula o desenvolvimento cognitivo. Freinet (1973), na mesma linha de pensamento, preconiza uma pedagogia activa, com destaque para as actividades manuais e experiências em cooperação e interacção.

**Quadro 15 - Se o aluno visitante pode manipular/experimentar.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		2
Outros	Sim	4
	Não	0
Total	7	



**Gráfico 19** - Se o aluno visitante pode manipular/experimentar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.

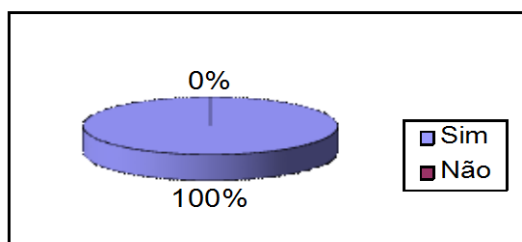


**Gráfico 20** - Se o aluno visitante pode manipular/experimentar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.

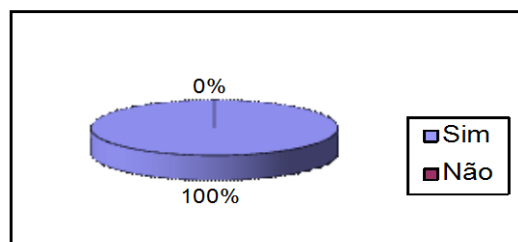
Na maior parte dos museus ligados às forças militares (67%) não são criadas condições para a manipulação de objectos durante a exposição. No entanto, para um estudante poder entrar num avião, num tanque de guerra, ou colocar uma máscara de gás, seria um momento inesquecível. Julgamos que estes museus poderiam usar réplicas ou peças das reservas para o efeito. Nos restantes museus da nossa amostra já existe essa preocupação. Se considerarmos a totalidade da amostra verificamos que é o que acontece em 71 % dos museus. Devemos ter sempre presente que o manuseamento dos objectos é uma tendência inata dos seres humanos, que facilita a interiorização da informação. Piaget (1968) fala da importância do contacto físico e defende que o desenvolvimento cognitivo depende da acção. Como vimos no capítulo anterior, está comprovada a importância do manuseamento dos objectos na própria estruturação do pensamento e no desenvolvimento do raciocínio.

**Quadro 16 - Se o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		-
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 21 - Se o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. Respostas em percentagem dos museus ligados às forças militares.**

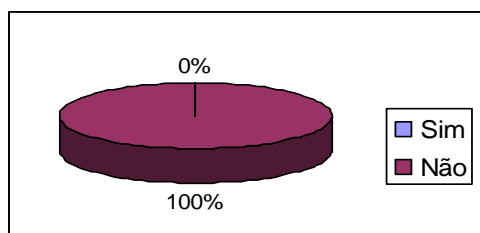


**Gráfico 22 - Se o aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. Respostas em percentagem da totalidade dos museus.**

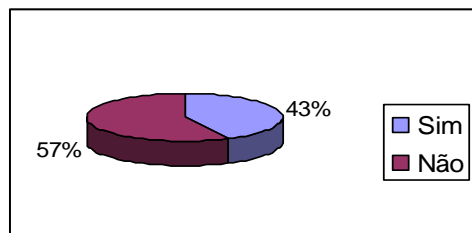
Em todos os museus da amostra, já se percebeu a importância do diálogo e da problematização como a forma mais eficaz para aprender, evitando-se os discursos pré-elaborados, que conduzem à passividade e desmotivação. Paulo Freire (1992), defende que apenas se contribui para uma educação global do indivíduo, que é aquela que prepara para a apreensão crítica do saber e para a intervenção social, se a educação se fizer no diálogo e na reflexão crítica. É essa educação que também defendemos. Pensamos, como Paulo Freire (1992), que a construção do saber se deve fazer em diálogo, assente no pleno respeito pelo estudante e na troca de saberes e experiências, partindo-se dos conhecimentos deste.

**Quadro 17 - Se faz concursos destinados às escolas.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		3
Outros	Sim	3
	Não	1
Total	7	



**Gráfico 23** - Se faz concursos destinados às escolas. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.

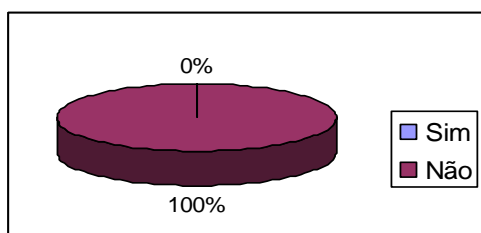


**Gráfico 24** - Se faz concursos destinados às escolas. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

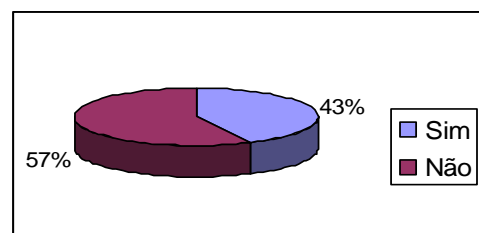
Os museus ligados às forças militares não fazem concursos destinados às escolas. Mas dos restantes museus da amostra apenas um deles não os inclui na sua oferta educativa, embora no âmbito da totalidade da amostra ganhe relevo a ausência dos concursos escolares (57%). Os concursos são actividades muito motivadoras, já que trabalhar para alcançar um objectivo atractivo, como um prémio, com base em regras previamente definidas, possibilita que os estudantes se norteiem num percurso que leva a uma meta muito clara, facto que aumenta a sua motivação (Bahia, 1999). Julgamos que podem constituir um bom instrumento de educação patrimonial e de aprofundamento da relação com a escola e com a comunidade envolvente.

**Quadro 18 - Se faz exposições nas escolas.**

Respostas	Número	
	Sim	Não
Museus ligados às Forças Militares	Sim	-
	Não	3
Outros	Sim	3
	Não	1
Total	7	



**Gráfico 25** - Se faz exposições nas escolas. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.

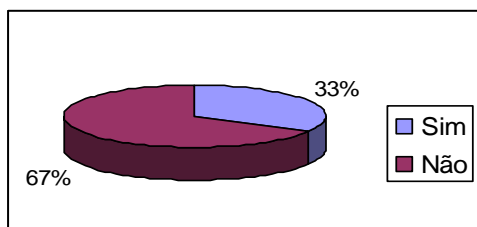


**Gráfico 26** - Se faz exposições nas escolas. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

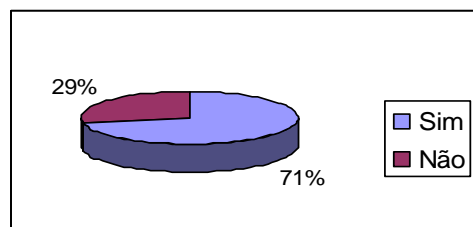
Nenhum museu militar faz exposições nas escolas. Quanto aos outros museus da amostra, a maioria leva exposições às escolas, embora em termos de totais se imponha a resposta negativa (57%). As exposições itinerantes trazem vantagens para as escolas, na medida em que permitem o acesso de toda a comunidade escolar aos conteúdos do museu sem que tenham de sair do seu espaço físico, mas também para o museu, que dessa forma divulga as suas acções, cativa público e exerce a sua função educativa e social.

**Quadro 19 - Se tem maleta pedagógica.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		2
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 27** - Se tem maleta pedagógica. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.

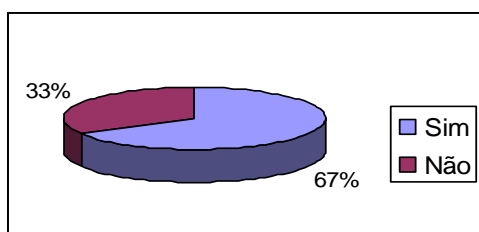


**Gráfico 28** - Se tem maleta pedagógica. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

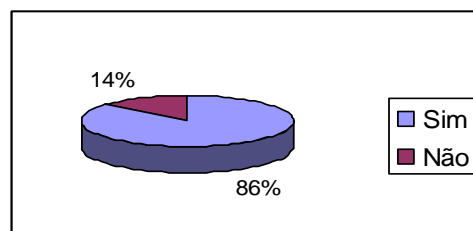
A maioria dos museus ligados às forças militares não possui maletas pedagógicas (67%), mas no âmbito geral da amostra, a maior parte (71%) dispõe dessas maletas, que permitem trabalhar os conteúdos em sala de aula. Constitui uma forma de, sem sair da escola, explorar e trabalhar conteúdos do museu que estão directamente ligados aos currículos escolares. Podem até servir como forma de preparação da visita ao museu.

**Quadro 20 - Se desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		1
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 29** - Se desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.

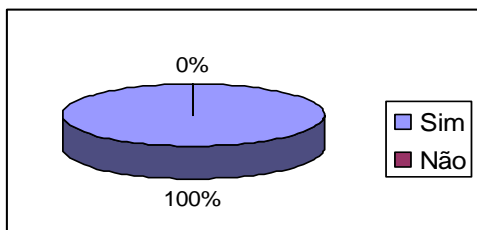


**Gráfico 30** - Se desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

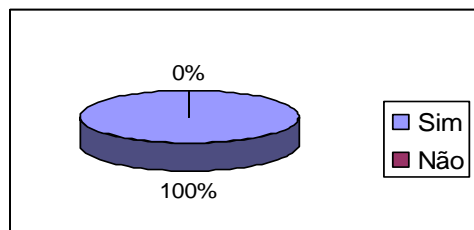
Apenas um museu do nosso estudo, ligado às forças militares, refere não desempenhar papel relevante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. As restantes instituições museológicas da nossa amostra consideraram desempenhar, nesse domínio, um papel importante. Encontram temáticas nos programas escolares que podem explorar nos museus em colaboração com os professores, tornando a aprendizagem mais fácil e motivadora para os alunos.

**Quadro 21 - Se desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo.**

Respostas	Número	
	Museus ligados às Forças Militares	Sim
Não		-
Outros	Sim	4
	Não	-
Total	7	



**Gráfico 31** - Se desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. Respostas em percentagem dos **museus ligados às forças militares**.

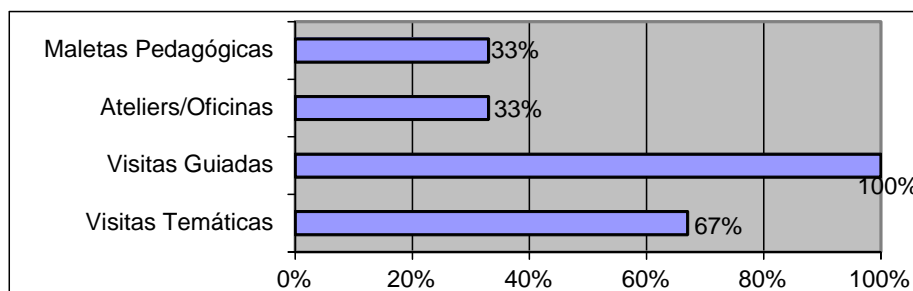


**Gráfico 32** - Se desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. Respostas em percentagem da **totalidade dos museus**.

Todos os museus estudados consideram desempenhar papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. É importante que o museu assuma esse papel. Entendemos que os museus, juntamente com as escolas, devem assumir responsabilidades na divulgação do conhecimento, mas também na afirmação da nossa identidade cultural e na formação de cidadãos críticos e intervenientes.

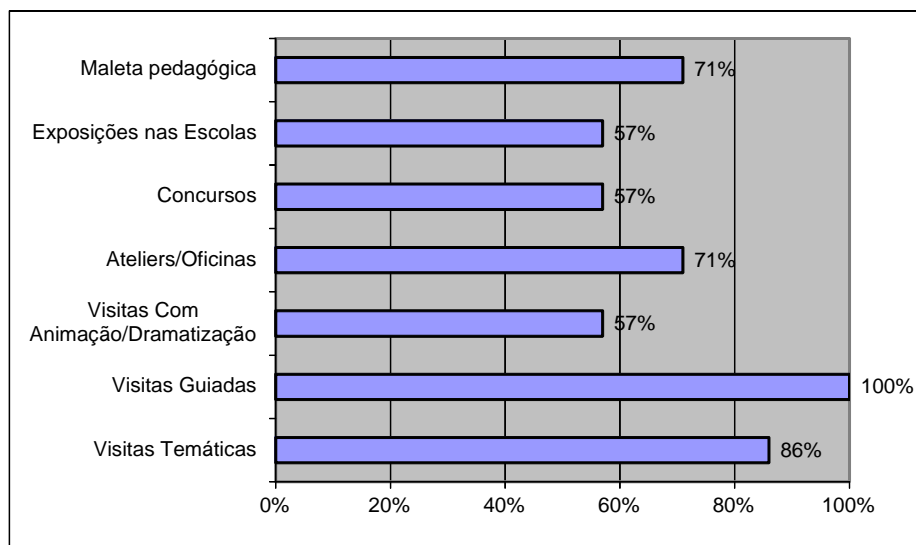
**Quadro 22 - Actividades/recursos dos museus em estudo para o público escolar**

Actividades/Recursos	Três Museus Militares	Totalidade dos Sete Museus
	Número	Número
- Visitas Temáticas	2	6
- Visitas Guiadas	3	7
- Visitas com animação/dramatização	-----	4
- ‘Ateliers’/Oficinas	1	5
- Concursos	-----	4
- Exposições nas escolas	-----	4
- Maletas Pedagógicas	1	5



**Gráfico 33** - Actividades/recursos dos **museus militares** em estudo para o público escolar





**Gráfico 34** - Atividades/ recursos da **totalidade dos museus em estudo** para o público escolar

Os Museus Militares têm uma oferta de actividades para as escolas bastante mais reduzida que as restantes instituições museológicas do estudo. Todos os museus militares do estudo dispõem de visitas guiadas, um número significativo oferece também visitas temáticas (67%), mas apenas um museu (33%) tem maletas pedagógicas e ‘ateliers’ ou oficinas.

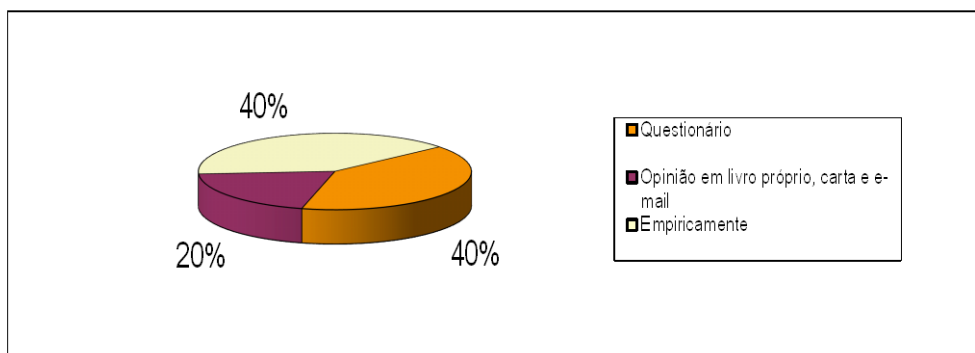
As actividades mais oferecidas pelos museus, no tocante à totalidade da nossa amostra, são as visitas guiadas (100%), seguidas das visitas temáticas (86%). A seguir estão os ‘ateliers’/oficinas (71%) e as maletas pedagógicas (71%), e depois, com igual percentagem estão as visitas com animação/dramatização, os concursos, e as exposições itinerantes para as escolas (57%).

A experiência, enquanto professora, levam-me a pensar que as visitas das escolas ao museu não devem assumir um carácter excessivamente expositivo, porque os alunos aborrecem-se e distraem-se com facilidade, perdendo parte da informação. Muitos museus têm, por isso, procurado ir para além das simples visitas guiadas, diversificando a sua oferta com actividades que auxiliam a aprendizagem e ao mesmo tempo estimulam a criatividade e facilitam a criação de relações com os objectos e com os conteúdos das exposições.

Os concursos, as maletas pedagógicas e as exposições itinerantes, inserem-se em políticas de divulgação dos museus e aproximação às escolas.

**Quadro 23 – Como avalia o grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo museu.**

Respostas	Número
Questionário	2
Opinião em livro próprio, carta e ‘e-mails’	1
Empiricamente	2

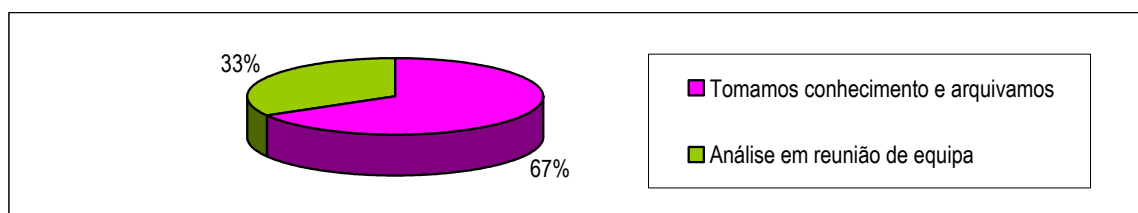


**Gráfico 35 - Como avalia o grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo museu.**

No caso dos cinco museus com serviços educativos organizados procuramos entender como era feita a avaliação do seu trabalho com as escolas. Como se pode observar, a maior parte (60%) usa instrumentos de medição. Opta, nesse sentido, por questionários aos professores (40%), e pela recolha de opiniões em livro próprio, carta ou ‘e-mail’ (20%). No entanto, parte significativa destas instituições procede a uma avaliação meramente empírica (40%), assente na observação e na frequência com que as escolas visitam o museu.

**Quadro 24 - Como trabalha os instrumentos de medição.**

Respostas	Número
Tomamos conhecimento e arquivamos	2
Análise em reuniões de equipa	1



**Gráfico 36 - Como trabalha os instrumentos de medição.**

Dos museus que utilizam instrumentos para verificar o grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar, 67% toma conhecimento e arquiva. Apenas num caso (33%) os dados são analisados e discutidos. Pensamos que é importante uma avaliação rigorosa de forma a melhorar práticas e a corresponder cada vez melhor às expectativas e interesses do público escolar. Só dessa forma será possível uma relação cada vez mais próxima com as escolas.

### **2.2.9 - Conclusões do Estudo**

Seria abusivo a partir deste estudo, assente numa amostra reduzida, de apenas sete museus, fazer generalizações. Para isso seria necessário uma amostra maior, assim como uma análise mais aprofundada. Desde o início atribuímos a este estudo um carácter meramente exploratório, que apenas nos permitiria ter uma visão mais abrangente do panorama museológico em Portugal, no que diz respeito à relação entre a escola e o museu.

Os resultados obtidos confirmam as premissas de que partimos, já explicitadas na introdução deste trabalho, quando abordamos as questões metodológicas. Partimos das premissas, assentes na nossa percepção sobre a realidade museológica, de que, os museus e as escolas privilegiam a permuta de informação e a planificação conjunta das visitas; os museus apresentam um variado leque de actividades que vão de encontro às necessidades e expectativas do público escolar; os museus com serviços educativos estruturados conseguem responder melhor às necessidades do público escolar; os museus assumem na sua relação com as escolas o seu papel educativo e social.

Verificamos, efectivamente, a partir dos inquéritos e das entrevistas, que a maior parte dos museus prepara as visitas de estudo em articulação com os professores e educadores (71%), fornecendo-lhes materiais (86%), apesar de poucos museus se deslocarem às escolas (43%). Apuramos que a maioria dos museus procura apresentar uma certa diversidade de actividades (71%) que dêem resposta às necessidades das escolas e expectativas do público escolar, e que são os museus com serviços educativos organizados que melhor o conseguem fazer; conseguindo uma maior cooperação com os professores, nomeadamente, usando a internet na divulgação das suas propostas. Somente dois museus (29%) têm entre a sua oferta educativa apenas visitas guiadas, e trata-se dos únicos museus da nossa amostra que não dispõem de serviço educativo.

Na sua maioria os museus parecem ter assumido o seu papel educativo e social, ao procurarem contribuir, por um lado, para o desenvolvimento de capacidades, exortando o estudante a pensar, dialogar (100%), partilhar e agir (71%), e por outro lado, para a aprendizagem dos conteúdos escolares (86%), através, especialmente, das visitas temáticas (86%), das oficinas/'ateliers' (71%) e das maletas pedagógicas (71%), ligados aos currículos escolares. O facto de todos os museus estudados (100%) considerarem que desempenham um papel relevante no desenvolvimento global do indivíduo, mostra que essa preocupação está presente, mesmo nos casos em que essa relação com as escolas não é tão próxima.

Relativamente à oferta educativa para as escolas, destacam-se as visitas guiadas (100%) e temáticas (86%); seguem-se os 'ateliers' (71%) e as maletas pedagógicas (71%); e depois, as visitas com animação ou dramatização (57%), os concursos (57%), e as exposições itinerantes (57%), com menor expressividade.

As visitas orientadas, são cada vez mais preparadas em termos temáticos, incidindo sobre conteúdos específicos relacionados com as colecções, ou partes das colecções. São os casos por exemplo de, 'Anúbis, o Deus Mumificador', 'A escrita Hieroglífica', ou 'O Legado de Thot', no Museu Nacional de Arqueologia; 'Introdução ao Museu do Trabalho' e 'Mundo Rural', no Museu do Trabalho Michel Giacometti; ou 'Descobrimientos Marítimos Portugueses' e 'Instrumentos Náuticos', no Museu da Marinha.

A oferta de oficinas ou 'ateliers', que se considera das actividades que promovem um maior envolvimento afectivo dos visitantes, é também significativa como verificamos. Destacamos os casos, a título de exemplo, de 'Os Signos Sagrados' e da 'Mumificação', no Museu Nacional de Arqueologia, já descritos no quadro 4, em que no primeiro caso, os alunos abordam a escrita hieroglífica de forma lúdica com exercícios práticos, no segundo caso, são levados a criar uma réplica de uma múmia de falcão; dos 'Instrumentos Náuticos' e da 'Bússola', no Museu da Marinha, no qual, como também já descrevemos no quadro 1, os estudantes manipulam réplicas desses instrumentos numa espécie de dramatização, aprendendo como funcionavam, ou constroem eles próprios uma bússola; de 'Como se faz uma Bandeira' e '...Acrescenta um ponto!', no Museu da Presidência, onde, como está descrito no quadro 2, as crianças são colocadas a reflectir sobre a sua identidade, no âmbito de

uma actividade prática que é fazer a bandeira nacional, ou são desafiadas a recrear ou desenhar um dos vários contos tradicionais recolhidos pelo Presidente Teófilo Braga<sup>23</sup>.

Nota-se que tem vindo também a aumentar a oferta de maletas pedagógicas. Alguns exemplos destas maletas são: Maleta do sal, Maleta do Mundo Rural, Maleta do Brinquedo e Maleta dos Médicos, no Museu do Trabalho. Sem que os alunos se precisem de deslocar ao museu, as temáticas do museu, que também fazem parte dos programas escolares, são levadas à escola, através dessas maletas. Incluem réplicas de peças para os alunos poderem manipular e jogar, com orientações para os docentes, promovendo aquela aprendizagem mais prática e lúdica que defendemos no capítulo anterior.

A maioria dos museus estudados procura possibilitar aos alunos a manipulação e a experimentação (71%). E também proporcionar durante as visitas momentos de animação ou dramatização (57%), embora poucos contratem profissionais exteriores ao museu (43%), ou tenham acordos com grupos de animação cultural exterior (43%), utilizando para o efeito os seus próprios recursos.

O objectivo de todas estas iniciativas é promover, de acordo com o que defendem os teóricos da educação, uma pedagogia activa, assente numa aprendizagem pela descoberta, em diálogo e em cooperação, estimulando a iniciativa e a criatividade. É o que preconizam os autores que abordamos no primeiro capítulo, particularmente Jean Piaget, Célestin Freinet e Paulo Freire.

Destacamos, ainda, o facto de cada vez mais surgirem museus que fazem incidir as suas actividades sobre as colecções, em relação às quais têm a obrigação de pesquisa, conservação e divulgação, mas também, sobre os patrimónios imóveis, paisagísticos e imateriais que se inserem no território da sua influência. Realçamos aqui, mais uma vez, o caso do Museu do Trabalho que oferece visitas orientadas ao Bairro das Fontainhas, à Lota, aos Barcos, ao Mercado e ao Centro Histórico. Abre-se ao exterior, estendendo a sua acção ao território e trabalhando o património na sua globalidade.

A maioria dos museus estudados tem serviços educativos estruturados (71%). Existe, contudo, um número significativo de museus sem este sector (29%) e com uma parca oferta de actividades para o público escolar (29%).

---

<sup>23</sup>Teófilo Braga além de Presidente da República, foi também escritor. Neste âmbito, procedeu à recolha de contos tradicionais portugueses que resultou na sua obra 'Contos Tradicionais do Povo Português' (1883). A obra inclui vários contos, como 'O sal e água', 'O aprendiz de Mago', entre outros. O museu vai trabalhando esses contos com os alunos.

Os museus estudados que não têm serviços educativos organizados, limitam-se a oferecer visitas guiadas, sem qualquer intervenção ao nível da educação não formal. Entendemos que é urgente a criação destes serviços em todas as instituições museológicas. Provavelmente, também a criação de programas contínuos de actividades diversificadas, em articulação com os currículos escolares, assim como, um papel mais activo na promoção e consolidação das relações com as escolas, através de permuta de informações e acções de divulgação das suas ofertas educativas, traria ainda mais público estudantil a esses museus, e contribuiria para uma maior eficácia das visitas de estudo nesses espaços. A generalização de determinadas práticas como concursos para as escolas, maletas pedagógicas, exposições itinerantes e temporárias, palestras, oficinas, ‘workshops’, história ao vivo e clubes científicos, poderão ser uma excelente forma de levar o museu à escola.

Julgamos também fundamental uma avaliação sistematizada do grau de satisfação e de aprendizagem dos estudantes, nas actividades desenvolvidas nos museus, igualmente substancial para uma boa articulação entre os museus e a escola.

A maior parte das instituições que estudamos e que têm serviços educativos procuram fazer uma avaliação (60%), mas esta não é uma avaliação sistematizada, revelando que neste domínio ainda há muito por fazer. Apenas num dos museus os dados obtidos através dos instrumentos de avaliação são analisados e discutidos. Será provavelmente necessário, apesar das condicionantes em termos de recursos humanos, encontrar uma forma objectiva e quantificável de verificar o grau de satisfação dos públicos.

No caso dos museus que estudamos ligados às forças militares, parece-nos que a maioria está ainda muito ligada à museologia tradicional, estática, praticada no interior de um edifício com objectos e para um público específico. A maior parte não tem serviço educativo (67%) e apenas faz visitas guiadas (67%); fornecendo materiais aos professores e educadores para a sua preparação (100%). Faltam actividades diversificadas que vão de encontro às necessidades das escolas e da comunidade, que fomentem, para além do pensamento crítico e do diálogo, a acção e a descoberta, contribuindo de forma mais profunda para a formação integral dos futuros cidadãos.

Apesar de, segundo as informações obtidas junto dos responsáveis, todos estes museus de carácter militar se preocuparem em fomentar o diálogo e o raciocínio, na maioria, não existem ‘ateliers’ (67%), maletas pedagógicas (67%), exposições itinerantes (100%) ou concursos para as escolas (100%); nem se pode experimentar o saber ou manipular objectos

(67%). A maior parte considera, no entanto, desempenhar um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares (67%) e na formação integral do indivíduo (100%), e divulga as suas actividades para as escolas através dos seus 'sites', fornecendo também aí materiais para apoio às visitas de estudo escolares.

Da totalidade dos sete museus estudados, quatro divulgam as suas actividades para as escolas através dos seus 'sites'. Os 'sites' mais completos são os do Museu da Marinha, do Museu de Arqueologia e do Museu da Presidência. Estes três sites, apresentam a oferta educativa para as escolas e explicitam a faixa etária, ou o nível escolar, a que se destinam as suas actividades. O Museu da Marinha, além dessa informação, fornece documentação e recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares.

No respeitante às estratégias de divulgação e difusão dos museus junto das escolas, parece-nos que estas não têm merecido a suficiente atenção da parte dos mesmos. Pensamos que é preciso investir mais nos cartazes e folhetos, enviando-os para as escolas e para os centros de formação de professores, mas ir para além destes. A internet é um excelente meio de divulgação que ainda é usada de forma limitada e da qual os museus podem tirar maior benefício.

Uma maior eficácia das políticas de divulgação e difusão de qualquer museu passará certamente por aproveitar as potencialidades da Internet, utilizando os 'sites' para, de forma mais rápida, chegar ao público escolar, divulgando de forma mais abrangente a sua oferta educativa anual, actividades e materiais didácticos.

Ainda que sem o rigor dos dados estatísticos, mas apenas com base no que observamos, pudemos concluir que a maioria dos museus organizam as suas actividades para as escolas de acordo com os diferentes ciclos escolares, sendo dominante a oferta para o 1º e 2º Ciclos, menos para o 3.º Ciclo, e pouca para o Ensino Pré-Escolar e para o Ensino Secundário. Pensamos que se deve aumentar a oferta de actividades para os alunos do 3º Ciclo, do Ensino secundário e do Pré-Escolar, uma vez que também estes fazem parte do público dos museus e apreciam dinâmicas inovadoras que os ajudem a aprender melhor.

Em termos globais, parece-nos que ainda não existe uma colaboração efectiva, dinâmica e regular entre os museus e as escolas, embora existam casos de grande empenhamento.

Dos museus estudados destacamos como exemplos de dinamismo o Museu do Trabalho, o Museu de Arqueologia e o Museu da Presidência. Apresentam uma oferta

educativa variada, dispondo, designadamente, de várias visitas temáticas com animação e diversas oficinas educativas, deslocam-se às escolas, possuem maletas pedagógicas, e promovem concursos escolares.

Parece-nos essencial que estes, e todos os outros museus, continuem a apostar na diversificação de formas de intervenção e de comunicação, com uma oferta atractiva e variada que vá ao encontro das expectativas, interesses e necessidades do público escolar.



## **Capítulo 3**

### **O Museu da Guarda**

### 3.1 – Missão do Museu

A Guarda Nacional Republicana, com uma tradição histórica de mais de 200 anos, possui uma vasta variedade de objectos históricos, que importa preservar, conservar, estudar e divulgar. Nesta perspectiva, o Museu da GNR, está a ser implementado de acordo com as orientações do ‘Internacional Council of Museums’ (ICOM) e em consonância com os princípios da política museológica nacional, no sentido de contribuir “para a protecção e valorização dos bens culturais com relevância histórica existentes, bem como a sua disponibilização ao público em geral.” (Guarda Nacional Republicana [GNR], 2006b, p.3)

A criação do Museu da Guarda Nacional Republicana, contemplada desde 1983 no Decreto de Lei nº. 333/83 de 14 de Julho, tem como objectivos primordiais, o inventário, estudo, conservação e divulgação de todo o espólio, directa ou indirectamente relacionado com a história da Guarda Nacional Republicana e suas antecessoras, promovendo o diálogo com o meio, e a cooperação com instituições públicas e privadas.<sup>24</sup>

A missão do Museu será contribuir para a divulgação da história da GNR, e de parte importante da História de Portugal na qual esta instituição e as que a antecederam desempenharam papel relevante, bem como do próprio edifício que abrigará o museu, o Convento do Carmo, que funciona como aquartelamento da instituição desde 1801. (GNR, 2006b)

Em nosso entender este museu poderá contribuir ainda, através da acção educativa, por um lado, para fomentar comportamentos que contribuam para um ambiente mais seguro, em

---

<sup>24</sup> O Decreto de Lei nº. 333/83 de 14 de Julho apresenta como objectivos: “a. Garantir a protecção e valorização dos bens culturais com relevância histórica, cultural ou científicos existentes na GNR, enquanto fundamento da memória colectiva e individual, aplicando-lhes acções de inventário, registo, conservação, investigação e divulgação; b. Criar um lugar de conhecimento e divulgação pública da história da Instituição, com fins pedagógicos e informativos, a partir de uma exposição cuidada do espólio existente, garantido o cumprimento das respectivas atribuições, no reconhecimento de que os museus revestem a natureza do serviço público; c. Promover a aquisição de obras de arte que complementem o acervo temático, enriquecendo e ilustrando a história institucional; d. Promover um espaço de representatividade institucional dinâmico, dialogante com o meio, um verdadeiro centro irradiador de cultura, em que o público está presente como parte integrante; e. Promover formas de cooperação inovadoras entre instituições públicas e privadas, com destaque para outros museus com temáticas análogas e organismos vocacionados para a investigação, designadamente estabelecimentos de investigação e ensino superior, ao nível da colaboração científica e técnica, da permuta de conhecimentos e da realização de trabalhos de investigação histórico - militar, recorrendo, para esse efeito, ao trabalho desenvolvido pelo Arquivo Histórico, Biblioteca e Museu da Guarda, nas áreas documental, fotográfica e museológica; f. Divulgar e disponibilizar informação relativa ao museu e ao acervo afecto via Internet, através do site da Guarda Nacional Republicana.” (GNR, 2006b, p. 3-4)

casa, na rua, na estrada, e, por outro lado, para promover uma maior proximidade dos militares da Guarda aos cidadãos em geral, desenvolvendo actividades que concomitantemente favoreçam e incentivem o exercício da cidadania; concorram para a formação integral do indivíduo; para a preservação do património histórico e ambiental; para o civismo; para os direitos humanos e para a inclusão social.

Segundo o programa museológico, produzido pela Guarda Nacional Republicana em 2006, pretende-se que seja um espaço “dinâmico, interactivo, pedagógico e dialogante com o visitante” (GNR, 2006b, 10). Defende-se mesmo o diálogo com o meio afirmando-se:

“Contrariamente aos museus da antiguidade que se edificavam num isolamento elitista que só permitia o acesso condicionado, o museu da GNR pretende abrir-se à sociedade, criando um discurso ambivalente, deliberadamente interrogativo e abrangente que permita uma maior heterogeneidade possível de interpretações, em prol de um público amplo e díspar, com níveis de formação, faixas etárias e interesses diversificados.” (GNR, 2006b, p. 12)

Os militares da Guarda são, ainda, por vezes, apenas vistos como agentes de repressão e de imposição da ordem. Julgamos que o museu pode contribuir para desmistificar esta imagem, se a sua acção junto da comunidade for efectivamente eficaz no sentido de uma aproximação às populações.

### **3.2 - Acervo e Estrutura Nuclear do Museu**

O acervo é constituído pelo próprio edifício do Convento do Carmo, onde será instalado o museu, e por cerca de oitocentos e vinte e cinco artefactos, compreendendo um

“período temporal denso com inícios em finais do século XIV até à actualidade, abrangendo as áreas temáticas das Artes Plásticas, Fotografia, Instrumentos de Fiscalização e Controlo de Tráfego Marítimo e Terrestre, Utensílios Domésticos, Elementos Topográficos, Mobiliário, Fardamento e Acessórios, Armamento e Acessórios, Veículos, Documentação Escrita/Publicações, Medalhas/Condecorações, Peças Decorativas, Instrumentos de Música, Estandartes/Guiões/Brasões, Acessórios de Cavalaria, Aparelhos de Transmissão, Material de Socorro/Assistência Médica, Instrumentos de Medição/Peso/Orientação e Observação, Ofícios vários, Material de Escritório/Secretaria, Placas de Identificação de Posto, Equipamento de Estrada, Objectos de Iluminação e Material de Investigação Criminal, sendo, portanto, um museu especializado na área de história militar, mas com temáticas e vocações interdisciplinares.” (GNR, 2006b, p. 7)

Esta diversidade de artefactos e de temáticas levaram à organização do museu por núcleos: núcleo do Convento do Carmo e de D. Nuno Álvares Pereira; núcleo da Guarda Real de Polícia; núcleo das Guardas Municipais; núcleo da Guarda Republicana e da Guarda

Nacional Republicana; núcleo do Ambiente, Protecção e Socorro, e Cinotécnia; núcleo do Serviço Policial e de Investigação Criminal; núcleo da Cavalaria; núcleo da Banda de Música; núcleo da Guarda Fiscal; núcleo de Serviços e Ofícios; núcleo do Armamento e Fardamento; recriação de Posto da Guarda dos anos 40/50; núcleo do 25 de Abril de 1974; núcleos dos Comandantes Gerais e dos Militares da Guarda; núcleo da Segurança Rodoviária; e núcleo dos Veículos.

Os núcleos sobre os quais incidem as nossas propostas de actividades para os alunos do 7º e 9º anos de escolaridade da Escola Básica 2, 3 Jorge de Barros são os que seguidamente caracterizamos.

### **3.2.1 - Núcleo do Convento do Carmo e de D. Nuno Álvares Pereira**

#### **3.2.1.1 - Dados Históricos Sobre o Convento**

A construção deste Convento, de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Vencimento do Monte do Carmo, que actualmente constitui o principal ‘ex-libris’ do terramoto, teve início em 1389, por iniciativa de D. Nuno Álvares Pereira, como cumprimento de um voto religioso, no seguimento das vitórias nas Batalhas de Aljubarrota e de Valverde, em 1385. O monumento construído em frente ao Castelo de S. Jorge, sede do poder real, no final do século XIV, é do estilo gótico mendicante<sup>25</sup>. As obras foram concluídas em 1392. Nesse mesmo ano, D. Nuno Álvares Pereira, convidou os frades carmelitas a ingressar no convento. (Cardoso, 2002)

Em 1834, com a extinção das ordens Religiosas em Portugal e a expulsão dos frades do edifício, o convento foi formalmente extinto. Caiu ‘o Carmo e a Trindade’, como dizia a população.

Até 1845, o edifício para além de sede da Guarda Municipal de Lisboa foi também sede da primeira Associação de Farmácias em Portugal, tribunal, ‘Aula da Sociedade Instrução Primária’, estância de madeiras, depósito de armas e vazadouro público. A partir de 1845, tornou-se exclusivamente sede do Comando da Guarda Municipal de Lisboa e depois do Comando Geral das Guardas Municipais. A partir de 1910, e até aos dias de hoje, manteve-se como sede do Comando Geral da Guarda Nacional Republicana. (GNR, 2009). A Igreja

---

<sup>25</sup> O termo gótico mendicante refere-se à arquitectura gótica praticada pelas ordens mendicantes - franciscanos e dominicanos - durante a Idade Média.

desde 1864 serve simultaneamente de sede dos Arqueólogos Portugueses e de Museu Arqueológico.

Da construção inicial do convento pouco resta, devido às várias obras de ampliação que se seguiram, nomeadamente, após o primeiro quartel do século XVI e, especialmente, devido à destruição provocada pelo Terramoto de 1755. Com este, e o incêndio que se seguiu, o edifício sofreu grandes estragos que derrubaram quase por completo a igreja e deixaram em ruínas o convento. Foi depois parcialmente reconstruído, mas o desabamento fora muito grande. O traçado primitivo do convento pode ser verificado em duas gravuras da autoria de Debríe, inseridas na *Crónica dos Carmelitas de Frei Pereyra de Sant'Anna*, datada de 1745. (Pereira,1994)

O edifício foi palco de vários acontecimentos históricos, designadamente várias quedas de governos.

### **3.2.1.2 - Estrutura Física do Edifício**

Do antigo convento, pode-se ver, a cela onde faleceu D. Nuno Álvares Pereira, fundador do Convento, reconstituída em 1989<sup>26</sup>, os azulejos seiscentistas da antiga Capela de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Assunção, o portal renascentista da antiga sala do capítulo, os vestígios de dois portais do primeiro piso, a azulejaria do claustro, a capela de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Carmo, duas cisternas de 1742, o relógio sineiro, e os sinos de 1857.

Na Igreja, onde está instalado o Museu Arqueológico, pode-se observar pelo exterior, o portal de seis arquivoltas lisas com capitéis decorados com elementos vegetalistas; a rosácea que encima o portal que se encontra destruída; e a fachada sul da Igreja, que é suportada por cinco arcobotantes. O interior, exhibe três naves e uma cabeceira com capela-mor ladeada por quatro absidiolos de distintas dimensões. O tecto das naves desapareceu com o terramoto de 1755, mas podem-se ver os arcos ogivais transversais que o sustentavam permitindo perceber a inicial estrutura gótica do edifício.

---

<sup>26</sup> Onde se encontram os seus restos mortais num relicário, transladados para a cela em 11 de Fevereiro de 1918, por ocasião da sua beatificação.

### 3.2.1.3 – Dados Históricos Sobre D. Nuno Álvares Pereira

D. Nuno Álvares Pereira, como destaca o historiador Alberto Carvalho(1992), é um dos nomes que está intrinsecamente associado à nossa própria existência nacional. Terá nascido em 24 de Junho de 1360, em local que não é fácil de determinar. Cernache do Bonjardim, concelho da Sertã, e Flor da Rosa, no Crato, são os locais mais citados. De ascendência fidalga, era filho do prior da Ordem do Hospital, Álvaro Gonçalves Pereira, e de Iria Gonçalves do Carvalhal. Com apenas treze anos, entrou para a corte do rei D. Fernando, sendo então escolhido para ser escudeiro da rainha D. Leonor Teles, ao mesmo tempo que aprendia tudo sobre a guerra e as armas com um tio. Pouco tempo depois, em 1373, foi armado cavaleiro em Santarém. Casou em 1376, com dezasseis anos de idade, fixou residência em Cabeceiras de Basto e em 1381 foi nomeado Fronteiro-Mor do Alentejo. (Baker, 2008)

Desempenhou um papel primordial na crise de 1383-1385, onde Portugal lutou pela sua independência contra Castela. Quando o rei Fernando de Portugal morreu em 1383, sem herdeiros, a não ser a princesa Beatriz, casada com o rei João I de Castela, D. Nuno foi um dos primeiros nobres a apoiar as pretensões à coroa de D. João, o Mestre de Avis. Rapidamente entendeu que este, apesar de ser filho ilegítimo de Pedro I de Portugal, aparecia como uma hipótese preferível à perda de independência para os castelhanos. Como salienta o investigador Alberto Carvalho, “vai ser a espada necessária ao triunfo do partido nacional que lutava pela autonomia efectiva. (Carvalho, 1992, p. 56)

Depois da primeira vitória de Nuno Álvares Pereira perante os castelhanos, na Batalha dos Atoleiros em Abril de 1384, onde usou pela primeira vez a tática do combate em ‘Quadrado’, D. João de Avis nomeou-o Condestável de Portugal, Mordomo-Mor do Reino e Conde de Ourém. A 14 de Agosto de 1385 saiu vitorioso também na Batalha de Aljubarrota, o mesmo acontecendo a 2 de Outubro do mesmo ano na Batalha de Valverde, contribuindo para a consolidação da independência portuguesa.

As suas acções vitoriosas e heróicas foram recompensadas por sucessivas doações de terras, privilégios e honrarias da parte do rei. O historiador Borges Coelho refere que Nuno Álvares congregou na sua pessoa além do cargo de Condestável, os condados de Ourém, Barcelos, Arraiolos, Braga, Guimarães, Chaves, Montalegre, Porto de Mós, Almada, Montemor-o-Novo, Évora-Monte, Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Sousel, Alter do Chão,

Monsaraz, Portel, Loulé e muitos reguengos<sup>27</sup> e várias rendas, que chegariam, segundo Fernão Lopes, a uma quantia superior a 16000 dobras. (Borges Coelho, 2004, p. 523)

A 25 de Julho de 1415, este nobre embarcou para a expedição a Ceuta e em 1422 fixou a sua residência no Convento. No ano seguinte, após a morte de sua esposa, renunciou a todos os seus bens e títulos nobiliárquicos e juntou-se à Ordem dos Carmelitas com o nome de Frei Nuno de Santa Maria. A tradição diz que por baixo do hábito de frade, usava o seu arnês de combatente, o que mostra que nunca deixou de ser um verdadeiro guerreiro.

Faleceu em 1 de Novembro de 1431, com 71 anos de idade, na sua pequena cela do convento, na presença do rei e do infante D. Duarte, entre outras figuras da época. Por seu próprio pedido foi sepultado em campa rasa na Igreja do Convento. O rei D. João I sempre considerou que fora Nuno Álvares Pereira, o seu mais próximo amigo, que o colocara no trono e salvara a independência de Portugal. (Baker, 2008)

O túmulo de Nuno Álvares Pereira foi destruído no Terramoto de 1755.

#### **3.2.1.4 - Núcleo Expositivo**

No espaço expositivo dedicado a D. Nuno Álvares Pereira, existirá, entre várias peças, uma réplica contemporânea do seu estandarte; uma escultura do Condestável; a réplica de uma espada dos finais do século XIV, encontrada nos campos de Aljubarrota; excertos do primeiro volume da Crónica de D. João I, de Fernão Lopes; uma gravura do ‘Beato Nuno de Santa Maria’, datada dos inícios da 1<sup>a</sup> República, com bandeira e insígnias da Ordem do Carmo; e além das peças do acervo, uma aplicação interactiva com imagens sobre as Batalhas de Aljubarrota e Valverde, destacando esta figura histórica. (GNR, 2006a)

Na área destinada ao Convento do Carmo, encontrar-se-á um conjunto de peças, gravuras e pinturas relacionadas com o edifício, assim como a recriação parcial de painéis de azulejos seiscentistas pertencentes ao imóvel. O núcleo incluirá também, para um melhor entendimento da edificação, uma maquete do antigo convento e um filme de quatro minutos, com imagens actuais de vários detalhes do edifício. (GNR, 2006a)

---

<sup>27</sup> Reguengos era o nome atribuído às terras do rei.

Neste espaço, será abordada a vida de Nuno Álvares Pereira, e o seu envolvimento na Revolução de 1383-85, bem como a história do monumento, de acordo com o que descrevemos em 3.2.1.3, 3.2.1.1 e 3.2.1.2.

### **3.2.2 - Núcleo da Guarda Nacional Republicana**

#### **3.2.2.1 - Dados Históricos**

Em 1910, no seguimento da Revolução Republicana de 5 de Outubro, foi criada a Guarda Republicana de Lisboa e do Porto. O Artigo 1º do Regulamento diz “ O seu foro é o militar, sendo-lhe por isso aplicáveis as prescrições do Código de Justiça Militar e regulamentos disciplinares do exército.” (como citado em Santos, 1999, p. 186)

Esta força de segurança foi denominada de “transitória” no texto que a constituiu até que a sua sucessora fosse organizada, o que aconteceu com o Decreto de 3 de Maio de 1911, que criou a actual Guarda Nacional Republicana.

A actual GNR, manteve, de uma forma geral, a estrutura da Guarda Republicana, assim como a sua organização e locais de aquartelamento, alterando apenas os comandos que foram entregues a militares da confiança política do novo regime estabelecido. (Regalado, 2006, p. 63)

O seu nome tem raízes numa Guarda criada pelas Cortes, em 18 de Março de 1823, com a designação de Guarda Nacional<sup>28</sup>. Apresentava-se como instituição de manutenção de ordem pública, essencial à consolidação do regime republicano. Em tempo de paz, ficava subordinada ao Ministro do Interior e em tempo de guerra ao Ministério da Guerra. Os seus efectivos tinham deveres e direitos semelhantes aos dos militares do exército activo. A instituição ficava a ser uma alternativa republicana ao quase exclusivismo militar das Forças Armadas, cuja lealdade ao novo regime podia ser posto em causa. (Serrão & Marques, 1991)

Os primeiros anos da república foram de grande instabilidade política e o Quartel do Carmo, sede do Comando Geral da GNR, foi escolhido como refúgio de diversos Chefes de Governo e seus Ministros. Na revolta militar de 14 de Maio de 1915, contra a ditadura do

---

<sup>28</sup>A criação da Guarda Nacional resultou das fortes ameaças ao liberalismo. Apresentava-se como força cívica dependente da nação, e não da coroa, defensora das liberdades cívicas e políticas dos cidadãos. Foi extinta em 1846, pela facção liberal mais moderada que chegou ao poder.



general Pimenta de Castro, foi Quartel-general das forças fiéis ao Governo, tendo-se aí instalado o próprio General Pimenta de Castro e outros membros do Governo, apesar da adesão de uma parte da Guarda à revolta. Em Fevereiro de 1919, o governo de José Relvas também se refugiou no Quartel da Guarda Nacional Republicana no Carmo, vindo mais tarde a demitir-se em bloco.

A GNR por ser considerada essencial em casos graves de alteração da ordem pública, como insurreições contrárias ao regime republicano, foi então profundamente reformada, em termos de efectivos e armamento, pelo Decreto nº 5568 de 10 de Maio de 1919. De acordo com o mesmo decreto, a informação política passava a ser essencial no recrutamento dos seus quadros: “Nenhum oficial será requisitado sem que previamente se inquiria da sua fé republicana e se consultem as respectivas informações anuais dos últimos três anos...” (como citado em Santos, 1999, p. 211)

Em Maio de 1921, há, contudo, uma insurreição de forças da corporação contra o governo ‘Democrático’ de Bernardino Machado. Em Fevereiro de 1922, o Governo ‘democrático’, apoiado pelo exército, desarmou a GNR e procedeu à sua reorganização, através da Lei nº 1242, de 2 de Março, com uma substancial redução dos efectivos, armamento e área de jurisdição da corporação. Decidia-se que ordenada a mobilização do exército, as tropas da GNR ficavam de imediato sob as ordens do Ministério da Guerra por intermédio das divisões do exército, segundo o Decreto nº 8064, de 13 de Março de 1922.

Entretanto, com os problemas económicos e sociais do país a agravarem-se, a Primeira Republica começou a enfrentar a oposição do exército, sem possibilidades de a combater devido à redução de meios a que a GNR havia sido sujeita. Na madrugada de 5 de Março de 1925 o Quartel do Carmo, Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, voltou a acolher o Governo, presidido pelo democrático, Vitorino Máximo Guimarães, e o Presidente da República. Havia uma revolta de algumas unidades do exército, acampadas na Rotunda do Parque Eduardo VII. A partir do Carmo accionaram uma contra ofensiva, com as forças desta corporação, da Guarda Fiscal e restante Exército, levando os revoltosos a renderem-se. Em Julho do mesmo ano ocorreu uma situação semelhante, com o Comandante Mendes Cabeçadas e o Capitão Jaime Baptista a liderar os revoltosos.

No ano de 1926, a 2 de Fevereiro, deu-se mais uma tentativa fracassada de derrube do governo promovida pelo Partido Republicano Radical, obrigando o governo a refugiar-se, uma vez mais, no edifício do Comando-Geral da Guarda. A 28 de Maio de 1926 o regime

republicano democrático, também aí refugiado, foi derrubado por uma força militar saída de Braga comandada pelo general Gomes da Costa, tendo início a Ditadura Militar.

Em Fevereiro de 1927 deu-se uma revolta contra a Ditadura Militar, que então dominava o país, a qual contava em Lisboa, com forças do Exército, da Guarda Nacional Republicana e da Marinha. A revolta ‘democrática’ foi dominada, com oitenta e cinco mortes. As unidades do Exército e da Guarda Nacional Republicana, que total ou parcialmente tomaram parte no movimento revolucionário, foram dissolvidas e todos os sargentos e praças participantes foram afastados. A GNR foi reorganizada, afastando-se os opositores, no sentido de criar uma força de segurança obediente e capaz de eliminar qualquer tentativa revolucionária.

Em Abril de 1931 deu-se a Revolta da Madeira, com repercussões em outros locais do país, desencadeando uma forte repressão às forças de oposição, que não impediu, no entanto, nova tentativa em 26 de Agosto do mesmo ano, obrigando o Governo a acolher-se no Quartel da GNR, no Carmo; entregando o comando das operações ao comandante geral da instituição, general Farinha Beirão. Após nova rebelião em 27 de Outubro de 1933, já no regime constitucional do ‘Estado Novo’<sup>29</sup>, a GNR foi fortalecida em número de efectivos e meios materiais, pelo Decreto nº 23376, de 20 de Dezembro de 1933.

A oposição liberal da Primeira Republica foi desaparecendo, a oposição mais obstinada passa a ser a dos agrupamentos políticos e laborais inspirados no comunismo. Assiste-se, entretanto, a um crescente endurecimento do regime, com a criação do campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, do campo de Cunene, em Angola e dos tribunais especiais, para julgamento de crimes políticos. A Segunda Guerra Mundial veio acentuar a pobreza geral do país. As greves, motins e ocupações de instalações fabris, conduziram a graves confrontos entre as forças de segurança e os operários. Estes problemas laborais, juntamente com a onda de assaltos, e a prospecção de volfrâmio em terrenos alheios, obrigavam a uma constante intervenção da GNR por todo o território nacional, levando o governo, mais uma vez, a aumentar os meios materiais e humanos da corporação, através do Decreto-lei nº 33905, de 2 de Setembro de 1944. (Santos, 1999)

Em Abril de 1961, perante a tentativa de golpe de Estado do general Botelho Moniz, também o ministro do interior e Salazar se refugiaram no Quartel do Carmo. O governo do

---

<sup>29</sup> Regime totalitário de partido único instituído por Salazar, com a organização laboral inspirada no fascismo italiano.

Estado Novo, à medida que perdia o apoio da Igreja e do Exército, apoiava-se claramente nas forças de segurança, e nomeadamente na GNR. Quando na madrugada do dia 25 de Abril de 1974 se deu a designada ‘Revolução dos Cravos’ foi no Quartel do Carmo que este governo, nessa altura presidido por Marcelo Caetano, se voltou a refugiar e foi aqui que se deu a queda da ditadura.

Entretanto, a Guarda voltou a ser reforçada em termos de meios e veio a desempenhar um importante papel na manutenção e restabelecimento da ordem pública na conjuntura extremamente difícil que se seguiu. Na acção militar de 25 de Novembro de 1975, a GNR desempenhou um papel decisivo ao lado dos sectores militares moderados, na resposta às decisões do ‘Conselho da Revolução’<sup>30</sup>.

### **3.2.2.2 - Núcleo Expositivo**

No espaço afecto à Guarda Nacional Republicana, poderemos encontrar uma ampla variedade de peças, nomeadamente, fotografias, emblemas, bandeiras, esculturas, gravuras, acessórios, uniformes, placas de identificação de posto, utensílios ligados à actividade policial, documentação escrita, medalhas e condecorações, peças decorativas e pinturas. Além do acervo documental, estão previstas algumas aplicações interactivas que permitirão ao visitante explorar a evolução dos vários tipos de uniformes existentes na instituição. (GNR, 2006a)

Ao explorar um dos uniformes em exposição, existirá uma projecção multimédia que incide sobre o uniforme escolhido, destacando-o dos outros. O visitante poderá ver-se fardado de forma lúdica e será possível adquirir a sua imagem fardada em suporte papel. (GNR, 2006a)

Existirão, entre vários recursos audiovisuais, dois Filmes de 4 minutos; um com imagens da GNR em missões humanitárias em várias regiões do mundo, e outro com imagens da GNR associadas a outros acontecimentos importantes. (GNR, 2006a)

---

<sup>30</sup> Órgão político e legislativo, que representava o Movimento das Forças Armadas. Tinha competência para licenciar os partidos políticos emergentes e para elaborar reformas na economia. Avançou com as nacionalizações, a Reforma Agrária, e o controlo de várias bases militares, assim como de meios de comunicação social.

Este núcleo permite, através do seu acervo, conhecer a história desta instituição, que tratamos em 3.2.2.1 e cuja abordagem pode constituir um ponto de partida para trabalhar com os alunos.

### **3.2.3 - Núcleo do Ambiente e da Protecção e Socorro**

#### **3.2.3.1 - O Serviço de Protecção da Natureza**

O Serviço de Protecção da Natureza [SEPNA], criado no ano de 2001, tem por missão, de acordo com o Decreto-Lei n.º 22/2006, de 02 de Fevereiro, zelar pelo cumprimento das disposições legais e regulamentares no respeitante à protecção e conservação da natureza e do meio ambiente, incluindo os recursos hídricos, cinegéticos, piscícolas, florestais, ou outros relacionados com a natureza e o ambiente, através do desenvolvimento das seguintes acções: colaborar com as autoridades e organismos respectivos para programar e executar uma política eficaz neste âmbito; fomentar atitudes de respeito pela natureza; proteger o meio ambiente natural, impedindo acções que possam deteriorá-lo; efectuar actividades conducentes a ajudar o normal desenvolvimento da fauna e flora, protegendo as espécies vivas existentes; concorrer para o correcto aproveitamento dos recursos florestais, cinegéticos e piscícolas; colaborar na prevenção de incêndios florestais; controlar o estado de conservação dos recursos hídricos, geológicos e florestais, impedindo qualquer tipo de contaminação, agressão ou aproveitamento censurável; proteger o meio ambiente, vigiando o seu grau de contaminação; proteger e conservar o património histórico e natural; velar pela prática das disposições legais relativas às leis sanitárias; e desenvolver, subsidiariamente, todas as restantes tarefas relacionadas com a missão geral da Guarda. (GNR, 2007)

As áreas de intervenção do Serviço de Protecção da Natureza são a fauna e flora; reservas, parques e florestas; prevenção de incêndios florestais; caça e pesca; contaminação e poluição do meio ambiente no que respeita à atmosfera, água, solo e acústica; ordenamento do território; controlos sanitários; resíduos e substâncias perigosas e proibidas; actividades extractivas; actividades perigosas ou nocivas; turismo e desportos; património histórico e artístico.

O conteúdo da exposição relativo a esta área, está descrito mais à frente em 3.2.3.3, uma vez que no programa museológico (GNR, 2006b), o Serviço de Protecção da Natureza e o Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro fazem parte do mesmo núcleo expositivo.

### **3.2.3.2 - O Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro**

O Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro [GIPS], criado em 2006 através do Decreto-Lei n.º 22/2006, de 02 de Fevereiro, tem como missão específica, de acordo com o referido Decreto-Lei, a execução de acções de prevenção e de intervenção de primeira linha, em todo o território nacional, em situação de emergência de protecção e socorro, designadamente, nas ocorrências de incêndios florestais ou de matérias perigosas, catástrofes e acidentes graves (Magno, 2007). É composto por trezentos e quinze militares equipados com fardamento e equipamentos adequados à sua missão e actua em coordenação com o Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil.

### **3.2.3.3 - Núcleo Expositivo**

Para este núcleo do Museu estão previstas, várias peças e recursos directamente ligados à actividade do Serviço de Protecção da Natureza e do Serviço de Protecção e Socorro. Entre o acervo estarão, entre outros objectos, medidores de ruído e de gases poluentes; instrumentos de recolha de amostras de solo, água e ar, destinadas a laboratório; flâmulas; equipamentos de socorro e fardas. (GNR, 2006a)

O núcleo contará, também, com a exibição permanente de um filme de alta resolução com a duração de quatro minutos, no âmbito da protecção ambiental, da protecção e socorro e da cinotécnia<sup>31</sup>, e entre outros recursos, com uma aplicação informática que permitirá uma pesquisa sobre os temas em referência (GNR, 2006a).

Através do acervo, e com recurso às novas tecnologias, procura-se dar a conhecer aos visitantes a acção destes serviços, e também o seu historial.

---

<sup>31</sup> Cinotécnia designa a ciência responsável pelo estudo dos cães, nos seus vários aspectos, designadamente ao nível dos seus comportamentos e da sua psicologia.

### **3.2.4 - Núcleo do Serviço Policial e de Investigação Criminal**

A investigação criminal é uma das competências da Guarda. Cumpre-lhe, nessa matéria, a investigação de 80% dos crimes tipificados na lei, desde que ocorridos na sua área de jurisdição, ou objecto de delegação pela autoridade judiciária. Dispõe de órgãos próprios dedicados, exclusivamente, às funções de polícia criminal, com meios técnicos para recolha de provas materiais, designadamente, ‘kits’ de vestígios Iofoscópicos, biológicos e não biológicos, bem como meios de comunicação e informação portáteis, e material necessário à fixação de imagens do local do crime, e respectiva revelação. (Alves & Manuel, 2002)

Nos comandos dos Destacamentos Territoriais operam Núcleos de Investigação Criminal vocacionados para a investigação mais complexa, enquanto nos Comandos Territoriais, existem Grupos Especiais de Acção e Pesquisa, que funcionam, com competências legais para investigar crimes relacionados com tráfico e consumo de drogas. Há igualmente uma estrutura própria de investigação relacionada com a criminalidade fiscal e aduaneira.

Para ilustrar as actividades realizadas pelo Serviço Policial e de Investigação Criminal o acervo deste núcleo do Museu é constituído, entre outras peças, por utensílios de investigação, como uma caixa de investigação criminal em madeira; recursos para recolha de impressões digitais; e um ‘Kit’ de elementos narcóticos. (GNR, 2006a)

Este espaço incluirá ainda uma aplicação multimédia que permite a pesquisa de vídeos, fotografias, dados estatísticos e informações sobre a criminalidade, para além de um Filme de 4 minutos, com imagens e informações marcantes de grandes operações policiais. (GNR, 2006a)

Este núcleo do Museu, permitirá compreender o que tem sido a actuação da Guarda em termos de serviço policial e investigação criminal ao longo dos tempos.

### **3.2.5 - Núcleo do 25 De Abril de 1974**

#### **3.2.5.1 - Dados Históricos**

Os acontecimentos mais marcantes e difíceis do 25 de Abril de 1974 tiveram lugar no Carmo, sendo, por isso, o Largo do Carmo considerado um ‘*verdadeiro ex-libris da*

*revolução*'. Como diz o Coronel Carlos Maia de Loureiro “Tínhamos ocupado o Terreiro do Paço, símbolo do poder, demonstrando (...) que o nosso objectivo era o derrube do regime, embora, como se verificou depois, a missão só se concretizou no Quartel do Carmo...” (Loureiro, 2007, p. 59)

O Comando Operacional do Golpe Militar, ficou entregue ao então Major Otelio Saraiva de Carvalho que instalou o Posto de Comando no quartel do Regimento de Engenharia nº 1, na Pontinha. As operações militares tiveram início às 22h55, com a transmissão da canção ‘E Depois do Adeus’, interpretada por Paulo de Carvalho, a partir dos Emissores Associados de Lisboa. Às 00h20 ao som da primeira estrofe da canção ‘Grândola Vila Morena’, de José Afonso, difundida pela Rádio Renascença, como senha, dirigiram-se para Lisboa diversas unidades militares no sentido de controlar pontos estratégicos e conquistar o poder. Os principais pontos estratégicos eram o Terreiro do Paço, o Banco de Portugal e os meios de comunicação, designadamente, a rádio e a televisão. (Afonso, 2004)

A nossa abordagem centra-se mais nos acontecimentos ocorridos no Quartel do Carmo por serem aqueles que têm relevância para o nosso estudo.

No Quartel do Carmo, teve-se conhecimento do início das movimentações, por parte das forças governamentais, cerca das 03h30 do dia 25 de Abril de 1974, no entanto, as primeiras notícias poderão ter ocorrido pouco depois da 01h00, segundo os testemunhos dos oficiais de dia (Andrade, 2005). Foi montado um dispositivo defensivo no interior do Quartel, conforme previsto desde 1967, com militares devidamente equipados com capacete de aço, espingardas ‘Mauser’, e metralhadoras ‘Madsen’; e com a colocação de granadas nos pontos estratégicos do Quartel.

O presidente do Conselho, Marcelo Caetano, advertido do movimento revolucionário pelo director da polícia política decidiu aí refugiar-se, juntamente com outras personalidades do governo, como referimos em 3.2.2.1, tendo permanecido no quartel durante as últimas catorze horas do regime.

Não estão explicadas as razões da ausência da segurança exterior do Quartel do Carmo, a qual estava prevista desde 10 de Maio de 1970, incluindo postos e patrulhas de vigilância e defesa nos acessos ao Quartel para evitar o seu cerco. O Quartel foi cercado pelas 12h30, pelas forças blindadas da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, comandadas pelo Capitão Salgueiro Maia. Entretanto, forças fiéis ao governo, Regimento de Cavalaria 7, da Ajuda, a Primeira Companhia de Infantaria do Batalhão nº 1 da GNR, da Estrela, e o segundo

esquadrão motorizado do Regimento de Cavalaria da GNR, procuraram envolver as tropas de Salgueiro Maia, mas não actuaram.

Além de se temer o início de uma guerra civil indesejável, como destaca Ribeiro dos Santos (1999), não existiam verdadeiramente dois campos opostos, dado que na maior parte das unidades e estabelecimentos militares, das Forças Armadas e das Forças de Segurança, existiam elementos pertencentes ao Movimento das Forças Armadas ou apoiantes deste.

Apesar da presença do Chefe do Governo no Comando-Geral da GNR, que, aparentemente, pretendia que a Guarda enfrentasse os revoltosos juntamente com as forças governamentais, esta força militarizada manteve-se expectante. Marcelo Caetano afirmaria mais tarde “Assisti pasmado à inércia do Comando da G.N.R., onde só um Coronel da Reserva, Chefe do Serviço de Transmissões mostrava coragem e decisão, mas inutilmente porque não podia mandar.” (1976, p. 23)

Para o Comandante-Geral da GNR na altura, General Adriano Pires, que assistiu da janela do quartel ao avançar da coluna militar comandada pelo Capitão Salgueiro Maia, no meio da multidão, em direcção ao Quartel do Carmo, actuar naquelas condições, “não constituiria um acto de coragem, teria sido um crime hediondo, um crime contra a humanidade e, ainda por cima, um crime inútil”. (como citado em Andrade, 2006, p. 32)

Durante o cerco, com vista à rendição do Governo, a certa altura, num ambiente de grande tensão, ocorreram vários disparos contra a fachada do quartel, mas a GNR não ripostou. Marcelo Caetano viria mais tarde a afirmar que o Chefe do Estado-Maior da GNR se lhe dirigiu, perturbado, dizendo que a sua presença estava pondo em perigo a segurança de todos os que se encontravam no edifício. (Caetano, 1976)

Depois de vários ultimatos, o Capitão Salgueiro Maia deslocou-se ao interior do Quartel, onde Marcelo Caetano lhe disse que só se renderia perante um oficial general, nomeadamente, o General Spínola. Este, embora não chefiasse o Movimento das Forças Armadas, acabou por aceitar esse acto simbólico de transmissão do poder político, afastando, definitivamente, a hipótese de um conflito armado, pela adesão dos que dentro da GNR temiam aclamar um movimento de comando colectivo<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> O general Spínola havia iniciado a sua carreira militar na GNR, como tenente e ajudante de campo do Gen. João Monteiro Barros; havia prestado serviço na corporação como oficial superior durante o comando do Gen. Afonso Botelho; e enquanto brigadeiro havia sido segundo comandante da GNR antes de ser nomeado Governador e Comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné.



Com a vitória do movimento revolucionário, os governantes destituídos dos seus cargos foram retirados do edifício, sob prisão, no interior do Chaimite ‘Bula’, pertencente à força de cavalaria comandada pelo Capitão Salgueiro Maia.

### **3.2.5.2 - Núcleo Expositivo**

Neste núcleo do Museu, serão expostos, entre outros, os objectos que testemunham os disparos efectuados contra o Quartel do Carmo e, de acordo com o programa museológico, existirão suportes multimédia que mostram os espaços do quartel associados ao 25 de Abril. Haverá igualmente uma aplicação informática que permite a pesquisa de vídeos, fotografias de arquivo e informações sobre o 25 de Abril, assim como, um filme de 5 minutos, sobre os acontecimentos desse dia, que será projectado na parede. (GNR, 2006a)

Este núcleo permite, através do seu acervo, compreender os acontecimentos ligados à Revolução de Abril de 1974, que abordamos no item anterior, o qual pode constituir uma base para trabalhar o tema com os estudantes.

## **3.2.6 - Núcleo da Segurança Rodoviária**

### **3.2.6.1 – Dados Históricos**

A primeira intervenção para regular o trânsito em Lisboa foi em 1625, durante o reinado de Filipe III. A 1 de Agosto desse ano, é publicada uma Lei que diz:

“nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, dignidade, e preemência que seja, ande na cidade de Lisboa em machos ou mullas de sella, nem liteira, salvo indo de caminho, nem coche seu, nem emprestado... sob pena de perdimento dos ditos coches, mullas, e machos, e cavallos, ametade para captivos e outra para quem o acusar, ao que será admitido qualquer Povo...”. (Colecção de Monsenhor Gordo. Cit. em Autoridade Nacional Segurança Rodoviária [ANSR], 2010)

A 22 de Outubro de 1686 D. Pedro II, através de Carta de Lei, determina aquilo que poderá ser entendido como a primeira regra de um ‘Código de Estrada’. Estabelecia, no respeitante à cedência de passagem no caso de cruzamento de veículos,

“que encontrando-se em ladeiras coches, seges ou liteiras, aonde, pela estreiteza da rua, seja preciso recuar algum delles os que forem subindo sejam os que recuem, pela maior difficuldade que tem os que vem baixando; e que se demarquem por pessoas praticas todos os passos...e que naquela mesma parte em uma das paredes se ponha padrão, em que estará escripto com clareza quem deve recuar...” (Liv. V do Desembargo do Paço. Fl.193. Cit. em ANSR, 2010)

Através desta mesma lei são criados e afixados padrões que claramente constituem os primeiros sinais de trânsito.

Em 3 de Outubro de 1901, após a importação dos primeiros automóveis, foi publicado o primeiro Regulamento sobre Circulação de Automóveis. No próprio Regulamento declarava-se, claramente, que o uso de automóveis implicava novos problemas de segurança devido à gravidade dos acidentes que podiam causar. (ANSR, 2010)

Em 1928 foi publicado o primeiro Código da Estrada. Apresentava quarenta e nove artigos, divididos por oito capítulos. A razão da sua publicação prendia-se, entre outros factores, com o aumento do número de veículos automóveis a circular; a interacção destes com outros veículos, máquinas agrícolas, peões e animais; assim como as dificuldades verificadas com a legislação avulsa que estava em vigor. (ANSR, 2010)

### **3.2.6.2 – Núcleo Expositivo**

Este núcleo será equipado, de acordo com a programação (GNR, 2006a), com dispositivos audiovisuais e multimédia no sentido de desenvolver actividades pedagógicas que favoreçam a promoção de campanhas informativas na área das técnicas e regras de condução e circulação rodoviárias.

Existirá, de acordo com o Projecto do Museu, uma aplicação multimédia que permite a pesquisa de vídeos, fotografias, dados estatísticos e informações sobre a segurança rodoviária e a GNR; jogos, através dos quais se pretende alertar para as questões da segurança rodoviária no sentido da prevenção, apresentados em quiosques multimédia; uma passadeira interactiva para peões, em que, quando o visitante passa por cima da passadeira, activa um sensor que inicia o som de uma travagem brusca, advertindo para a necessidade de olhar antes de atravessar; um filme de 10 minutos, exibido em triplo ecrã, sobre a temática dos acidentes rodoviários focando a prevenção, os acidentes, e as suas consequências.

Neste espaço o visitante pode compreender o que tem sido a acção da GNR no âmbito da Segurança Rodoviária e, por outro lado, é sensibilizado para as questões da prevenção.

### **3.3 - Proposta para uma Relação Interactiva e Intrínseca entre o Museu da GNR e as Escolas**

No Programa Museológico do Museu da Guarda (GNR, 2006b) está prevista a existência de um serviço educativo, que se deverá encarregar da recepção e animação dos grupos, assim como da produção de material didáctico de apoio às actividades; realização de acções de formação; ‘workshops’; palestras; organização das visitas de estudo; e de todas as acções relacionadas com o público escolar.

O Museu da Guarda, deverá, doravante, criar o seu projecto pedagógico, ou seja, um plano orientador das suas acções culturais e educativas assente no marco referencial, apresentado no projecto museológico, clarificando as concepções de Educação e de Museologia com as quais irá trabalhar. Esse projecto pedagógico deve envolver, em nosso entender, o corpo técnico do museu, professores e outros membros da comunidade que estejam ligados aos programas da instituição, assim como fornecer as bases para o desenvolvimento de projectos específicos, que deverão ser elaborados em interacção com a comunidade e com as escolas.

Como temos referido, consideramos essencial que exista uma boa ligação entre o museu e as escolas, para que as visitas à instituição sejam bem-sucedidas, numa abordagem de interacção inovadora onde os aspectos didácticos e informativos se misturem com o aspecto lúdico e de entretenimento.

Propõe-se uma relação próxima, no sentido da mutualidade de trocas, entre o Museu da GNR e as escolas, favorecendo tanto o cumprimento de objectivos na área dos conhecimentos, como no âmbito sócio-afectivo, privilegiando a sociabilização, o relacionamento inter-cultural e inter-geracional, não esquecendo o que deve ser o compromisso social do museu. Como destaca Mário Moutinho, “cultura e desenvolvimento são cada vez mais elementos de uma responsabilidade social onde assenta a intervenção museal.” (Moutinho, 2007)

Neste sentido, o serviço educativo, deverá conhecer as necessidades dos seus públicos e procurar responder às suas expectativas de forma eficaz, dinâmica e atractiva.

A equipa deverá analisar as necessidades curriculares das escolas e só então procurar relacioná-las com os recursos do museu, levando estes recursos para os currículos. Foi isso que procuramos fazer neste ponto, apresentando designadamente propostas para um programa-piloto destinado à Escola E.B. 2, 3 Jorge de Barros.

Pensamos que o Programa de Acção Educativa do Museu da Guarda deverá desenvolver procedimentos que contribuam para abordar de forma motivadora as diferentes temáticas comuns ao museu e à escola, nomeadamente, os episódios da História, mas também as questões da cidadania, da segurança e do ambiente, integrando, a partilha de conhecimentos, valores e emoções, de forma a contribuir para a formação de cidadãos responsáveis e críticos, e é, nesse sentido, que orientamos as nossas propostas.

A escolaridade básica, etapa que nos interessa para o nosso trabalho, tem como finalidade aprofundar a democratização da sociedade, numa óptica de desenvolvimento, quer fomentando a realização pessoal de todos os indivíduos, de acordo com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma participação profícua e consciente na comunidade (Ministério da Educação [ME], 2004). No artigo 7º e 8º da Lei de Bases do Sistema Educativo, estão explícitos os três grandes objectivos do Ensino Básico com vista a atingir esta finalidade:

“Criar condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social; proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidade, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes; desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrata.” (Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto, p. 5127)

O Ministério da educação quando enuncia as competências essenciais a privilegiar no Ensino Básico, clarifica melhor os valores e princípios que estão subjacentes à Lei de Bases do Sistema Educativo, que são: a construção e tomada de consciência da identidade pessoal e social; a participação na vida cívica, de maneira “livre, responsável, solidária e crítica”; o respeito e valorização da diferença e da multiplicidade relativamente aos indivíduos e grupos; a valorização das variadas formas de saber, comunicação e expressão; o fomento do sentido de apreciação estética, do gosto pelo saber e pelo estudo; a valorização e protecção do património natural e cultural; e o desenvolvimento de competências que incluam o saber, o saber fazer e o saber ser. (ME, 2009)

As equipas do Ministério da Educação pretendem que a educação para a saúde, a educação rodoviária, a educação ambiental, o desenvolvimento sustentado, a paz, a segurança, e os direitos humanos, sejam consideradas nas diferentes disciplinas e nas áreas curriculares não disciplinares.

Entendemos que este museu tem potencialidades para cooperar com a escola no desenvolvimento destes princípios e objectivos, nomeadamente, promovendo a iniciação ao conhecimento de ambientes próprios do mundo do trabalho, mostrando o dia-a-dia de um militar da Guarda ou de um músico da Banda; contribuindo para a criação de uma cultura de paz, respeito, responsabilidade e segurança, e para a promoção da educação patrimonial, colaborando na formação integral dos cidadãos.

Pensamos que o seu programa de acção educativa, deve estar em consonância com as teorias da área da educação, nomeadamente, como destacamos no 1º capítulo, com o pensamento de Jean Piaget, Paulo Freire e Célestin Freinet, devendo ser avaliado regularmente, especialmente, quanto à qualidade das actividades desenvolvidas. São estes os princípios, juntamente com os princípios da sociomuseologia, que norteiam o nosso programa-piloto para o museu.

### **3.3.1 - O Museu da Guarda e os Programas Escolares do Ensino Básico**

As teorias educativas, abordadas no capítulo 1, em 1.3.2, preconizam que se aprende melhor através da acção e de actividades de exploração e de observação, rejeitando o excesso de memorização no ensino. O Museu da GNR, para aprofundar a sua relação com as escolas e colaborar com os professores de uma forma eficaz no sentido de propiciar aos alunos este tipo de aprendizagem activa e visual, deve conhecer os programas escolares, identificando temáticas comuns em que pode contribuir, através de variadas actividades, para essa aprendizagem mais estimulante. Ao adaptar os seus recursos às necessidades curriculares das escolas estará a contribuir para uma melhor compreensão dos assuntos escolares, assim como para a formação de memórias que perdurarão mais tempo do que as formadas apenas a partir dos conceitos e ideias aprendidos nas instituições de ensino.

Através da análise dos Programas Curriculares do Ensino Básico das diferentes disciplinas verificamos que existem várias temáticas no museu que podem ser de grande

interesse para as escolas. Os Programas Escolares do 1º, 2º e 3º Ciclos<sup>33</sup>, remetem para temáticas como a educação ambiental, a educação rodoviária, a educação musical, a paz, a segurança, e o uso de drogas, em que o Museu da Guarda, em colaboração intrínseca com a escola, poderá desempenhar um papel relevante. O mesmo acontece em relação aos temas históricos relacionados com o acervo do Museu da Guarda, quer no 1º ciclo, em que já se estuda o passado local e nacional<sup>34</sup>, embora numa abordagem mais simples, quer no 2º e 3º Ciclos, no âmbito dos Programas de História.

No respeitante ao passado histórico, no 5º e 7º ano de escolaridade, estuda-se a Revolução de 1383-85 e a figura de D. Nuno Álvares Pereira, assim como a Arquitectura Gótica, da qual o Convento do Carmo é um exemplo; no 6º e 8º ano de escolaridade, aborda-se o Terramoto de 1755, do qual o convento é o principal ‘ex-libris’, como já se disse em 3.2.1.1; e no 6º e 9º ano de escolaridade estuda-se o 25 de Abril de 1974. O espaço do museu pode ser trabalhado, em articulação com as escolas, no sentido de uma melhor compreensão destas temáticas.

No domínio da educação ambiental, relacionada com o núcleo do Serviço de Protecção da Natureza do museu, é possível colaborar com as escolas do 1º, 2º e 3º Ciclos. No 3º e 4º anos pode-se trabalhar o tema da ‘Prevenção e Actuação Perante os Fogos’ e no 4º ano a temática da ‘Poluição’. No 6º e 8º anos, com a área de Formação Cívica e com a disciplina de Ciências Naturais, adequa-se a abordagem do tema da ‘Poluição’, e também da ‘Reciclagem’.

Ainda no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, o Museu da Guarda consegue dar a sua contribuição, para o 6º e 9º anos, no tema das ‘Drogas e Problemas Sociais’, que também pode ser abordado em Formação Cívica, e para o 7º ano, no domínio da ‘Segurança Anti-sísmica’. Este último tema, que também é estudado no 4º ano, pode ser associado à Lisboa sísmica, e à destruição do edifício onde está instalado o museu, assim como, ao núcleo museológico do GIPS e à necessidade de medidas preventivas.

O tema da Segurança Rodoviária, faz parte dos Programas do 1º e 2º anos; da área disciplinar de Formação Cívica do 2º e 3º Ciclos; e da disciplina de Físico-Química no 9º ano. É oportuno o Museu articular-se com os professores do 1º e 2º anos, de Formação Cívica e

---

<sup>33</sup> No 2º e 3º ciclos, os de Ciências Naturais, de Físico-Química e de Formação Cívica.

<sup>34</sup> No 3º ano, ‘O Passado do Meio Local’ e no 4º ano, ‘O passado Nacional’.

de Físico-Química, para uma abordagem conjunta, partindo do núcleo do museu relacionado com a temática.

Também, no âmbito da promoção de uma cultura de segurança, paz, solidariedade e respeito pelo outro, no 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos, o Museu da Guarda pode ter um papel importante colaborando com a disciplina de Formação Cívica. No caso da Segurança Pessoal, começando-se por visitar os núcleos directamente relacionados com a actividade operacional, e no que concerne aos valores, partindo-se do núcleo museológico relacionado com as Missões Internacionais de paz da GNR, e de exposições temporárias, que se concebam com esse propósito.

De igual modo, na área da expressão e educação musical, ao nível do 1º, 2º, 4º, 5º e 6º anos<sup>35</sup>, é possível ao Museu da GNR, a partir do acervo da sua banda de música, em articulação com os músicos, colaborar com a escola.

Os programas escolares do 2º ano, abordam também o tema ‘Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade’. É viável, neste caso, trabalhar no museu as actividades e funções dos militares da GNR ou dos músicos da sua Banda. ‘Ser militar da GNR’ ou ‘Ser músico da GNR’, constituem temas muito pertinentes, designadamente, até para os alunos do 9º ano que estão prestes a fazer escolhas quanto a vias profissionais.

A Lei de Bases do Sistema Educativo define como objectivos do Ensino Básico e Secundário, entre outros, afirmar e aprofundar uma cultura humanística, artística, científica e tecnológica, e incrementar as capacidades de expressão e comunicação, a criatividade, a sensibilidade estética e a educação artística (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro). Este museu, em parceria com a escola e, designadamente, através das nossas propostas temáticas, que procuram responder às necessidades das escolas, pode, além de se constituir como um espaço de construção de conhecimento, desempenhar também um importante papel na construção da cidadania, educando em conjunto com a escola, para a liberdade e para a construção de uma sociedade mais humanista, mais justa, mais ecológica e democrática.

Através das oficinas educativas poderá contribuir para desenvolver as capacidades de raciocínio, expressão e comunicação, mas também, para promover a educação artística, a sensibilidade estética e a criatividade, colaborando com as escolas no cumprimento dos objectivos definidos na referida Lei de Bases do Sistema Educativo.

---

<sup>35</sup> No 5º e 6º anos na disciplina de Educação Musical .

### **3.3.2 - Sugestão de um Programa de Acção Educativa para o 7º e 9º anos de Escolaridade da Escola E.B. 2, 3 Jorge de Barros – Programa-Piloto**

#### **3.3.2.1 - Caracterização da Escola**

A Escola E.B. 2, 3 Jorge de Barros situa-se no concelho de Loures, em Santa Iria de Azóia. Pertence ao Agrupamento de Escolas de São João da Talha. Tem alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos. Grande número de alunos provém de um estrato sociocultural desfavorecido. Tem muitos estudantes imigrantes, principalmente, provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa. É visível a falta de aspirações sociais, culturais e profissionais de muitos estudantes.

Quanto ao seu espaço físico, importante analisarmos para podermos pensar as exposições itinerantes, a escola além das várias salas de aula, e outras áreas essenciais a qualquer edifício escolar, possui uma biblioteca e uma sala grande com um palco. O pátio é amplo, tem zonas ajardinadas e campo de jogos.

#### **3.3.2.2 - Expectativas dos Alunos do 7º e 9º Anos de Escolaridade**

Maslow (1970) refere que a aprendizagem procede do interesse e da motivação individual, como abordamos no capítulo 1. Para conceber um programa-piloto para esta escola entendemos, por isso, que seria indispensável conhecer as expectativas dos alunos a quem este se destina, para, desse modo, conseguirmos um maior envolvimento dos alunos e ao mesmo tempo ser-se mais eficaz do ponto de vista pedagógico. Fizemos inquéritos semifechados a trinta e cinco alunos, num universo de cento e sessenta estudantes<sup>36</sup>. Com estes inquéritos procuramos, por um lado, averiguar os seus interesses quando frequentam os museus, e por outro lado, recolher sugestões.

Os jovens foram questionados sobre a sua concepção de museu; se já visitaram algum; se apreciam as visitas aos museus; que opinião têm dos mesmos; se gostam de manipular e experimentar objectos durante a visita; se gostam que o museu tenha ‘ateliers’ com actividades e animação; que tipo de visitas preferem; e pediu-se-lhes, ainda, que sugerissem actividades para um museu de polícia.

---

<sup>36</sup> Constitui o número de alunos da escola a frequentar o 7º e 9º ano de escolaridade.

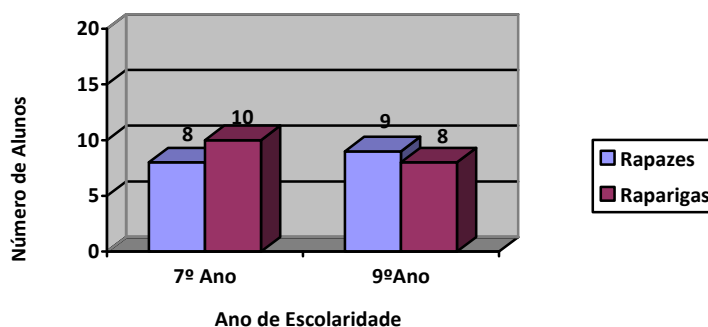


### 3.3.2.2.1 - Apresentação e Análise Estatística dos Resultados dos Inquéritos aos Alunos

As informações dos inquéritos aos alunos são apresentadas através de quadros e gráficos, por permitir uma leitura mais célere. A sua análise é realizada questão a questão, sendo efectuada, posteriormente, uma apreciação final mais detalhada em 3.3.2.2.2.

**Quadro 25 - Alunos que responderam ao Inquérito**

Ano de Escolaridade	Número de turmas	Características sociodemográficas	
		Rapazes	Raparigas
7º Ano	1	8	10
9º Ano	1	9	8
Totais	2	17	18

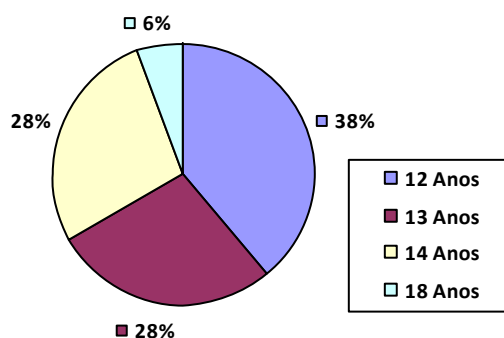


**Gráfico 37 - Alunos que responderam ao Inquérito**

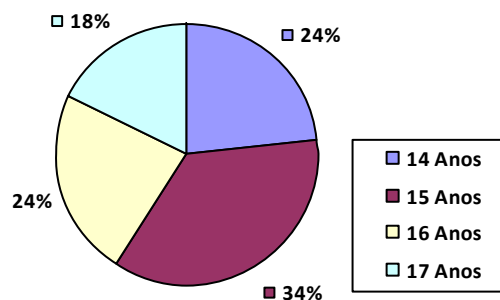
O estudo incidiu sobre duas turmas de alunos, sendo a dimensão da amostra de trinta e cinco indivíduos, dezoito do 7º ano e dezassete do 9º ano. Em termos globais, as raparigas estão em maioria no estudo embora não seja uma maioria significativa. Na turma de 9º ano há mais rapazes que raparigas e no 7º ano de escolaridade verifica-se o contrário, sempre com diferenças pouco expressivas.

**Quadro 26 - Idades dos Alunos**

Ano de Escolaridade	Número de Alunos por Turma	Idades	Número de Alunos por Idade
7º Ano	18	12	7
		13	5
		14	5
		18	1
9º Ano	17	14	4
		15	6
		16	4
		17	3



**Gráfico 38 - Idades dos Alunos do 7º Ano de Escolaridade**

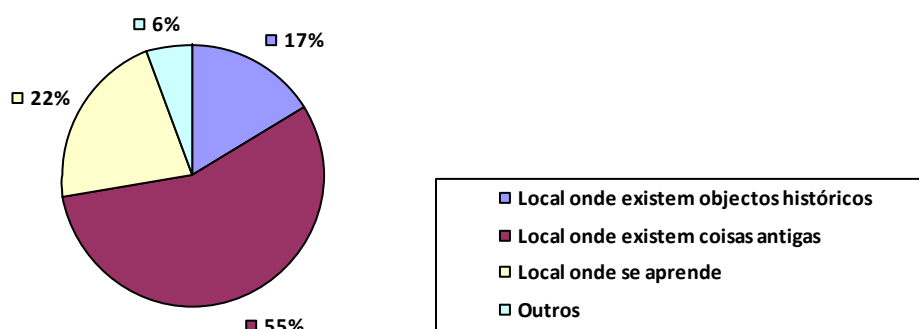


**Gráfico 39 - Idades dos Alunos do 9º Ano de Escolaridade**

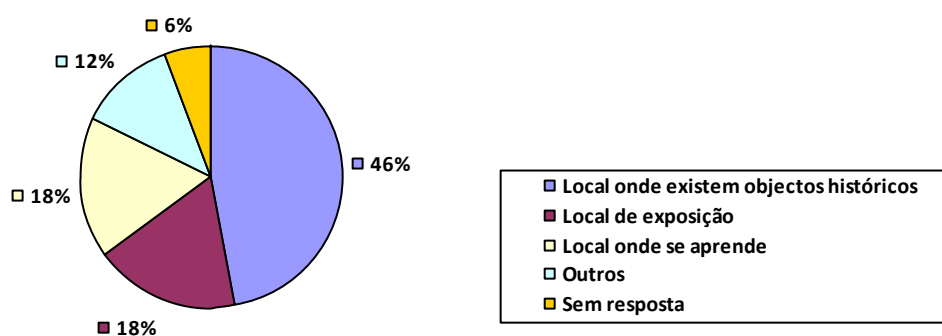
O estudo foi realizado com estudantes cuja faixa etária varia entre doze e dezoito anos. A maioria dos indivíduos da amostra de 7º ano (66%) encontra-se na faixa etária dos doze e treze anos, enquanto no 9º ano a maioria (58%) situa-se na faixa etária dos catorze e quinze anos.

**Quadro 27 - Conceção de Museu**

Ano de Escolaridade	Categorias	Número de respostas de Alunos
7º Ano	Local onde existem objectos históricos	3
	Local onde existem coisas antigas	10
	Local onde se aprende	4
	Outros	1
9º Ano	Local onde existem objectos históricos	8
	Local de exposição	3
	Local onde se aprende	3
	Outros	2
	Sem resposta	1



**Gráfico 40 - Conceção de Museu dos alunos do 7º Ano de Escolaridade**



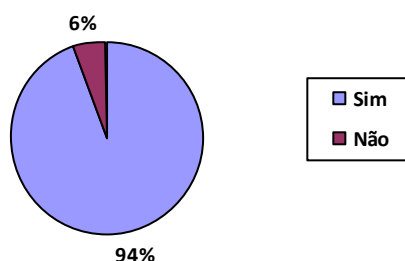
**Gráfico 41 - Conceção de Museu dos alunos do 9º Ano de Escolaridade**

A opinião da maioria dos inquiridos do 7º ano é a de que o museu é um local onde existem coisas antigas (55%). Em menor percentagem são os que o vêem apenas como um local onde se aprende (22%), ou onde existem objectos históricos (17%).

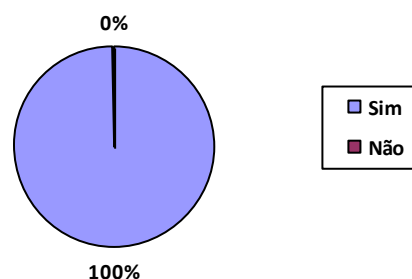
Quanto aos estudantes do 9º ano, a maior parte considera o museu como local onde existem objectos históricos (46%). Embora um número significativo o considere, simplesmente, local de exposição de objectos (18%) ou de aprendizagem (18%).

**Quadro 28 - Se já visitou algum museu**

Ano de Escolaridade	Respostas	Número de Alunos
7º Ano	Sim	17
	Não	1
9º Ano	Sim	17
	Não	0



**Gráfico 42 - Se já visitou algum Museu - alunos do 7º Ano de Escolaridade**

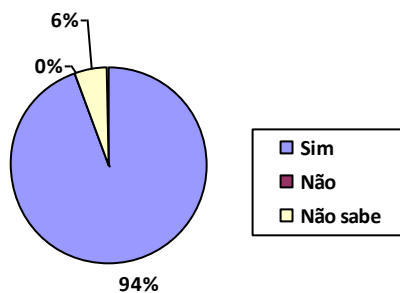


**Gráfico 43 - Se já visitou algum Museu - alunos do 9º Ano de Escolaridade**

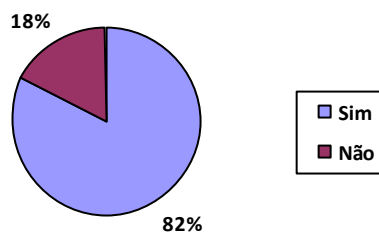
Quase todos os alunos já visitaram museus. No 7º ano de escolaridade responderam afirmativamente 94% dos inquiridos, enquanto no 9º ano de escolaridade 100%. No total da amostra apenas um estudante nunca visitou um museu.

**Quadro 29 - Se aprecia visitas de estudo aos museus**

Ano de Escolaridade	Respostas	Número de Alunos
7º Ano	Sim	17
	Não	0
	Não sabe	1
9º Ano	Sim	14
	Não	3



**Gráfico 44 - Se aprecia visitas de estudo ao museu - alunos do 7º Ano de Escolaridade**

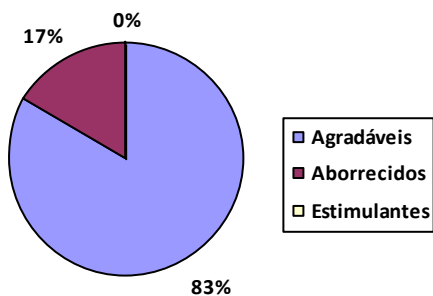


**Gráfico 45 - Se aprecia visitas de estudo ao museu - alunos do 9º Ano de Escolaridade**

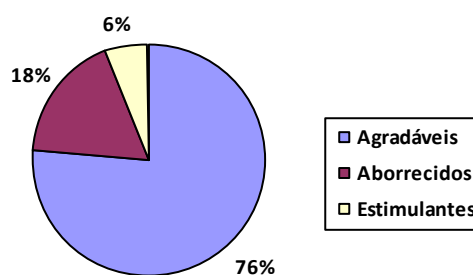
Perante os dados obtidos é perfeitamente visível que a maioria dos alunos aprecia as visitas de estudo aos museus. No 7º ano, 94% dos alunos respondeu afirmativamente, só um dos inquiridos respondeu que não sabe, o mesmo que nunca visitou um museu. Relativamente ao 9º ano, 82% dos estudantes respondeu de forma afirmativa e somente 18% admite não gostar de visitas de estudo a museus.

**Quadro 30 - Opinião Sobre os Museus**

Ano de Escolaridade	Categorias	Número de Alunos
7º Ano	Agradáveis	15
	Aborrecidos	3
	Estimulantes	0
9º Ano	Agradáveis	13
	Aborrecidos	3
	Estimulantes	1



**Gráfico 46 - Opinião dos alunos do 7º Ano de Escolaridade sobre os museus**

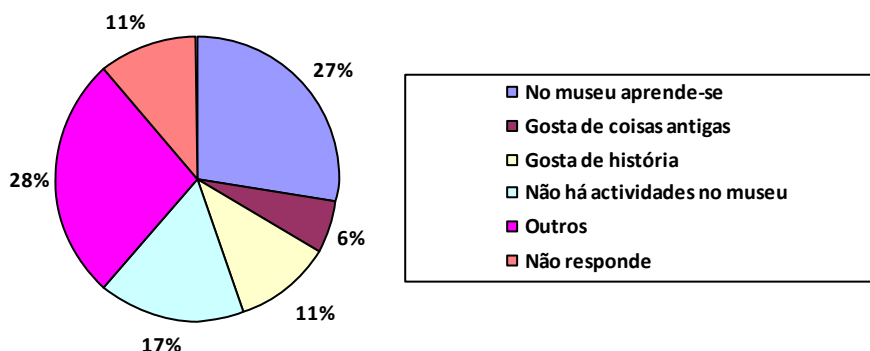


**Gráfico 47 - Opinião dos alunos do 9º Ano de Escolaridade sobre os museus**

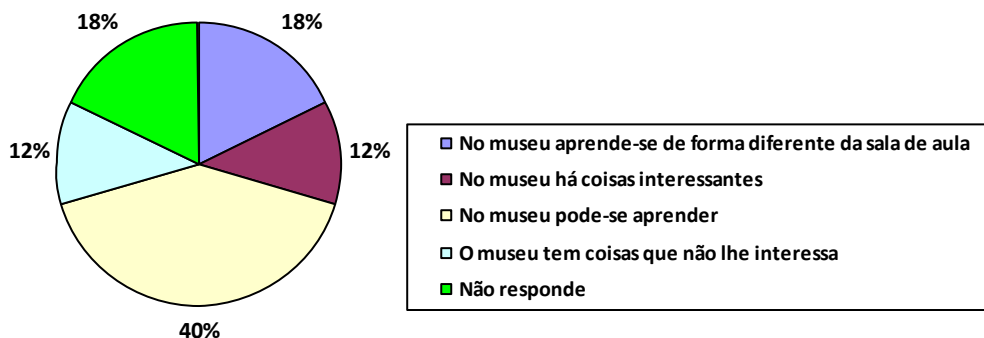
A maior parte dos alunos, seja de 7º ano (83%) ou de 9º ano (76%) considera que os museus são locais agradáveis. Não sendo, todavia, de menosprezar a percentagem de alunos que os considera aborrecidos; 17% no 7º ano e 18% no 9º ano.

**Quadro 31 - Justificação Relativamente à Opinião sobre os Museus**

Ano de escolaridade	Categorias	Número de Alunos
7º Ano	No museu aprende-se	5
	Gosta de coisas antigas	1
	Gosta de história	2
	Não há actividades no museu	3
	Outros	5
	Não responde	2
9º Ano	No museu aprende-se de forma diferente da sala de aula	3
	No museu há coisas interessantes	2
	No museu pode-se aprender	7
	O museu tem coisas que não lhe interessa	2
	Não responde	3



**Gráfico 48 - Justificação dos alunos de 7º Ano de Escolaridade relativamente à sua opinião sobre os museus**



**Gráfico 49 - Justificação dos alunos de 9º Ano de Escolaridade relativamente à sua opinião sobre os museus**

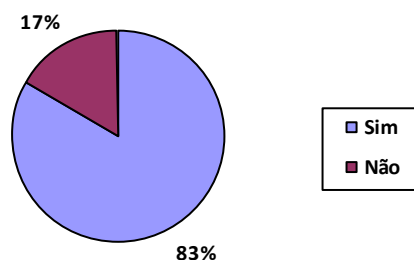
Os estudantes do 7º ano de escolaridade gostam dos museus porque é um local onde se aprende (27%), porque gostam de história (11%) ou de coisas antigas (6%).

Os alunos que frequentam o 9º ano vêm o museu como um espaço agradável porque, do mesmo modo, entendem que é um lugar onde se pode aprender (40%), e destacam-no como espaço onde se aprende de forma diferente da sala de aula (18%).

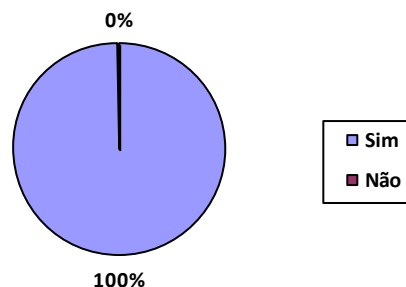
Quanto aos alunos que consideram os museus locais aborrecidos, os de 7º ano, alegam a falta de actividades nesses espaços (17%), já os de 9º ano argumentam com o seu desinteresse em relação às exposições (12%).

**Quadro 32 - Se gosta de manipular e experimentar objectos no museu**

Ano de Escolaridade	Respostas	Número de Alunos
7º Ano	Sim	15
	Não	3
9º Ano	Sim	17
	Não	0



**Gráfico 50 - Se gosta de manipular e experimentar objectos no museu – alunos do 7º Ano de Escolaridade**

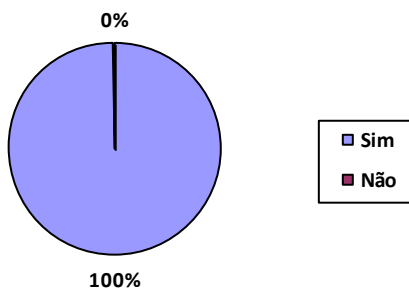


**Gráfico 51 - Se gosta de manipular e experimentar objectos no museu – alunos do 9º Ano de Escolaridade**

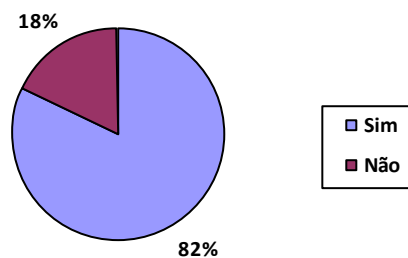
Perante os dados obtidos parece não haver dúvida em relação ao agrado dos estudantes pela manipulação e experimentação. A maioria dos alunos de 7º ano (83%) gosta de manipular e experimentar objectos no museu, tal como os de 9º ano que responderam todos afirmativamente.

**Quadro 33 - Se gosta que o museu tenha ‘ateliers’ com actividades e animação**

Ano de Escolaridade	Respostas	Número de Alunos
7º Ano	Sim	18
	Não	0
9º Ano	Sim	14
	Não	3



**Gráfico 52 - Se gosta que o museu tenha ‘ateliers’ com actividades e animação – alunos do 7º Ano de Escolaridade**

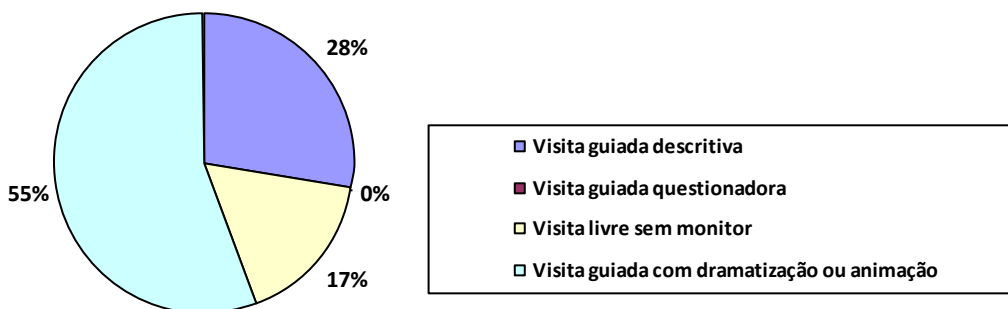


**Gráfico 53 - Se gosta que o museu tenha ‘ateliers’ com actividades e animação – alunos do 9º Ano de Escolaridade**

Os alunos, na sua maioria, gostam de participar em ‘ateliers’ com actividades e animação, quer os do 7º ano de escolaridade (100%), quer os estudantes de 9º ano (82%).

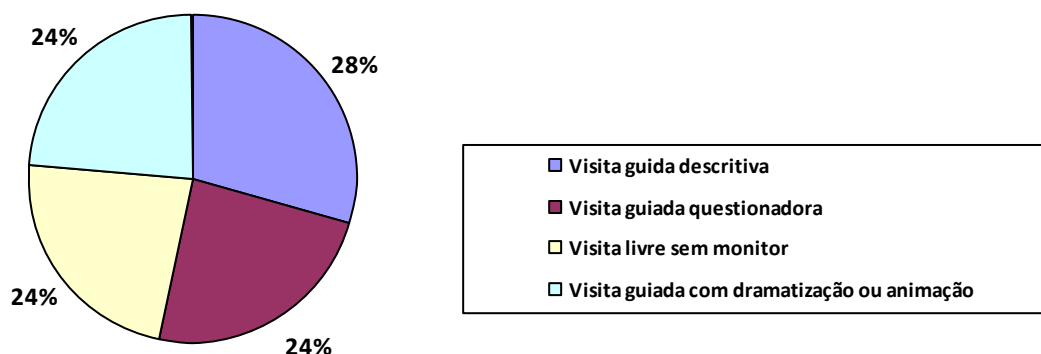
**Quadro 34 - Respostas acerca do tipo de visitas que o museu deve oferecer**

Ano de Escolaridade	Categorias	Número de Alunos
7º Ano	Visita guiada descritiva	5
	Visita guiada questionadora	0
	Visita livre sem monitor	3
	Visita guiada com dramatização ou animação	10
9º Ano	Visita guiada descritiva	5
	Visita guiada questionadora	4
	Visita livre sem monitor	4
	Visita guiada com dramatização ou animação	4



**Gráfico 54 - Respostas dos alunos do 7º Ano de Escolaridade acerca do tipo de visitas que o museu deve oferecer**



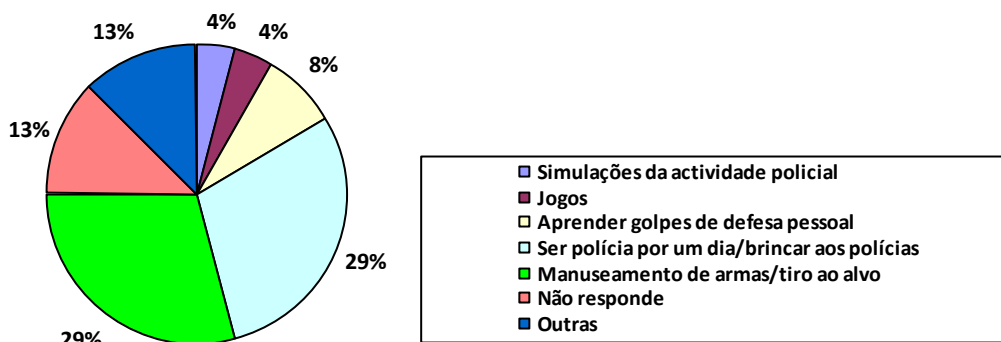


**Gráfico 55 - Respostas dos alunos do 9º Ano de Escolaridade acerca do tipo de visitas que o museu deve oferecer**

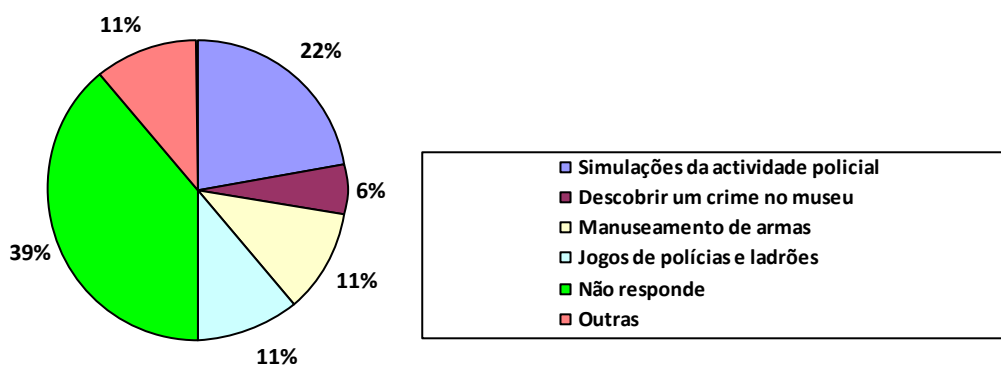
Os alunos de 7º ano revelam uma clara preferência pelas visitas guiadas com dramatização ou animação (55%), seguindo-se as visitas descritivas (28%) e as visitas livres sem mediador (17%). Em contrapartida, os alunos de 9º ano mostram preferência pelas visitas guiadas descritivas, seguidas de perto pelas visitas guiadas com dramatização ou animação (24%), pelas visitas livres sem monitor (24%) e pelas visitas questionadoras (24%).

**Quadro 35 - Sugestões de actividades para um museu de polícia**

Ano de Escolaridade	Categorias	Número de Alunos
7º Ano	Simulações da actividade policial	1
	Jogos	1
	Aprender golpes de defesa pessoal	2
	Ser polícia por um dia/brincar aos polícias	7
	Manuseamento de armas/tiro ao alvo	7
	Não responde	3
	Outras	3
9º Ano	Simulações da actividade policial	4
	Descobrir um crime no museu	1
	Manuseamento de armas	2
	Jogos de polícia e ladrão	2
	Não responde	7
	Outras	2



**Gráfico 56 - Sugestões de actividades, dos alunos do 7º Ano de Escolaridade, para um museu de polícia**



**Gráfico 57 - Sugestões de actividade, dos alunos do 9º Ano de Escolaridade, para um museu de polícia**

A maioria dos alunos de 7º ano considera que o museu poderia oferecer a oportunidade de serem polícias por um dia/brincar aos polícias (29%), e manusear armas/fazer tiro ao alvo (29%). Há estudantes a sugerir, a aprendizagem de golpes de defesa pessoal (8%), jogos (4%) e simulações da actividade policial (4%).

Os inquiridos do 9º ano de escolaridade, manifestam preferência pelas simulações da actividade policial (22%), seguindo-se a sugestão de manuseamento de armas (11%), jogos de polícias e ladrões (11%) e descoberta de um crime no museu (6%). Um grande número de alunos, contudo, não respondeu (39%).

### 3.3.2.2.2 - Conclusões do Estudo dos Inquéritos

No que diz respeito ao 7º ano de escolaridade, verificamos que a maioria dos alunos já visitou museus (94%) e que aprecia esses espaços (94%). Consideram-nos locais agradáveis (83%). Têm contudo uma imagem redutora do museu. Vêm-no como um espaço onde existem coisas antigas (55%), objectos históricos (17%) ou como local onde se aprende (22%).

Nos museus têm preferência pelas visitas guiadas com dramatização ou animação (55%), seguindo-se as visitas guiadas descritivas (28%). Gostam de poder manipular e experimentar os objectos (83%), e gostam de ‘ateliers’ com actividades e animação (100%).

Os alunos que acham os museus aborrecidos (17%) justificam a sua posição com a falta de actividades no museu (17%). Revela a necessidade, por parte dos museus, em apresentar actividades cada vez mais diversificadas e atractivas que vão de encontro às expectativas dos alunos.

Quanto a sugestões de actividades para um museu de polícia, um grande número de alunos mencionou ser polícia por um dia/brincar aos polícias (29%) e manusear armas/ tiro ao alvo (29%). Referiram também golpes de defesa pessoal (8%), simulações da actividade policial (4%) e jogos (4%).

No 9º ano de escolaridade, apuramos que todos os alunos já visitaram museus (100%) e que a maior parte também aprecia as visitas de estudo a estes espaços (82%). A maioria vê-os como sítios agradáveis (76%) e estimulantes (6%), onde se pode aprender (40%), de forma diferente da sala de aula (18%).

Estes estudantes consideram o museu como um local onde existem objectos históricos (46%), e um número significativo vê-o apenas como local de exposição de objectos (18%) ou de aprendizagem (18%).

Mostram preferência pelas visitas guiadas descritivas (28%), seguindo-se as visitas guiadas com dramatização ou animação (24%), as visitas guiadas questionadoras (24%), e as vistas livres sem monitor (24%). Gostam de poder manipular e experimentar os objectos (100%), e apreciam os ‘ateliers’ com actividades e animação (82%).

Relativamente a sugestões de actividades para um museu de polícia, um grande número de alunos referiu simulações da actividade policial (22%), seguindo-se o manuseamento de armas (11%), jogos de polícias e ladrões (11%), e descoberta de um crime no museu (6%).

Concluimos que ao seguirmos o pensamento de Piaget (1968) ou de Freinet (1973) quanto à necessidade de uma pedagogia activa, estamos também a ir ao encontro daquilo que são os anseios dos alunos que gostam de manipular os objectos e que apreciam as actividades manuais e práticas.

Os resultados deste estudo indicam-nos, que há uma forte predilecção pelas actividades lúdicas. Demonstrado no interesse dos alunos pelas visitas guiadas com dramatização ou animação assim como pelos ‘ateliers’, e mesmo pelas suas sugestões de actividades para um museu de polícia. Ao oferecermos aos jovens este tipo de experiências estamos por um lado, a ir ao encontro das suas expectativas e por outro lado, como defende Gunnestad (2003), estamos a proporcionar aprendizagens mais duráveis.

Verificamos também que há uma clara preferência pelas visitas guiadas. No 7º ano, apenas 17% mostraram gostar de visitas livres sem monitor e no 9º ano, foram 24% dos alunos a manifestarem preferência por esse tipo de visitas ao museu. Deste modo, os próprios alunos parecem reconhecer, em consonância com o que defende Reven Feurstein (1981), que a aprendizagem mediada no museu é fundamental.

### **3.3.2.3 - Programa-Piloto**

Na criação do programa-piloto para o futuro Museu da Guarda, tivemos em atenção a prática dos museus estudados, preocupamo-nos em seguir os teóricos abordados no 1º capítulo, e em ir de encontro às expectativas dos alunos que analisamos em 3.3.2.2, através do tratamento estatístico dos inquéritos que foram realizados. Tivemos igualmente em consideração a opinião dos professores das disciplinas (cf. Anexos XII a XV), e da Guarda Nacional Republicana, que nos deram os seus pareceres sobre o nosso programa-piloto e também algumas sugestões que procuramos incluir na nossa proposta. (cf. Anexo XVI)

No programa-piloto que apresentamos detalhadamente mais à frente no quadro 36, destinado aos alunos do 7º e 9º ano da Escola E.B 2, 3 Jorge de Barros, propomos actividades para diferentes conteúdos escolares, relacionados com as temáticas do museu, no âmbito de diversas disciplinas.

As visitas temáticas parecem-nos fundamentais, dada a abrangência temática deste museu e as suas potencialidades educativas, que só dessa forma podem ser fruídas, uma vez que as visitas genéricas a todo o museu tenderão, no nosso entender, a provocar dispersão nos alunos.

As visitas devem ser feitas em pequenos grupos, considerando, como vimos no primeiro capítulo, as vantagens pedagógicas daí resultantes, e a área física do museu deverá ser imersiva, e estimulante, possibilitando uma certa liberdade de circulação e interacção social.

As estratégias a adoptar nas visitas de estudo com vista, como se pretende, a torná-la agradável e divertida, servindo de forma mais eficaz o público das escolas, são vastas. Pensamos, no seguimento do que apresentamos no primeiro e segundo capítulos, que o Museu da GNR deve procurar oferecer experiências variadas, que proporcionem distintos níveis de interacção e de envolvimento com as exposições, adequadas aos diferentes grupos de alunos.

Proporcionar visitas com animação ou dramatização, nem que para tal se tenha de recorrer a grupos de animação exteriores ao museu, como acontece em 43% dos museus do nosso estudo, e propiciar o manuseamento e a experimentação, também possível na maioria destes museus, e defendido pela maioria dos educadores e pedagogos como mostramos no ponto 1.3.2, contribuirá para um maior envolvimento afectivo entre estudantes, professores e museu, e facilitará uma melhor apreensão dos conhecimentos.

Os resultados dos inquéritos aos alunos, analisados em 3.3.2.2.1, revelam a apetência dos discentes por este género de actividades. Mostram que a maior parte gosta de visitas com animação ou dramatização, tal como apreciam a manipulação de objectos.

O Programa Museológico do Museu da Guarda já prevê o manuseamento de alguns objectos da colecção por parte do público, “depois de contempladas todas as medidas de prevenção de danos e riscos para com o visitante, nos casos em que se reconheça algum perigo no manuseamento desses objectos” (GNR, 2006b, p.12). A nossa proposta é que todas as visitas permitam esse contacto directo com algumas peças do acervo ou com réplicas.

Os alunos que consideram os museus aborrecidos, 17% no 7º ano e 18% no 9º ano, justificam a sua posição, no 7º ano, com a falta de actividades (17%) e no 9º ano, com o desinteresse pelo que se encontra no museu (12%). As nossas sugestões vão no sentido de tornar estas visitas motivadoras, tentando promover um forte envolvimento de todos os alunos, uma vez que os jovens, como também defendem Howard Gardner (1991) e Terry Russel (1994), apreciam a possibilidade de envolvimento físico e emocional com a exposição.

A maioria dos alunos do 7º ano que foram inquiridos (55%) revela clara preferência pelas visitas guiadas com dramatização ou animação, e no caso dos estudantes de 9º ano há um número significativo que as aprecia (24%). Ora, pode-se colocar diferentes personagens a dialogar com os alunos, contando as suas ‘estórias’ e a história do edifício, ou os factos com ele relacionados; e podem inesperadamente surgir a meio da visita personagens caracterizadas, mostrando quadros vivos do quotidiano do convento ou de determinados acontecimentos históricos.

Procuramos através do programa-piloto, corresponder a estas expectativas dos alunos proporcionando-lhes visitas com animação ou dramatização para os temas: da Segurança Pessoal; da Revolução de 1383-85; das Regras de Segurança Anti-sísmica; e do 25 de Abril de 1974.

Relativamente aos ‘ateliers’, verificamos que também têm boa receptividade junto dos discentes. A totalidade dos alunos inquiridos do 7º ano aprecia essas actividades no museu, assim como 82% dos estudantes questionados de 9º ano.

Desta forma, e seguindo também a maioria dos teóricos da educação, particularmente Célestin Freinet, que defende uma pedagogia activa com destaque para as actividades manuais e experiências em cooperação e interacção, sugerimos ‘ateliers’ para as temáticas da Promoção da Qualidade do Ambiente, das Drogas, e do 25 de Abril de 1974.

Permite, como é preconizado pelos vários teóricos da educação, uma aprendizagem centrada no sujeito, onde é possível, através do envolvimento afectivo e da acção, o treino das diversificadas capacidades do aluno. São espaços, de carácter interdisciplinar e interactivo, onde os alunos desenvolvem, individualmente ou colectivamente, diversificadas actividades criativas, usando as diferentes expressões artísticas. Entendemos que estas oficinas têm de ser sempre precedidas de visitas orientadas às exposições, dentro de uma abordagem problematizadora e dialogante que desperte a atenção dos discentes para os aspectos que posteriormente serão trabalhados. A intervenção dos técnicos deverá ser discreta, com

respeito pelo ritmo de cada estudante, num espaço em que se aprende de forma natural e onde deverá dominar o espírito colaborativo.

O programa museológico fala genericamente de oficinas de artes plásticas (GNR, 2006b). À semelhança do que observamos nos museus que estudamos, pode-se, de acordo com os diferentes temas abordados no Museu da Guarda, oferecer ‘ateliers’ diversos, privilegiando: a pintura; o desenho; a estampagem em tecido; a modelagem; os recortes; as colagens; o desenho e pintura em azulejos; a reprodução de réplicas do acervo, em cartão, pasta de papel, barro, gesso ou plasticina; e a escrita criativa, na forma de contos policiais ou poemas.

Os alunos deverão poder explorar, observar e tocar peças ou dispositivos atractivos, ligados à actividade policial, escutar ‘estórias’, descobrir, e produzir novidades. A componente prática favorece uma melhor assimilação e facilita uma memorização mais permanente e viva como defendem os autores que abordamos no capítulo 1. As experiências lúdicas, sempre ligadas a sensações positivas, estimulam a fantasia e a criatividade nos alunos, aumentam o seu grau de concentração e execução e facilitam a interacção entre estes, propiciando dessa forma, como vimos no primeiro capítulo, uma aprendizagem instintiva e intrinsecamente motivadora.

No âmbito da Prevenção Rodoviária, tema abordado em Ciências Físico-químicas e em Formação Cívica, propomos uma deslocação do museu à escola. Os alunos a partir da visita a uma exposição itinerante, são confrontados com os dramas provocados pelos acidentes rodoviários e atropelamentos.

Entrar em carros antigos da Brigada de Trânsito e usar detectores de álcool no sangue, pode contribuir para tornar a experiência algo inesquecível para os estudantes e, assim, conseguir atingir plenamente os objectivos pedagógicos. Vão-se-lhes colocando problemas a resolver através do diálogo, a partir da análise de casos práticos, e usam-se pistas móveis de trânsito para testar os seus conhecimentos, ganhando pontos por cada atitude correcta.<sup>37</sup> Na turma vencedora, são apurados alguns jovens para uma acção de rua na área da escola, onde estes desenvolvam uma acção de sensibilização junto dos automobilistas e peões, com a orientação de agentes da Escola Segura.

---

<sup>37</sup> A Polícia de Segurança Pública já tem usado pistas móveis de trânsito em campanhas com escolas no âmbito da prevenção rodoviária.

No Programa Museológico do Museu da Guarda já estão previstas acções de sensibilização na área da segurança rodoviária designadamente no exterior (GNR, 2006b). A sinistralidade rodoviária em Portugal é um fenómeno social grave, que exige um enorme esforço de prevenção que tem necessariamente de passar pelo trabalho com as crianças e jovens. Estes, vão interiorizando as práticas correctas, e se enquanto filhos podem ter um importante papel na correcção dos erros dos seus pais, enquanto peões, e futuros condutores, não correrão tantos riscos.

O museu estará, desta forma, a assumir a sua função social ao contribuir para a prevenção precoce da sinistralidade nas estradas, colaborando com a escola na formação de cidadãos conscientes e solidários na prática rodoviária.

Para a temática da Segurança Pessoal, abordada em Formação Cívica, propomos uma actividade que corresponde aos desejos destes alunos do 7º ano que foram inquiridos. Muitos sugeriram como actividade para um museu de polícia, ser polícia por um dia ou brincar aos polícias (29%), vestindo uma farda e usando os seus instrumentos, como alguns destacam, assim como manusear armas e fazer tiro ao alvo (29%). Há estudantes a sugerir também a aprendizagem de golpes de defesa pessoal (8%). A nossa proposta vai no sentido de corresponder aos seus anseios.

Para além da visita aos núcleos da GNR, do Serviço Policial e Investigação Criminal, e de Protecção e Socorro, proporciona-se aos estudantes, experimentar a farda, com uma placa de identificação e crachá, sentar-se dentro de uma viatura policial, comunicar via rádio com o alfabeto fonético, e resolver um caso policial, investigando pistas. O programa museológico também já alude à esta possibilidade de colocar os jovens a participar em ambientes recriados da actividade operacional. (GNR, 2006b)

Há um roubo no museu que estes jovens têm de resolver. Desenham o criminoso de acordo com uma descrição, observam impressões digitais, analisam pegadas, cabelos e outras evidências. Depois de resolvido o crime, fazem tiro ao alvo, conversam sobre questões de segurança pessoal e aprendem alguns golpes de defesa individual. Pode-se promover um ambiente de tal forma real e activo, que os estudantes sairão do museu com a ideia de terem vivenciado o papel de verdadeiros polícias<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Existem vários museus de polícia onde os jovens são convidados a resolver um crime. É o caso do Museu de Polícia de Nova York (2009); do Museu de Polícia de Vancouver (2009) e do Museu de Polícia de Estocolmo (2009).



Os estudantes além de ficarem a conhecer o que é o trabalho policial, poderão aprender o que podem fazer para auxiliar o trabalho das polícias e a como manterem-se eles próprios em segurança. Será primordial que os alunos, por um lado, testem as suas capacidades de observação, de memória e de reflexão/relação, com vista ao desenvolvimento das suas capacidades e, por outro lado, que entendam a missão dos guardas, os quais existem para proteger o cidadão.

Para casa, devem poder levar o seu nome escrito em alfabeto fonético, feito por eles próprios, assim como uma impressão da sua imagem com farda, já prevista no Guião da Exposição Permanente do Museu (GNR, 2006a), como referido em 3.2.2.2., quando descrevemos o núcleo expositivo da Guarda Nacional Republicana. Toda esta experiência divertida e pedagógica com a Guarda, marcará, certamente, os estudantes para toda a sua vida, ficando estes com uma noção mais clara do que é o trabalho policial e por outro lado, com uma visão positiva da Guarda e das polícias em geral.

No tema da Revolução de 1383-85 e de D. Nuno Álvares Pereira, sugerimos que o mediador se coloque no papel de Nuno Álvares Pereira e em diálogo com os alunos, os conduza na visita ao núcleo do Convento e de D. Nuno, abordando a temática da revolução e a sua própria história de vida. Depois, a personagem histórica acompanha-os num percurso pela cidade seguindo o itinerário da revolução. A terminar, no Paço do Limoeiro, improvisa-se uma pequena dramatização com base num texto da época, em que os alunos também participam gritando as frases do povo.

Pensamos que seria pertinente, ir além do espaço físico do museu, na linha daquilo que temos vindo a defender nos capítulos anteriores, e que se faz no Museu do Trabalho. Fazemos proposta semelhante para a temática do 25 de Abril de 1974, permitindo percorrer os locais onde ocorreram os principais acontecimentos. Entendemos que o museu deve trabalhar o património em sentido global, incluindo o território<sup>39</sup>.

Para o assunto do 25 de Abril de 1974, dirigido ao 9º ano, também propomos um animador no papel de Marcelo Caetano que conduz os alunos ao núcleo do 25 de Abril e aos corredores e salas que o acolheram durante a revolução. No decorrer do percurso aparecem outras personagens históricas, como Salgueiro Maia e o General Spínola. Dialogam entre si e

---

<sup>39</sup> O Museu de Polícia de Vancouver (2009) também oferece percursos a pé ou de autocarro pela cidade, inseridos no tema ‘Pecados da Cidade’ no âmbito da História Social da Cidade.

com os alunos sobre as causas da revolução, sobre os acontecimentos desse dia e sobre eles próprios.

A actividade termina com um ‘atelier’, em que se lêem poemas sobre a liberdade<sup>40</sup> e os jovens criam poemas ou frases sobre a Revolução, além de construírem um cravo em papel. Por sugestão da professora de História que entrevistamos (cf. Anexo XII), os alunos levam depois para casa não só o produto do seu trabalho mas também a letra da canção ‘Grândola Vila Morena’, que serviu como senha durante a Revolução, como mencionámos em 3.2.5.1.

No âmbito do 25 de Abril no Quartel do Carmo, pode-se também lançar um concurso escolar de banda desenhada, preparando a exposição de trabalhos no museu para o dia 25 de Abril. Esse dia no museu pode ser animado com a entrega dos prémios aos vencedores, colóquios, filmes e exposições temáticas temporárias, recorrendo a outras entidades e museus, procurando envolver toda a comunidade.

Entendemos que os trabalhos vencedores devem ser sempre expostos no museu, seguindo-se as visitas das escolas concorrentes, permitindo uma aproximação dos alunos à instituição, às suas temáticas, assim como a visualização dos trabalhos escolares e o convívio dos alunos que participam nos projectos. Muitos dos familiares acabarão também por visitar o museu e desta forma está-se a reforçar a proximidade entre os agentes de autoridade e a comunidade. Sugerimos que os trabalhos vencedores sejam publicados num ‘site’ próprio da instituição museológica, cuja existência nos parece fundamental, assim como na Revista da Guarda Nacional Republicana.

No caso das Regras de Segurança Anti-sísmica, estudado em Ciências Naturais no 7º ano de escolaridade, sugerimos, como ponto de partida, a destruição do convento no Terramoto de 1755, e os acontecimentos daquele dia em Lisboa. A visita inicia-se no núcleo do Convento, e inclui uma pequena dramatização associada a uma simulação do terramoto, e do incêndio que se lhe seguiu, usando efeitos especiais, com som, cor e fumo, como forma de motivar os estudantes e envolvê-los emocionalmente na temática a abordar. Um animador que faz de Jácome Ratton<sup>41</sup> dialoga com os jovens sobre as suas vivências daquele dia e orienta-os na visita ao núcleo de Protecção e Socorro onde é abordada a temática da prevenção, e dos

---

<sup>40</sup> Liberdade, de Manuel Alegre; ‘As Portas que Abril Abriu’, de José Carlos Ary dos Santos.

<sup>41</sup> Jácome Ratton foi um importante industrial e comerciante luso-francês que vivia em Lisboa quando ocorreu o terramoto. Escreveu um livro chamado ‘Recordações’ em que conta as suas memórias e designadamente descreve o que lhe aconteceu no dia do Terramoto de 1755.

comportamentos a ter durante e depois de um sismo. A terminar entrega-se-lhes um folheto com recomendações para levarem para casa.

No que diz respeito ao tema das Drogas, dirigido ao 9º ano no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, propomos uma visita ao núcleo do Serviço Policial e de Investigação Criminal, com uma abordagem, em diálogo com os alunos, à missão da GNR. Num laboratório improvisado, onde como jovens investigadores entram de bata e luvas brancas, observam os diferentes tipos de drogas<sup>42</sup> e utensílios usados para o consumo e para o tráfico e, de forma muito objectiva e científica, em diálogo com o mediador, ficam a conhecer as características de cada substância, os seus efeitos, e consequências nefastas para o organismo a curto e longo prazo, visionando imagens de forte impacto relacionadas com o consumo, nomeadamente, fetos resultantes de aborto por abuso ou uso dos referidos estupefacientes. Em ‘atelier’, como forma de reflexão final sobre o tema, pintam uma t-shirt com uma mensagem de alerta para o perigo do uso das drogas<sup>43</sup>.

O museu estará desta forma a contribuir, em articulação com a escola, para a promoção de hábitos de vida saudáveis, numa perspectiva de prevenção das toxicodependências e de educação para a saúde.

Relativamente ao tema da Promoção da Qualidade do Ambiente, a nossa sugestão também vai para uma deslocação do museu à escola. A partir de uma exposição itinerante com os meios que têm sido usados pela Guarda nesse domínio, o tema é explorado em diálogo, com recurso à manipulação e experimentação de equipamentos e também ao visionamento de um pequeno filme sobre o assunto. Posteriormente, os jovens são convidados a limpar a escola em moldes ‘ecológicos’ e a reproduzirem objectos com materiais usados ou motivos naturais através da dobragem do papel para a decoração da sala de aula.

O quadro 36 constitui um quadro-síntese do programa-piloto. Integra os conteúdos escolares<sup>44</sup> relacionados com as temáticas do museu, o público-alvo, as áreas curriculares envolvidas, coordenadores, actividades, metodologia, recursos, intervenientes, produto final, duração das actividades, locais em que decorrem as acções, período lectivo em que se devem desenvolver e a forma de avaliação das actividades por parte do público escolar.

---

<sup>42</sup> O Museu da Guarda poderá fazer o mesmo que o Museu dos Entorpecentes do Denarc (2009). Este museu sempre que aparece um novo objecto ou uma nova droga, solicita autorização judicial para que uma pequena quantidade seja mantida no museu.

<sup>43</sup> O custo da t-shirt deve estar incluído no bilhete.

<sup>44</sup> De acordo com os Programas Escolares do Ensino Básico.

**Quadro 36 - Quadro-síntese do Programa- Piloto para a escola E.B.2,3 Jorge de Barros.**

**Temática - Normas de Prevenção Rodoviária** (Regras de trânsito; segurança e prevenção de acidentes).

**Público-alvo** - Alunos do 7º Ano de Escolaridade e do 9º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** - Formação Cívica e Ciências Físico-Químicas.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** - Exposição Itinerante **‘O Museu da Guarda vem à Escola com as Regras de Trânsito’**.

**Metodologia** - Visita à exposição itinerante no pátio da escola, onde os alunos em diálogo com o mediador podem manusear e experimentar equipamentos. Aborda-se, em diálogo com os alunos, a partir da análise de imagens de acidentes de forte impacto e de testemunhos de acidentados, a missão da GNR, a importância das regras de trânsito e a necessidade de prevenção. Qual a razão da maior parte dos acidentes? Após uma análise das regras e sinais de trânsito, dos mais simples aos mais complicados, cuja infração implica maior número de acidentes, seguem-se testes, incluindo situações práticas em pistas móveis de trânsito, ganhando pontos por cada atitude correcta. O dinamizador vestido de uniforme da Guarda controla todas as operações com apito na mão. Os alunos podem levar para casa uma carta de aptidão para circular. Na turma vencedora são apurados alguns alunos para uma acção de rua na área da escola, em que estes, acompanhados por agentes da ‘Escola Segura’ se apresentam vestidos com farda da GNR.

**Recursos** - Exposição itinerante com meios que têm sido usados no combate à sinistralidade rodoviária ao longo dos tempos, nomeadamente, o sistema de controlo de velocidade, detectores de álcool no sangue, e alguns veículos; filme com imagens de acidentes de forte impacto e com testemunhos de acidentados; tela de projecção e videoprojector; imagens com sinais de trânsito para identificação; e pista móvel de trânsito.

**Intervenientes** - Mediador/ dinamizador; alunos; professor; militares da ‘Escola Segura’.

**Produto final** - Resolução de testes de conhecimentos no âmbito do tema.

**Carga horária** – 1h30.

**Local** - pátio da escola.

**Período Lectivo** -3º Período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente serão analisados pela equipa do serviço educativo.

---

**Temática - Segurança Pessoal.**

**Público-alvo** - 7º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** - Formação Cívica.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** - Visita ao Museu: **‘Viver em Segurança’**.

**Metodologia** - Na Sala Institucional, depois do visionamento de um filme de sete minutos sobre a história da Guarda<sup>45</sup> e de um pequeno diálogo sobre a instituição e a sua missão, a partir do conceito de ordem pública, os alunos são convidados a imaginarem-se polícias durante sessenta minutos. Pede-se que interiorizem o espírito de missão, os princípios de disciplina militar, o espírito de corpo e o respeito pelos símbolos nacionais. Vestem uma farda da GNR e levantam em local próprio o equipamento associado à actividade; placa de identificação, crachá, algemas e lanterna. Existe um caso policial urgente por resolver no Museu - o desaparecimento de algumas peças valiosas - para o qual se solicita a sua ajuda. São conduzidos a alguns dos núcleos do museu, directamente relacionados com a actividade policial, de onde terão desaparecido peças - GNR, Investigação Criminal e Protecção e Socorro - e, desta forma, à

---

<sup>45</sup> No Guião da Exposição Permanente (GNR, 2006a), está prevista a existência desse filme institucional, numa mistura de vídeos, fotografias, gráficos 3D e textos animados, com imagens e informações marcantes da GNR, desde 1382, com os primeiros quadrilheiros, até aos nossos dias.

medida que conhecem o museu, em diálogo com um mediador/animador fardado, vão, num clima de mistério e curiosidade, conhecendo as pessoas suspeitas que trabalham no museu e procedendo à recolha de provas que lhes vão sendo apresentadas durante o percurso; imagens e vozes distorcidas captadas pelas câmaras de filmar, cabelo, pegadas e depoimentos escritos que lhes são lidos... Depois de resolvido o crime, para o que bastará observar com atenção as imagens das câmaras de filmar, os alunos vão fazer treinos de tiro ao alvo. Conversam seguidamente com um guarda sobre questões de segurança: O que farias se te apercebesse que a tua casa estava a ser assaltada? Fugias? Contactavas a polícia? Ias atrás do ladrão? E se visse um colega a ser assaltado? Análise, em diálogo, de casos de roubo e de rapto. Reflexão sobre a prevenção e sobre formas de actuar perante o perigo. Destacar regras de segurança em casa, na escola, na rua, em locais desconhecidos e até na internet...<sup>46</sup> No fim, aprendem alguns golpes de defesa pessoal e podem levar para casa uma impressão da sua imagem com farda. Antes fazem um relatório sobre o que aprenderam no museu relativamente a questões de segurança pessoal.

**Recursos** - Filme de sete minutos sobre a história da Guarda; exposição; fardas; placas de identificação; crachá; algemas; lanterna; tela de projecção e projector; cabelos; marcas de pés; depoimentos escritos; equipamento para tiro ao alvo; equipamento multimédia que permite uma impressão da imagem do aluno com farda<sup>47</sup>.

**Intervenientes** - Mediador/animador; militar da guarda; alunos; professores.

**Produto final** - Relatório sobre segurança pessoal.

**Carga horária** – 1h:30.

**Local** - Museu da GNR: Sala institucional, núcleos da GNR, da Investigação Criminal e da Protecção e Socorro e sala do serviço educativo.

**Período Lectivo** - 1º Período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente serão analisados pela equipa do serviço educativo.

---

**Temática** - D. Nuno Álvares Pereira/Revolução de 1383-1385.

**Público-alvo** - 7º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** – História.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** - Visita ao Museu da Guarda e aos espaços associados à Revolução de 1383: ‘Percorrer os Espaços da Revolução de 1383-85...’

**Metodologia** - Visita à cela de D. Nuno Álvares Pereira, onde se é recebido por esta importante figura histórica, que convida os estudantes a visitar o núcleo do convento e em diálogo com estes faz, na primeira pessoa, uma abordagem à temática da revolução, e à sua própria história de vida. De seguida, partem do Museu, conduzidos pelo beato guerreiro, em direcção ao Castelo de São Jorge, Rua do Limoeiro, Paço do Limoeiro, Sé de Lisboa, judiaria velha, Paços do Concelho -hoje a actual igreja de Sto. António- e Mosteiro de S. Domingos. Ao longo do percurso os alunos vão assinalando os principais locais das revoltas populares de Lisboa em 1383 num mapa que lhes é facultado. No Paço do Limoeiro, improvisa-se uma pequena dramatização, com base num excerto de Fernão Lopes, sobre a morte do Conde João Fernandes Andeiro e o apoio do povo ao Mestre de Avis, na qual os alunos, com um excerto da crónica na mão, gritam as frases do povo.

**Recursos** - Exposição; vestuário da época para D. Nuno, pajem e Mestre de Avis; mapa com itinerário da Revolução de 1383-85; excerto da crónica de Fernão Lopes.

---

<sup>46</sup> Na Sala do Serviço Educativo está previsto poderem também realizar filmes interactivos sobre a criminalidade através de uma aplicação multimédia. Por exemplo vêm uma primeira sequência de filme de um ladrão a roubar a sua escola. Seguidamente podem escolher por resposta múltipla o que fariam, e conforme as respostas, vão descobrir as consequências boas ou más, sensibilizando-os para a importância da Guarda. (GNR, 2006a)

<sup>47</sup> Previsto pelos responsáveis afectos à implementação do museu. (GNR, 2006a)

**Intervenientes** - Mediador/ dinamizador D. Nuno; animador /pajem; animador/ Mestre de Avis; alunos; professores.

**Produto final** - Relatório sobre a visita de estudo a produzir em casa.

**Carga horária** – 2h00.

**Local** - Museu - cela de D. Nuno Álvares Pereira; núcleo do Convento - e locais de Lisboa ligados à Revolução.

**Período Lectivo** -3º Período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente serão analisados pela equipa do serviço educativo.

---

**Temática** - Regras de Segurança Anti-sísmicas - prevenção e comportamento a ter durante e depois de um sismo.

**Público-alvo** - Alunos do 7º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** - Ciências Naturais.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** - Visita ao Museu da Guarda: ‘O Convento do Carmo e o Terramoto de 1755...’

**Metodologia** - Visita guiada ao núcleo do Convento, que constitui um ex-libris do Terramoto de Lisboa de 1755, com apresentação de gravuras do edifício anteriores ao Terramoto, assim como de uma maquete. Segue-se uma pequena dramatização sobre o que pode ter sido aquele dia no convento com som e efeitos visuais. Aparece depois um animador que faz de Jácome Raton que dialoga com os alunos sobre a sua experiência pessoal - tinha ido à missa na Igreja do Carmo. A partir da dramatização e de imagens do terramoto aborda-se em diálogo a necessidade de prevenção e o comportamento a ter durante e depois dos sismos. Visita-se o núcleo de Protecção e Socorro e entrega-se um folheto com recomendações.

**Recursos** - Exposição; equipamentos de multimédia; folheto com recomendações no âmbito prevenção e dos comportamento a ter durante um sismo.

**Intervenientes** - Mediador; animador/ Jácome Raton; alunos; professores.

**Produto final** - Relatório sobre a visita de estudo a produzir na escola.

**Carga horária** – 1h30.

**Local** - Museu da Guarda: núcleo do Convento e núcleo de Protecção e Socorro.

**Período Lectivo** -2º Período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente serão analisados pela equipa do serviço educativo.

---

**Temática** - Promoção da Qualidade do Ambiente

**Público-alvo** - 7º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** - Formação Cívica.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** - Exposição Itinerante: ‘Vem Ajudar a Proteger o Ambiente com o Museu da Guarda’.

**Metodologia** - Visita à Exposição Itinerante no pátio da escola. Após um breve diálogo com os alunos de introdução ao tema, explicando a missão da GNR em questões ambientais, segue-se a visita à exposição, onde devem poder manipular e experimentar, e o visionamento de imagens de algumas infracções ambientais. Visionam também um

filme acerca dos efeitos negativos da acção humana sobre ambiente, com testemunhos de forte impacto. Desenvolve-se um diálogo activo sobre os factores que contribuem para a deterioração do meio ambiente; fiscalização; alguns exemplos de sanções aplicadas; e formas de promover o ambiente através de pequenos gestos. De seguida são convidados a limpar a escola em moldes ecológicos e a reproduzir em 'atelier' objectos com materiais usados e motivos naturais através da dobragem de papel.

**Recursos** - Exposição itinerante no pátio da escola com meios que têm sido usados pela Guarda nas suas missões diárias no âmbito do serviço de protecção da natureza, designadamente: viaturas, medidores de gases poluentes e medidores de ruído; filme com imagens de infracções ambientais e dos efeitos negativos da acção humana sobre o ambiente, com testemunhos vivos de forte impacto; tela de projecção e videoprojector; sacos destinados à recolha de lixo em termos ecológicos; materiais usados; papel; marcadores.

**Intervenientes** - Mediador/ dinamizador; alunos; professor.

**Produto final** - Objectos produzidos com materiais usados - adereços, fantoches, ou um barrete da Guarda- e motivos naturais- pássaros, plantas e animais diversos - produzidos através da dobragem de papel para a decoração das salas de aula.

**Carga horária** – 1h30.

**Local** - pátio da escola.

**Período Lectivo** - 2º Período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente serão analisados pela equipa do serviço educativo.

---

**Temática** - Drogas

**Público-alvo** - 9º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** - Ciências Naturais.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** -Visita ao Museu da Guarda: 'Combate às Drogas no Museu'.

**Metodologia** - Visita ao núcleo do Serviço Policial e de Investigação Criminal, com uma abordagem, em diálogo com os alunos, à missão da GNR. Num laboratório improvisado, onde entram de bata branca e luvas, mostram-se aos alunos diferentes tipos de drogas falando dos efeitos e consequências do seu consumo, com visionamento de imagens de forte impacto relacionados com o consumo. Em 'atelier' pintam uma t-shirt com uma mensagem apelativa de alerta para o perigo do uso das drogas.

**Recursos** – Exposição/laboratório improvisado; batas brancas; luvas brancas; imagens de forte impacto relacionadas com o consumo de drogas; tela de projecção e videoprojector; t-shirt; tintas/ marcadores.

**Intervenientes** - Mediador/ dinamizador; alunos; professor.

**Produto final** - T-shirt com uma mensagem apelativa de alerta para o perigo do uso das drogas.

**Carga horária** – 1h30.

**Local** - Museu do Guarda: núcleo do Serviço Policial e de Investigação Criminal e sala do Serviço Educativo.

**Período Lectivo** - 2º período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente são analisados pela equipa do serviço educativo.

---

**Temática - O 25 de Abril de 1974**

**Público-alvo** - 9º Ano de Escolaridade.

**Áreas Curriculares** – História.

**Coordenação da Actividade** - Serviço Educativo do Museu.

**Actividade** - Visita ao Museu da Guarda e ao Quartel do Carmo: **'A Revolução dos Cravos no Carmo'**.

**Metodologia** - Após uma breve introdução à temática, um animador, no papel de Marcelo Caetano, conduz os alunos a uma visita ao núcleo do 25 de Abril de 1974 e aos corredores e salas que o acolheram no apogeu da revolução; a certa altura aparece um outro personagem, Salgueiro Maia...! Dialogam entre si, e com os alunos, sobre as causas da revolução, sobre si próprios e os acontecimentos desse dia, mas também sobre o significado da Revolução. A terminar, surge o general Spínola, que lembra, em diálogo, o fim do cerco ao Quartel do Carmo. ... No final da visita, em 'atelier', após a leitura de vários poemas sobre a liberdade, e ao som de músicas associadas à revolução, os alunos criam um poema, ou frase, sobre a Revolução e constroem um cravo em papel. Levam para casa o resultado do seu trabalho, assim como a letra da canção 'Grândola Vila Morena'.

Possibilidade de iniciar a visita na praça do comércio, percorrendo os locais onde ocorreram os principais acontecimentos da revolução, até ao Quartel do Carmo.

**Recursos** - Exposição; poemas sobre a liberdade; músicas da Revolução; equipamento de som; material de escrita; papel modelável em vermelho e verde; arame; letra da canção 'Grândola Vila Morena'.

**Intervenientes** - Mediador/ animador Marcelo Caetano; animador Salgueiro Maia; animador General Spínola; alunos; professores.

**Produto final** - Poema, ou frase, sobre a Revolução e um cravo em papel.

**Carga horária** – 1h30.

**Local** - Museu da Guarda: núcleo do 25 de Abril de 1974; corredores e salas do Quartel que acolheram Marcelo Caetano durante a Revolução; sala do Serviço Educativo.

**Período Lectivo** - 2º Período.

**Avaliação da actividade** - Através de questionários a professores e alunos, que posteriormente serão analisados pela equipa do serviço educativo.

Fonte: Elaborado pela autora

Qualquer actividade no museu exigirá uma preparação muito cuidada, no sentido de adequar conteúdos, percursos, actividades, interesses, capacidades, e níveis etários e psicológicos dos estudantes. Só dessa forma se estará a ser eficaz, evitando acções estéreis.

O museu e as escolas, como destacado nos capítulos precedentes, deverão planificar conjuntamente as visitas de estudo, com uma visita prévia do professor à instituição museológica, onde lhe sejam fornecidos materiais pedagógicos e se lhe proporcione o apoio dos técnicos. Em conjunto, professores e técnicos, deverão não apenas acertar o tema que será



abordado, mas também os moldes da visita. Consideramos fundamental que definam objectivos e seleccionem recursos, com base na faixa etária e nível de conhecimento dos alunos, e de acordo com o que culturalmente é importante e apropriado para cada grupo; informações que só os professores detêm e que partilharão com os técnicos do museu.

Em conformidade com o que apresentamos em 1.3.2, um conhecimento prévio sobre os estudantes permitirá aos técnicos dos serviços educativos ajustar a sua linguagem e promover contextos compreensíveis, que possibilitem aos alunos relacionar os saberes apresentados com o que já conhecem, facilitando, desse modo, a aprendizagem e a comunicação. A preparação prévia das actividades permitirá, não apenas, que os técnicos do serviço educativo, na posse de mais informação sobre os visitantes, adequem melhor a sua abordagem, como também que os alunos possam ter antecipadamente um melhor conhecimento acerca da instituição museológica e da temática que vão trabalhar. Ao terem conhecimento do que vão observar e fazer, podem focalizar-se e estabelecer critérios de interesses que facilitam a aprendizagem.

Entendemos, em consonância com o que já foi abordado no Capítulo 1, que os futuros mediadores do Museu da GNR, devem ter uma linguagem simples e divertida, assumindo um discurso motivador, dialogante, e problematizador, incentivando os alunos a conversar sobre o que vêem e a partilhar opiniões.

Os jovens, em diálogo, fazem as suas interpretações, discutem e formam a sua opinião assente no que observam, aprendendo também a respeitarem pontos de vista diferentes. Incentivar os alunos a falar ou agir de acordo com as suas motivações, a expressarem as suas sensações, através de analogias e do relacionamento das peças, ou de situações expostas, com outras conhecidas, é uma das melhores maneiras de passar conhecimentos para os estudantes, como ficou plasmado no capítulo 1. Todos os museus da nossa amostra revelaram estar atentos a esta questão.

Temos que ter em atenção o pensamento dos educadores contemporâneos e em especial de Paulo Freire, cujo pensamento abordamos em 1.3.2, considerado como o educador que mais adequação encontra no campo da museologia actual, que defende uma educação problematizadora, assente no diálogo e na reflexão crítica. As nossas propostas para o Museu da GNR seguem, as teorias de Piaget, mas também esta concepção de educação de Paulo Freire, assim como a de Freinet. Este, defende, como também referimos no capítulo 1, uma

pedagogia activa, com actividades manuais e experiências de cooperação, para além de uma educação democrática que permita ao aluno dar a sua opinião e fazer escolhas.

Como assinalamos em 1.4, em consonância com Reuven Feuerstein (1981) e com a prática da maior parte dos museus da nossa amostra, a existência de mediação parece-nos essencial. Os alunos também revelaram nos inquéritos, como ficou evidenciado em 3.3.2.2.1, claro interesse pelas visitas mediadas. Por isso, todas as nossas propostas apontam nesse sentido.

O Museu da Guarda pode vir a ser um espaço de encontro, descoberta, diálogo e criatividade. A discussão e a partilha animada de saberes, facilitam o envolvimento dos estudantes com as colecções do museu e contribui para o seu desenvolvimento global; físico, emocional e intelectual.

Entendemos importante o uso do som e da música no museu. Ajudará a acentuar o carácter imersivo do espaço. O emprego de equipamento audiovisual proporcionará maior envolvimento afectivo dos estudantes. Deverá estar adequado às diferentes temáticas abordadas.

Em nossa opinião, é essencial que se proporcione aos estudantes a oportunidade de experienciar o museu como uma aventura estimulante, fazendo os alunos imergir, na história da Guarda e do edifício onde estará instalado o museu, assim como na cultura da instituição, reforçando a proximidade entre os agentes de autoridade e os cidadãos. Mostrando, sempre que possível, que a segurança em sentido amplo, indispensável para uma existência harmoniosa, deve ser uma responsabilidade de todos.

Parece-nos de primordial interesse a avaliação do grau de satisfação e de aprendizagem do público escolar nas visitas ao museu, através de questionários aos professores e aos alunos, cujos dados devem depois ser analisados e discutidos, embora tenhamos constatado que a maior parte dos museus estudados não consegue fazer uma avaliação rigorosa do seu trabalho com as escolas. O Museu do Trabalho pode servir de exemplo na medida em que usa questionários de opinião que posteriormente são trabalhados e analisados em reuniões de equipa.

Embora se trate de uma tarefa que exige disponibilidade de tempo da parte dos técnicos do museu, que na maioria dos casos já estão sobrecarregados de trabalho devido à insuficiência de recursos humanos, essa avaliação é fundamental para aperfeiçoar práticas e poder corresponder melhor às expectativas das escolas. Por essa razão no programa-piloto que

apresentamos também está prevista a avaliação das diversas actividades. Apresentamos em apêndice um inquérito para a avaliação das mesmas. (cf. Apêndice VII)

### **3.3.2.4 – Auscultação dos Professores e da Guarda Nacional Republicana**

Ouvimos três professores da Escola Básica 2, 3 Jorge de Barros sobre as nossas propostas. São docentes das disciplinas para as quais fazemos as nossas sugestões no programa-piloto. Pretendíamos conhecer a sua opinião quanto à adequação das propostas, aos alunos e aos programas das disciplinas, mas também ouvir sugestões, e saber o que pensam acerca da exequibilidade do programa-piloto, fazendo os ajustes necessários em função das suas posições.

A professora de História, Hermínia Pires, considera que as actividades propostas no âmbito da sua disciplina, ‘Per correr os Espaços da Revolução...’ e ‘A revolução dos Cravos no Carmo’, se adequam muito bem quer aos alunos, quer ao Programa de História. Valoriza nesta proposta o uso da dramatização afirmando que “é importante para os alunos a recriação de figuras e factos históricos, para que melhor se integrem no contexto histórico e se sintam mais próximos da realidade em estudo”( cf. Anexo XII). Destaca no programa-piloto a participação activa dos alunos nas recriações históricas assinalando que é muito importante neste tipo de acções a interacção com os animadores e o estímulo à criatividade dos estudantes. A professora entende que as sugestões feitas no âmbito da sua disciplina podem “constituir uma boa estratégia de consolidação dos conhecimentos abordados em sala de aula” (cf. Anexo XII). Defende que são actividades exequíveis e que podem ser apelativas para incluir numa planificação de actividades do Grupo de História.

A docente sugeriu que na actividade a dinamizar com o 9º ano, no respeitante ao 25 de Abril de 1974, seja fornecida aos alunos a letra da canção ‘Grândola Vila Morena’, a qual devem poder levar para casa com o cravo construído em papel.

A professora de Ciência Naturais, Ana Paula Mota, entende que as actividades, ‘O Convento do Carmo e o Terramoto de 1755’ e ‘Combate às Drogas no Museu’, se adequam plenamente quer aos alunos quer ao programa da disciplina. Acha as propostas muito interessantes e refere o facto do grupo de Ciências Naturais ter habitualmente alguma dificuldade em encontrar actividades que se ajustem ao programa do 9º ano de escolaridade.

A proposta que diz respeito às drogas permitiria segundo a docente “um contacto directo com a realidade e sobretudo através das pessoas certas” (cf. Anexo XIII). Quanto à questão da exequibilidade, do ponto de vista da docente, apenas será necessário os professores ajustarem as planificações do grupo disciplinar no início do ano lectivo por forma a antecipar a leccionação dos temas, uma vez que estes, de acordo com o programa, são abordados no 3º período.

A professora de Ciências Físico-químicas, Luísa Silva (cf. Anexo XIV), considera que a actividade ‘O Museu da Guarda vem à escola com as Regras de Trânsito’ se adequa quer aos alunos quer ao programa da disciplina. Integra-se na temática leccionada ao 9º ano de escolaridade ‘Transportes e Segurança’. Pensa que é perfeitamente exequível. Na sua opinião pode ser posta em prática no átrio da escola, no campo de jogos e na sala 6/7, uma sala grande com um palco desmontável.

A mesma professora, Luísa Silva, lecciona também Formação Cívica e por isso pediu-se-lhe o seu parecer a propósito das actividades sugeridas para essa área. Entende que as actividades, ‘O Museu da Guarda Vem à Escola com as Regras de Trânsito’, ‘Viver em Segurança’, e ‘Vem Ajudar a Proteger o Ambiente com o Museu da Guarda’, se adequam perfeitamente aos alunos e ao programa de Formação Cívica. São na sua opinião, actividades perfeitamente exequíveis no espaço escolar (cf. Anexo XV).

O parecer da Guarda Nacional Republicana refere que as propostas do programa-piloto revelam um bom estudo e conhecimento da Guarda e da sua história, assim como do Quartel do Carmo, “sendo as actividades propostas bastante interessantes, criativas e inovadoras”. Dizem-nos que neste momento dado que o museu ainda não existe, quer em termos de espaço físico quer em termos de recursos humanos e financeiros, as propostas são a curto prazo de difícil execução, embora “Caso a caso, com maior ou menor dificuldade, as mesmas podem ser concretizáveis, com as necessárias adaptações ou adesão de parceiros externos” (cf. Anexo XVI). Depreendemos que se o museu já existisse seria possível pôr em prática este programa. O mesmo parecer menciona “Apesar da inexistência do museu da GNR, cujo processo de implementação está em curso, esta Divisão acolhe estes projectos de forma positiva, podendo os mesmos vir a ser adoptados pelos serviços educativos do futuro Museu da Guarda Nacional Republicana.” (cf. Anexo XVI)

### 3.3.3 - Recursos Informativos e Didáticos Destinados às Escolas

A produção, por parte do museu, de materiais relacionados com os currículos escolares, para professores e estudantes é essencial.

Sugerimos a criação de maletas pedagógicas no âmbito da actividade policial, da segurança rodoviária, e da educação ambiental. As maletas pedagógicas, existentes na maioria dos museus do nosso estudo, como realçamos no primeiro capítulo, constituem uma forma de levar o museu à comunidade, tornando-se especialmente importantes, para as escolas localizadas em zonas periféricas ou zonas rurais afastadas do museu, mas também para incentivar as visitas à instituição.

Nas maletas pedagógicas, às réplicas de peças, em madeira, metal, tecido ou outros, relacionados com as diferentes temáticas, pode-se associar jogos didáticos, ‘puzzles’, ‘CD-rom’s ou DVD’s, fotografias, fichas-guia e outra documentação, nomeadamente sugestões de actividades.

Julgamos igualmente necessário produzir fichas de observação e exploração, com pistas e questões, para os diferentes níveis de ensino e temas, para serem realizadas pelos alunos, durante o percurso da visita, no caso de o professor optar por visita livre; assim como folhetos ou guias didáticos para professores e alunos, dos diferentes níveis escolares, com vista à preparação da visita por parte do docente, que pode, inclusivamente, optar por orientar a visita, dispensando o profissional do serviço educativo. O Programa Museológico da Guarda já prevê, neste domínio, a criação de brochuras informativas das colecções que complementem a legendagem das peças. (GNR, 2006b)

Roteiros temáticos, onde conste a planta do museu com os diferentes itinerários assinalados a cor diferente, com a indicação das salas/ peças relacionadas com o tema, assim como brochuras em banda desenhada no âmbito das atitudes a tomar em termos de segurança e preservação ambiental, podem assumir igualmente grande eficácia junto dos alunos.

Será muito útil a entrega gratuita de todo este tipo de materiais de apoio, com a sua disponibilização através de ‘site’ próprio, assim como de dossiers temáticos, direccionados para professores e educadores, para trabalharem com os alunos antes, durante e depois da visita. As actividades pós-visita consolidam a aprendizagem. No nosso entender, o Museu da Guarda deverá conceber materiais e actividades que permitam aos estudantes, de acordo com os seus interesses, trabalhar as informações obtidas durante a visita.

Deve-se igualmente conceber para os mais jovens, no âmbito das diferentes temáticas, livros para colorir e figuras para recortar e montar.

O Programa Museológico (GNR, 2006a), prevê a instalação de módulos interactivos, adaptados para crianças. Neste caso, recomendamos que deve ser dado tempo às crianças para a exploração livre desses módulos. O monitor nesses momentos deverá ir respondendo às questões dos alunos, demonstrando a forma correcta de executar as tarefas, e deixando-os agir livremente e descobrir por si mesmos, de forma a criar maior prazer e entusiasmo (Veverka, 1994). Destacamos, contudo, como foi referido em 1.3.3, que é fundamental um equilíbrio no sentido de conciliar o esforço intelectual com a manipulação das tecnologias, não esquecendo que as novidades interactivas podem desviar os alunos do essencial.

### **3.3.4 - Estratégias de Divulgação junto das Escolas**

Este museu além das funções de salvaguarda e promoção do património, dadas as características e potencialidades que temos vindo a apresentar ao longo deste capítulo, deverá ter como princípios orientadores, como também já referimos, uma profunda ligação à comunidade, tornando-se num museu dinâmico e de intervenção social. Tal apenas se conseguirá com eficazes estratégias de divulgação, nomeadamente, junto das escolas. Essa divulgação junto das escolas não deverá passar somente pelas cartas de apresentação, com os contactos e horários de funcionamento. O Museu da Guarda precisará divulgar os seus programas de acção educativa, com temas, conteúdos e actividades das visitas, através de brochuras, através da internet, e até mesmo da comunicação social.

A maioria dos museus da nossa amostra tem ‘site’ próprio. A existência de um ‘site’ próprio do Museu da Guarda na internet, com informações sobre o seu acervo e sobre o programa de actividades, com informações quanto à faixa etária ou nível escolar a que se destinam, ajudará a divulgar o museu e facilitará o acesso à informação por parte dos professores e estudantes.

No nosso entender o Museu da Guarda poderá facultar através de um ‘site’, além do seu programa educativo, filmes ‘quicktime’, jogos, e visitas virtuais em tempo real, para superar questões de distância, proporcionar o primeiro contacto com o museu e, mesmo, consolidar a informação após a visita. Diz-se que a instituição museológica no futuro será um

espaço que recebe um público que primeiro conquistou através da internet, ou um espaço que acolhe sujeitos que o irão depois conhecer melhor na internet. (Faria, 2000)

Na ‘homepage’, pensamos que deverão existir apontadores para os serviços educativos, para que professores e estudantes, quando procurem informações ou actividades, possam aceder de forma célere ao que procuram.

Consideramos fundamental, envolver os professores com a instituição, através de informação sempre actualizada, designadamente, de ‘workshops’ e de visitas gratuitas, desafiando-os a proporem temas e a reflectirem sobre estratégias, usando as informações dos docentes e educadores na melhoria da oferta educativa, como já defendemos no primeiro capítulo. Dessa forma, como preconizamos, está-se a promover a relação de proximidade com as escolas, mas ao mesmo tempo está-se a dar a conhecer o museu e as diferentes formas de aproveitar o seu espaço, e as suas colecções, para um ensino mais motivador e activo, evitando-se visitas banais e pedagogicamente pouco estimulantes.

A acção de divulgação e sensibilização dirigida a professores no Museu do Trabalho no âmbito da visita temática “Fazer de conta que somos autarcas...”, ou os ‘workshops’ para professores no Museu Nacional de Arqueologia, referidos no capítulo anterior, podem ser exemplos para pôr em prática no Museu da GNR.

A oferta regular de exposições temporárias no museu, constitui também um importante meio de promoção da instituição museológica. São fundamentais para atrair visitantes ao Museu, designadamente das escolas. A evolução histórica do conceito de ordem pública e os castigos aplicados ao longo dos tempos; a Revolução de Abril; a toxicodependência; a violência doméstica; são apenas alguns dos temas que podem ser abordados dessa forma, assim como, os problemas das minorias e do ambiente: Como vivem as minorias em Portugal? Quais as suas inquietações? Quais os seus desejos? De que maneira a sua identidade está preservada? Como preservar o ambiente? Alguns destes temas são questões com as quais o agente da Guarda se confronta no seu quotidiano, que dizem respeito a todos, e cuja abordagem pode ter efeitos práticos em termos sociais, podendo contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

Os concursos escolares são igualmente actividades muito motivadoras que podem contribuir para a divulgação do museu. Propomos um concurso em 3.3.2.3, a propósito do tema do ‘25 de Abril de 1974’, mas existem outras temáticas escolares que se cruzam com as

temáticas do Museu da Guarda e que podem ser trabalhadas através de concursos anuais para as escolas. É o caso da ‘Promoção da Qualidade do Ambiente’, da ‘Segurança’, das ‘Drogas e Problemas Sociais’, da ‘Inclusão’, da ‘Paz’ e da ‘Solidariedade’; envolvendo fotografia ou desenho, banda desenhada, escrita criativa, escultura ou artes performativas. Está-se a promover o museu e ao mesmo tempo a desenvolver, em colaboração com a escola, um trabalho interdisciplinar que vai ao encontro das competências essenciais a adquirir nas diferentes áreas como as Ciências Naturais, a Língua Portuguesa, a Formação Cívica e a Expressão Artística ou a Educação Visual.

A divulgação de informação sobre as colecções e sobre a globalidade das actividades educativas dos museus é essencial às escolas para a sua programação anual. Os museus que consigam uma boa divulgação das suas actividades junto das escolas, associada a uma imagem dinâmica e apelativa, obterão certamente uma maior procura e um maior sucesso na sua missão.

A forte concorrência entre as instituições museológicas, assim como a importância que a propaganda assume na sociedade contemporânea, exige que o Museu da GNR crie, e difunda, o mais possível, uma imagem de si próprio, como um espaço agradável, onde se desfrutem de experiências formativas e divertidas.



## Conclusão

Museus e escolas lentamente têm-se vindo a aperceber do uso educacional que se pode fazer do património, muito para além da simples abordagem como complemento da ‘educação bancária’ de que fala Paulo Freire (1992). Os museus, trabalhando em conjunto com as escolas, através de metodologias activas e apropriadas, podem contribuir, para o exercício da cidadania, para a preservação do património, para o êxito escolar, através de uma compreensão mais fácil dos conhecimentos teóricos, e também, para uma maior motivação dos estudantes para as questões culturais, particularmente, as relacionadas com o património e com a memória.

O maior desafio que os museus enfrentam, numa época de rápidas e constantes mudanças, é adaptar a linguagem, os objectivos e as funções às expectativas da sociedade.

Para actuar com eficácia na área da educação em articulação com as escolas, é necessário conhecer os programas curriculares, as teorias e estudos no campo do processo do ensino-aprendizagem, e adequar objectivos, linguagem e técnicas pedagógicas aos diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo dos estudantes, no sentido de uma pedagogia activa, com destaque para o diálogo e para as actividades manuais e lúdicas, em cooperação e interacção.

Os serviços educativos apresentam-se como uma necessidade básica, dado que é a estes que cabe planear e pôr em prática as diversificadas actividades motivadoras, que tornem o museu num espaço dinâmico e pedagogicamente adequado aos diferentes públicos.

Para uma estreita cooperação entre os serviços educativos do museu e a escola, é indispensável levar os recursos das instituições museológicas para os currículos e envolver os docentes e educadores através da divulgação de informação sobre o museu, visitas e Workshops, além de utilizar as informações que os docentes podem fornecer para melhorar a oferta educativa da instituição.

A maioria dos museus do nosso estudo tem serviços educativos estruturados, prepara as visitas escolares em articulação com os docentes, fornecendo-lhes documentação, e proporciona a manipulação e experimentação, mas também, a reflexão e o diálogo. Apuramos que a maioria dos museus procura apresentar uma certa variedade de actividades que dêem resposta às necessidades e expectativas das escolas, e que são os museus com serviços educativos organizados que melhor o conseguem fazer, nomeadamente, usando a internet na divulgação das suas actividades. Entre a oferta educativa, sobressaem as visitas guiadas e

temáticas, de acordo com as especificidades de cada museu, com dramatização ou animação; os ‘ateliers’; as maletas pedagógicas; os concursos; e as exposições itinerantes. A maioria destes museus parece ter assumido o seu papel educativo e social, na medida em que através da sua oferta educativa procura contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, e para a aprendizagem dos conteúdos escolares.

Embora globalmente pareça não existir ainda uma profunda cooperação regular, efectiva e dinâmica entre as escolas e os museus, existem muitos museus que, de acordo com as suas possibilidades e recursos, incrementam estratégias de qualidade, revelando grande empenho nessa colaboração.

Este estudo partiu de uma questão central, a de saber se o futuro Museu da Guarda Nacional Republicana seria capaz de se assumir como um instrumento dinâmico de transformação social, através da sua relação com o público escolar. Nesse sentido, foram levantadas algumas questões que funcionaram como linhas orientadoras deste estudo: O Museu da Guarda é capaz de trabalhar numa acção de formação para a cidadania? É capaz de contribuir, pela acção pedagógica, para a prevenção de problemas ambientais? Pode ajudar a alterar hábitos ao nível da circulação rodoviária e da segurança? Pode contribuir para a afirmação de uma identidade nacional?

Esta investigação, através do estudo do Programa Museológico do Museu e dos programas escolares do Ministério da Educação, com base na análise de uma vasta bibliografia na área da museologia e da educação, e também, com uma investigação objectiva sobre as práticas de alguns museus, permite-nos confirmar as questões que serviram de linhas orientadoras deste estudo, apresentando propostas que compõem o programa-piloto desenvolvido no último capítulo. Este foi concebido com base no exposto anteriormente, mas também nas expectativas dos alunos, obtidas através dos inquéritos, e ainda nos pareceres dos professores e da Guarda Nacional Republicana, que também participaram com sugestões, levando a reajustes do programa-piloto inicial.

Mostramos que o futuro Museu da GNR, dentro da sua abrangência temática, partindo de temas comuns à escola, pode amplamente trabalhar numa acção de formação para a cidadania, como ficou plasmado no capítulo 3, contribuindo através da acção pedagógica, em articulação com a escola, para a preservação da natureza e do ambiente, para a alteração de hábitos ao nível da circulação rodoviária e da segurança, do abuso de drogas, mas também

para a promoção da multiculturalidade e de uma cultura de paz e de tolerância, assim como até do gosto pela música.

O significativo número de acidentes rodoviários, que todos os dias sucedem, são, em muitas circunstâncias, originados pelo desrespeito pelas regras da condução, originando graves consequências para os próprios condutores e para terceiros. Demonstramos através do nosso programa-piloto que o Museu da Guarda, através de um trabalho dinâmico com as crianças e com os jovens, poderá tentar ajudar a alterar esta situação, fomentando atitudes cívicas e de respeito pelo Código da Estrada, assim como poderá contribuir para promover atitudes no âmbito da prevenção da criminalidade e da defesa do ambiente ou para prevenir comportamentos de risco associados ao abuso de estupefacientes.

Constatou-se, igualmente, que o Museu da Guarda, poderá concorrer para a afirmação da identidade nacional, através de uma relação de proximidade com as escolas, ao abordar o passado quer do monumento onde será instalado o Museu, quer da instituição, com a abordagem de temáticas como ‘D. Nuno Álvares Pereira e a Revolução de 1383-85’; ‘A Arquitectura Gótica do Convento do Carmo’; ‘O Terramoto de 1755 no Convento do Carmo’; ou ‘O 25 de Abril de 1974 no Quartel do Carmo’.

O Museu da GNR estará a cumprir a sua missão social, em colaboração com a escola, ao promover o património e a identidade, a cidadania, a saúde, o ambiente, os valores da paz, da solidariedade e do respeito para com o outro, ou a fomentar uma cultura de segurança, alertando a população escolar para os perigos em que podem incorrer e ajudando a evitá-los.

É necessário ‘ser cidadão’, pensando no modo como as nossas acções são decisivas para a vida colectiva, e este Museu poderá ajudar, como mostramos no último capítulo, a contribuir para uma cidadania activa e responsável ajudando a mudar comportamentos, assumindo-se, efectivamente, como um instrumento dinâmico de desenvolvimento social.

A partir do trabalho com os alunos, e procurando contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, poder-se-á envolver toda a comunidade tentando responder às suas preocupações, aos seus anseios e problemas, estabelecendo com as populações vínculos afectivos, culturais e educacionais.

No programa-piloto que desenvolvemos propomos estratégias que reforcem a interacção social, a comunicação e a reflexão à volta das diferentes temáticas e inquietações,

educando para os valores e para a cidadania, ajudando na difusão do conhecimento e do ‘saber fazer’, tornando as visitas das escolas mais atraentes, lúdicas e educativas.

Pretendemos que a partir das exposições, ao nível dos diferentes temas que podem ser abordados com a escola, e dentro daquilo que é defendido por vários educadores e pedagogos, sejam suscitadas questões que levem os alunos a reflectir, a interagir e experimentar. As potencialidades desta instituição museológica, facilitam, como mostramos no último capítulo, uma programação educativa diversificada que pode ir desde as visitas temáticas mediadas, com ou sem animação, a oficinas criativas, história ao vivo, passando por palestras, concursos, exposições temporárias, maletas pedagógicas e exposições itinerantes, onde cada tema pode ser explorado, complementando os conteúdos programáticos escolares e favorecendo a reflexão e a acção.

Entendemos que algumas das actividades do programa-piloto não poderão ser postas em prática quotidianamente por questões práticas de operacionalidade. Contudo, podem ser realizadas de forma regular, ainda que espaçadas no tempo, podendo ir desde uma vez por semana a uma vez por ano, dependendo do grau de complexidade das actividades. A colaboração da Escola Segura, do SEPNA, ou do GIPS nestas actividades, facilitará a tarefa do futuro museu e proporcionará uma maior aproximação dos jovens aos militares da Guarda.

Toda esta dinâmica, complementada com uma boa estratégia de divulgação, ajudará a ampliar gradualmente a acção dialógica deste museu com a comunidade, e naturalmente a sua popularidade, podendo, desse modo, exercer melhor a sua função social, enquanto espaço de reflexão e debate, ajustado aos efectivos interesses e necessidades da comunidade que deve servir.

A maioria das pessoas sabe muito pouco sobre a GNR, a menos que tenham sido vítimas de crime ou que tenham sido presas. O museu, constitui uma oportunidade de dar a conhecer melhor a sua acção e a sua história, intimamente ligada à história de Portugal, e é uma forma de aprofundar as relações com a comunidade, contribuindo para dar uma nova imagem da instituição e simultaneamente, mostrar que a Guarda, não existe apenas para investigar e reprimir, mas que faz parte da sua missão, prevenir e proteger pessoas e bens.

A instituição museológica para muitos ainda é lugar de coisas antigas, associada ao estático e à monotonia. Acreditamos que a presente dissertação contribuirá, por um lado, para continuar a desmistificar essa imagem elitizada dos museus e, por outro, para demonstrar que o património não é algo que se esgote no passado, sem ligação ao quotidiano e ao presente.

Defendemos ao longo deste trabalho uma museologia activa e participada, ao serviço da comunidade, que valoriza o sujeito activo, crítico e consciente da realidade, e todas as nossas propostas assentam nesta concepção.

Entendemos que o museu deve assumir-se como um espaço aberto e dinâmico, ao serviço de todos e usado por todos, próximo dos interesses e das preocupações dos cidadãos, direccionado para o benefício cultural e social das populações.

Finalizo este trabalho não com um ponto final, mas ainda com algumas indagações que me impelem para futuros estudos no âmbito das práticas dos serviços educativos dos museus, e com a expectativa de ter dado um impulso ao serviço educativo do futuro Museu da Guarda, assim como de ter contribuído para que esta, e outras instituições museológicas, entendam que os programas de acção educativa são ferramentas imprescindíveis para que o museu exerça com eficácia o seu papel social junto da comunidade.

## Bibliografia

### Bibliografia Citada

- Afonso, Aniceto. (2004). A Revolução dos Cravos. In João Medina (Dir.). *História de Portugal*. (Vol. XVIII, pp. 51-173). Lisboa: Ediclube.
- Alves, Carlos Alberto dos Santos & Manuel, Paulo Jorge Silva Rebelo. (2002). Serviços de Investigação Criminal [Versão electrónica]. *Pela Lei e Pela Grei*. Nº 1. Janeiro - Março. Acedido a 7 de Setembro de 2008 em [http://www.gnr.pt/portal/internet/gabinete\\_imprensa/revista\\_gnr/edicoes/2002/N1/inv\\_estigacao\\_criminal](http://www.gnr.pt/portal/internet/gabinete_imprensa/revista_gnr/edicoes/2002/N1/inv_estigacao_criminal).
- Andrade, Reinaldo Nuno Valente de. (2005). A Revolução de Abril de 74 e o Papel da Guarda - II. *Pela Lei e Pela Grei*. nº 66. Abril - Junho. (pp.36-47). Lisboa: Guarda Nacional Republicana.
- Andrade, Reinaldo Nuno Valente de. (2006). A Revolução de Abril de 74 e o Papel da Guarda - V. *Pela Lei e Pela Grei*. nº 71. Julho – Setembro. (pp.30-35) Lisboa: Guarda Nacional Republicana.
- APOM (1971). *A Escola Vai ao Museu*. Lisboa: APOM
- Autoridade Nacional Segurança Rodoviária [ANSR] (2010). História da Segurança Rodoviária. In [www.ansr.pt/](http://www.ansr.pt/) acedido em Julho de 2010 em <http://www.ansr.pt/default.aspx?tabid=259>
- Bahia, S. (1999). Como dar tarefas diferenciadas, em simultâneo, a trinta alunos de uma turma? In A. Estrela & J. Ferreira (Org.). *Diversidade e Diferenciação. Actas do IX Colóquio AIPELF*. Lisboa.
- Baker, G. Leslie. (2008). *Vida e Obra de Dom Nuno Álvares Pereira, O Santo Contestável*. Editora Occidentalis.

- Bitgood, S. (2002). Environmental Psychology in Museums, Zoos, and Other Exhibition Centers. Jacksonville state University. In *www.jsu.edu/* Acedido em 25 de Julho de 2008 em *http://www.jsu.edu/depart/psychology/People/bitgood/5.1-Env\_Psych\_Chap.pdf*
- Bruno, Cristina. (1996). Os Processos Museais e as Questões Metodológicas: O Museu da Cidade de Piraju como Estudo de Caso. *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 9 – Museologia e Comunicação. Lisboa: ULHT.
- Caetano, Professor Marcello. (1976). A Verdade sobre o 25 de Abril. *Jornal Mundo Português*. Rio de Janeiro.
- Camacho, Clara Frayão. (2007). Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus. Panorâmica e Perspectivas. *Serviços Educativos na Cultura*. Coleção nº2. (Coord. Sara Barriga e Susana Gomes da Silva). (1ª ed.). Porto: Ed. SETEPÉS.
- Cardoso, Carlos. (2002). Ruínas do Convento do Carmo. In *Portugal Eterno/ Guia do Lazer*. Lisboa: Público.
- Carvalho, Alberto Martins de. (1992). D. Nuno Álvares Pereira. In Joel Serrão(Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. (Vol. V, pp.56-58). Porto: Livraria Figueirinhas.
- Cavaco, Gabriela Perdigão de Almeida. (2002). *O Museu Enquanto Espaço de Aprendizagem e Lazer - Representações Sociais das Crianças*. Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia da ULHT para obtenção do Grau de Mestre, orientada por Mário Moutinho, Lisboa.
- Chandler, S. (1986). Exhibitions and Information Centers some privipals and Aproaches. *Curator*, 29, 2.
- Coelho, António Borges. (2004). O Tempo e os Homens: Séculos XII- XIV. In João Medina (Dir.). *História de Portugal* (Vol. III). Lisboa: Ediclube.
- Cole, Peggy R. (1995). Constructivism- Rediscovering the Discovered. *Curator*, 38, p. 225
- Costa, Maria Madalena Gagean da. (1996). *Museus e Educação - Contributo para a História e Reflexão sobre a Função Educativa dos Museus em Portugal*. Dissertação

- apresentada ao Departamento de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre, orientada por Joaquim Ferreira Gomes, Coimbra.
- Couto, João. (1955). O Museu Nacional de Arte Antiga, seu alargamento e acção cultural. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Fascic. II. Janeiro de 1954 a Dezembro 1955. Vol. III. (pp.57-64). Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- Duarte, Ana. (1993). *Educação Patrimonial. Guia para Professores, Educadores e Monitores de Museus e Tempos Livres*. Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Faria, Margarida Lima de. (2000). Educação - Museus - Educação. Projecto: Museus e Educação. Instituto de Inovação Educacional. Julho 2000. In <http://dgidc.min-edu.pt/>. Acedido em 30 de Julho de 2008 em <http://dgidc.min-edu.pt/innovbasic/proj/arte/museus/museus-educacao.doc>.
- Feuerstein, Reuven. (1981). *Mediated Learning Experience (MLE) – Theoretical, Psychosocial and Learning Implications*. England: Freund Publishing House Ltd.
- Freinet, Célestin. (1973). *Pedagogia do Bom Senso*. (2ª Ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, Paulo. (1992.) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Gammon, B. (2003). Assessing learning in museum environment - A practical guide for museum evaluators. In [www.ecsite-uk-net7about/](http://www.ecsite-uk-net7about/) Acedido em 18 de Julho 2008 em [www.ecsite-uk-net7about/reports/indicators\\_learning\\_1103\\_gammon.pdf](http://www.ecsite-uk-net7about/reports/indicators_learning_1103_gammon.pdf)
- Gardner, Howard (1991). *The Unschooled Mind. How Children think and How Schools Should Teach*. New York: Basic Books.
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2006a). *Guião da Exposição Permanente*. Lisboa: Guarda Nacional Republicana
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2006b). *Programa Museológico do Museu da Guarda Nacional Republicana*. Lisboa: Guarda Nacional Republicana.
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2007). Missão e Actividades da GNR. In [www.gnr.pt/](http://www.gnr.pt/) Acedido a 20 de Dezembro de 2007 de GNR em <http://www.gnr.pt/>



- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2009). Historial. In *www.gnr.pt/* Acedido a 21 de Agosto de 2009 de GNR em <http://www.gnr.pt/>
- Gunnestad, A. (2003). Pay as a Golden Route to Learning and Development in Preschool years. Presentation to the 3 Annual meeting for Network for Preschool Teacher training and Preschool Development in Southern Africa. In *www.dmmh.no/netafrica/*. Acedido em 20 Agosto em <http://www.dmmh.no/netafrica/play.htm>
- Henriques, L.O. (1996). A Comunicação na Escola e no Museu. *Cadernos de Sociomuseologia*, 5. Lisboa: U.L.H.T.
- Hooper-Greenhill, Eilean. (1991). *Museum and Gallery Education*. Leicester: Leicester Museum Studies
- ICOM. (1971). O Museu ao Serviço do Homem, Actualidade e Futuro: O Papel Educativo e Cultural. *IX Conferência Geral do ICOM*. Paris e Grenoble.
- ICOM. (1972). Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile. In *www.ibermuseum.serpro.gov.br/*. Acedido em 15 de Julho de 2008 em <http://www.ibermuseum.serpro.gov.br/documentos-e-publicacoes/mesa-redonda-de-santiago-do-chile-1972/view>
- ICOM. (1992). Declaração de Caracas (trad. Mristela Braga). *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 15. 1999. Lisboa: ULHT.
- ICOM. (2007). Estatutos do ICOM. Revisão de 2007. In *www.museum.or.jp/icom/*. Acedido em 15 de Julho de 2008 em [http://www.museum.or.jp/icom/download/eng\\_aug2007/2005DIV03rev4-eng-STATUS-April07.pdf](http://www.museum.or.jp/icom/download/eng_aug2007/2005DIV03rev4-eng-STATUS-April07.pdf)
- Instituto de Estudo da Criança (1997). *O Museu, a Escola e a Comunidade*. Texto de Apresentação do Encontro. Minho: Universidade do Minho/ Centro de Estudo da Criança.
- Loureiro, Carlos Maia de (2007) Testemunho e Homenagem a um Capitão de Abril. *Pela Lei e Pela Grei*, n.º 73, Janeiro - Março. (pp. 58-59). Lisboa: Guarda Nacional Republicana.

Magno, Armando (2007). Os GIPS da GNR [versão electrónica]. *Jornal Passa - Palavra*, Janeiro 2007. Acedido em 25 de Março de 2008 em <http://www.comandosdeportugal.net/jornal/index>

Maslow, Abraham.(1970) .*Motivation and Personality*. New York: Harper Row.

Ministério da Educação [ME]. (s. d.). Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais. 3º Ciclo. In <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/>. Acedido em 2 de Setembro de 2009 em [http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/Org\\_Curricular3ciclo.aspx](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/Org_Curricular3ciclo.aspx)

Ministério da Educação [ME]. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1º Ciclo*. (4º Edição) Lisboa: Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação [DEBME].

Molles, Abraham e outros. (1975), *La Comunicación y los Mass – Media*. Mensajero. Colección Las Ideas/ Las Obras/ Los Hombres. Bilbao.

Moutinho, Mário. (2007). *Definição evolutiva de Sociomuseologia. Proposta de Reflexão*. XIII Atelier Internacional do MINOM. Lisboa/ Setúbal.

Museu da Marinha [MM]. (2008). Acedido em 25 de Junho, de 2008 de MM em <http://www.museumarinha.pt>.

Museu da Polícia de Estocolmo. (2009). Acedido em 20 de Janeiro de 2009 de Police Museum Stockholm em <http://www.estocolmo.com.pt/sights/policemuseum.htm>

Museu da Polícia de Nova Iorque (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de The Newyork City Police Museum em <http://www.nycpolicemuseum.org/>.

Museu da Polícia de Vancouver (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Vancouver Police Museum em [http:// www.vancouverpolicemuseum.ca](http://www.vancouverpolicemuseum.ca).

Museu da Presidência [MP]. (2008). Acedido a 13 de Junho de 2008 de MP em <http://www.museu.presidencia.pt/> .

Museu do Ar [MA]. (2008). Acedido a 28 de Junho de 2008 de MA em <http://www.emfa.pt/www/po/musar/omuseu/visitas.php?lang=pt>

Museu do Pão [MP]. (2008). Acedido em 15 de Maio de 2008 de MP em <http://www.museudopao.pt/#>.

Museu dos Entorpecentes do Denarc. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Museu dos Entorpecentes do Denarc em [http://www.spvirtual.net/são\\_paulo-polícia\\_museu\\_de\\_entorpecentes\\_do\\_denarc\\_e\\_utilizado\\_como\\_referencia\\_por\\_escolas\\_08444em.html](http://www.spvirtual.net/são_paulo-polícia_museu_de_entorpecentes_do_denarc_e_utilizado_como_referencia_por_escolas_08444em.html)

Museu Militar [MM]. (2008). Acedido a 28 de Junho de 2008 de MM em <http://www.geira.pt/mmilitar/>. [www.geira.pt/](http://www.geira.pt/)

Museu Nacional de Arqueologia [MNA]. (2008). Acedido a 17 de Maio de 2008 de MNA em <http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=18&x=3>

Pereira, Paulo. (1994). O Convento do Carmo. In *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Horizonte.

Piaget, Jean. (1968). *On the development of memory and identity*. Barre. Clark, University Press.

Primo; Judite (1999) Pensar Contemporaneamente a Museologia. *Cadernos de Sóciomuseologia*, n.º 16. Lisboa: ULHT, pp. 5-39.

Primo; Judite (2000) *Museus Locais e Ecomuseologia - Estudo do Projecto para o Ecomuseu da Murtosa*. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Museologia da ULHT para obtenção do Grau de Mestre em Museologia, orientada por Mário Canova de Magalhães Moutinho. Lisboa.

Rede Portuguesa de Museus [RPM] (2008). Museu do Trabalho. In [www.inc-ip.pt/pt-pt/rpm/museus\\_](http://www.inc-ip.pt/pt-pt/rpm/museus_). Acedido em 15 de Maio de 2008 em [http://www.inc-ip.pt/pt-pt/rpm/museus\\_rpm7admin\\_local/contentdetail.aspx?id=1294](http://www.inc-ip.pt/pt-pt/rpm/museus_rpm7admin_local/contentdetail.aspx?id=1294).

Regalado, Jaime A. (2006). Introdução ao Estudo do Armamento das Guardas - Razões de Ser. *Pela Lei e Pela Grei*, nº 72. Outubro – Dezembro. (pp. 62-65). Lisboa: Guarda Nacional Republicana.

Rio – Carvalho, Manuel (1971). Problema das visitas de estudo aos museus. *Museus e Educação*, (p.70). Lisboa: APOM.

- Rivière, Georges – Henry. (1989). *La Muséologie selon G.H.R.: Cours de Muséologie, Textes et Temoignages*. Paris: Editions Dunod/ Bordas.
- Russell, Terry. (1994). The Enquiring Visitor: Usatote Learning Theory for Museum Contexts. *Jornal of Education in Museums*, nº 15.
- Sagues, Maria Del Cármen Valdês. (1999). *La Difusión Cultural en el Museo: Servicio Destinado al Gran Público*, Gijón: Ed. Trea. pp. 58 - 88.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos, (coord.). (2005). *O Panorama Museológico em Portugal (2002-2003)*. Lisboa: OAC/IPM/RPM.
- Santos, António Pedro Ribeiro dos. (1999). *O Estado e a Ordem Pública – As Instituições Militares Portuguesas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Santos, Maria Célia. (2002). *Os Museus e a Busca de Novos Horizontes*. Texto apresentado no III Fórum de Profissionais de Reservas Técnicas de Museus. Salvador. Texto de Apoio ao Curso de Mestrado de Museologia, Lisboa, ULHT, 2006/2007.
- Santos, Maria Célia. (2007). *Museu e Educação: Conceitos e Métodos*. Comunicação apresentada no Seminário do Curso de Mestrado de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Serrão, Joel e Oliveira Marques, A. H. de. (dir.). (1991). *Nova História de Portugal, Portugal da Monarquia para a República*. (volume XI.) Lisboa: Ed. Presença.
- Sprinthall, Norman A. & Sprinthall, Richard C. (1993). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentalista*. (Trad. Sara Bahla, Alexandra Pinto, João Moreira, Manuel Rafael). Lisboa: MCGraw-Hill.
- Varine, Hugues de. (2008). Património e Educação Popular. Texto publicado em 5 de Outubro de 2008 In [www.direitodeaprender.com.pt/](http://www.direitodeaprender.com.pt/). Acedido em Novembro de 2008 em <http://www.direitodeaprender.com.pt/index.plip?option=com> .
- Veverka, John A. (1994). The Language of Live Interpretation: Making Contact. In *Les Langages de l'interprétation personnalisée. La animation dans les musées*. Dossier nº

9. (Ed. Jean-Marc Blais). Collection Mercure directorat. Quebec : Musé Canadien des Civilisations.

Vigotsky, L.S., (1991). *A Formação Social da Mente*, Colec. Psicologia e Pedagogia. São Paulo/ Brasil: Ed. Martins Fortes.

### **Legislação Citada**

Decreto-Lei n.º 22/2006 de 2 de Fevereiro. *Diário da República. n.º 24, Série I-A de 2 de Fevereiro de 2006*. Consolida institucionalmente o Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente (SEPNA) e cria o Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro (GIPS) no âmbito orgânico da Guarda Nacional Republicana.

Decreto-lei n.º 231/93. Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana In [www.pgdlisboa.pt/](http://www.pgdlisboa.pt/) Acedido em 14 de Janeiro de 2008 em [http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei\\_mostra\\_estrutura.php?tabela=leis&artigo\\_id=&nid=939&nversao=&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei_mostra_estrutura.php?tabela=leis&artigo_id=&nid=939&nversao=&tabela=leis)

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro. Lei de Bases do Sistema Educativo. *Diário da República – I Série. N.º 237 de 14 de Outubro de 1986*. pp. 3067- 3081.

Lei n.º 47/2004, 19 de Agosto. Lei – Quadro dos Museus Portugueses. In [www.mestrado-museologia.net](http://www.mestrado-museologia.net) Acedido em 4 de Janeiro de 2007 em <http://www.mestrado-museologia.net>

Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto. *Diário da República – I Série A. N.º 166, 30 de Agosto de 2005*.

### **Entrevistas**

Albuquerque, Maria José (2008) Responsável dos Serviços Educativos do Museu de Arqueologia. Entrevista realizada a 30 de Junho de 2008 no Museu de Arqueologia.

Cavaco, Gabriela. (2008) Responsável dos Serviços Educativos do Museu da Presidência. Entrevista realizada a 9 de Julho de 2008 no Museu da Presidência.

Jorge, Maria da Graça & Pinto, Olímpia. (2008) Responsáveis do Departamento de Investigação e Extensão Educativa. Entrevista realizada a 23 de Julho de 2008 no Museu da Marinha.

Carvalho, Sérgio. (2008). Director do Museu do Pão. Entrevista realizada a 1 de Julho de 2008.

Mota, Ana Paula. (2010) Professora de Ciências Naturais da Escola Básica 2,3 Jorge de Barros. Entrevista realizada a 20 de Maio de 2010.

Pires, Hermínia. (2010). Professora de História da Escola Básica 2,3 Jorge de Barros. Entrevista realizada a 20 de Maio de 2010.

Silva, Luísa. (2010). Professora de Ciências Físico-químicas da Escola Básica 2,3 Jorge de Barros. Entrevista realizada a 20 de Maio de 2010

Silva, Luísa. (2010). Professora de Formação Cívica da Escola Básica 2,3 Jorge de Barros. Entrevista realizada a 20 de Maio de 2010

### **Bibliografia Consultada**

Afonso, Maria Rosa. (2007). *Educação para a Cidadania em Contexto Escolar...Boas Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.

Almeida, M. M. (1996). Mudanças Sociais/ Mudanças Museais. Nova Museologia/ Nova História – Que Relação? *Cadernos de Sociomuseologia*. Nº 5. Lisboa: ULHT.

Amella, J.L. (1997). *Aprender. O Desenvolvimento da Inteligência*. Porto: Editores Marina.

Andrade, Reinaldo Nuno Valente de. (2005). A Revolução de Abril de 74 e o Papel da Guarda - I. *Pela Lei e Pela Grei*, nº 65, Janeiro – Março. Lisboa: Guarda Nacional Republicana. Pp.30-41.

- Andrade, Reinaldo Nuno Valente de. (2005). A Revolução de Abril de 74 e o Papel da Guarda - III. *Pela Lei e Pela Grei*, nº 67, Julho – Setembro. (pp.30-42). Lisboa: Guarda Nacional Republicana.
- Andrade, Reinaldo Nuno Valente de. (2006). A Revolução de Abril de 74 e o Papel da Guarda - IV. *Pela Lei e Pela Grei*, nº 69, Janeiro – Março. Lisboa: Guarda Nacional Republicana. Pp.42-54.
- Andrade, Reinaldo Nuno Valente de. (2007). Exposição «O Carmo, a GNR e o 25 de Abril». *Pela Lei e Pela Grei*, nº 74, Abril – Junho. Lisboa: Guarda Nacional Republicana. Pp.36-44.
- Ausubel, D.P. (1968). Educational Psychology. A Cognitive View New York: Holt, Rinehart and Winston Inc. [Versão electrónica]. In *Bowen, B. Educational Psychology*. Acedido a 18 de Julho de 2008 em <http://web.csuchico.edu/~ah24/ausubel.htm>
- Avanzini, Guy. (1978). *A Pedagogia do século XX*. (Vol. II). Lisboa: Moraes Editora
- Baião, António. (1952). *Biografia do Santo Condestável*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- Beer, V. (1987). Great Expectations: do Museums know what visitors are doing? *Curator*, 30, 3.
- Belcher, M. (1994). *Organización y Diseño de Exposiciones. Su relación con el museo*. Gijón: Ed. Trea.
- Bessa, Fernando José da Conceição. (2007). Os Alistados das Forças de Segurança -II. *Pela Lei e Pela Grei*, nº 73, Janeiro – Março. (pp.26-31). Lisboa: Guarda Nacional Republicana.
- Brandão, José M. (1996). Acção Cultural e Educação em Museus. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº5. ( pp.67 -76). Lisboa: ULHT.
- Brandão, Raul. (1947). *El-Rei Junot*. Coimbra: Atlântida Ed.
- Bruner, J.S. (1999). *Para uma Teoria da Educação*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

- Bogdan, Robert & Biklen, Sari. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.* (Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista), coleção *Ciências da Educação*, nº12, Porto: Porto Editora.
- Bruno, Cristina. (1996). *Museologia e Comunicação. Cadernos de Sociomuseologia*, nº 9. Lisboa: ULHT
- Bruno, Cristina. (2002). *História Representada: o Dilema dos Museus.* Palestra apresentada no Seminário Internacional - Entre a Museologia e a Museografia: Propostas, Problemas e Tensões. Rio de Janeiro.
- Caillet, Elisabeth(org). (1995). *A L'approche de musée, la médiation culturelle.* Lyon: Presses Universitaire de Lyon.
- Carvalho, João Pinto de. (1899). *Lisboa d'Outros Tempos, II- Os Cafés.* Lisboa: Parceria António Maria Pereira- Livraria Editora.
- Carvalho, Maria Palmira Ribeiro de. (2001). *A Museologia e a Escola num Processo Integrado de Desenvolvimento. O caso das Pedreiras do Moimento entre 1990-1992.* Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia da ULHT para a obtenção do grau de mestre, orientada por Mário Canova Moutinho. Lisboa.
- Carvalho, Otelio Saraiva de. (1998). *Alvorada em Abril.* (4ª edição). Lisboa: Notícias Editorial.
- Caulton, T.(1998). *Hands-on Exhibitions: Managing Interactive Museums and Science Centres.* New York: Routledge Londonand.
- Cavaco, Gabriela Perdigão de Almeida. (2002). *O Museu enquanto espaço de aprendizagem e lazer. Representações Sociais das crianças.* Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia da ULHT para a obtenção do grau de mestre, orientada pelo Professor Doutor Mário Canova Moutinho. Lisboa.
- Chagas Mário de Souza. (1994). Millôr Fernandes e a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 2.(pp. 75-80). Lisboa: ULHT.



- Chagas, Mário de Souza. (1994). No Museu com a Turma de Charlie Brown. *Cadernos de Sociomuseologia*. Nº 2. Lisboa: ULHT.
- Chagas, Mário de Souza. (1994). Novos Rumos da Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*. Nº 2. Lisboa: ULHT
- Coelho, Maria Helena da Cruz. (2005). D. João I. In Roberto Carneiro (Dir.). *Reis de Portugal*. (Vol. X). Lisboa: Círculo de Leitores
- Davallon, Jean. (1995). Nouvelle Muséologie vs Muséologie?. In *ICOFOM Series Studies*, 25. (pp. 153-166). ICOM - ICOFOM.
- Declaração de Quebec. (1999). (trad. Mário Moutinho e revisão de Marcelo M. Araújo). *Cadernos de Sociomuseologia*. N.º 15. Lisboa: ULHT.
- Dewey, John (2002). *A Escola e a Sociedade e a Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Eça, Teresa Almeida D'. (1997). O Museu e a Escola – Os Novos Rumos. In *O Museu, A Escola e a Comunidade: Encontro Workshop*. Abril - Intervenções. Nº1 da Série Cadernos Encontro. Braga: CESC/IEC/Universidade do Minho.
- Edson, G. & Dean, D. (1994). *The handbook for museums*. London and New York: Routledge.
- Esteves, Álvaro Proença. (1985). *Missões Históricas e Actuais da Guarda Fiscal*. Edição Comemorativa do 1º Centenário da Guarda Fiscal. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Falk, J. & Dierking, L. (2000). *Learning from Museum. Visitor Experiences and the Making of Meaning*. Altamira: Press Walnut Creek, CA.
- Faria, Margarida Lima de. (1995). Museus: Educação ou divertimento? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 43. (pp.171-195). Coimbra: Livraria Almedina.
- Ferreira, José Medeiros. (2001). Portugal em Transe (1974-1985). In José Mattoso (Dir.). *História de Portugal*. (Vol. VIII). Lisboa: Editorial Estampa.

- Fernandes, Ana Mercedes Fernandes dos Reis Diez Stoffel. (2005). *Um Núcleo Documental para o Estudo do MINOM*. Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia da ULHT para a obtenção do grau de mestre, orientada por Mário Canova Moutinho. Lisboa.
- Fernández, Luís Alonso. (1999). *Introducción a la Nueva Museologia*. Madrid: Alianza Editorial.
- Fernández, Luís Alonso. (2001). *Museologia y Museografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Fishel, Catherine. (2001). *Designing for Children*. Rockport: Rockport Publishers.
- Fontes, Patrícia J.& Macedo, Ana Paula. (2001). Mediação Cultural entre Escolas e Museus - Resultados de um Projecto de Investigação/Ação realizado em Portugal. *O Museu e a Educação*. XXVII Encontros dos Serviços Educativos dos Museus no Museu Municipal Santiago do Cacém, 5-6 Novembro de 2001. Minho: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho.
- Fosnot, C.T. (1999). *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freinet, Célestin.(1977) *O método natural*. Lisboa: Estampa.
- Freinet, Célestin (1975). *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet, Élise. (1978) *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa: Estampa.
- Freire, Paulo. (1971). A educação prática da liberdade. (A sociedade brasileira em transição). In *VAGUES I Une Anthologie de la Nouvelle Museologie*. Collection Museologie. Éditions W. 1992.
- Gagné, R. (1981). *Como se realiza a aprendizagem*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A.
- Gardner, Howard (2000). Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas. In *Inteligência: Um conceito Reformulado*. Rio de Janeiro: Objectiva.
- Gessel (1963). *Psicologia evolutiva de 1 a 16 aflos*. Buenos Aires: Ed. Paidós.

Grnspum, D & Araújo, M. (2001). A educação nos museus - Como gerir a educação nos museus. In *Museologia/ Roteiros Práticos*. Educação em Museus 3. São Paulo: Editora Universidade de S. Paulo.

Guedes, Maria Carmina. (1996). *A informação escrita para crianças no museu*. Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia e Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de mestre. Lisboa.

Guedes, Carmina Correia e Moreno, João. (2002). *Guião para professores. A Escola vai ao Museu*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.

Guerreiro, Donabela.(2001). Pelo caminho da afectividade queremos dar a conhecer o passado de mãos dadas com o futuro. *O Museu e a Educação*. XXVII Encontros dos Serviços Educativos dos Museus. Museu Municipal Santiago do Cacém, 5/6 Novembro de 2001. Minho: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho.

Guerreiro, Emília. (2003) *Modernidade, Museu/ Público. Uma Relação Interactiva*. Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia da ULHT para a obtenção do grau de mestre, orientada pelo Professor Doutor António Fernando Nogueira Dias. Lisboa.

Hernández, Francisca. (1999) *Manual de Museologia. A organização e a gestão de museus*. Lisboa: PSICOFORMA

Hindmarsh, J., Heath, C., Lehn, D.; Ciolfi, L., Hall, T. & Bannon, L.. (1994). *The Educational Role of the Museum*. London and New York : Ed. Routledge.

Horta, Maria de Lourdes Parreiras. (2000). Fundamentos da Educação Patrimonial. *Revista Ciências & Letras*, nº 27. Jan. - Junho 2000. (pp.13-36). Porto Alegre/ Brasil: Faculdades de Porto Alegre.

Horta, Maria De Lurdes. (2000). Património Cultural e Cidadania. *Museologia Social*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura.

Instituto Português dos Museus (IPM). 2000. *Inquérito aos Museus em Portugal*. (1ª Edição). Lisboa: Ministério da Cultura

- Instituto Português dos Museus (IPM). (2005). Panorama Museológico em Portugal. *Boletim Trimestral da Rede Portuguesa de Museus*. Junho de 2005, nº 16. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Instituto Português dos Museus, Ministério da Cultura, e Rede Portuguesa de Museus (2001). *Papel Social dos Museus e Intervenção Comunitária*. Faro
- International Council for Museums. [ICOM]. (1995). *Estatutos do ICOM*. In [www.icom-cc.org/](http://www.icom-cc.org/). Acedido em ICOM a 2 de Janeiro de 2007 em <http://www.icom-cc.org/Estatutos.htm>.
- Jensen, N. (1982). Children, teenagers and adults in Museums. A developmental perspective. *Museum News*. May /June. Washington :AAM.
- Jorge, Otilia Morgado. (1993). Sobre o Conceito de Museologia Social. *Cadernos de Museologia*. Nº 1. Lisboa: ULHT.
- Leff, Enrique. (1999). Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. In *Verde Cotidiano: O Meio ambiente e Discussão*. (Org. Marcos Regota). Col. O Sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Léon, A. (1978). *El Museo: Teoria, Práxis e Utopia*, Madrid: Ediciones Cátedra.
- Lourenço, O. (2005). Piaget e Vygotsky: Muitas Semelhanças, Uma Diferença Crucial. In *Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. G. Miranda & S. Bahia (org.). (pp.52-71). Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Maciel, José Manuel Barbosa. (s.d.).Banda da GNR. In [www.bandasfilarmonicas.com/](http://www.bandasfilarmonicas.com/) Acedido em Janeiro de 2010 em <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=728>
- Martins A. (1993). Museologia Activa. Contributos para o desenvolvimento. *Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*. Tondela.
- Martins, Oliveira. (1881). *Portugal Contemporâneo*. (Vol. I e II). Lisboa: Guimarães Ed.
- Martins, J.P. de Oliveira. (1902). *A Vida de Nun'Álvares*. (2ªed.). Lisboa: Liv. de António Maria Pereira.

- Mccarthy, Bernice (2006). *Teaching Around the 4mat Cycle - Designing Instruction for Diverse Learners with Diverse Learning Styles*. Corwin Press: Thousand Oaks.
- Medeiros, João Paulo. (1993). A Evolução de conceitos entre as Declarações de Santiago e de Caracas. *Cadernos de Museologia*. Nº 1. Lisboa: ULHT
- Messias, Maria. (2004). *O Lúdico e a aprendizagem no Museu: as perspectivas das crianças sobre as visitas escolares às Instituições*. Dissertação apresentada ao Departamento de Museologia da ULHT para a obtenção do grau de mestre, orientada por Maria João Durão. Lisboa.
- Ministério da Educação [ME]. (2001). *Programa de Ciências Físicas e Naturais - Orientações Curriculares para o 3º Ciclo*. Lisboa: Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação [DEBME].
- Ministério da Educação [ME]. (2006). *Conhecer e Preservar as Florestas. Educação para a Cidadania: Guia de Educação Ambiental*. Lisboa: ME.
- Ministério da Educação [ME]. (s.d.) *Programa de Ciências da Natureza – Ensino Básico 2º Ciclo* (Vol. II). Lisboa: Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação [DEBME]
- Ministério da Educação [ME]. (s.d.). Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais. 1º Ciclo. In <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/>. Acedido em 2 de Setembro de 2009 em [http://sitio.dgicd.min-edu.pt/basico/Paginas/Org\\_Curricular1ciclo.aspx](http://sitio.dgicd.min-edu.pt/basico/Paginas/Org_Curricular1ciclo.aspx).
- Ministério da Educação [ME]. (s.d.). Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais. 2º Ciclo. In <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/>. Acedido em 2 de Setembro de 2009 em [http://sitio.dgicd.min-edu.pt/basico/Paginas/Org\\_Curricular2ciclo.aspx](http://sitio.dgicd.min-edu.pt/basico/Paginas/Org_Curricular2ciclo.aspx)
- Ministério da Educação [ME]. (s.d.). Educação para a Cidadania. In <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/>. Acedido em 12 de Dezembro de 2009 em <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/cidadania>
- Ministério da Educação [ME]. (s.d.). *Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais Educação Artística*. Lisboa: ME

- Ministério da Educação [ME]. Programa de Educação Visual – Ajustamento. 3º Ciclo. In [www.dgicd.min- du.pt/](http://www.dgicd.min- du.pt/). Acedido em Setembro de 2009 em [http://www.dgicd.min- du.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/606/ajustamento\\_educ\\_vis ual.pdf](http://www.dgicd.min- du.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/606/ajustamento_educ_vis ual.pdf)
- Miranda, Helena. (2002). A Missão do Museu na Sociedade Cognitiva e Multicultural: a Importância das Teorias e Sistemas Desenvolvidos por Reuven Feurestein. *O Ensino da História*. Nº 23-24 – Julho a Outubro de 2002. (pp. 35-38). Lisboa: Associação dos Professores de História.
- Monet, Jean- Claude. (2001). *Polícias e Sociedades na Europa*. S. Paulo: Editora Universidade de S. Paulo.
- Moreira, F.J. (1988). Museologia e Desenvolvimento. *I Jornadas sobre a função social do Museu*. Vila Franca de Xira.
- Moreira, Isabel M. Martins (1994). *Iniciação à Museologia: Caderno de Apoio*. Lisboa: Universidade Aberta
- Morgado, L. (2005). Jean Piaget: Um Pedagogo? In *Psicologia da Educação: temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. G. Miranda & S. Bahia (org.). (pp.25-42). Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Moutinho, Mário Canova. (1989). Museus e Sociedade: Reflexão para a Função Social do Museu. *Cadernos de Património*, n.º 5. Monte Redondo: Museu Etnológico de Monte Redondo
- Moutinho, Mário Canova. (1996). Museologia Informal. *Boletim APOM*, II Série, nº3. Lisboa: APOM.
- Moutinho, Mário Canova. (1993). Sobre o Conceito de Museologia Social. *Cadernos de Museologia*, n.º 1. Lisboa: ULHT.
- Oliveira, Luís Henriques. (1996). A comunicação na Escola e no Museu. *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 5. (pp.77-108) ULHT: Lisboa.

- Pereira, Paulo. (1989). A Igreja do Convento do Carmo: do Gótico ao Revivalismo. In *Separata da Comemoração dos 600 anos da Fundação do Convento do Carmo*. Lisboa.
- Pereira, Pedro Manuel Figueiredo Cardoso. (2004). O Museu deverá organizar-se para a preservação ou para o desenvolvimento? *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 34. ULHT: Lisboa.
- Peres, Damião. (MCMLIV). *História de Portugal*. Suplemento. Barcelos: Portucalense Ed.
- Piaget, Jean (1978). *A Equilibração das estruturas Cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Piaget, Jean & Inhelder, B. (1986). *A Psicologia da Criança - Do Nascimento à Adolescência*. Lisboa: Moraes Editores.
- Pozo, j.I. (1989). *Teorias Cognitivas del aprendizaje*. Madrid: Morata.
- Póvoas, L. & Lopes, C. (2000). Construir uma Memória da Terra a Favor do Desenvolvimento. *Atalaia – intermundos*, n.º 6/7. Lisboa. pp. 71-84.
- Primo, Judite. (2006). *O Museólogo-Educador Frente aos Desafios Económicos e Sociais*. Texto de Apoio ao Seminário do Curso de Mestrado de Museologia. Lisboa: ULHT.
- Primo, Judite. (1999). O Sonho do Museólogo. A Exposição: Desafio para uma Nova Linguagem Museográfica. *Cadernos de Sociomuseologia*. N.º 16. Lisboa: ULHT.
- Primo, Judite. (2006) *Pensamento Museológico Contemporâneo - Função Social do Museu*, Conjunto de Comunicações apresentadas no Seminário do Curso de Mestrado de Museologia. Lisboa: ULHT.
- Primo, Judite. (Org.). (1999). *Museologia e Património: Documentos Fundamentais*. *Cadernos de Sociomuseologia*. N.º 15. Lisboa: ULHT.
- Primo, Judite & Diogo Mateus. (2008). *Normas para a Elaboração e Apresentação de Teses de Doutoramento*. Lisboa: ULHT.
- Quivy, R & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Regalado, Jaime A. (2007). Revólver Galand-Sommerville Guarda Municipal-1872. *Pela Lei e Pela Grei*, nº 73, Janeiro – Março. (pp. 60-64). Lisboa: Guarda Nacional Republicana.
- Rocha- Trindade, Maria B. (coord.) (1993). *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rogers, Carl, (1985). *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Russel, B. (1999). Experience-Based Learning Theories. In *www. Informallearning. Com/*. Acedido em Agosto de 2008 em <http://www. Informallearning. Com/archive/1999-0304-a.htm>
- Sagues, Maria Del Carmen Valdês. (1999). *La difusión Cultural en el Museo: Servicio destinado al gran público*. Col. Biblioteconomia y Administración Cultural. Gijón: Edições Trea.
- Salvador, A. (1982). *Conhecer a criança através do desenho*. Colecção Crescer. Porto: Porto Editora.
- Sander, Roberto. (2006). Museus na Perspectiva da Educação Não – Formal e as Tendências Políticas para o Campo da Museologia. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, orientada por Telmo Marcon. Passo Fundo. In *www.cipedya.com/*. Acedido em 15 de Agosto de 2009 em <http://www.cipedya.com/web/FileDetails.aspx?IDFile=162212>
- Santana, S., Roazzi, A. & Dias, M. G. (2006). Paradigmas do Desenvolvimento Cognitivo: Uma breve retrospectiva. *Estudos de Psicologia*. Janeiro – Abril. Vol. 11. Nº 001. (pp. 71-78). Natal/Brasil: Universidad Federal do Rio Grande do Norte.
- Santos, António Pedro Ribeiro dos. (1985). *Génese e Estrutura da Guarda Fiscal (Ensaio Histórico)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Santos, Maria Célia. (1994). A Preservação da Memória, enquanto Instrumento de Cidadania. *Cadernos de Sociomuseologia*. Nº 3. (pp. 89-104). Lisboa: ULHT.



- Santos, Maria Célia. (1994). Documentação Museológica, Educação e Cidadania. *Cadernos de Sociomuseologia*. Nº 3. Lisboa: ULHT.
- Santos, Maria Célia. (2007). *Acção Cultural e Educativa*. Texto de Apoio ao Seminário do Curso de Mestrado de Museologia. Lisboa: ULHT.
- Santos, Maria Célia. (2007). *Processo Museológico: Critério de Exclusão*. Texto de Apoio ao Curso de Mestrado de Museologia. Lisboa: ULHT.
- Santos, Maria Célia. (2007). *O Projecto Pedagógico do Museu*. Texto de Apoio ao Seminário do Curso de Mestrado de Museologia. Lisboa: ULHT.
- Smith, M.K. (1999). The Humanistic to Learning. [Versão electrónica]. *The Encyclopedia of informal Education*. Acedido em 21 de Julho de 2008 da World Wide Web: [www.infed-org/biblio/learning-humanistic.htm](http://www.infed-org/biblio/learning-humanistic.htm)
- Smith, M.K. (1999). The Behaviourist orientation to Learning. The Encyclopedia of informal Education In [www.infed.org/](http://www.infed.org/). Acedido em 21 de Julho de 2008 em [www.infed.org/biblio/learning-behaviourist.htm](http://www.infed.org/biblio/learning-behaviourist.htm)
- Snyders, Georges e outros. (s.d.). *Correntes actuais da Pedagogia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, A. B. (1980). *A expressão dramática. Imitação – Mímica – Expressão oral – Improvisação e Dramatização*. Lisboa: Básica Editora.
- Suchodolski, Bogdan (1978). *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (2002). *Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina.
- Telmo, Isabel Cottinelli. (1986). *O Património e a Escola*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora
- Telo, António. (2004). A República e as Forças Armadas. In João Medina (Dir.). *História de Portugal*. (Vol. XIV e XV). Lisboa: Ediclube.

Tinoco, Alfredo (2007). *Urbanismo e Património*. Comunicação apresentada no Seminário do Curso de Mestrado de Museologia. Lisboa: ULHT.

Varines, H. (1987). *O tempo Social*. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora.

Varines, H.(s.d.). Déclaration de Santiago- La muséologie rencontre le monde moderne. *Cadernos de Museologia*. nº 11. Lisboa: ULHT

Veríssimo Serrão, Joaquim. (1997). *História de Portugal, A Primeira República (1910-1926)*. (Volume XI). Lisboa: Ed. Verbo.

Veríssimo Serrão, Joaquim. (1997). *História de Portugal, Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926- 1935)*. (Volume XIII). Lisboa: Ed. Verbo.

### **Legislação consultada**

Despacho Conjunto [entre o Ministério da educação e da Cultura] nº 1062/2003 de 27 de Novembro. *Diário da República - II Série*. Abril de 2004.

### **‘Sites’ de Museus Estrangeiros consultados**

Air Force Museum. Newzealand. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Air Force Museum. Newzealand em <http://www.airforcemuseum.co.nz/>.

Essex Police Museum. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Essex Police em <http://www.essex.police.uk/museum/>.

Musée de l’Air et de l’Espace. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Musée de l’Air et de l’Espace em <http://www.museeairespace.fr/>.

Musée de l’Armee. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Musée de l’Armee em [http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotos-g187147-d189245-w2-Army\\_Museum\\_Musee\\_de\\_l\\_Armee-Paris\\_Ile\\_de\\_France.html#20369264](http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotos-g187147-d189245-w2-Army_Museum_Musee_de_l_Armee-Paris_Ile_de_France.html#20369264).

Musée de la Gendarmerie Nationale. França. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Musée de la Gendarmerie Nationale em [http://fr.federal-hotel.com/monument-musee-de-la-gendarmerie-nationale-melun\\_1863.htm](http://fr.federal-hotel.com/monument-musee-de-la-gendarmerie-nationale-melun_1863.htm)

Musée de la Gendarmerie Vaudoise, Suíça. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 de Musée de la Gendarmerie Vaudoise em <http://www.musees-vd.ch/fr/chateau-morges/musee-de-la-gendarmerie/accueil/>.

Musée de la Marine de Paris. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 de Musée de la Marine de Paris em <http://www.musee-marine.fr/site/fr/accueil-musee-national-de-la-marine>

Musée Militaire de Thiaucourt. (2009). Acedido a 20 de Janeiro de 2009 em [http://www.pages14-18.com/F\\_MUSEE/MUSEE.htm](http://www.pages14-18.com/F_MUSEE/MUSEE.htm)

Museo Naval de Madrid. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 de Armada Espanhola em [http://www.armada.mde.es/ArmadaPortal/page/Portal/ArmadaEspañola/ciencia\\_museo/](http://www.armada.mde.es/ArmadaPortal/page/Portal/ArmadaEspañola/ciencia_museo/).

Museo de la Guardia Civil. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 da Guardia Civil espanhola em [http://www.guardiacivil.es/mvgc\\_portal/portada/menu\\_portada.jsp](http://www.guardiacivil.es/mvgc_portal/portada/menu_portada.jsp).

Museum New Zealand Police. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 de New Zealand Police em <http://www.police.govt.nz/service/museum/index.html>

Nacional Air and Space Museum Washington. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 de Nacional Air and Space Museum Washington em <http://www.nasm.si.edu>

The Queensland Police Museum. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 de The Queensland Police em <http://www.police.qld.gov.au/aboutus/facilities/museum/default.htm>.

Victoria Police Museum. (2009). Acedido a 20 de Janeiro, 2009 de Victoria Police em [http://www.police.vic.gov.au/content.asp?Document\\_ID=12560](http://www.police.vic.gov.au/content.asp?Document_ID=12560).

## Índice Remissivo

### - A -

Afonso, Aniceto: 103  
Alves, Carlos Alberto dos Santos: 102  
Andrade, Reinaldo Nuno Valente: 103, 104  
APOM: 29,47

### - B -

Bahia, Sara: 77  
Baker, Leslie: 94,95  
Bitgood, Steve: 37  
Bruno, Cristina: 42

### - C -

Caetano, Marcello: 104  
Camacho, Clara Frayão: 48  
Cardoso, Carlos: 92  
Carvalho, Alberto Martins de: 94  
Chandler, Screven: 40  
Coelho, Borges: 95  
Cole, Peggy R.: 39  
Costa, Maria Madalena Gagean da: 29  
Couto, João: 47

### - D -

Duarte, Ana: 26, 42, 45

### - F -

Faria, Margarida Lima de: 29,34,143  
Feuerstein, Reuven: 42,71,124,138  
Freinet, Célestin: 33,34,35,50,57,69,74,85,109,124,126,137  
Freire, Paulo: 29, 34,35, 43, 57,69,76,85,109,137,145

### - G -

Gammon, Ben: 36  
Gardner, Howard: 39,126  
Gunnestad, Arve: 38,72,124

### - H -

Hooper-Greenhill: 28  
Henriques, Luís : 36

### - I -

ICOM: 24, 25, 26, 28  
IEC: 29

**- L -**

Loureiro, Carlos Maia de: 103

**- M -**

Magno, Armando: 101

Manuel, Paulo Jorge Silva Rebelo: 102

Marques, Oliveira: 96

Maslow, Abraham: 36,37,57,112

Molles, Abraham: 38

Moutinho, Mário: 25,107

Museu da Marinha: 49,50,51,52,84,87

Museu da Presidência: 48,55,56,57,58,59,84,87

Museu do Ar: 54,55

Museu do Pão: 48,65,66,67

Museu do Trabalho: 48,59,60,61,62,84,85,87,138,143

Museu Militar: 53,54

Museu Nacional de Arqueologia: 49,62,63,64,65,84,87,143

**- P -**

Pereira, Paulo: 93

Piaget, Jean: 30, 31, 32, 33, 35,44,50,69, 74, 75, 85, 109, 124, 137

Primo, Judite: 24, 25, 27,34

**- R -**

Regalado, Jaime A: 96

Rio-Carvalho, Manuel: 36

Riviére, Henry: 24

Russel, Terry: 39,126

**- S -**

Sagués, Maria del Valdês: 37

Santos, António Pedro Ribeiro dos: 96,97,98,104

Santos, Maria de Lourdes Lima dos: 48

Santos, Maria Célia: 26, 28, 44

Serrão, Joel: 96

Sprinthall, Norman: 32, 35

Sprinthall, Richard: 32, 35

**- V -**

Varine, Hugues de: 35

Veverka, John: 142

Vygotsky, Lev: 32, 33, 35

## APÊNDICES

## Apêndice I

### Inquérito aos Serviços Educativos (Modelo)

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aconselha-se uma leitura prévia de todo o inquérito antes do seu preenchimento.

#### I- Informações genéricas sobre o museu

Nome do museu:

Localidade do Museu:

Data da recolha de dados:

#### II- Informações sobre a relação Museu – Escolas

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

1. Tem serviços educativos organizados.
2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu.
3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo.
4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar.
5. Faz visitas guiadas com o público escolar.
6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização.
7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação.
8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior.
9. Tem ateliers ou oficinas educativas.
10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar.
11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar.
12. Faz concursos destinados às escolas.
13. Faz exposições nas escolas.
14. Tem maleta pedagógica.
15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares.
16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo.

Obrigada pela disponibilidade

## Apêndice II

### Guião de Entrevista aos Responsáveis dos Museus

Qual o historial dos Serviços Educativos?

Quais os objectivos definidos para o funcionamento dos serviços educativos?

As escolas visitam o museu regularmente?

Como estão organizados os Serviços Educativos e como funcionam?

Existem exposições temporárias? Que género de exposições?

As Exposições são pensadas em função dos currículos escolares?

Qual o papel dos serviços educativos nas exposições?

O Museu visita as escolas? Existem exposições itinerantes pelas escolas? Como são organizadas?

Que actividades são desenvolvidas pelos serviços educativos? Quais considera mais importantes para a relação Museu - Escola?

Como são preparadas as visitas de estudo das escolas?

Quais os ateliers que têm?

Como contribui o Museu para o desenvolvimento integral do aluno e da comunidade?

Como conseguem avaliar a satisfação e o grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo Museu?

Como trabalham os resultados dessa avaliação?



### Apêndice III

#### Ficha de Levantamento dos Dados dos 'Sites'

Museus	Informações
Museu da Marinha	Atividades para escolas X Documentação e Recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares X Disponibiliza a faixa etária ou nível escolar X
Museu Militar	Atividades para escolas Documentação e Recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares Disponibiliza a faixa etária ou nível escolar
Museu do Ar	Atividades para escolas X (apenas visitas guiadas) Documentação e Recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares X Disponibiliza a faixa etária ou nível escolar
Museu da Presidência	Atividades para escolas X Documentação e Recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares Disponibiliza a faixa etária ou nível escolar X
Museu do Trabalho	Sem site próprio
Museu Nacional de Arqueologia	Atividades para escolas X Documentação e Recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares Disponibiliza a faixa etária ou nível escolar X
Museu do Pão	Atividades para escolas Documentação e Recursos concebidos especificamente para apoio às visitas escolares Disponibiliza a faixa etária ou nível escolar

## Apêndice IV

### Inquérito aos Alunos (Modelo)

Este Inquérito tem como objectivo conhecer os teus interesses quando frequentas um museu e recolher as tuas sugestões para tornar esse espaço num local mais estimulante e agradável.

Aconselhamos-te uma leitura prévia de todo o inquérito antes do seu preenchimento.

Sexo M  F

Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

1. O que é para ti um Museu?

---

---

¶ **Assinala com um X as tuas respostas**

2. Já visitaste algum museu? Sim  Não

3. Aprecias visitas de estudo ao museu? Sim  Não

4. Achas os museus espaços agradáveis  aborrecidos  estimulantes   
Porquê? \_\_\_\_\_

5. Gostas de manipular e experimentar objectos no museu? Sim  Não

6. Gostas que o museu tenha 'ateliers' com actividades e animação? Sim  Não

7. Que tipo de visita de estudo achas que o museu deve oferecer? Visita guiada descritiva  Visita guiada questionadora  Visita livre sem monitor  Visita guiada com dramatização ou animação   
Outras \_\_\_\_\_

**Dá sugestão de uma actividade em que gostarias de participar numa visita a um museu de polícia.**

---

---

Obrigada pela tua colaboração!

## Apêndice V

### Guião de Entrevista aos Professores (Modelo)

1. As actividades propostas para a disciplina adequam-se aos alunos?
2. E ao Programa da disciplina?
3. Acha as actividades a desenvolver exequíveis?
4. Pode dar sugestões.

## Apêndice VI

### Questionário à GNR sobre a exequibilidade do Programa-Piloto(Modelo)

1. As diferentes propostas apresentadas, do ponto de vista do museu, são exequíveis?
2. Quais as acções que não vos parecem possíveis de concretizar? Porquê?
3. Os meios humanos e materiais previstos para o museu permitem qualquer uma das actividades apresentadas?
4. Os espaços físicos do futuro museu permitem pôr em prática as actividades propostas?
5. Parece-vos possível pôr em prática, as visitas itinerantes às escolas nos moldes em que são propostas?
6. Pode dar sugestões.

Obrigada pela colaboração

## Apêndice VII

### Inquérito Para Avaliação das Actividades do Museu da Guarda

A fim de melhorar a qualidade dos serviços, procede-se através deste inquérito à recolha de opiniões do público escolar.

Identificação:

Professor(a)

Aluno(a)

Numa escala de 1 a 5, classifique genericamente as actividades desenvolvidas pelo Museu da seguinte forma:

	1	2	3	4	5
Clarificação dos Conteúdos temáticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discurso/linguagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interacção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Envolvimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sugestões e/ou Observações:

---

---

---

---

---

---

Obrigada Pela Colaboração!

## **ANEXOS**

## Anexo I

### Inquérito aos Serviços Educativos

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

#### I- Informações genéricas sobre o museu

Nome do museu: Museu de Marinha

Localidade do Museu: Lisboa

Data da recolha de dados: 04/Julho/2008

#### II- Informações sobre a relação Museu – Escolas

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

1. Tem serviços educativos organizados. **X**
2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu. **X**  
(sempre que nos é pedida colaboração)
3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. **X**
4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. **X**
5. Faz visitas guiadas com o público escolar. **X**
6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização.
7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação.
8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior.
9. Tem ateliers ou oficinas educativas. **X**
10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar. **X**
11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. **X**
12. Faz concursos destinados às escolas.
13. Faz exposições nas escolas.
14. Tem maleta pedagógica. **X**
15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. **X**
16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. **X**

Obrigada pela disponibilidade

## **Anexo II**

### **Entrevista à Dra. Maria da Graça Jorge e à Dra. Olímpia Pinto dos Serviços Educativos do Museu da Marinha**

#### **1- Qual o historial dos serviços educativos do Museu?**

Até 2002 não havia um serviço educativo estruturado, mas já se acompanhavam as visitas das escolas e já existiam parcerias com outras instituições. A partir de 2002 surgem de forma mais organizada, com uma maior preocupação com os projectos educativos das escolas. O nome de “Departamento de Investigação e Extensão Educativa” vem de 2002.

#### **2- Como está organizado o Departamento de Investigação e Extensão Educativa e como funciona?**

A junção entre a investigação e a educação tem-se revelado uma boa experiência. Os textos que apoiam as exposições passam por todos os elementos da equipa. Quando se está a fazer um texto para apoio à exposição, os que estão ligados à educação, com uma outra sensibilidade nesta área, podem desde logo questionar a facilidade de compreensão do mesmo. O Departamento conta com cinco pessoas. Uns estão mais ligados à biblioteca, outros à investigação e outros à área da educação, mas auxiliam-se todos mutuamente num verdadeiro trabalho de equipa.

#### **3- Quais os objectivos definidos para a área educativa?**

Temos muitos projectos, sonhos e objectivos. Os nossos objectivos são demasiado abrangentes para os meios de que dispomos. O Museu tem 140 anos de história, um grande acervo e uma equipa muito pequena. Há um desfasamento do Museu em termos físicos e vocacionais relativamente à dimensão de equipa que é muito pequena. Trabalhamos com grupos escolares mas também com outros grupos que nos procuram numa abordagem pedagógica. Um dos objectivos a curto prazo são actividades específicas para famílias, no sentido de cativar mais públicos e fidelizá-los. Procuramos chegar a todos os públicos e responder às suas diferentes expectativas, de fruição, lazer e aprofundamento de conhecimentos no âmbito da nossa história marítima e da importância dos portugueses na aventura marítima. O Museu existe para todos e nesse sentido procuramos acolher todo o tipo de públicos numa perspectiva educativa, num registo não formal. Além do público escolar, temos muitos visitantes estrangeiros, terceira idade, deficientes... Todos os paquetes que passam por Lisboa querem visitar o Museu da Marinha. Este é o museu com maior número de visitantes a seguir ao Museu dos Coches.

O ano passado lançamos oficinas pedagógicas para o 2º ciclo do Ensino Básico, para a área dos Descobrimentos. Um dos nossos objectivos prioritários é a criação de um espaço exclusivo para oficinas pedagógicas. Até aqui temos tido um espaço provisório, que se monta e desmonta sempre que necessário. A partir do próximo ano teremos um espaço próprio.

Como não temos capacidade para fazer grande número de visitas orientadas para as escolas, devido ao reduzido número de pessoas da equipa, através do site procuramos dar apoio aos professores através de variados materiais.

#### **4- As escolas visitam o museu regularmente?**

Sim. Especialmente durante o segundo período.

#### **5- Existem exposições temporárias! Que género de exposições? Como surgem?**

As temáticas para as exposições temporárias surgem com base nos interesses que se vão percebendo. Actualmente temos uma exposição de trabalhos de alunos da Escola Secundária de Camarate e estamos à espera de mais trabalhos dentro de outra temática. É o segundo ano a trabalhar com turmas desta escola. Há escolas que trabalham temáticas mais ligadas ao Museu e pedem-nos ajuda e nós procuramos acompanhar esses trabalhos que por vezes são aqui expostos.



## **6- As Exposições são pensadas em função dos currículos escolares?**

A Exposição Permanente não. Temos é a preocupação de a ir adaptando aos currículos escolares aproximando-nos das expectativas das escolas.

As Exposições Temporárias também não nascem directamente da ideia das escolas, mas procuram-se ligar aos conteúdos escolares.

## **7- O Museu visita as escolas? Existem exposições itinerantes pelas escolas? Como são organizadas?**

Quando solicitados, vamos aos colégios e às escolas. Já fomos ao Colégio dos salesianos, a uma escola da Trafaria e à Escola Superior de Educação.

Ao Colégio dos Salesianos fomos fazer quase que uma aula com os instrumentos das oficinas - a maleta pedagógica - e também com um 'power point'.

Temos também uma exposição itinerante sobre a primeira travessia aérea, que é constituída apenas por cartazes, que já foi à Escola Secundária Gago Coutinho, em Alverca.

Temos exposições itinerantes que até já saíram do país, mas o seguro e o transporte são muito caros e as escolas não têm meios que permitam suportar esses custos. Quem procura essas exposições são especialmente Câmaras Municipais e Centros Culturais.

Em qualquer dos casos, procuramos sempre através destas exposições estimular a visita ao Museu.

## **8 - Que actividades são desenvolvidas pelos serviços educativos? Quais considera mais importantes para a relação Museu - Escola?**

Criamos materiais pedagógicos, temos as oficinas, algumas visitas guiadas e participamos em eventos e feiras com temáticas relacionadas com públicos infanto-juvenis. Na relação com as escolas apreciamos sobretudo as actividades em que se vêm resultados: as oficinas e as visitas com consequências, como por exemplo as que acabam com trabalhos que depois são expostos no Museu (que são poucas). Mesmo não sendo quantitativamente representativas estas actividades são qualitativamente muito importantes. Permite perceber melhor a forma como o Museu toca as pessoas.

## **9- Como são preparadas as visitas de estudo das escolas?**

Entendemos que é muito importante logo o primeiro contacto da escola, que se faz ao telefone, e por isso é feito com os técnicos de Extensão Educativa e não com administrativos. Logo nessa primeira abordagem tem de se perceber as motivações e os objectivos do grupo para se orientar melhor a visita. Depois pedimos aos professores para irem ao site do Museu, onde está disponível material didáctico de apoio, uma vez que não temos meios para fazer visitas guiadas.

Para visitas guiadas concede-se prioridade às escolas envolvidas em projectos com o Museu ou que vêm de longe, partindo-se aqui do princípio de que a distância dificulta a deslocação prévia do professor ao Museu. Se é uma escola da área de Lisboa convida-se o professor a vir ao Museu e ajuda-se o professor na preparação da visita.

## **10- Há algo na Exposição Permanente que os alunos possam manipular ou experimentar?**

Existe um percurso táctil para invisuais ao longo do qual se encontram peças que podem manipular. Essa é também uma aposta quando tivermos um local para o serviço educativo. Pretendemos criar peças que as crianças possam manusear. Estamos já com algumas peças das reservas. Precisamos do espaço físico. Pensamos até em criar um "Jardim de Cheiros", onde possam cheirar a canela e as diferentes especiarias e ver como é a planta.

## **11- Quais os ateliers/ oficinas que têm?**

Temos duas oficinas que têm lugar após a visita à Sala dos Descobrimentos:

- uma com réplicas de instrumentos náuticos (balestilha, astrolábio, bússola...), em que as crianças aprendem sobre a forma como eram utilizados, com um jogo, uma espécie de dramatização, à volta disso;
- outra em que aprendem a construir uma bússola; desenham e decoram com motivos próprios ou inspirados no que está no Museu e no fim podem levar para casa a bússola que construíram.

### **12- Como contribui o Museu para o desenvolvimento integral do aluno e da comunidade?**

A visita ao Museu permite uma aprendizagem mais ampla que vai além dos conteúdos do currículo. Sair da escola implica regras. Aprendem a saber estar dentro do Museu, com todo o à vontade, mas também com respeito pelos outros, pelo espaço e pelas peças. Aprendem a aprender fora do contexto escolar num contexto não formal que obriga a uma maior disciplina que na sala de aula, porque se trata de um espaço diferente e mais informal, onde estão em grupo, em contacto com as peças e em simultâneo, numa aprendizagem recíproca, a reflectir, a dialogar, a questionar e a descobrir...

A náutica é uma área com excelente potencial em termos pedagógicos. Está ligada à História Nacional e aos currículos escolares mas também às próprias vivências dos alunos enquanto seres humanos, numa série de dimensões quase filosóficas, que nos remetem para outras aprendizagens. Conhecendo-se bem os objectivos e motivações do grupo consegue-se maior eficácia do ponto de vista das aprendizagens curriculares e do ponto de vista da cidadania.

### **13- Como conseguem avaliar a satisfação e o grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo Museu?**

Pedimos aos professores para preencherem um questionário disponível no site do Museu, mas os professores normalmente não o enviam preenchido.

### **14- Como trabalham os resultados dessa avaliação?**

Como poucas escolas enviam os questionários não dá para grandes estudos. Tomamos conhecimento e arquivamos esses questionários.

Museu da Marinha. 23 de Julho de 2008

## **Anexo III**

### **Inquérito aos Serviços Educativos**

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

#### **I- Informações genéricas sobre o museu**

**Nome do museu:** Museu Militar

**Localidade do Museu:** Lisboa

**Data da recolha de dados:** 4 de Julho de 2008

#### **II- Informações sobre a relação Museu – Escolas**

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

1. Tem serviços educativos organizados.
2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu.
3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. X (Quando solicitados)
4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. X
5. Faz visitas guiadas com o público escolar. X
6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização.
7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação.
8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior. X
9. Tem ateliers ou oficinas educativas.
10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar.
11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. X
12. Faz concursos destinados às escolas.
13. Faz exposições nas escolas.
14. Tem maleta pedagógica.
15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. X
16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. X

Obrigada pela disponibilidade

## Anexo IV

### Inquérito aos Serviços Educativos

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aconselha-se uma leitura prévia de todo o inquérito antes do seu preenchimento.

#### I- Informações genéricas sobre o museu

Nome do museu: Museu Ar

Localidade do Museu: Alverca

Data da recolha de dados: 16 de Julho de 2008

#### II- Informações sobre a relação Museu – Escolas

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

1. Tem serviços educativos organizados. NÃO
2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu. NÃO
3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. SIM X
4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. NÃO
5. Faz visitas guiadas com o público escolar. SIM X
6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização. NÃO
7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação. NÃO
8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior. NÃO
9. Tem ateliers ou oficinas educativas. NÃO
10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar. NÃO
11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. SIM X
12. Faz concursos destinados às escolas. NÃO
13. Faz exposições nas escolas. NÃO
14. Tem maleta pedagógica. NÃO
15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. NÃO
16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. SIM X

Obrigada pela disponibilidade

## **Anexo V**

### **Inquérito aos Serviços Educativos**

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

#### **I- Informações genéricas sobre o museu**

**Nome do museu:** Museu da Presidência da República

**Localidade do Museu:** Lisboa

**Data da recolha de dados:** 2 de Julho de 2009

#### **II- Informações sobre a relação Museu – Escolas**

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

- X 1. Tem serviços educativos organizados.
- X 2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu.
- X 3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo.
- X 4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar.
- X 5. Faz visitas guiadas com o público escolar.
- X 6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização.
- X\* 7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação.
- X\* 8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior.
- X 9. Tem ateliers ou oficinas educativas.
- X 10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar.
- X 11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar.
- X 12. Faz concursos destinados às escolas.
- X 13. Faz exposições nas escolas.
- X 14. Tem maleta pedagógica.
- X 15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares.
- X 16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo.

Obrigada pela disponibilidade

---

\* Em actividades pontuais como: dias abertos, participação em eventos e certames externos, em exposições itinerantes ...

## **Anexo VI**

### **Entrevista à Dra. Gabriela Cavaco do Museu da Presidência**

#### **Quais os objectivos definidos para o funcionamento do Serviços educativos?**

O Museu tem como missão aproximar os cidadãos da instituição presidencial e promover a educação para a cidadania. Nesse sentido, os Serviços Educativos desenvolvem actividades dirigidas aos diferentes públicos, centradas em temáticas relacionadas com a República Portuguesa, seus Presidentes e com o património do Palácio de Belém.

#### **As escolas visitam o museu regularmente?**

Sim, embora o nosso trabalho não se esgote aí, pois trabalhamos com famílias, grupos associativos, idosos...! Mas relativamente à escola, procura-se que o Museu seja um complemento a esta, mas também uma alternativa ao ensino tradicional. Há mais visitas escolares durante o segundo período. É curioso comparar as directivas do Ministério da Educação e as do Ministério da Cultura, onde, dados os entraves impostos pelo Ministério da Educação, claramente se vê que há clara dissonância entre ambos. As visitas escolares têm diminuído e alguns museus têm-se ressentido com isso.

#### **Como estão organizados os Serviços Educativos e como funcionam?**

Os Serviços Educativos são coordenados pela direcção do Museu. Dispõe de cinco técnicos. Anualmente em Julho a Secretaria-Geral pede para apresentar os planos anuais, para serem aprovados pelo Coordenador Geral. Cada técnico é responsável por um projecto para o ano seguinte. No início de cada ano lectivo todo o ano está planificado em termos de actividades. Todos os técnicos orientam visitas.

#### **Existem exposições temporárias? Que género de exposições?**

Sim. Sempre ligadas às temáticas da Presidência da República, inclusivamente como apoio às actividades presidenciais, como por exemplo no que diz respeito às comemorações do 10 de Junho.

#### **As Exposições são pensadas em função dos currículos escolares?**

Não. Há no entanto a preocupação em perceber em que medida podem ser úteis como complemento escolar.

#### **Qual o papel dos serviços educativos nas exposições?**

Assim que surgem começa-se logo a pensar na comunicação com os públicos.

#### **O Museu visita as escolas? Existem exposições itinerantes pelas escolas? Como são organizadas?**

Actualmente, no âmbito do centenário da República, há um grupo de técnicos a contactar com as escolas no sentido de organizar sessões, com peças do Museu que os alunos podem manusear e, dessa forma, divulgar a história do Museu e da República Portuguesa. Há datas em que o Museu é muito solicitado para se deslocar às escolas; é o caso do 10 de Junho, do 5 de Outubro e do 25 de Abril.

#### **Que actividades são desenvolvidas pelos serviços educativos?**

- Visitas Orientadas, em que sob a orientação de um monitor se explora a colecção e os recursos pedagógicos e tecnológicos do museu;
- Eléctrico Pedagógico, que consiste numa espécie de maleta dirigida a grupos do ensino pré-escolar e do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico – trata-se de um eléctrico de onde saem três livros de grandes dimensões que nos possibilitam explorar, através de ilustrações infantis e jogos, temas como a República Portuguesa, o Presidente da República e o Palácio de Belém;
- Oficinas Pedagógicas, destinadas a grupos escolares com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos, que consistem num conjunto de actividades de cunho lúdico e pedagógico, onde o visitante é desafiado a pesquisar, a experimentar e a construir textos, desenhos, pinturas e diversos objectos, partindo das colecções do Museu e do Palácio de Belém;

- Aula Aberta! São aulas, preparadas em articulação com os professores que as solicitam, que têm como objectivo aprofundar conhecimentos no âmbito da história contemporânea de Portugal;
- Um Museu em Movimento... A Caminho da Cidadania! O Museu vai às escolas. As escolas podem requisitar ao Museu módulos pedagógicos para exploração na sala de aula;
- Fins-de-semana para toda a família!
  - Palácio...em Aberto! – consiste em visitas temáticas ao Palácio de Belém aos Sábados;
  - Um Museu por explorar! – aos domingos, inserido num Programa trimestral, o museu tem disponíveis várias actividades lúdico-pedagógicas para crianças e grupos intergeracionais;
- Festas de anos no Museu!
- Ao Encontro da Memória... - procura-se reconstruir memórias e vivências, no âmbito das temáticas do Museu, através de conferências, pequenos seminários e cursos de pequena duração;

### **Destas actividades quais considera as mais importantes para a relação Museu -Escola?**

As actividades mais solicitadas e que funcionam quotidianamente são as visitas orientadas e a aula aberta.

### **Como são preparadas as visitas de estudo das escolas?**

Normalmente os professores vêm visitar o museu antes de trazerem os seus alunos e quando solicitam documentação para a preparação da visita o Museu fornece-a.

No Museu as visitas começam com um encontro entre o responsável do museu e o grupo, onde cada um se apresenta. Todos os grupos são diferentes e esta é uma forma de o técnico perceber o grupo que vai acompanhar permitindo uma maior dinâmica e aproximação aos alunos. Procura-se saber quem são, qual o projecto pedagógico, se têm Associação de Estudantes e como votam... O técnico vê como envolvê-los para impedir a monotonia.

### **Quais os ateliers de que dispõem?**

Este ano tem o nome de oficinas pedagógicas. Eu pessoalmente prefiro a designação de atelier ou mais ainda laboratório. A designação de atelier remete-me para um espaço experimental e a de laboratório para um espaço de experiência onde se está a pensar e a criar de novo. Já oficina está associada para mim ao mecânico e repetitivo.

Há várias:

- Frente a Frente... com um Presidente! (para grupos escolares com idades entre os 4 e os 12 anos) - a partir da observação atenta dos retratos oficiais dos Presidentes da República, explora-se o conceito de retrato e a sua evolução;
- Como se faz uma Bandeira (para grupos escolares com idades entre os 6 e os 12 anos) - as crianças são postas a pensar sobre a sua própria identidade e sobre o conceito de Identidade Nacional;
- Outra Viagens (para grupos escolares com idades entre os 7 e os 12 anos) – aqui é estimulada a imaginação da criança: de onde vêm os presentes de Estado que existem no Museu? Qual o significado que trazem?
- ...Acrescenta um ponto! (para grupos escolares com idades entre os 9 e os 12 anos) - as crianças são desafiadas a recrear e desenhar um conto (dos Contos Tradicionais do Povo Português, recolhidos pelo Presidente Teófilo Braga)

### **Como contribui o Museu para o desenvolvimento integral do aluno e da comunidade?**

O Museu procura promover a educação para a cidadania e nunca se fala de identidade nacional sem antes abordar a própria identidade do aluno (os mais pequenos fazem mesmo o seu bilhete de identidade em grande formato). A nossa preocupação é levar o aluno a explorar o Museu, procurando fugir ao ensino formal da sala de aula.

### **Como conseguem avaliar a satisfação e o grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo Museu?**

Avaliamos o grau de satisfação das escolas através dos e-mails dos professores, que nos enviam relatórios dos trabalhos e fotografias. O facto das escolas voltarem ao Museu também permite aferir o seu grau de satisfação.

Museu da Presidência, 9 de Julho de 2008

## Anexo VII

### Questionário aos Serviços Educativos

Este Questionário tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aconselha-se uma leitura prévia de todo o inquérito antes do seu preenchimento

#### I- Informações genéricas

**Nome do museu:** Museu do Trabalho

**Localidade do Museu:** Setúbal

**Data da recolha de dados:** 12/09/2008

#### II- Informações sobre a relação Museu – Escolas

##### 1- Por favor, assinale com um X, no quadro abaixo, os itens que correspondem à realidade do Museu.

Tem serviços educativos organizados. – Sim

As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu. – Sim

Fornecer materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. – Não

Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. – Sim

Faz visitas guiadas com o público escolar – Sim

Dispõe de visitas com animação ou dramatização. Sim

Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação. – Não. As animações estão a cargo do serviço educativo.

Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior. – Não

Tem ateliers ou oficinas educativas. – Sim, periodicamente.

O aluno visitante pode manipular/ experimentar. – Sim

O aluno visitante é induzido a pensar e dialogar. – Sim

Faz concursos destinados às escolas. De momento não, mas já tem participado.

Faz exposições nas escolas. – Sim, quando solicitado.

Tem maleta pedagógica – Sim

Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. – Sim

Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. Sim

##### 2 – Como estão organizados os serviços educativos e como funcionam?

A equipa é constituída por 4 elementos com formação nas seguintes áreas:

- 1 Animador cultural
- 2 Educadoras de infância
- 1 Técnica de educação



Através da observação directa no terreno, o serviço educativo mantém uma visão actualizada das necessidades e expectativas, planeia actividades de modo a ajustar as respostas. Reflecte, planifica e organiza as estratégias e os planos de acção.

### **3 - Qual o papel dos serviços educativos nas exposições?**

Participa na montagem e desmontagem das mesmas, e utiliza estratégias de exploração. A pesquisa é fundamental para o conhecimento e o plano de acção tendo em vista a relação com o público.

### **4 – Como são organizadas as visitas do museu às escolas?**

As visitas de grupos são sujeitas a marcação prévia num mapa com os vários elementos da equipa, complementando o dia, hora, disponibilidade dos espaços expositivos, bem como o ano de escolaridade e faixa etária a que se destinam.

### **5 – Quais as actividades que consideram mais importantes para a relação museu - escola?**

Consideramos que todas as actividades são importantes uma vez que o serviço educativo é responsável pela relação Escola - museu – comunidade.

### **6 – Como são preparadas as visitas de estudo das escolas?**

As visitas são preparadas em função do tema, do número de alunos e faixa etária a que se destina.

### **7 – Quais os ateliers que têm?**

Nas actividades e visitas há quase sempre um tempo de expressão em que são trabalhadas as expressões dramática, corporal e plástica.

### **8 – Considera o museu um instrumento de transformação social?**

Sim, na medida em que questiona o seu próprio papel social na comunidade em que está inserido. O museu é uma instituição ao serviço da comunidade, da qual é parte integrante, e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência da comunidade que ele serve. Prioriza a preocupação com o indivíduo oferecendo à comunidade/ escola uma programação educativa e diversificada que complementem os conteúdos programáticos escolares.

### **9 – Como exerce o museu esse papel social?**

O museu privilegia a função social e a relação com a comunidade como veículo de educação patrimonial. Visa a comunicação com vários públicos utilizando estratégias múltiplas de animação com recurso às expressões artísticas, através de visitas, tardes interculturais, palestras, encontros, exposições, apoio a projectos de área escola etc.

### **10 – Como conseguem avaliar a satisfação e o grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo museu?**

A avaliação das actividades do serviço educativo é realizada no final de cada acção pelo responsável do grupo e pelas crianças numa ficha estatística/ opinião criada para o efeito. Nesta ficha estão contemplados os seguintes aspectos:

- Opinião acerca da actividade
- Linguagem
- Conteúdos
- Organização
- Estratégias.

### **11 – Como trabalham os resultados dessa avaliação?**

Os resultados são trabalhados em reuniões de equipa, em relatórios anuais e reflexões com os parceiros.

Sem outro assunto, com o desejo das maiores felicidades para o seu mestrado

Madalena Correia  
(serviço educativo)

## Anexo VIII

### Inquérito aos Serviços Educativos

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aconselha-se uma leitura prévia de todo o inquérito antes do seu preenchimento.

#### I- Informações genéricas sobre o museu

Nome do museu: Museu Nacional de Arqueologia

Localidade do Museu: Lisboa

Data da recolha de dados: 6/03/2008

#### II- Informações sobre a relação Museu – Escolas

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

1. Tem serviços educativos organizados. X
2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu. X
3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. X
4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. X
5. Faz visitas guiadas com o público escolar. X
6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização. X
7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação. X
8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior.
9. Tem ateliers ou oficinas educativas. X
10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar. X
11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. X
12. Faz concursos destinados às escolas. X
13. Faz exposições nas escolas. X (PONTUALMENTE)
14. Tem maleta pedagógica. X
15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. X
16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. X

Obrigada pela disponibilidade

## **Anexo IX**

### **Entrevista à Responsável pelos Serviços Educativos do Museu Nacional de Arqueologia Dr.<sup>a</sup> Maria José Albuquerque**

#### **P: Gostaria de saber um pouco sobre o historial dos Serviços Educativos do Museu.**

R: A fundação do Museu Nacional de Arqueologia (à data, designado por Museu Etnográfico Português) ficou-se a dever à acção de José Leite Vasconcelos e ao patrocínio de Bernardino Machado e João Franco. A sua inauguração concretizou-se em 1893, no edifício da Academia das Ciências (Bairro Alto, Lisboa). Em 1906, já instalado no Mosteiro dos Jerónimos, abre ao público.

José Leite Vasconcelos ao conceber o museu como uma “espécie de Museu do Homem Português”, com o objectivo de dar a conhecer a história passada, apresentar e proteger os vestígios arqueológicos e ainda clarificar o modo como o passado e o presente se interligam, certificava a vocação educativa que este deveria ter.

O museu influenciado pelas ideias da época vai-se afirmando como um instrumento de cultura. Em 1934 fase à necessidade de diversificar a forma de comunicar com o público concebe-se o primeiro programa de visitas, que se designa por “lições de vulgarização”. Contudo, este veio a revelar-se muito limitado uma vez que, ao longo de vários anos, a sua concretização dependeu da disponibilidade do director ou do seu substituto. A nomeação em 1966 de D. Fernando de Almeida para director do MNA, revelou-se determinante para a revitalização do Serviço Educativo. No ano seguinte, o MNA oferecia já várias actividades pedagógicas e os alunos dispunham, para manusear de colecções didácticas de arqueologia pré e proto-histórica (material autentico distribuído por tabuleiros). Paralelamente procedeu-se ao primeiro curso de formação para monitores para o educativo. A responsabilidade deste curso foi do próprio director e conservadores do Museu (Manuel Farinha dos Santos e Octávio da Veiga Ferreira).

A actividade do Serviço Educativo, durante o período compreendido entre 1967 e 1975, intensificou-se e consolidou-se. No entanto, o encerramento ao público do museu em 1976 levará à cessação dos serviços do museu e em concreto do Serviço Educativo.

A carreira de monitor, apesar de ter sido criada após o 25 de Abril, ficou só no papel. Na década de oitenta muitas das experiências educativas dos museus foram morrendo. Praticamente só o Museu Nacional de Arte Antiga manteve o seu programa de visitas para professores e alunos de diferentes níveis etários.

Uma nova concepção de Museu foi-se instalando e a Cultura Museológica em Portugal seguiu as directrizes da UNESCO e do ICOM. Mas, se fizermos uma reflexão verificamos que, a ausência de um programa concertado de educação cultural e patrimonial a nível dos museus, condiciona a existência do serviço educativo e este fica muitas vezes dependente do director da instituição.

O Museu receberá de novo funcionários em 1980, mas as suas portas só se abrirão para o público de forma permanente em 1989. É certo que ocorreram várias experiências de Serviço Educativo, no entanto, a sua

implementação como serviço de carácter permanente, só acontecerá em 1996 com a nomeação do Dr. Luís Raposo para director.

Para se projectar com impacto o Serviço Educativo do Museu, agora designado de Sector Educativo e de Extensão Cultural, lançou-se sobre a exposição “Portugal Islâmico – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo”, um concurso escolar “Memórias do Islão”. Os trabalhos dos alunos foram expostos no Museu e procedeu-se a uma entrega solene dos prémios aos vencedores, tendo sido convidadas figuras proeminentes, como o Ministro da Cultura e os Comissários Científicos da exposição.

**P: Quais os objectivos definidos para o seu funcionamento dos Serviços Educativos?**

R: O objectivo do Sector Educativo e de Extensão Cultural é divulgar o Património Arqueológico, através de um conjunto diversificado de acções educativas. Ou seja, ajudamos a contar a história (sem nos cansarmos), que teve lugar no actual território português desde o Paleolítico até à fundação de Portugal. Chegamos até ao público escolar porque interagimos, descodificamos linguagens científicas e fazemos (quando possível) a ligação aos conteúdos programáticos leccionados na escola. Funcionamos para a disciplina de História, mas também, cada vez mais para outras disciplinas (Arte Visual, História das Culturas, Ciências Naturais, Biologia etc.)

**P: Qual a actividade/s do Museu que tem maior ligação com o Serviço Educativo?**

R: O Projecto Expositivo Temporário.

**P: Como estão organizados os Serviços Educativos e como funcionam?**

R: O Educativo trabalha em parceria com o Grupo de Amigos do Museu (GAMNA). A organização do Serviço Educativo é heterogénea e reflecte a necessidade de superação de várias necessidades. Existe um grupo de trabalho permanente que é “elástico”, um grupo de monitores (estudantes universitários) e um grupo de voluntários. O trabalho é desenvolvido de segunda a sexta mas, fazemos tudo para atender todas as solicitações.

As actividades são distribuídas pelos recursos humanos tendo em conta as aptidões, características pedagógicas e comunicacionais.

O trabalho desenvolvido passa pela concepção da programação educativa anual/escolar e cujo esteio são as exposições, agendamento de visitas e ateliês, gestão de públicos, produção de materiais didácticos. Concepção e concretização de programas comemorativos (Dia Internacional e Noite dos Museus), Projectos específicos (A Minha escola adopta um Museu; Museus e Outras Artes), promoção de conferências, exposições concertos, criação de conteúdos on-line para disponibilizar, etc.

**P: Existem exposições temporárias? Que género de exposições?**

R: Sim, temos um intenso e diversificado programa expositivo temporário. As exposições podem ser muito diversificadas: Pedra Formosa – Arqueologia Experimental em Vila Nova de Famalicão. Actualmente temos “ O Ouro Tradicional de Viana do Castelo.

As exposições temporárias reforçam a perspectiva transdisciplinar e multidisciplinar.

**P: As exposições são pensadas em função dos currículos escolares?**

R: Umhas vezes sim, outras não. A lógica da programação expositiva é da responsabilidade da direcção do Museu.

**P: Qual o papel dos Serviços Educativos nessas exposições?**

R: Compete ao educativo criar estratégias pedagógicas de forma a viabilizar (ou não) abordagens aos currículos escolares. O serviço, por vezes, só descodifica a linguagem do ponto de vista didáctico.

**P: Existem exposições itinerantes pelas escolas? Como são organizadas?**

R: Existem pontualmente, para divulgar o museu e o seu acervo, dar a conhecer a história desta Instituição centenária. Organizamos essas exposições quando solicitado e nos é possível. Estas são planificadas em função dos objectivos que se pretendem atingir. Integram painéis informativos e réplicas de peças.

**P: Como contribui o Museu com as suas actividades para o desenvolvimento da escola e da comunidade?**

R: O Museu é ponto de chegada e ponto de partida. Os museus são locais privilegiados para se aprender. As escolas e a comunidade têm que sentir que este lhes pertence, e este deve fazer parte das vivências quotidianas. O acervo, o património deve ser apreendido através da informação, discussão e experimentação. O museu deve definir estratégias para alcançar/comunicar com os diferentes públicos promovendo a igualdade e a cidadania. É por estes objectivos que temos vindo a ampliar a oferta educativa aos públicos escolares e não escolares.

**P: Como está definida a Programação Museológica?**

R: A Programação Museológica é definida pela direcção do Museu.

**P: Que actividades são desenvolvidas pelos Serviços Educativos?**

R: Praticamente já respondi a essa questão, mas posso acrescentar as visitas guiadas com dramatização e sem dramatização (uma personagem interrompe a visita e revela os seus atributos), jogos didácticos; workshops, que pode envolver formação de professores; ateliers; oficinas da Pré-História; “À Noite no Museu”.

**P: Como são preparadas as visitas de estudo com as escolas?**

R: Todos os envolvidos em visitas, treinam em grupo, as abordagens aos conteúdos expositivos. Normalmente as solicitações são feitas após tomarem conhecimento do nosso programa educativo anual.

Quando as visitas de estudo são agendadas, solicita-se ao professor o número de alunos, o ano de escolaridade, a (s) disciplina (s) envolvidas, a exposição pretendida e os objectivos da visita de estudo. Trabalha-se com grupos de 17 a 20 elementos. Cada monitor é escolhido em função das informações recolhidas.

**P: Quais os ateliers que têm?**

R: Os ateliers são diversificados, actualmente temos três ateliers no âmbito das Antiguidades Egípcias:

“As Cores do Egipto”; “Os Signos Sagrados” e “O Tribunal de Osíris”.

**P: Como contribui o Museu para o desenvolvimento integral do aluno e da comunidade?**

(já se encontra respondida em outras questões)

**P: Como conseguem avaliar a satisfação e o grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo Museu?**

R. A avaliação do nosso trabalho tem sido feita pelo crescente aumento de público.

Reconheço a necessidade de se proceder a um método de avaliação mais preciso.

Museu Nacional de Arqueologia. 30 de Junho de 2008

## Anexo X

### Inquérito aos Serviços Educativos

Este Inquérito tem como objectivo conhecer o panorama da acção educativa nos museus em Portugal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a relação Museu – Escola, sob a orientação das Professoras Doutoras Judite Santos Primo e Maria da Graça de Souza Teixeira, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

#### I- Informações genéricas sobre o museu

Nome do museu: Museu do Pão

Localidade do Museu: Seia

Data da recolha de dados: 1 de Julho 2008

#### II- Informações sobre a relação Museu – Escolas

**Assinale com um X os itens que correspondem à realidade do Museu.**

1. Tem serviços educativos organizados. X
2. As visitas de estudo das escolas são preparadas em articulação com os serviços educativos do museu. X
3. Fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo. X
4. Faz visitas temáticas destinadas ao público escolar. X
5. Faz visitas guiadas com o público escolar. X
6. Dispõe de visitas com animação ou dramatização. X
7. Contrata profissionais exteriores ao museu/ ou voluntários para actividades de animação. X
8. Tem acordo com grupo ou grupos de animação cultural exterior. X
9. Tem ateliers ou oficinas educativas. X
10. O aluno visitante pode manipular/ experimentar. X
11. O aluno visitante é induzido a pensar e a dialogar. X
12. Faz concursos destinados às escolas. X
13. Faz exposições nas escolas. X
14. Tem maleta pedagógica. X
15. Desempenha um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares. X
16. Desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral do indivíduo. X

Obrigada pela disponibilidade

## **Anexo XI**

### **Entrevista ao Director do Museu do Pão Dr. Sérgio Carvalho**

#### **Existem serviços educativos?**

Sim.

#### **Qual o historial dos Serviços Educativos?**

Os serviços educativos existem desde o início do museu, e têm-se mantido desde então, com as adaptações inerentes a novas situações.

#### **Quais os objectivos definidos para o funcionamento dos serviços educativos?**

Cooperação com as escolas; contribuição para o desenvolvimento dos conteúdos escolares; sensibilização para questões alimentares, sobretudo as ligadas ao Pão e cereais panificáveis.

#### **As escolas visitam o museu regularmente?**

Sim, com maior incidência entre Janeiro e Junho.

#### **Como estão organizados os Serviços Educativos e como funcionam?**

A Directora-Geral do Museu é responsável pela área pedagógica. Em articulação com o Director Científico (responsável pela área cultural e museológica) e com as técnicas, são preparadas as visitas nas vertentes seguintes: conteúdos, discurso, percurso, actividades. Todas as visitas são marcadas pelo secretariado e depois 'passadas' aos serviços educativos. Todas as visitas são guiadas.

#### **Existem exposições temporárias? Que género de exposições?**

Sim. De temas relativos ao pão, gastronomia, cereais, agricultura. Geralmente são de vertente artística, histórica ou antropológica. São sempre de seis meses cada exposição.

#### **As Exposições são pensadas em função dos currículos escolares?**

Não necessariamente. O discurso e o 'aproveitamento' das exposições é feito depois pelas técnicas, aproximando assim as exposições do público infanto-juvenil.

#### **Qual o papel dos serviços educativos nas exposições?**

Orientam a visita e enfatizam os aspectos expositivos (se estamos a falar de exposições temporárias) que podem interessar os grupos em causa.

#### **O Museu visita as escolas? Existem exposições itinerantes pelas escolas? Como são organizadas?**

Sim, nos dois primeiros casos.

Mediante a solicitação das escolas o museu:

1-Empresta material que os docentes trabalharão como desejarem;

2-Visita as escolas com um camião pedagógico que reconstitui o ciclo do pão e permite a manipulação da farinha e do pão.



**Que actividades são desenvolvidas pelos serviços educativos? Quais considera mais importantes para a relação Museu-Escola?**

Orientação de visitas de estudo; actividades extra exposições (concursos, animação); visita a escolas.

Existe a Sala Pedagógica (onde os alunos manipulam massa de pão e fazem o seu próprio pão) e Videogramas em sala própria (um videograma infanto-juvenil animado sobre os ingredientes do pão e um videograma sobre a História do Pão). Os videogramas são produção do Museu.

A primeira actividade é quantitativamente a mais significativa. A terceira tem vindo a ganhar relevo nos derradeiros anos.

**Como são preparadas as visitas de estudo das escolas?**

Após a marcação visitas pelo secretariado, o ‘trabalho’ com os grupos é depois organizado pelas técnicas tendo em conta a tipologia dos alunos, seu escalão etário, área de origem, se não ou não portadores de deficiência, etc. Deste modo a visita ao museu varia consoante o nível etário dos alunos e/ou outras variáveis importantes. Assim, consoante os grupos varia o discurso das técnicas, as salas que são visitadas (os mais novos não frequentam a Sala do Pão Político, Social e Religioso que tem um carácter documental, enfatizando-se, neste caso, mais a vertente lúdica na Sala Pedagógica.)

A preparação é sempre feita com a escola em causa. Se for empréstimo de material expositivo, cabe à escola requisitar, transportar e expor as peças (após o aconselhamento do museu). Se for uma visita do camião pedagógico, a actividade é feita em marcação -preparação com a escola (datas, horas, tipo de visita, tipo de actividade, etc.). Sempre que solicitado o museu fornece materiais aos professores para prepararem a visita de estudo que é sempre guiada.

**Quais os ateliers que têm?**

Sala Pedagógica, Sala de Videogramas infanto-juvenis.

**Como contribui o Museu para o desenvolvimento integral do aluno e da comunidade?**

O melhor que pode (a resposta é pobre, mas em boa consciência fazemos o máximo que podemos com os meios disponíveis. Tendo em conta que pelo museu passam mais de 60000 jovens por ano e que somos o maior equipamento cultural da região, cremos que desempenhamos um papel importante).

O aluno é induzido a pensar nas questões relativas ao Pão, cereais e seu ciclo. No caso de alunos a partir sobretudo do 5º ano, a Sala do Pão Político, Social e Religioso induz questões relativas a esses temas, de um ponto de vista histórico.

**Como conseguem avaliar a satisfação e o grau de aprendizagem do público escolar nas actividades desenvolvidas pelo Museu? Têm algum modelo que possam facultar?**

Os alunos/grupos deixam, no fim, a sua opinião em livro próprio.

**Como trabalham os resultados dessa avaliação?**

No fim de cada ano é feito um levantamento de todas as opiniões. Do mesmo modo são tratados os dados, opiniões e sugestões que chegam por outro meio: mail, carta.

1 de Julho de 2008

## **Anexo XII**

### **Entrevista à professora de História, Hermínia Pires, sobre as propostas do Programa-Piloto para a Escola Jorge de Barros.**

5. As actividades propostas para a disciplina de História no Programa-Piloto adequam-se aos alunos?

Considero as actividades propostas muito adequadas aos alunos.

Tanto as propostas para o 7º ano, como as propostas para o 9º ano, parecem-me adequadas e apelativas, atendendo à faixa etária dos alunos a que se destinam. É importante para os alunos a recriação de figuras e factos históricos, para que melhor se integrem no contexto histórico e se sintam mais próximos da realidade em estudo. Saliento ainda a pertinência do facto dos alunos poderem participar activamente na dramatização, não fazendo deles meros espectadores. É muito importante que este tipo de actividades incentive a participação dos alunos, através da interacção com os animadores ou através do estímulo à sua criatividade. As actividades propostas correspondem, de forma muito positiva a estes objectivos.

6. E ao Programa de História?

As actividades propostas adequam-se muito bem ao programa de História.

Por se tratar de assuntos relacionados com datas marcantes da História de Portugal, devem ser realçados e, levar os alunos a participar, quer numa, quer noutra, poderá constituir uma boa estratégia de consolidação dos conhecimentos abordados em sala de aula.

7. Acha as actividades a desenvolver exequíveis?

Penso que ambas as actividades são exequíveis e poderão ser apelativas para incluir numa planificação de actividades do grupo de História.

8. Pode dar sugestões.

Sugiro que na actividade a dinamizar com o 9º ano, os alunos para além de levarem consigo o cravo que fizerem, levem também a letra da canção ‘Grândola, Vila Morena’.

### **Anexo XIII**

#### **Entrevista à professora de Ciências Naturais, Ana Paula Mota, sobre as propostas do Programa-Piloto para a Escola Jorge de Barros.**

1. As actividades propostas para a disciplina de Ciências Naturais no Programa-Piloto adequam-se aos alunos?

Sim, perfeitamente.

2. E ao Programa de Ciências Naturais?

Também. Ambas as actividades propostas (para o 7º e 9ºano) dizem respeito a conteúdos que são leccionados no 3º Período. As propostas parecem-me muito interessantes, sobretudo a das drogas que irá permitir aos alunos um contacto directo com a realidade e sobretudo através das pessoas certas o que muitas vezes não acontece. O grupo de Ciências Naturais costuma ter alguma dificuldade em ter acesso a actividades que se ajustem ao programa do 9º ano, também por isso esta pode ser uma excelente opção.

3. Acha as actividades a desenvolver exequíveis?

Sim. Deveriam ser realizadas no 3º Período. Na impossibilidade de se fazer as visitas no 3º Período penso que seria necessário e importante, antecipadamente, o grupo das Ciências Naturais analisar e discutir a hipótese/necessidade de ajustar as planificações no início do ano lectivo. De qualquer modo não me parece nada difícil fazer esses ajustes pois são temas que na maioria das vezes já foram abordados em trabalhos de anos anteriores nas diferentes áreas curriculares não disciplinares.

## **Anexo XIV**

### **Entrevista à professora de Físico-químicas, Luísa Silva, sobre as propostas do Programa-Piloto para a Escola Jorge de Barros.**

1. A exposição itinerante e a actividade proposta para a disciplina de Físico-Químicas no Programa-Piloto adequam-se aos alunos?

Sim. Parecem-me perfeitamente adequadas.

2. E ao Programa de Físico-Químicas?

Também. No âmbito do estudo do tema ‘Transportes e Segurança’.

3. Acha a actividade a desenvolver exequível?

Sim.

4. No seu entender a escola tem espaço físico que permita receber a exposição itinerante e a actividade proposta?

A escola pode disponibilizar para o efeito o campo de jogos e as salas 6/7.

## **Anexo XV**

### **Entrevista à professora de Formação Cívica, Luísa Silva, sobre as propostas do Programa-Piloto para a Escola Jorge de Barros.**

1. As actividades propostas para Formação Cívica no Programa-Piloto adequam-se aos alunos?

Sim. Os alunos gostam deste tipo de iniciativas e estão de acordo com as suas idades.

2. E ao Programa?

Adequam-se muito bem.

3. Acha as actividades a desenvolver exequíveis?

Sim. Não vejo dificuldade alguma.

4. No seu entender a escola tem espaço físico que permita receber as exposições itinerantes e as actividades propostas?

Sim. Pode ser usado o átrio da escola, a biblioteca e as salas 6/7.

## Anexo XVI

### **Parecer da Guarda Nacional Republicana sobre o Programa-Piloto para o Museu da Guarda.**



MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA  
**GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**  
**COMANDO-GERAL**  
**DIVISÃO DE HISTÓRIA E CULTURA DA GUARDA**

#### PARECER

No seguimento dos trabalhos relativo à dissertação de mestrado da Dr.<sup>a</sup> Ana Ribeiro, em que solicita parecer da Divisão de História e Cultura da Guarda sobre as propostas que apresenta para o serviço educativo do futuro Museu da Guarda Nacional Republicana, bem como às seis questões formuladas, esta Divisão agradece o facto de ter elegido este tema e a incidência no futuro Museu da GNR e responde ao repto lançado nos seguintes termos:

- I -

**Parecer sobre "a exequibilidade de um programa-piloto que apresenta como sugestão, para o museu poder pôr em prática, neste caso com a Escola onde lecciona"**

As sete propostas apresentadas assentaram seguramente numa síntese de um longo trabalho cujo estudo incidiu sobre a história da Guarda, da segurança e do Quartel do Carmo, onde se localizará o futuro Museu da GNR, nas missões e meios da GNR e no cruzamento desta informação e espólio existente com os programas escolares do 7.º ao 9.º ano de escolaridade, para as disciplinas de História, Formação Cívica, Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais, dirigido a alunos dos 10-11 anos aos 14-18 anos, tudo isto imbuído de grande criatividade e em ambiente cultural e pedagógico.

As sete propostas apresentadas afiguram-se interessantes e variadas, abarcando temas como a prevenção rodoviária, segurança dos cidadãos, a revolução de 1383-1385, o terramoto de 1755 e as regras de segurança anti-sísmicas, o ambiente e a natureza, bem como a revolução de 25 de Abril de 1974.

As propostas contemplam actividades a executar no museu e nas escolas, apresentando diversos suportes e estratégias desde a representação, demonstrações, discursos, análise de peças, dados e estatística, percursos e desafios no interior do museu, visionamento de filmes e imagens, audições musicais e de poesia, actividades práticas, *ateliers* para execução de materiais, visitas e percursos externos, entre outras.

A associação do tema “O Convento do Carmo e o Terramoto de 1755” às regras de segurança anti-sísmica afigura-se extremamente interessante, tal como a sequência museologia apresentada.

A promoção da Qualidade do Ambiente e o projecto “Vem Reciclar na Escola com o Museu da Guarda” afigura-se bem pensado, ainda que, dada a existência de outras instituições mais vocacionadas para a reciclagem e com longa tradição e ligação às escolas, talvez fosse mais arrojado e interessante para a Guarda, os temas da poluição, protecção das espécies em vias de extinção, entre outras mais directamente ligadas à fiscalização e protecção da natureza e do ambiente. A solução apresentada para a construção de objectos com materiais usados como o barrete, bem como de outros materiais para a decoração de salas de aulas, tal como a sequência da actividade afigura-se muito interessante.

A abordagem ao tema das drogas poderá ser repensada, designadamente a designação “Drogas no Museu” que poderá ser “Combate às Drogas” ou outra que direcione os alunos para os malefícios das drogas. A ideia de se pintar uma *t-shirt* com mensagem de alerta afigura-se interessante, contudo terão que ser acautelados os custos dessa iniciativa.

O projecto associado à revolução de 25 de Abril de 1974, com animadores teatrais, leitura de poemas relativas à revolução e à liberdade, audição de sons da época, bem como o atelier para a execução de um cravo de papel afigura-se interessante.

A associação das normas de Prevenção Rodoviária e a sensibilização para a segurança rodoviária em ambiente escolar é igualmente uma ideia positiva, que tem vindo a ser solicitada à GNR. Assim, tem competido à extinta Brigada de Trânsito e à actual Unidade Nacional de Trânsito ou aos Núcleos Escola Segura a execução de palestras, demonstrações e plastrons/exibições de meios. As situações práticas com uso de bicicleta são interessantes, contudo podem ser de difícil concretização em ambiente escolar.

O projecto “Viver em Segurança” tem associadas algumas ideias interessantes, tal como a resolução de um caso policial, que implique aos alunos percorrer o museu, de forma a melhor o poderem conhecer, bem como os conselhos policiais e o conhecimento das regras de segurança.

O último projecto apresentado, “Percorrer os Espaços da Revolução”, que visa aprofundar o conhecimento da figura de D. Nuno Álvares Pereira e da revolução de 1383 – 1385, dada a associação do antigo Convento do Carmo a esta época e personagem, faz todo o sentido, contudo a designação poderá ser alterada, para não se confundir com a outra revolução tratada no museu da GNR (a de 25 de Abril de 1974). Por outro lado, o percurso para além do exterior do Quartel nos

moldes propostos neste projecto é de difícil exequibilidade caso se não contemple a associação a outras instituições (por exemplo Câmara Municipal de Lisboa, Patriarcado, Escolas, etc.).

Assim, depois de analisados muito sumariamente os sete projectos propostos, no que toca à sua exequibilidade, importa salientar que o Museu da GNR ainda não foi possível concretizar, ou seja, ainda que os projectos de arquitectura e museografias estejam praticamente concluídos, o Museu ainda não é uma realidade, nem se prevê que possa vir a concretizar-se num curto prazo de tempo. Por tal facto, não dispõe ainda de pessoal a ele afecto que permita poder executar a globalidade dos projectos apresentados, nem a enorme diversidade de tarefas e de intervenção. A par da inexistência de museu e de estruturas a ele associadas, como por exemplo espaços para actividades pedagógicas, incluindo *ateliers* preconizados em alguns dos projectos propostos, para além das dificuldades de pessoal e de materiais, sobretudo os apresentem custos económicos.

Estas limitações não obstem a que alguma(s) das iniciativas possam vir a ser equacionadas em parceria com a Escola em questão, depois de sancionado pelo Comando da Guarda, podendo vir a ser equacionada ainda a intervenção de alguns órgãos ou unidades da GNR, incluindo os Núcleos Escola Segura, que têm vindo a executar diversas acções de sensibilização e cidadania junto do público escolar.

Apesar da inexistência do Museu da GNR, cujo processo de implementação está em curso, esta Divisão acolhe estes projectos de forma positiva, podendo os mesmos vir a ser adoptados pelos serviços educativos do futuro Museu da Guarda Nacional Republicana.

- II -

### **Resposta ao Questionário**

#### **Questão N.º 1:**

Dado que o Museu ainda não é uma realidade as propostas apresentadas são de difícil execução, apesar de alguma(s) poder(em) ser exequíveis, à semelhança de iniciativas concretizadas por esta Divisão, sobretudo pelas cinco edições de abertura do Quartel do Carmo ao público com a organização de exposições, de 2007 a 2011, versando a história do edifício, do seu fundador, do terramoto de 1755, da segurança e da GNR e Guardas antecessoras.

#### **Questão N.º 2:**

As acções que se afiguram impossíveis de concretizar são a globalidade dos projectos se entendidos em conjunto. Caso a caso, com maior ou menor dificuldade, as mesmas podem ser concretizáveis, com as necessárias adaptações ou adesão de parceiros externos (incluindo a referida Escola), dada a inexistência de espaços e condições para *ateliers*, de recursos financeiros e das dificuldades de pessoal (reduzido número de quadros e a existência de apenas um quadro superior habilitado e com vocação para representação). De um modo simplista poderá dizer-se que a proposta n.º 1, relativa às



regras de segurança anti-sísmicas será exequível com as dificuldades na representação, dramatização, produção de imagens/filme/efeitos visuais sobre o terramoto e execução de folhetos, para além da visita ao núcleo de Protecção e Socorro que teria que ser improvisado ou com recurso aos meios actuais. A proposta n.º 2, relativa ao ambiente, é exequível, apesar das dificuldades dos efectivos desta Divisão se deslocarem às Escolas, bem como a tratarem deste tema que é seguramente mais indicado a ser planeado e acompanhado pelo Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente da GNR, podendo ainda tomar-se em consideração o parecer referido em I). A proposta n.º 3, relativa ao tema das drogas, apesar da inexistência do Museu, é exequível, contudo, para além da mudança da designação como acima referido, e das dificuldades financeiras para se pintar uma *t-shirt* a entregar aos alunos, não está o pessoal desta Divisão preparado para tratar deste tema, que poderia ser abordado pelos militares do dispositivo territorial e da investigação criminal. A proposta n.º 4, relativa à revolução de 25 de Abril de 1974, é exequível, sendo um dos temas que mais tem sido tratado nas exposições que têm sido organizadas no Quartel do Carmo, apresentando como dificuldade as animações/representações, bem como os percursos exteriores ao Quartel do Carmo, que poderiam ser assegurados por entidades/parceiros externos, mais directamente relacionados com os acontecimentos/espacos seleccionados. A proposta n.º 5, relativa à prevenção rodoviária é de difícil exequibilidade, por ser no exterior da instituição, mas sobretudo pelas situações práticas que caso não sejam planeadas e os meios (bicicletas) disponibilizados pelas Escolas, será de impossível execução nos moldes propostos. Contudo, idênticas acções de sensibilização para a segurança rodoviária têm vindo a ser asseguradas pelo dispositivo de trânsito da GNR e pelos núcleos Escola Segura. Por outro lado o manuseamento, debate e demonstrações, bem como a entrega da uma carta de aptidão é exequível e interessante. A proposta n.º 6, relativa à segurança das pessoas e “imaginarem-se” guardas por 60 minutos, parte de uma ideia interessante, sendo extremamente positiva a sensibilização para as questões de segurança, regras, conselhos e procedimentos securitários. Quanto à interessante ideia de se promover a resolução de um caso policial, tal é dificultado pelo facto de não existir ainda o Museu. Por outro lado, a execução de tiro ao alvo será impossível por falta de espaço específico para esse efeito, para além de ser esta opção discutível, existindo ainda custos envolvidos para a aquisição das fardas (para crianças). A última e 7.ª proposta que visa “Percorrer os Espaços da Revolução”, e aprofundar o conhecimento do fundador do edifício, D. Nuno Álvares Pereira, após os seus feitos aquando da revolução de 1383 – 1385, é exequível porquanto estes temas têm vindo a ser expostos nas 5 edições das exposições que se realizaram no quartel do Carmo. Para além da mudança da designação, como preconizado em I), existe a condicionante do percurso para além do exterior do Quartel que dificilmente poderá ser atribuído a esta Divisão, podendo equacionar-se a associação a outras instituições, tais como a Câmara Municipal de Lisboa, o Patriarcado de Lisboa, a Escola, ou outras.

Questão N.º 3:

As dificuldades em recursos humanos e materiais já foram descritas acima, tal como a sua influencia nas actividades propostas.

Questão N.º 4:

Apesar de praticamente estarem encerrados os projectos de arquitectura e de museografia do futuro Museu da GNR, neste momento e a curto prazo não existe ainda o Museu, estando os espaços físicos a ele destinados afectos a outros fins. Obviamente este facto condiciona muito significativamente todas as propostas apresentadas, nem que seja pela qualidade e dignidade com que se pretendiam implementar essas actividades.

Questão N.º 5:

As visitas itinerantes às Escolas, na óptica desta Divisão e no contexto do cumprimento da missão, incluindo os trabalhos tendentes à implementação do Museu da GNR (para além do Arquivo Histórico e Biblioteca), não são aconselhadas, dado o reduzido número de pessoal afecto e sobretudo às muitas tarefas que têm que ser cumpridas pela Divisão. Isto não invalida que a Guarda através das suas valências e do seu dispositivo territorial, incluindo as valências fiscal e de trânsito, para além dos núcleos Escola Segura, possam assegurar partes de algumas das actividades propostas, numa vertente policial e de sensibilização para a cidadania e segurança, ainda que sem grande enfoque cultural.

Questão N.º 6:

As propostas apresentadas denotam um bom estudo e conhecimento da Guarda, do Quartel do Carmo, seu Comando-Geral, sendo as actividades propostas bastante interessantes, criativas e inovadoras. Denota-se igualmente um grande enfoque nas diversas áreas de intervenção da Guarda: ambiente, investigação criminal, ordem pública, combate às drogas e segurança rodoviária. Em contraste a vertente histórica é pouco explorada, para além da crise de 1383/1385 e de D. Nuno Álvares Pereira, do terramoto de 1755 e da revolução de 25 de Abril de 1974, ou seja a vertente da História da GNR, dos militares, das fardas, armas, viaturas, bandeiras, símbolos, crimes, entre outras vertentes policiais e militares (que constituirão uma parte muito significativa do futuro Museu da GNR).

Por outro lado, uma vez que o Museu ainda não é uma realidade poderia esta dissertação orientar o futuro serviço educativo do Museu da GNR (e que pudesse servir de modelo para a generalidade dos Museus), preparando-o para uma boa ligação futura (e em alguns casos desde já) com as Escolas, designadamente:

- Definir um universo escolar mais amplo, do 1.º ciclo até ao 12.º ano de escolaridade (este último ano é importante pela possibilidade de recrutamento de jovens para a GNR);

- Abarcar mais disciplinas escolares (ecologia, psicologia, sociologia, música, educação física, luta e defesa pessoal, desenho, marketing, geometria descritiva e arquitectura; filosofia – a moral de Kant poderá ter sido inspirada nos “ecos” do terramoto de 1755, economia, saúde, veterinária, etc.), uma vez que a Guarda abarca diversas missões, valências e áreas de interesse, tais como a segurança de pessoas e bens, segurança rodoviária, fiscal, cavalaria, cinotecnia, protecção e socorro, farmácia, banda de música, ambiente, combate aos incêndios florestais, etc.;
- Identificar os programas das disciplinas objecto de interesse para visitas ao Museu da GNR e/ou às Escolas. A definição das matérias abarcadas nesses programas seria importante para a definição de estratégias do futuro Museu;
- Discriminar os períodos escolares e se possível as datas (aproximadas) em que são ministradas as aulas onde se inserem esses programas das disciplinas objecto de interesse para visitas ao Museu da GNR e/ou às Escolas. Tal permitiria orientar a comunicação com as Escolas, dirigindo as visitas para as datas em que as matérias são ministradas, para além de permitir definir e fasear um programa de visitas e do próprio serviço educativo.

Quartel em Alcântara, 17 de Junho de 2011

O CHEFE DA DIVISÃO DE HISTÓRIA E CULTURA DA GUARDA

REINALDO NUNO VALENTE DE ANDRADE  
TENENTE-CORONEL DE INFANTARIA